



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**A SITUAÇÃO DE RUA E A CATEGORIA ESPAÇO: ANÁLISE DE DISCURSO  
CRÍTICA EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

**Luana Gomes Cruz Vaz**

BRASÍLIA

2017



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-graduação em Linguística

**A SITUAÇÃO DE RUA E A CATEGORIA ESPAÇO: ANÁLISE DE DISCURSO  
CRÍTICA EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Luana Gomes Cruz Vaz

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmem Jená Machado Caetano

**BRASÍLIA**

**2017**



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-graduação em Linguística

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carmem Jená Machado Caetano – PPGL/UNB ( Orientadora)

---

Membro: Professor Doutor Guilherme Veiga Rios – Inep/UnB

---

Membro: Professora Doutora Tatiana Rosa Nogueira Dias – Nelis/Ceam

---

Suplente: Professor Doutor André Ricardo Nunes Martins – Nelis/Ceam/Senado Federal

## AGRADECIMENTOS

Penso que a linguagem e a sociedade são elementos-chave que proporcionam ao ser humano construções de conhecimentos e pensamentos de mundo. Posto isso, confesso que buscar resultados que envolvem as práticas do ser humano, sejam elas, discursivas ou sociais, não é muito fácil. Portanto, neste espaço, quero agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico. Acredito também no poder da União entre as pessoas para alcançar os degraus da vida com mais sabedoria. Destarte, uno a minha coragem de tentar costurar alguns retalhos do tema de investigação desta pesquisa ao meu sentimento de gratidão. Portanto, pensemos em um espaço no qual o ser humano conecta-se no processo de construção, mostrando assim que ao mudar o ponto de vista da situação e se colocar no lugar do próximo, podemos evoluir e conviver em harmonia. Nesse sentido, sou grata, primeiramente, ao apoio do CNPq pela oportunidade de concretização desta pesquisa.

Entendo que assim como um prédio que não se sustenta sozinho, precisei de muito auxílio (teórico e humano) para sustentar e conseguir finalizar esta pesquisa. Por isso, quero ser grata a Deus, a base da minha sustentação, meu alicerce. Aos meus pais, Willian e Mariza, que são fortes pilares e ao mesmo tempo a base do meu projeto de vida, pessoas que sempre me deram e sei que darão o apoio necessário para que eu possa galgar degraus mais altos e construções maiores na minha caminhada. Sou grata, também, aos meus irmãos, Matheus e Letícia, e aos meus grandes amigos e amigas que, de alguma maneira, buscaram me auxiliar, em especial à minha amiga Caroline Sant' Ana pela presteza e amizade. Ao meu namorado, Guilherme Henrique por todo zelo e carinho. Acredito que todos vocês foram pilares desse prédio, que levando em conta as devidas proporções, estiveram comigo nessa empreitada.

Como toda construção necessita de uma equipe de obras, pude contar também com uma equipe técnica de extrema competência e qualidade, que me deu toda instrução e apoio necessários para que este projeto se erguesse. Portanto, começo agradecendo à minha Mestra Doutora de obras, professora Carmen Jená Caetano, que, com sua delicadeza e sabedoria soube conduzir e indicar um caminho regado de aprendizado e belos sorrisos. Sou grata à Universidade de Brasília (UNB) pela oportunidade de crescimento intelectual e acadêmico. Assim como, aos demais professores que disponibilizaram e compartilharam conhecimentos importantes para esta caminhada.

Por fim, vejo a importância da representatividade e da integração de conceitos. Nesse sentido, ao utilizar recursos linguísticos, permito abordar novos significados e sentidos ao meu propósito.

## **RESUMO**

Nesta dissertação, temos como objetivo principal analisar as diversas formas de representação de pessoas em situação de rua, relacionando-as à categoria espaço. Nesse sentido, corroboramos com a ideia de que a representação da categoria espaço está ligada à rede de práticas sociais. Para a realização e coleta de dados, foram investigados jornais brasileiros online das cinco regiões brasileiras, pois acreditamos que, dessa forma, podemos ampliar nossa compreensão a respeito do assunto. Destarte, apresentaremos nesta pesquisa a noção de que, por meio do discurso, relações que interferem nas práticas sociais podem ser evidentes quando se trata da mídia. Esta pesquisa justifica-se pelo intuito de investigar um assunto, por meio de um embase linguístico, que perpassa por questões sociais, econômicas e políticas da atualidade. Acreditamos, também, que a importância deste tema como mote para um estudo de linguagem se sustenta com o apoio da Análise de Discurso Crítica (ADC), nosso pilar teórico e metodológico, capaz de criar pontes e relações com outras teorias, como a Linguística Sistêmico-Funcional e a Teoria da Representação dos Atores Sociais, a serem conceituadas nos capítulos seguintes. Para alcançarmos as respostas das questões de pesquisas, mencionadas no capítulo 3, fizemos uso da pesquisa qualitativa e documental. Como resultado das análises, desvelamos estratégias linguísticas, nas reportagens dos jornais on-line, as quais apontam para uma valoração e personificação da categoria espaço quando comparada às pessoas em situação de rua, que são representadas de forma negativa. Percebemos, que, se por um lado, a questão da espacialidade ganha realce e protagonismo, por outro, as pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade são vistas em um segundo plano, às margens da sociedade.

**Palavras-Chave:** Análise de Discurso Crítica, situação de rua, categoria espaço.

## ABSTRACT

On this dissertation, our main goal is analyze the different ways of representation of the people who live on street situations, relating them to the space category. In this context, we defend the idea that the representation of the space category is related to the net of social practices. For the data collection, we investigated many online Brazilians journals from all five regions of Brazil, because we believe that, by doing this, we could amplify our comprehension of the subject. Therefore, on this research we will present the idea that, through the dialogue, relations that interfere on social practices can be evident when it comes to media. This research justify itself based on linguistic method, which discusses socials, economics and politics actual issues. We also believe that the importance of this topic as a subject for a language study sustains itself with the support of (i) the Critical Discourse Analysis(*Análise de Discurso Crítica - ADC*), (ii) our methodological and theoretical foundation and them relations with others theories, such as the Systemic-Functional Linguistic theory and the Social Actors Representation Theory, that are going to be explained on the next chapters. Furthermore, to obtain the answers for the research questions, mentioned on chapter 3, we used a documental and qualitative research method. As a result, we have shown linguistic strategies on the online journal articles that aims to the valuation and personification of the space category if compared to people who live on street situations, which are negatively represented. Thus, we realized that the spatiality matter gains highlight and prominence. On the other hand, people who live on vulnerable situations are put in second plan, at the edge of the society.

Keywords: Critical Discourse Analysis, street situation, space category.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 – CONCEPÇÃO TRIDIMENSIONAL DO DISCURSO DE ACORDO COM FAIRCLOUGH (2001, p.101) .....</b>	<b>25</b>
<b>FIGURA 2 – SÍNTESE DAS CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE VAN LEEUWEN (2008, p. 219) .....</b>	<b>34</b>



## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 – RECONTEXTUALIZAÇÃO DA LSF NA ADC EM RESENDE E RAMALHO.....</b>	<b>30</b>
<b>QUADRO 2–ADAPTADO DE THOMPSON (1990, p. 60) .....</b>	<b>43</b>
<b>QUADRO 3 – OBJETIVOS.....</b>	<b>51</b>
<b>QUADRO 4 – QUESTÕES DE PESQUISA.....</b>	<b>51</b>
<b>QUADRO 5 – REPORTAGEM DO JORNAL DE BRASÍLIA. TEXTO I.....</b>	<b>57</b>
<b>QUADRO 6 – REPORTAGEM DO JORNAL DE BRASÍLIA. TEXTO II.....</b>	<b>58</b>
<b>QUADRO 7 – REPORTAGEM DO JORNAL DE BRASÍLIA. TEXTO III.....</b>	<b>61</b>
<b>QUADRO 8 – REPORTAGEM DO JORNAL G1, GOIÁS.....</b>	<b>65</b>
<b>QUADRO 9 – REPORTAGEM DO PORTAL R7, BELO HORIZONTE. ....</b>	<b>68</b>
<b>QUADRO 10 – REPORTAGEM DO JORNAL DE SÃO PAULO. TEXTO I.....</b>	<b>72</b>
<b>QUADRO 11 – REPORTAGEM DO JORNAL DE SÃO PAULO. TEXTO III.....</b>	<b>75</b>
<b>QUADRO 12 – JORNAL DE CURITIBA. ....</b>	<b>78</b>
<b>QUADRO 13 – JORNAL GAZETA DO POVO. ....</b>	<b>81</b>
<b>QUADRO 14 – REPORTAGEM DO G1, RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>84</b>
<b>QUADRO 15 – JORNAL TRIBUNA DA BAHIA.....</b>	<b>87</b>
<b>QUADRO 16 – JORNAL DA CIDADE DO ESTADO DE SERGIPE. ....</b>	<b>90</b>
<b>QUADRO 17 – REPORTAGEM DO G1, MARANHÃO. ....</b>	<b>92</b>
<b>QUADRO 18– REPORTAGEM DO JORNAL UOL.....</b>	<b>94</b>
<b>QUADRO 19 – REPORTAGEM DO JORNAL DIÁRIO DO AMAZONAS.....</b>	<b>97</b>
<b>QUADRO 20 – REPORTAGEM DO G1, ACRE.....</b>	<b>98</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO- UM MUNDO EM DESCONTROLE</b> .....	3
1.1 A exclusão e a modernidade tardia .....	4
1.1.1 A globalização.....	6
1.1.2 A modernidade e a mídia.....	8
1.2 O Novo Capitalismo e o Neoliberalismo.....	10
1.3 A situação de rua .....	12
1.3.1 A exclusão e a Pobreza.....	14
1.3.2 A situação de rua e a mídia.....	16
1.4 O espaço.....	18
1.4.1 A situação de rua e o espaço.....	21
<b>CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA</b> .....	23
2.1 ADC como teoria e método.....	24
2.2 Discurso e contexto- ADC e a LSF.....	28
2.2.1 Sistema da transitividade.....	31
2.3 Teoria das Representação dos atores sociais.....	33
2.4 Intertextualidade.....	35
2.5 Interdiscursividade.....	36
2.6 A representação da mídia.....	37
2.7 Identidade.....	38
2.8 Ideologia.....	42
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA- PERCURSO</b> .....	46
3.1 Pesquisa qualitativa.....	46
3.2 ADC como método.....	48
3.3 Os objetivos e as questões.....	51
3.4 Métodos.....	52
3.4.1 Pesquisa documental.....	52
3.4.2. Diário de pesquisa.....	54
3.4.2.1 Como tudo começou.....	54

3.5 Considerações finais.....	55
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>56</b>
4.1. Reportagens do Centro-Oeste.....	57
4.2 Reportagens da região Sudeste.....	67
4.3 Reportagens da região Sul.....	76
4.4 Reportagens da região Nordeste.....	85
4.5 Reportagens da região Norte.....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>108</b>



## INTRODUÇÃO

O processo que envolve adquirir e produzir conhecimentos perpassa por vários caminhos, nem sempre fáceis, mas, na maioria das vezes, evolutivos e necessários para o nosso amadurecimento como cidadãos. Dessa forma, os caminhos trilhados ao longo desta dissertação permitiram-nos uma visão mais abrangente a respeito da situação de rua.

Acreditamos que para alcançarmos nossos objetivos é necessário examinarmos o processo de escolha, pois, de um modo geral, podemos construir significados diferentes para nossas vidas. Dessa forma, a escolha pela Análise de Discurso Crítica (ADC) baseia-se no objetivo de investigar as diversas relações a partir de um ponto de vista discursivo, mas, também, social. Em vista disso, os fundamentos defendidos pela ADC tornaram-se pilares de sustentação para nosso exame crítico a respeito de uma problemática social.

A abordagem da ADC em ser uma disciplina transdisciplinar possibilitou-nos pensar em uma gama de conceitos que, de alguma forma, poderiam contribuir para nossa pesquisa. Nesse sentido, a temática da representação da situação de rua nos chamou atenção pelo fato de ser um problema bastante delicado, ou seja, que envolve condições ou “não condições” de vida do ser humano. Dessa forma, a ADC nos proporcionou um olhar discursivo, crítico e social para analisarmos a questão da vulnerabilidade.

A maneira pela qual as pessoas em situação de rua são representadas apontam para manutenções de ideologias e construções de identidades. Portanto, representações negativas podem naturalizar a problemática social. Diante disso, a mídia tem um papel fundamental, capaz de reproduzir discursos e práticas que podem reforçar e sustentar relações de dominação, segregação e exclusão tanto no contexto das representações de pessoas em situação de rua, quanto em relação ao espaço.

Nesse sentido, nosso interesse em investigar a representatividade do espaço como uma categoria, por meio de jornais online das cinco regiões brasileiras, sustenta-se pelo fato de reconhecê-lo como um conceito que pode estabelecer diversas relações envolvendo a situação de rua. Dessa forma, podemos examinar a categoria espaço como um instrumento para analisar as relações sociais.

Acreditamos, também, que a estrutura social, no contexto do capitalismo e do neoliberalismo, contribui e molda as práticas, assim, as diferenças podem ser acentuadas pela reprodução de discursos materialistas e excludentes, que priorizam o individualismo e reforçam a construção de barreiras sociais.

Nesse sentido, este estudo que envolve “A situação de rua e a categoria espaço: uma análise de textos jornalísticos” tem como objetivo principal a análise de representações identitárias de pessoas em situação de rua, por meio de textos jornalísticos online, relacionando-as à categoria espaço. Dessa forma, pretendemos responder as seguintes questões de pesquisa:

1. Como a categoria espaço perpassa pela questão da situação de rua?
2. Como a mídia pode estar contribuindo para a (re) construção da identidade de pessoas em situação de rua, no contexto da categoria espaço nos textos de jornais online?
3. Quais marcas discursivas são predominantes nos textos da mídia em relação à situação de rua e a categoria espaço?

Para responder as questões de pesquisa, estruturamos esta dissertação em quatro capítulos que sustentam os objetivos específicos e principais deste trabalho. Nesse sentido, no Capítulo 1, optamos por contextualizar as questões que envolvem nosso tema de pesquisa. Dessa forma, este capítulo foi desenvolvido com o intuito de criar reflexões acerca da situação de rua e da categoria espaço, nos jornais online. Destarte, decidimos abordar questões que caracterizem a conjuntura social e histórica da situação de rua. No Capítulo 2, apresentamos as fundamentações teóricas que dão base à uma investigação discursiva e crítica da problemática social. Dessa maneira, a ADC em conjunto com outras teorias nos permite analisar questões linguísticas e sociais relacionadas à situação de rua. No Capítulo 3, voltamos nossa atenção ao percurso metodológico da pesquisa. No Capítulo 4, finalizamos nossa investigação, por meio da análise dos dados e das reflexões desenvolvidas ao decorrer da tese.

Finalmente, esta investigação procura contribuir com os estudos linguísticos e sociais que envolvem a situação de rua e a categoria espaço no contexto dos jornais online das cinco regiões brasileiras. Portanto, julgamos como essencial desenvolver reflexões acerca de uma problemática que envolve o ser humano em umas das condições mais extremas e vulneráveis da vida.

## CAPÍTULO 1

### CONTEXTUALIZAÇÃO: “MUNDO EM DESCONTROLE”<sup>1</sup>

O mundo em que estamos está cada vez mais fora do nosso domínio, mesmo com o avanço e, talvez até mesmo por isso, da ciência e da tecnologia, nos vemos diante de questões contraditórias que afetam a vida e as relações entre indivíduos. Nestes tempos de modernidade tardia<sup>2</sup>, o medo e a insegurança acentuam-se, prejudicando o modo de vida e a convivência entre as pessoas, aumentando as diferenças entre elas.

O espaço, por exemplo, pode ser um contexto onde essa diferença se apresenta, assim, o paradoxo entre ricos e pobres agrava-se no contexto espacial, fazendo com que a tendência a retirar-se dos espaços públicos e buscar um refúgio em espaços cada vez mais privados, se transformasse em um obstáculo para a convivência, pactos e diálogos entre as pessoas.

Acreditamos também que os meios de comunicação, por sua vez, podem exercer grandes influências por meio da manipulação de informações que beneficiam relações hegemônicas. Dessa forma, populações mais frágeis, tanto no sentido econômico como social, podem ser prejudicadas, como consequências dos processos globais. E por isso, os textos da mídia são instrumentos de análise importante para entendermos os processos sociais da situação de rua e da categoria espaço.

Este capítulo foi pensado para servir como uma abordagem histórica e contextual a respeito da representação do discurso jornalístico em relação às pessoas em situação de rua e a categoria espaço. Dessa forma, está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, 1.1, abordaremos a questão da exclusão social e a modernidade tardia, refletindo os processos que ocorreram e as consequências para as práticas sociais e discursivas, a estes conceitos estão atrelados, nos subitens 1.1.1, os conceitos e efeitos da globalização e em seguida, em 1.1.2, na relação entre a modernidade tardia e a mídia, com a finalidade de examinarmos até que ponto esses dois itens influenciaram as contradições e as condições vividas por pessoas em situação de rua.

Na seção seguinte, em 1.2, trataremos a respeito das transformações socioeconômicas advindas com o sistema do Novo Capitalismo e do Neoliberalismo, dessa forma, analisaremos a relação da flexibilização das questões do Estado e suas consequências para as pessoas em

---

<sup>1</sup> Expressão usada por Giddens (2005) para se referir aos efeitos da globalização sobre a sociedade tradicional.

<sup>2</sup> Segundo Giddens (1991, 2002) modernidade tardia é a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, teve como características a separação do tempo-espaço, mecanismos de desencalhe e a reflexividade institucional.

situação de vulnerabilidade. Em 1.3, deslocamos nossa atenção para a situação de rua, procuramos compreender o contexto desse problema social, econômico e espacial.

Nas subseções seguintes 1.3.1 e 1.3.2, apresentaremos questões de reflexão acerca do conceito de pobreza, uma das dimensões da exclusão social, relacionada à sua veiculação pela mídia, com o objetivo de verificarmos contextos de desigualdade e hegemonias sociais. Em 1.4, optamos por examinar a questão espacial e na subseção, 1.4.1, a relação entre a situação de rua e a categoria espaço, com a finalidade de clarificar, assim, a influência do espaço para um problema na prática que afeta o cotidiano das pessoas.

## **1.1 A exclusão e a modernidade tardia**

A questão da modernidade tardia e do crescimento urbano, de um lado, e a exclusão e a pobreza, de outro, nos permite pensar nos impactos resultantes desses processos em relação ao modo de vida da sociedade, como, por exemplo, a situação de rua. Porém, antes de analisarmos os devidos impactos, optamos por conceituarmos alguns elementos que consideramos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Primeiramente, é essencial examinarmos o conceito de modernidade para podermos compreender melhor as relações e as consequências que permeiam a vida dos indivíduos. Para isso, nos apoiaremos em Giddens (2002) que associa a modernidade a pensamentos da tradição teórica desenvolvidos por Marx, autor que defende a questão da modernidade relacionada ao capitalismo como uma “força transformadora” da sociedade moderna. Segundo esta linha sociológica, entendemos que foi após a queda do feudalismo que um novo ciclo de sistema de investimento e lucro deram suporte para concretizar essa mudança de mundo. Outro teórico que Giddens também analisa e considera importante para este processo é Durkheim (*apud* GIDDENS, 2002, p.21), autor que descreve um fator diferente para a era da modernidade, para ele a questão da divisão do trabalho e da exploração são motes que caracterizam uma ordem industrial e não capitalista. Além desses autores, Giddens também cita Weber, autor que defendia o olhar para o controle racionalizado da informação como a principal característica dessa era. Giddens defende que tais caracterizações não podem ser encaradas como exclusivas, para ele:

A modernidade (...) é multidimensional no âmbito das instituições, e cada um dos elementos especificados por estas várias tradições representam algum papel. (Giddens, 2002, p. 22)



Portanto, para Giddens, a modernidade é caracterizada tanto pelo uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção, quanto pelo sistema de produção de mercadorias e da mercantilização da força de trabalho.

Já para Hall (2015, p. 12), as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. E para complementar, utilizamos Harvey que também descreve o modernismo dizendo que:

É importante ter em mente, que o modernismo surgido antes da Primeira Guerra Mundial era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade, da moda de massas) do que um pioneiro na produção dessas mudanças. (Harvey, 1992, p. 28)

O autor também considera que o capitalismo precisa da urbanização para absorver o excedente de produção que nunca deixa de produzir. Dessa forma, vemos que há uma ligação entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização (Harvey, 2014, p.30).

Nessas condições de constante mudança, que envolvem o aumento do crescimento urbano, os processos de exclusão social foram visíveis nas relações sociais e trabalhistas, dessa forma, é importante ressaltar que esses processos existem desde a história da civilização humana.

A escravidão, por exemplo, é uma forma de exclusão em que a desigualdade social se mostra evidente e, assim, a diferença é acentuada no convívio social. De acordo com Buarque (2003), a desigualdade levada ao seu paroxismo pode gerar uma situação de “dessemelhança”, assim há uma ruptura dos laços entre os indivíduos que pertencem a mesma espécie. É possível observar uma “dessemelhança” e uma diferença em relação a pessoa em situação de rua no contexto da categoria espaço, por meio da segregação espacial e relacional. Como forma de corroborar com esta linha de pesquisa e de raciocínio, citamos Bauman que nos lembra que:

[...] a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás, são provavelmente as mais significativas das tendências culturais, sociais e políticas da fase da modernidade. (Bauman, 2009, p. 28)

Assim, a distância social e a época moderna fizeram surgir uma forma nova e decisiva de individualismo. Não desconhecemos que nos tempos pré-modernos também ocorria essa distância, mas as transformações relacionadas à modernidade trouxeram a ideia de um “indivíduo soberano”, que possui um status, uma classificação e uma posição, em que se percebe o predomínio de uma pessoa sobre as outras. (Hall,2014, p.18).

Nesse contexto, Bauman (2009) também faz referência à “insegurança moderna”, segundo o autor, esse cenário da era moderna contribuiu para gerar mais insegurança e medo entre as pessoas, no sentido de que estamos sempre desconfiando e nos recusamos a confiar nos outros. Diante disso, Castells (2003, p. 68) complementa ao atribuir a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno, e portanto, nos lembra que quando a sociedade substitui as comunidades e corporações pelo dever individual, de fazer por si, é nesse momento que se vê construída a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte. Dessa maneira, muros são erguidos, a polarização se acentua e casas são construídas para proteger seus habitantes, não para integrá-los nas comunidades às quais pertencem, mas para separá-los, para segregá-los.

Todos os autores acima trazem, à sua maneira, contribuições para nossa pesquisa. No entanto, elegemos Santos (1994) para levar a cabo esta discussão. O autor nos ensina que a população empobrecida é levada à exclusão, também, no campo espacial. Na era da globalização, o espaço geográfico é estritamente associado à localização, assim os atores mais poderosos se reservam os melhores territórios e deixam o resto para os outros (Santos, 1994, p. 49). Portanto, a relação entre a situação de rua e a categoria espaço têm na globalização e na modernidade fatores que podem contribuir para agravar determinados efeitos, que serão melhor discutidos na próxima seção, passemos a ela.

### **1.1.1 A globalização**

A globalização faz parte das relações entre indivíduos. É um fenômeno que ocorre e influencia aspectos íntimos de nossas vidas. De acordo com Fairclough (2003, p.48), a globalização refere-se a uma tendência contemporânea de processos e de relações políticas e sociais para operar cada vez mais em escala global, não se trata somente de um processo especificamente econômico. O aspecto global é importante para examinar as questões sociais e discursivas, portanto, a globalização não é algo singular, mas um conjunto de processos que tem consequências para a vida das pessoas (Giddens, 2005, p.23). Se para alguns a globalização é sinal de liberdade, para outros é um destino indesejável e cruel (Santos, 2015), leiamos o que Santos comenta:

Uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. As tendências neotribais e fundamentalistas, que refletem e formulam a experiência das pessoas na ponta receptora da globalização, são fruto tão legítimo da globalização quanto a “hibridização” amplamente aclamada da alta cultura — a alta cultura globalizada. Uma causa específica de preocupação é a progressiva ruptura de comunicação entre

as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais “localizada”. (Santos, 2015, p. 04)

No mundo globalizado, a competitividade, o consumo são fatores que aumentam a disparidade entre ricos e pobres. O mundo capitalista é justificado pelo individualismo econômico, de ordem política e territorial. Nesse cenário, as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, modeladas e remodeladas representam características da vida urbana contemporânea (Bauman, 2009). De acordo com o autor, nesse mundo que se globaliza, a política tende a ser cada vez mais conscientemente local, assim as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização, e seus representantes têm a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais (Bauman, 2009, p. 32). Para Castells (2003, p. 46), políticas cada vez mais locais num mundo estruturado por processos cada vez mais globais, operam o processo de sentido individualista: “minha vizinhança, minha cidade, minha igreja, meu ambiente”.

Segundo Hall (2014, p. 52), a globalização tem como uma das características principais a “compressão espaço – tempo<sup>3</sup>”. Com isso a aceleração dos processos globais e as distâncias parecem mais curtas e assim um evento em uma localidade pode ter impacto em um outro lugar mais distante. Também para Harvey (1992, p.156), “a transição para a acumulação flexível<sup>4</sup> foi feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas”. Dessa forma, a aceleração dos sistemas, dos meios de produção e do fluxo de informação e distribuição, permitiram uma circulação de mercadorias maior e em grande velocidade, o que refletiu significativamente no processo acelerado e em grande escala do consumo em massa. O autor explica que as consequências desse rápido giro de capital têm relação com a maneira de agir, pensar e refletir do indivíduo e um desses efeitos é o da descartabilidade, ou seja, não só em relação aos objetos e mercadorias, mas, também, pode significar descartabilidade de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser (Harvey, 2004, p. 70).

Também para Santos (2014), o processo globalizante tem entre os fatores constitutivos a forma como a informação é oferecida à humanidade, que pode ser entendido como um processo

---

<sup>3</sup> “Os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variado.” (HARVEY, 1992, p.140)

<sup>4</sup> De acordo com Harvey (1992, p. 140), a acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas.

de violência associada às relações de poder e ao sistema ideológico o que poderia servir para justificar um discurso hegemônico de manipulação. Dessa forma, a informação é utilizada por atores específicos com discursos particulares. Para o autor:

[...] o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. (Santos, 2014, p. 39)

Dessa forma, alguns discursos particulares da mídia, aprofundam os processos de criação de desigualdades, assim as empresas com menos influência não têm muita vantagem em relação às grandes empresas que dominam o mercado da informação, uma vez que existem influências políticas e ideológicas por trás desses fatores. Portanto, a importância do entendimento do discurso na globalização é fundamental para estabelecer ou manter relações sociais, assim como para desnaturalizar práticas manipuladoras relacionadas ao consumo, à competitividade e a outros processos ideológicos inerentes a esse cenário, fatores que serão melhores analisados na próxima seção, passemos a ela.

### **1.1.2 A modernidade e a mídia**

Esta seção servirá para examinarmos até que ponto os conceitos da modernidade e da mídia influenciam as contradições e as condições vividas por pessoas em situação de rua.

A era moderna trouxe uma série de transformações para o sistema de comunicação e informação, um desenvolvimento no modo de produzir, reproduzir e expandir as mercadorias, tornando-as mais acessíveis para os indivíduos. É importante salientar que “a comunicação mediada é um fenômeno social contextualizado” (Thompson, 2002, p. 20), dessa forma, a vida social é constituída por pessoas que têm objetivos e pretensões diversificadas em diferentes circunstâncias, enfim ações intencionais em contextos estruturados. Para esclarecer esta linha de raciocínio, nos debruçamos um pouco sobre o desenvolvimento da imprensa na época moderna da Europa que se deu pelo aparecimento de uma variedade de publicações que relatavam eventos e transmitiam informações de caráter político e comercial, primeiramente se tratava de assuntos do exterior, posteriormente começou a disseminar notícias domésticas (Thompson, 2002, p.63), e assim as notícias cada vez mais locais começaram a ser mais valorizadas.

Também é possível dizer, ainda segundo o autor, que as transformações ocorridas na modernidade fizeram com que a indústria gráfica se expandisse e assim sua base de financiamento começasse a mudar, pois com o significativo aumento na produção, as instituições midiáticas precisavam cada vez mais de capital, o que permitiu aos jornais tornarem grandes empreendimentos comerciais. Para Thompson:

Com a transformação das organizações da mídia em organizações comerciais em grande escala, a liberdade de expressão teve que enfrentar crescentemente novas ameaças, ameaças que provém não só do uso excessivo do poder de estado, mas antes do desimpedido crescimento das organizações da mídia e de seus interesses comerciais. (Thompson 2002, p. 208).

De acordo com o autor, com o advento do desenvolvimento dos meios de comunicação surgiram novas formas de interação e relação social, além disso, há uma dissociação do ambiente físico, na medida em que os indivíduos interagem mesmo que não compartilhem o mesmo espaço-tempo. A publicidade mediada é um espaço não localizado, no sentido em que não se vincula a locais espaciais ou temporais específicos, já que a esfera da publicidade mediada se estende no tempo e no espaço, e é potencialmente global (Thompson, 2002).

Nesse sentido, os meios de comunicação possibilitaram uma reorganização do tempo e do espaço, para Giddens (2002), uma das características da experiência transmitida pela mídia nos tempos modernos é a “intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana”, assim a familiaridade gerada por essa experiência da mídia pode produzir sensações de “ inversão da realidade”. Em relação aos meios de comunicação, para Bourdieu (1998, p. 72) a mídia faz parte integrante da realidade, e ainda, produz efeitos de realidade criando uma visão midiática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever. Dessa forma, entendemos que a mídia age sobre o momento e tem a influência de fabricar e interferir nas representações sociais.

A questão midiática é um processo global que tem como característica o fator da visibilidade, pois por meio do surgimento de novos meios de comunicação, a exposição de líderes políticos e de ideologias específicas se expandem. Por outro lado, a questão da invisibilidade também se torna presente neste contexto, assim a era moderna se depara com grandes lutas pela visibilidade daqueles que se sentem e são marginalizados. De acordo com Thompson (2002), a evolução de tais movimentos comprova o fato de que, ao conquistar um certo grau de visibilidade, as reivindicações podem alcançar um certo reconhecimento público e assim também pode compartilhar interesses com indivíduos que não fazem parte do mesmo espaço-tempo. Dessa

forma, a modernidade produz uma situação em que a humanidade, por um lado, se reflete em um “nós”, mas também enfrenta problemas e conflitos em que não há os “outros” (Giddens, 2002). Nesse mesmo sentido, Bourdieu, sociólogo francês, chama atenção para o fato que:

É enorme a defasagem entre a imagem que os responsáveis pela mídia têm e conferem a esta mídia e a verdade de sua ação e de sua influência. É evidente que a mídia é, no conjunto, um fator de despolitização, que age prioritariamente sobre as frações menos politizadas do público, mais sobre as mulheres que sobre os homens, mais sobre os menos educados que sobre os instruídos, mais sobre os pobres que sobre os ricos (Bourdieu, 1998, p. 65).

As transformações e o desenvolvimento da mídia refletem que o novo capitalismo<sup>5</sup>, não consiste em mudanças apenas nas questões políticas e econômicas, mas com ramificações que afetam e são afetadas pela esfera social, questões que serão apresentadas na próxima seção.

## **1.2 O Novo Capitalismo e o Neoliberalismo**

Nesta subseção, apresentaremos alguns pressupostos acerca do Neoliberalismo e do Novo Capitalismo, focalizando nossa atenção na questão de como esses conceitos são importantes para melhor compreender o contexto social, político e econômico em relação à situação de rua e à categoria espaço. O Novo Capitalismo e sua representatividade para esta pesquisa é relevante, visto que, o discurso neoliberal, de acordo com Fairclough (2003), é um discurso de reestruturação de uma nova face do que se mantém como uma ‘evolução natural’ isenta humana e inescapável. O Novo Capitalismo tem efeitos, além do processo econômico, ele afeta a esfera social e, por conseguinte, tem repercussões nas transformações e nos impactos para a política, educação e várias outras áreas da vida social. Para Fairclough (2003), a mudança é nominalizada sob o título de ‘globalização’, representada como uma entidade dotada de ação, um fenômeno (e não um processo) universal e inevitável. De acordo com o autor, as aspirações hegemônicas do Neoliberalismo são, em parte, questões de universalização dessa perspectiva particular, de um discurso particular a respeito do Novo Capitalismo.

---

<sup>5</sup> Fairclough (2003) usa o termo “Novo Capitalismo” fazendo referências às mais recentes reestruturações do capitalismo na manutenção de sua continuidade como modelo dominante. Desdobrarei melhor o termo na próxima seção.

O sucesso dessa representação pode ser medido em termos de sua repetibilidade, se refletindo na quantidade de circulação em variados tipos de textos<sup>6</sup>. Portanto, o Neoliberalismo contribui como um projeto político que visa facilitar a reestruturação das relações sociais de acordo com as exigências de um capitalismo global desenfreado (Bourdieu, 1998). Destarte, a grande desigualdade entre ricos e pobres é uma consequência desse período. Para Boudieu (1998,p.54), “a globalização não é uma homogeneização, mas, ao contrário, é a extensão do domínio de um pequeno número de nações dominantes sobre o conjunto das praças financeiras nacionais”, assim, o poder dos Estados nacionais diminuem e o combate aos problemas sociais são menos praticados e perceptíveis.

Algumas características são inerentes a este período, como a mínima participação do Estado na economia, uma política de privatização de empresas estatais, livre circulação de capital internacional, além de uma política repressiva. Esse contexto é marcado também pela ausência do Estado no que compete aos termos de infraestrutura organizacional, Bourdieu (1998), usa, portanto, o termo “demissão do Estado”, para caracterizar dessa forma, o neoliberalismo como um projeto, que em termos gerais é político, mas que prejudica a coletividade e força a valorização da racionalidade individual. As consequências que desse processo resultaram são, entre outros, a naturalização da injustiça social, a crise trabalhista e a desigualdade entre as pessoas. Para o autor, estas consequências são mantidas como passageiras e necessárias para o desenvolvimento.

O aumento da desigualdade social, está associado à afirmação da diferença, e assim, a aceitação sem constrangimento das desigualdades (Buarque, 2003, p.9). O Autor também compartilha que, nas nações mais pobres, a capacidade de enfrentar tais problemas é mais limitada, tendo em vista o pouco avanço havido em matéria de políticas de proteção social. Desta forma, o poder público, por meio do Neoliberalismo, torna-se menos capaz de oferecer soluções práticas, principalmente no contexto das políticas públicas. A situação de rua faz parte da consequência desse projeto, demonstrando que o campo social também é afetado.

Podemos observar que o termo “apartação” usado por Buarque (2003), reflete na situação de rua, já que demonstra a separação de incluídos e excluídos em diversos setores de desenvolvimento da sociedade, e assim, a desigualdade no acesso à bens comuns, como por exemplo, a educação, saúde e bens materiais. Nesse contexto, a apartação também se mostra no

---

<sup>6</sup> Usamos o conceito de texto neste trabalho baseado em Fairclough, que define o texto como tessitura social, lugar onde estão sugeridas as estruturas, as práticas sociais. “Qualquer exemplo real da linguagem em uso é um texto.”

espaço onde habitam essas populações, demonstrando como que a desigualdade na categoria espaço tem relação com as relações sociais.

Fairclough (2003, p.7) aborda o Novo Capitalismo como uma reestruturação do capitalismo na manutenção de sua continuidade como modelo dominante, assim as pesquisas sociais precisam levar em conta as mudanças ocorridas, uma vez que afetam a vida dos indivíduos. Nesse aspecto, o Novo Capitalismo e o Neoliberalismo se conectam, já que o Neoliberalismo pode ser compreendido como um facilitador dessas mudanças e das “reestruturações” de um capitalismo global desenfreado, que conseqüentemente aumenta o contraste entre ricos e pobres, criando condições favoráveis ao problema da situação de rua, tema que será analisado melhor na próxima seção.

### **1.3 A situação de rua**

O objetivo desta seção é analisar os pressupostos históricos e contextualizar, assim, o foco principal deste trabalho, que é a situação de rua. Dessa forma, entendemos que examinar o contexto é importante para compreendermos como a situação de rua é representada pela mídia, em cinco regiões brasileiras, por meio de reportagens, e como a categoria espaço perpassa por essa situação.

Ao analisarmos o contexto histórico, entendemos que o Brasil era um país essencialmente agrícola, assim, o país tinha como modelo de sociedade a constituição de uma base rural. No fim do século XVIII e durante o século XIX surge na Inglaterra mecanização do campo, e com isso, o processo da “Revolução Industrial”. No Brasil os efeitos foram sentidos também quando houve a substituição do meio natural para a criação do meio técnico (Santos, 2002, p.16). Dessa forma, o avanço do capitalismo e os aspectos da revolução industrial são inerentes ao processo de situação de rua, visto que, suas conseqüências refletiram e refletem nesse problema que envolve exclusão, desigualdade e pobreza. De acordo com Buarque:

Nos países capitalistas (...) construiu-se uma sociedade cujo o único objetivo é o consumo. Jogou-se uma parcela da população no desemprego, sem perspectiva de uma função social. O mundo parece caminhar para a criação de um sistema internacional de ricos, separado das multidões de miseráveis excluídos da utopia consumista, independente do país onde vivam (Buarque, 2003, p.15)

Com isso, o autor reforça a ideia de que com o advento do capitalismo as diferenças entre as pessoas se acentuaram, criando espaços de exclusão social. Dessa forma, a questão da desigualdade social é marcada, na história brasileira, pela luta de classes e de poder, já que



como avanço do sistema capitalista e da produção industrial, o crescimento urbano ocorreu de modo mais crescente e acelerado, assim pessoas vão à cidade em busca de melhores oportunidades. Porém, o cenário é de uma mão-de-obra mais limitada, já que houve a mecanização industrial, e nem todos conseguem se adequar ao novo sistema de produção em massa gera o fator do desemprego. Nesse contexto, Buarque (2003), para melhor explicar a situação da sociedade brasileira, destaca e divide uma parcela da população entre “grandes capitalistas”, como os empresários, produtores e exportadores de bens agrícolas para o mercado externo, ou importadores de bens materiais estrangeiros, que elevam o poder de compra, mesmo que para isso tenham que diferenciar e separar os produtos “pobres e ricos”. E ainda as pessoas que estão entre os “trabalhadores incorporados à modernidade, com qualificação e salários que permitem um certo nível de consumo”, são os indivíduos que defendem apenas o emprego e o salário próprio, ignorando as consequências para os demais. Há também os “trabalhadores incorporados à modernidade, que se mantêm na pobreza, com baixo treinamento e baixo salário”, os trabalhadores de baixa renda, que estão no limite da exclusão. Por fim, com o aumento da modernização e a evolução da economia, o processo de produção se organizou de forma mercantilista, o desemprego foi aumentando, assim como a fome e a pobreza, os “excluídos” passam a ser aqueles que vivem à margem da sociedade e que passam a viver das “sobras do sistema”, passam a sobreviver das e nas ruas.

Quando o Estado não proporciona políticas públicas adequadas ao sistema vigente, a exclusão se manifesta em vários sentidos, na esfera social, na exclusão do mundo do trabalho e até mesmo em relação à exclusão geográfica, itens que serão melhor analisados na seção 1.3.1. É importante ressaltar que os diversos tipos de exclusão são característicos de uma violência social, e quanto mais a exclusão se intensifica maior são os efeitos da violência para os indivíduos. Em sociedades mais afluentes, a exclusão vem como uma forma de “invasão” (Buarque, 2003, p. 29) aos padrões exigidos, e assim os excluídos são vistos a partir de um prisma de piedade. Desde a Idade Média, a imagem de pobres e pedintes estava associada a simbologia sagrada, sendo assim um bom fator para proporcionar atos de caridade e garantir a salvação. Para Buarque (2003, p. 39), o processo das populações, vítimas dessa violência social, instala-se em três etapas, primeiro um discurso ideológico de “desqualificação”, no sentido de construir a imagem de um “outro” associada a problemas de insegurança, medo, desordem e criminalidade. Depois, ocorre o processo de “desvinculação”, que está associado à rejeição dos indivíduos “excluídos”, gerando a “desvinculação” social, e assim as consequências desses projetos se refletem na baixa autoestima das pessoas, podendo gerar problemas de isolamento

social. Por fim, há a “eliminação”, um contexto mais radical que se apresenta tanto pelo extermínio quanto pelo genocídio cultural e social desses indivíduos (Buarque, 2003).

Ainda nos apoiando nesse autor, lembramos que no Brasil, a desigualdade ocorre desde os tempos da escravidão, por meio dos padrões reproduzidos, quando o país ainda era colônia de Portugal, gerando uma discrepância entre escravos e senhores, ricos e pobres.

Primeiramente, a população dos excluídos foi marcada por ex-escravos, que, sem terem condições de se sustentarem, foram ocupando os espaços urbanos. Dessa forma, quanto mais urbana a sociedade foi se tornando, mais crescente ocorreu o fator da segregação e da pobreza.

Ainda que nem todos os excluídos sejam necessariamente miseráveis, eles são geralmente, pobres e vão-se constituindo em um mundo à parte, compartilhando o mesmo universo espacial e temporal, mas não interagindo socialmente com os outros, incluídos. (Buarque, 2003, p. 36)

A compreensão do que é a pobreza e a exclusão está inserida no contexto da situação de rua, visto que são fatores que originam e ao mesmo tempo são consequência do processo de representação e de relação social, como será melhor apresentado na próxima seção.

### **1.3.1 A exclusão e a pobreza**

O conceito de “exclusão” é de suma importância para melhor compreender o contexto da situação de rua. A expressão também é evidenciada quando, na modernidade, seu uso é ainda mais frequente nos países de primeiro mundo, ou seja, um efeito não desejado que alcançou também a mídia. O termo passou a representar a marginalização, discriminação e até mesmo a pobreza, primeiramente usada para uma população rural, e posteriormente para a pobreza urbana. Nesse sentido, Castells (1998, p. 416) vê a exclusão como a desfiliação, uma ruptura de pertencimento, de vínculos sociais, em que “[...] o desfilado é aquele cuja trajetória é feita de uma série de rupturas com relação a estados de equilíbrio anteriores, mais ou menos estáveis, ou instáveis”. Apesar de não ser um termo novo e específico da modernidade, foi nesse contexto que o aumento da pobreza e da diferença se tornou mais crescente, pois o aumento dos subempregos e do desemprego expandiu também os chamados “novos pobres”, assim a exclusão do trabalho torna-se um problema crítico, em que as pessoas vão sendo conduzidas no sentido do rebaixamento da hierarquia social, e alguns ainda, perdem vínculos que permitem uma reinserção, perdem a proteção social, a autoestima, a referência e torna-se um ponto chave para a questão da caridade (Buarque 2003). De acordo com o autor, essa parcela da população:

São excluídos do processo de geração de riquezas (emprego) e da distribuição de seus frutos (consumo). Sobrevivem, mas valendo-se apenas de um acesso precário a mecanismos públicos, como a assistência social e os serviços de saúde e, de forma assistemática, também, a caridade privada, a filantropia (...). Infra-estrutura privada, como habitação, vai-se tornando algo distante, inacessível. Trabalham, mas não são empregados. Transformam o espaço público- as ruas- em seu universo de vida e de sobrevivência privado. (Buarque, 2003,

Há, nesse contexto, além da desigualdade, a diferença e a ruptura social, os aspectos sociais passam a constituir dois mundos a parte, o dos incluídos e dos excluídos. A migração dos pobres para o centro da cidade, forçam os mais ricos a se afastarem e assim o processo de “apartação” (Buarque, 2003) fica mais evidente, principalmente quando associado a hegemonia neoliberal, que diminui o Estado, reduz políticas públicas e incentiva o consumo e a competitividade. Portanto, aliada à essas diferenças e desigualdades, a falta de investimento em políticas públicas voltadas às pessoas em situação de rua, além de alguns fatores como a ruptura familiar e o desemprego, constituem uma gama de causas e consequências para essa situação de vulnerabilidade social.

A desigualdade pode gerar pobreza social, cultural e econômica, mas não são conceitos iguais. A pobreza significa “a situação em que se encontram membros de uma determinada sociedade de despossuídos de recursos suficientes para suprir suas necessidades básicas” (Buarque, 2003, p. 62), a pobreza não diz respeito, apenas, a categoria econômica, mas acima disso é um fator político e um problema social. A exclusão tem relação com a ruptura, a exclusão social, principalmente, faz parte de um meio geográfico e territorial. Há a exclusão mais visível, como as favelas, e há também os que fazem do próprio espaço urbano sua morada. Esses três conceitos, desigualdade, pobreza e exclusão estão significativamente relacionados, não que um dependa do outro, mas o conjunto pode representar uma sociedade que é produto de diversas ações, discutidas anteriormente, como, por exemplo, o contexto do Novo Capitalismo.

Com o agravamento dos processos capitalistas, as relações, a partir de uma perspectiva social e de cidadania, também foram afetadas, assim, na década de 1920, a inclusão passou a ser sinônimo de ter direitos, enquanto a exclusão passou a ter novas configurações. Portanto, possuir um trabalho formal, no auge industrial, por exemplo, possibilita ao indivíduo uma inserção cidadã, diferente do excluído que não desfruta e é impossibilitado de ter acesso às riquezas advindas da industrialização. De 1960 a 1980, a integração social começa a ter alguma oportunidade em relação a ter direitos a bens e serviços indispensáveis. Porém, houve também um esgotamento político e econômico, a cidadania excludente é substituída pela cidadania fragmentada e hierarquizada (Buarque, 2003). Outro fator que foi intrínseco ao agravamento da

exclusão, na era moderna, foi a implantação de um sistema de comunicação que, inicialmente, tornava um objeto ou mercadoria de uma minoria como sendo uma única possibilidade, mostrando uma desigualdade e também uma visão individualista em relação às riquezas. Dessa forma, a mídia já se mostra como manipuladora, pois apresenta uma visão minoritária em relação à realidade vivida na época, um sistema de comunicação sem compromisso cultural com a sociedade integrada (Buarque, 2003).

Lembremos que a imprensa é uma difusora de informações que pode influenciar representações e opiniões públicas, dessa forma, ela possui uma importante relação com o poder, pois, como foi discutido, desde a era industrial, a mídia tornou-se uma grande empresa econômica e que precisa de capital para se desenvolver nesse sistema. Portanto, o poder discursivo midiático pode se refletir em práticas sociais transformadoras para a sociedade, tema que iremos analisar e discutir na próxima seção.

### **1.3.2 A situação de rua e a mídia**

A questão midiática é importante para esta pesquisa pelo fato dos dados analisados serem originários de um meio de comunicação de massa, dessa forma, compreendemos que é essencial analisarmos os diversos modos com que a mídia opera para melhor examinarmos a representação da mídia em relação a situação de rua e como isso perpassa pela categoria espaço. Na seção 1.1.2, apresentamos alguns dos desdobramentos históricos relacionados à mídia, portanto, nesta seção iremos apresentar alguns dos mecanismos que caracterizam esse meio de comunicação na modernidade tardia.

Entendemos que a mídia opera por meio de uma lógica comercial, apesar de ter como função atender às demandas da democracia, as “empresas” tem como objetivo principal atingir cada vez mais um número da população, assim transmitem informações com finalidades e objetivos específicos, além da questão ideológica, e que nem sempre são voltadas à questão democrática. Conseqüentemente, as informações são intensivas no sentido que nem sempre o que é exposto corresponde à realidade de fato, pois várias questões estão envolvidas nesse processo, como o público-alvo, interesse ideológico e político, e também o fator da competitividade, em que não há informação estritamente factual, desprovidas de crenças e valores. Portanto, podemos dizer que a mídia possui um poder simbólico, que nasce na atividade de produção, transmissão e

significado das formas simbólicas<sup>7</sup> (Bourdieu, 1998), dessa forma o poder simbólico tem a capacidade reproduzir, interferir na vida social, além de induzir a forma com que ocorrem determinadas situações. De acordo com Bourdieu:

A mídia impõe sua própria construção dos problemas sociais que se apoiam, em larga medida, na encenação dos fatos mais espetaculares e também, muitas vezes, mais superficiais; pelas palavras que acaba impondo (...) e pelos agentes sociais a quem dão a palavra ou entrevistam, contribui para que venha a existir um verdadeiro discurso público. (Bourdieu, 1998, p. 244)

Observamos que a mídia nacional se globaliza, além disso, acreditamos que sua a legitimidade está relacionada ao discurso de poder, pois há uma manipulação que contribui para estabelecer o poder de dominação. A imprensa tem um grande poder de influenciar a opinião pública, por meio da sua função informativa, descritiva, explicativa e até analítica em relação aos fatos. As informações, opiniões e experiências sociais, em parte, são construídas por intermédio, direto ou indireto, da mídia. Visto como um meio de comunicação de massa, o discurso midiático é capaz de estabelecer relações de controle social e dominação de mundo. Assim como, é por meio da linguagem que pode constituir seu poder de persuasão, podendo ser entendida tanto como manipulador como libertador. Para Abramo (2003, p. 38), dentre as principais características do jornalismo, no Brasil, a que mais se destaca é o poder de manipulação da informação, a manipulação de uma realidade que, muitas vezes não existe, ou uma realidade que o jornalismo reflete de forma indireta, artificial e irreal. Portanto, o público é posto diante desse tipo de informação e só percebe a contradição, na maioria dos casos, quando ele é o protagonista do discurso, testemunha ou um agente direto. A forma como o texto é organizado, o processo de escolhas do tipo de texto, informações e a mensagem que será transmitida está relacionada com objetividade ou subjetividade da construção, de acordo com o autor:

É fundamental separar e distinguir informação de opinião, indicar as diferenças de conteúdo e forma dos gêneros jornalísticos, e apresentar toda a produção jornalística ao leitor/telespectador de forma que ele perceba imediatamente o que é exposição da realidade e o que é ajuizamento de valor. (ABRAMO, 2003, p. 41)

---

<sup>7</sup> De acordo com Bourdieu (1998), a tradição neo-kantiana apresenta os diversos universos simbólicos como instrumentos de construção do mundo e de conhecimento.

O modo como um texto jornalístico é apresentado ao público esconde alguns recursos essenciais e para sabermos até que ponto um discurso exerce função de dominação, poder e controle, a mídia se torna, então, manipuladora de informações. Por conseguinte, o discurso da mídia exerce uma função importante para a imagem da pessoa em situação de rua, geralmente associada à violência e à pobreza. O domínio das informações também constitui uma forma de violação social para as pessoas em situação de rua à medida que contribui para o crescimento de um processo excludente. Adotamos aqui, o conceito de hegemonia como parte de um sistema de poder da sociedade, de acordo com Fairclough (2001, p.28), hegemonias são “produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso em organizações e instituições particulares, e no nível societário”. Portanto, a imprensa pode influenciar opiniões e assim interferir nas práticas e relações entre as pessoas. Dessa forma, o discurso jornalístico muitas vezes reforça a ideia de marginalidade e de diferenciação das pessoas em situação de rua.

Como já vimos em seções anteriores, o discurso influencia as práticas sociais e geralmente, em relação à situação de rua, a prática leva à “apartação” (Buarque 2003). Uma das formas de “apartação” é associada ao espaço, com o aumento da população urbana a exclusão começa a ficar mais visível, tanto pela presença de mais vigilantes e seguranças com uma coação física, quanto pela própria arquitetura dos espaços urbanos.

## **1.4 O espaço**

Analisamos na seção 1.1.1, que a globalização trouxe consequências em relação ao modo de vida da sociedade. Nesta seção, iremos melhor compreender como esse processo afetou a categoria espaço, para isso é necessário examinarmos o conceito dessa categoria e posteriormente sua relação com a situação de rua. Desse modo, alguns autores que analisam o fenômeno da categoria espaço, serão imprescindíveis para esta pesquisa, como, por exemplo, Harvey (2014, 1973), Santos (2002, 2008), Bourdieu (1998), Buarque (1993) e Bauman (2009), teóricos que têm uma visão crítica do espaço e debatem as consequências a respeito dessa categoria em relação às ações sociais da humanidade.

O estudo da categoria espaço, nesta dissertação, tem como uma das finalidades compreendermos melhor o processo de urbanização, uma das marcas da modernidade tardia, que, com o capitalismo, tornou se mais evidente. Nesse contexto, Santos caracteriza o espaço por meio dos desdobramentos gerados pela globalização da seguinte maneira:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

Para o autor o espaço é algo que representa a transformação e a dinâmica que podemos encontrar em determinados locais, assim como, os objetos que fazem parte de um determinado espaço são produtos da ação humana. Neste ponto, o espaço é algo que estabelece um certo poder para os atores nele situados, para Bourdieu os agentes sociais são constituídos como tais em e pela relação com um “espaço social”, para o autor o espaço é algo que reflete as hierarquias e as distâncias sociais, às vezes, dissimulado pelos “efeitos de naturalização”. De acordo com Bourdieu (1998, p. 160):

A posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado (aquele do qual se diz que está "sem eira nem beira" ou "sem residência fixa", que não tem - quase - existência social), e pela posição relativa que suas localizações temporárias (por exemplo os lugares de honra, os lugares regulados pelo protocolo) e sobretudo permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações de outros agentes; ela se exprime também no lugar que ocupa (no direito) no espaço através de suas propriedades (casas, apartamentos ou salas, terras para cultivar, para explorar ou para construir, etc.) que são mais ou menos embaraçosos ou, como se diz às vezes, "space consuming" (o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é uma das formas por excelência de ostentação do poder).

Dessa forma, o espaço tem uma relação com as práticas e as transformações sociais dos agentes, e pode estar ligado também à questão da identidade, questão que será foco de atenção no próximo capítulo, já que para o autor, o lugar, no espaço social, que um agente ocupa reflete na sua posição no mundo. Portanto, ter o domínio de um espaço significa ter poder e assim a capacidade de controlar indivíduos. De acordo com Buarque (2003), depois da escravidão as classes sociais ainda conviviam no mesmo espaço físico, mas ao longo do tempo o cenário foi mudando, pois, essa diferenciação econômica e social começou a ser incômoda, já que a pobreza também começou a se refletir na imagem urbana. Dessa forma, a exclusão social é também uma exclusão espacial, no sentido que há a exclusão mais visível, como por exemplo, nas favelas e morros, e também existem os excluídos que não tem lugar fixo, como as pessoas em situação de rua. Para Bourdieu (1998), o lugar, por exemplo, pode ser definido absolutamente como o ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe.

O conceito de Harvey (2012) a respeito da noção espacial também é essencial para compreender os processos urbanos da produção capitalista. O autor defende uma divisão

tripartite, por meio da qual o espaço pode ser melhor interpretado: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional. O primeiro é um espaço fixo onde são registrados ou planejados os eventos, conceituado por Newton e Descartes é o espaço do mapeamento da localização geométrica, das fronteiras físicas, da cidade e do condomínio fechado, “é o espaço primário de individuação”, no qual fazemos parte enquanto pessoas individuais. O espaço relativo tem dois sentidos: 1) de que há múltiplas geometrias que podemos escolher e 2) de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem (Harvey 2012). O espaço era compreendido independentemente do tempo, e nesse contexto houve uma modificação importante na linguagem, com uma passagem do espaço e do tempo ao espaço-tempo ou espaço-temporalidade. É o espaço da localização e dos fluxos, do movimento, da mobilidade, e da compressão espaço-tempo. Já o espaço relacional está associado a Leibniz, a ideia de relações internas, assim um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele (Harvey, 2012), é o espaço que depende de tudo que ocorre ao seu redor, nesse contexto é impossível também separar o tempo do espaço. Assim, para Harvey:

O espaço não é nem absoluto, nem relativo, nem relacional em si mesmo, mas ele pode tornar-se um ou outro separadamente ou simultaneamente em função das circunstâncias. O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão “o que é o espaço?” é por consequência substituída pela questão “como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço?”. A relação de propriedade, por exemplo, cria espaços absolutos nos quais o controle monopolista pode operar. O movimento de pessoas, de bens, serviços e informação realiza-se no espaço relativo porque o dinheiro, tempo, energia, etc, são necessários para superar a fricção da distância. Parcelas de terra também incorporam benefícios porque contêm relações com outras parcelas... sob a forma do arrendamento, o espaço relacional se torna um aspecto importante da prática social humana. (Harvey, 1973 p.13)

De acordo com o autor, há uma interação dialética entre os espaços que auxiliam na compreensão das relações sociais da humanidade. Assim, há também uma preocupação em relação as contradições que existem no espaço urbano, ou seja, quando o Estado, por meio de políticas públicas e a iniciativa privada produzem e priorizam espaços para a produção e reprodução de capital em detrimento do uso pelas pessoas com menos condições econômicas. Harvey (2004, p. 206) faz uma indagação: “Há alternativa, ou, como chegamos a nos convencer de que não há alternativa? “Lembramos que as práticas neoliberais tiveram uma grande



influência em relação a questão de fazer a população acreditar se existe ou não alternativas por meio do controle dos meios de comunicação.

Dessa maneira, lembramos que o fato da concentração de renda, da desigualdade social, do desenvolvimento geográfico desigual, assim como, da degradação cultural e ambiental está diretamente ligada ao aumento das consequências também no aspecto social do indivíduo, e mais ainda, de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Assim, a categoria espaço perpassa como um objeto de análise crucial para entendermos melhor a situação de rua. Portanto, passemos para a próxima seção.

#### **1.4.1 A situação de rua e o espaço**

Primeiramente é importante ter a noção de que é nos espaços e por meio do discurso, conceito abordado no capítulo 2, que se formam as experiências, as transformações e os compartilhamentos de um indivíduo, portanto é essencial para este trabalho o estudo do espaço, já que é uma categoria possível de analisar os discursos da mídia em relação à situação.

De acordo com Santos (2002), existem as áreas “luminosas” e as áreas opacas quase vazias, as primeiras são locais que têm uma grande hegemonia, pois o investimento tecnológico permite o acúmulo e uma movimentação maior de capital. Já as áreas opacas têm menos investimentos e assim mais lentas, são espaços economicamente e socialmente desiguais, e que contribuem para o processo de “apartação” espacial. Os muros e cercas que muitas vezes são construídos por uma classe privilegiada, onde ruas e praças são “protegidas” por vigilantes, criam espaços exclusivos, para os incluídos e assim a inclusão dos excluídos se torna a cada dia mais distante da realidade. De acordo com Buarque:

As vozes que se levantam contra estas cercas argumentam com base na estética e no compromisso com as paisagens e os traçados das cidades, e não com base na falta de ética de cidades onde os habitantes do mesmo país são vistos constantemente como invasores. (Buarque, 1993, p.22)

Dessa forma, é possível compreender que alguns desses espaços que são “vetados” (Bauman, 2009) e separatistas, têm a intenção de dividir, segregar e não de criar pontes, convivências locais e nem têm a intenção de reunir os habitantes, tanto por uma questão estética quanto da própria relação entre os diferentes indivíduos, portanto podemos concluir que esse processo de segregação espacial é fruto da segregação econômica e social. A população de rua está nesse

contexto de exclusão e segregação, resultando em um grave problema que se instaura e a cada dia aumenta nos grandes centros urbanos do país.

O aumento do processo de individualização assim como o aumento do problema da situação de rua, uma das consequências da desigualdade, fez com que o fenômeno da mixofobia (Harvey, 2009), ou seja, o medo de misturar-se, se tornasse cada vez mais evidente, pois a reação aos vários estilos de vida que se encontram nas ruas das cidades contemporâneas acabam por favorecer as tendências segregacionistas, que pessoas que, mesmo sem conhecerem a história de vida uma das outras, tendem a preferir uma difusão dos espaços. Dessa forma, espaços que compartilham experiências, práticas sociais e discursivas estão cada vez mais raras. Portanto, partimos do pressuposto de que, segundo Harvey (2014) o tipo de cidade que queremos ou projetamos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser ou de relações sociais que buscamos ter. De acordo com o autor Robert Park, a cidade é:

(...) a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedidas de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade, o homem recriou a si mesmo. (PARK, 2014, p. 28)

A relação do espaço com o problema da situação de rua, por meio do discurso da mídia, precisa ser analisada através da ótica de que existe alternativa e de que a mídia pode contribuir, no sentido de facilitar as impressões espaciais e sociais de pessoas que vivem nessas condições, incidindo assim sobre a mobilidade da vida urbana, sobre o modo como percebemos as experiências em um determinado espaço. Dessa forma, esta pesquisa, de natureza linguística, se preocupa em descrever a representação discursiva da mídia em relação a pessoas em situação de rua, perpassando pela categoria espaço. Para melhor compreendermos os conceitos linguísticos que baseiam este trabalho, passo ao capítulo dois.

## CAPÍTULO 2

### FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA

Neste capítulo, iremos abordar as questões teóricas que sustentam esta pesquisa. Primeiramente, preocupamo-nos com a base norteadora que faz com que meu estudo tenha um embasamento social e ao mesmo tempo discursivo, qual seja a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) e a Teoria Social do Discurso (TSD), que servem para a análise das diversas relações entre as práticas de ideologia, identidade e as práticas discursivas. Para isso alguns conceitos são relevantes e significativos pois possibilita-nos entender como funcionam as relações sociais, em um contexto sociohistórico, e assim, para ajudar-nos a perceber como as pessoas podem influenciar ou transformar algo por meio da linguagem em um determinado momento e, assim discutir melhor a possibilidade de mudança. Para isso, utilizaremos do conceito de discurso e como ele é construído e sustentado em uma determinada estrutura social. Dessa forma, consideramos importante investigar a representação da identidade e do poder de pessoas em situação de rua na categoria espaço, e assim, estudar a relação entre a língua e a sociedade, o que nos remete ao conceito de ideologia, pois faz parte deste processo de entendimento como parte irreduzível da vida social e que está presente nos diversos discursos de jornais on-line pertencentes as cinco regiões brasileiras.

Nossa opção pela Análise do Discurso Crítica, também, apoia-se no argumento de que a ADC é uma teoria-metodológica transdisciplinar que nos possibilita analisar, por um lado, a questão linguística e, por outro, a questão social por meio do contexto de eventos discursivos produzidos e reproduzidos pela e na sociedade. Deste modo, na seção 2.1 apresentaremos a ADC como teoria e método e conceituaremos sua importância para o estudo desta pesquisa, logo após, optamos por identificar algumas categorias, de acordo com os nossos dados, que se mostraram mais relevantes para esta pesquisa. Portanto, em 2.2 apresentaremos a relação entre discurso e contexto, faremos uma subseção em 2.2.1, para explicar melhor a Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF) e sua relação com a ADC, logo após, na seção 2.3 utilizaremos da teoria da representação dos atores sociais com a finalidade de compreender melhor o papel dos atores sociais representados pela mídia em relação à situação de rua, também em 2.3.1, já em 2.4 deslocamos nossa atenção para a o conceito intertextualidade como uma categoria analítica. Em 2.5 Explicaremos a importância da interdiscursividade nos textos. Já em 2.6, faremos algumas considerações a respeito da representatividade da mídia. Em 2.7 abordaremos a

transdisciplinariedade na ADC, lugar em que abordaremos os conceitos de Identidade e, em 2.8, a Ideologia. Passamos, agora, a dedicar nossa atenção a escolha teórica.

## 2.1 ADC como teoria e método

A produção de um texto assim como sua interpretação perpassa por uma série de questões teóricas, sociais e linguísticas. Segundo Halliday (2014, p.3), o texto refere-se a qualquer instância da linguagem que faça sentido para alguém, um recurso utilizado para fazer sentido dentro de um determinado contexto, sendo assim, um processo de construção de significados. Por conseguinte, a investigação crítica da linguagem de um texto, o qual também é um meio de comunicação intrínseco e necessário à sociedade, representa e reflete aspectos do mundo, pois os usos e os acessos aos textos podem afetar a relação entre as pessoas que, por sua vez, podem produzir textos para usá-los como um meio de dominação. Em vista disso, a análise linguística, de vertente crítica, que está diretamente ligada à mudança social, considera a importância de esclarecer e descrever a linguagem. A ADC tem como um dos percussores mais influentes o linguista britânico Norman Fairclough, que, segundo Magalhães 2005, em meados de 1980, com o artigo do *Journal of Pragmatics*, deu início ao estudo da ADC com questões envolvendo as diversas relações entre textos e os conceitos de poder e ideologia.

A Análise do Discurso Crítica é uma teoria e uma metodologia de caráter heterogêneo, pois dialoga com outras teorias sociais e linguísticas. Há uma diversidade de abordagens de estudo da linguagem que, além de se complementarem, tornam-se transdisciplinares e coerentes entre si como, por exemplo, a análise linguística com um foco funcionalista, que será apresentado na próxima seção. A interação de métodos e teorias faz se essencial para a compreensão da linguagem como um espaço de luta, de dominação, de desnaturalização e do percebimento de práticas de poder assimétricas. De acordo com Fairclough (2001, p.28), o método é crítico para mostrar conexões e causas que estão ocultas, além de mostrar a possibilidade de uma intervenção social por meio de mudanças para aqueles que estão em desvantagens. Assim, a ADC mostra-se como uma abordagem crítica da linguagem que analisa as mudanças e os efeitos sociais de textos nas relações e práticas da sociedade.

Para Fairclough (2003, p.15), a justificativa para a ADC ser uma abordagem de estudo científico e de crítica social deve-se ao propósito desta, enquanto ciência social, proporcionar uma base científica para um questionamento crítico, em aspectos morais e políticos, por exemplo, em termos de justiça social e poder. Dessa forma, a Análise do Discurso Crítica enquanto Teoria Social do Discurso, proposta por Fairclough, aplica-se a análise de textos e

práticas discursivas inseridas em um contexto sócio-histórico, tendo o discurso, que pode ser compreendido como parte do sistema de práticas sociais, como um método de estudo analítico.

Fairclough apresenta a Teoria Social do Discurso como parte de sua teoria em Análise do Discurso Crítica, podendo ser compreendida como uma abordagem que analisa a linguagem nas relações humanas do e no mundo social. Em vista disso, alguns conceitos e questões são destacados na obra do autor, como o conceito de discurso, prática social e prática discursiva, que juntos fazem parte da abordagem da ADC. Assim, o termo discurso é evidenciado nesta dissertação, pois, de acordo com esta concepção, Fairclough (2001, p.90) propõe, ao usar o termo discurso, considerar o uso da linguagem como forma de prática social, e não um aspecto individual, pois isto envolve questões econômicas, políticas, culturais e ideológicas (Fairclough 2001, p. 90). Desta forma, o estudo do conceito de discurso está inserido na abordagem da ADC, considerada como um elemento irreduzível dos processos sociais, pois está baseada em uma visão de que a vida social significa redes interligadas de práticas sociais de diversos tipos (econômica, social, cultural).

Na intenção de reunir algumas tradições analíticas importantes para a formação da ADC, Fairclough propôs um método a partir de um modelo analítico tridimensional, pois aborda três elementos analíticos indispensáveis na análise do discurso, em que se investiga os eventos discursivos de uma situação em relação ao texto, a prática discursiva e a prática social. Conforme mostra a figura a seguir:



Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso de acordo com Fairclough (2001, p.101)

Nesta concepção analítica, Fairclough (2001, p.127) trabalha os textos a partir de um conceito limitado, pois, em 2003, com a obra “Analysing Discourse”, o autor passa a usar o termo ‘texto’ com um sentido mais amplo, sendo assim, “qualquer uso real da linguagem” (Fairclough, 2003 p.3). Em relação as práticas, Fairclough (2001, p. 90) considera a linguagem como elemento da prática social, portanto o conceito de prática social é importante para esta pesquisa, pois permite uma ideia mais abrangente entre a perspectiva da estrutura social, assim há uma relação dialética, pois, o discurso molda e é moldado. O autor também considera que o texto e a prática

social são dimensões do evento discursivo, mediados pela prática discursiva. Ao focalizar as questões discursivas nos elementos estruturais é preciso observar a reformulação feita por Fairclough para o conceito Foucaultiano de ‘ordem do discurso’, que, para o autor, ordens de discurso são redes de práticas sociais no aspecto da linguagem, são combinações particulares de gêneros, discurso e estilos, conceitos que serão discutidos nas próximas seções, socialmente estruturados.

As formas de ação e interação são moldadas pelas práticas, deste modo as práticas podem ser modos de manipulação assim como de exclusão nas estruturas sociais. Fairclough (2001, p. 91) entende que as ‘estruturas sociais’ são tanto uma condição como um efeito da prática social, assim a relação que se estabelece entre as duas torna-se importante para este trabalho, pois analisar a estrutura social significa ter o conceito da prática alinhado às análises. O autor também destaca a importância da prática discursiva, definindo-a como um modo particular da prática social que focaliza o consumo, a produção e a distribuição textual, assim como processos sociais que envolvem o contexto em que o discurso foi gerado. Vejo aqui a importância de salientar que o conceito de prática social, texto e de prática discursiva mostram-se relevantes para esta pesquisa, pois a ligação entre o nível social e textual faz parte da abordagem da ADC, que analisa a mediação entre o social e o linguístico, o estudo das dimensões discursivas da mudança cultural e social, Fairclough (2001, p.91). O modelo tridimensional, relaciona, dialogicamente, aspectos da língua e do social em uma conjuntura analítica e importante para o estudo da ADC.

Em 1999, Chouliaraki e Fairclough ampliam o arcabouço teórico - metodológico da ADC, isso porque no trabalho de Fairclough de 1992/2001 a centralidade principal era em torno do discurso. Já na edição de *Discourse in late modernity* (1999), há uma amplitude em relação ao discurso e a outras teorias sociais e conceitos da ADC, agora o foco está na identificação, análise e solução de problemas da vida prática presentes nos textos, assim como a questão da dimensão da influência da modernidade ligada à linguagem. De acordo com Giddens (2002), a questão da modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. Segundo o autor, a questão da identidade ligada à modernidade, estabelece a forte interconexão entre o eu e a sociedade, neste contexto, as questões existenciais estão diretamente relacionadas à modernidade, em seus diversos meios globais, assim o “eu” está em um processo reflexivo de conectar a mudança pessoal e social. Tais processos fazem parte da conjuntura da ADC, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 22) definem “conjuntura” como um conjunto relativamente durável de pessoas, materiais, tecnologia e práticas que estão inseridos em um projeto social específico. É importante observar tais questões, não em um

aspecto individual, mas tendo consciência de que certamente há visões particulares em sistemas particulares de interesses específicos. Em vista disso, Choulariaki e Fairclough (1999) mostraram a importância do conceito de modernidade tardia para o estudo crítico da linguagem e chamaram atenção para o fato de como as transformações sociais, culturais e econômicas podem afetar a identidade por meio do discurso, assim, de acordo com Harvey (1996) a linguagem passa a ser não apenas um meio: é um elemento constitutivo da prática social ”.

Neste novo modelo teórico, a metodologia é baseada a partir de cinco estágios de análise. Primeiramente é preciso *identificar o problema*, analisando em qual parte as relações assimétricas estão entrelaçadas na vida social, depois identificar *os obstáculos a serem enfrentados*. Com isso, o analista do discurso deve especificar os elementos e práticas que precisam ser superados, e para tal alguns itens precisam ser inseridos na análise, como: a análise da conjuntura, a análise de uma prática particular e a análise do discurso. O terceiro estágio consiste em analisar *a função do problema na prática*, pois mais do que uma descrição do problema em questão, a averiguação que o problema exerce nas práticas discursivas e sociais torna se importante para a análise que se propõe a realizar. *Os possíveis modos de superar os obstáculos* é a quarta etapa, além de identificar as funções dos problemas, o analista precisa encontrar uma maneira de transformar e superar o problema. Por último, é necessária uma reflexão *da análise*, o analista tem que exercer uma flexibilidade em relação à pesquisa, uma reflexão a respeito das mudanças sociais e discursivas que a pesquisa pode proporcionar. Portanto, o modelo proposto em *Discourse in late modernity* (1999), proporcionou uma ampliação metodológica para as pesquisas que utilizam a abordagem da ADC, uma abordagem que é fortemente influenciada por uma visão dialética entre o social e o discursivo, reafirmando que a pesquisa social discursiva é também uma pesquisa crítica. Desta forma, para aprimorar os conceitos em ADC, alguns anos depois, Fairclough fez algumas modificações em sua teoria relacionada à importância do discurso em relação à reprodução, contestação e a reestruturação da identidade. O trabalho de Halliday foi essencial para desenvolver os conceitos e as funções, que irei apresentar nas próximas seções, que, quando abordadas por Fairclough, o autor reforça, em 1999, que a ADC tem muito a ganhar estreitando os laços com a obra de Halliday.

Já em 2003, Fairclough lança o livro *Analysing discourse* com algumas propostas inovadoras, como por exemplo, a reestruturação da abordagem da Linguística Sistêmico Funcional, proposta por Halliday (2004), com o objetivo de captar e identificar melhor algumas funções que o autor não aprofunda em relação às questões identitárias, no contexto das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. É importante observar que o texto e a linguagem são significativos para compreender as práticas sociais, a produção de um texto, assim como, a

interpretação que perpassa por uma série de questões teóricas, sociais e linguísticas. Dessa forma, segundo Halliday (1994), o texto refere-se a qualquer instância da linguagem que faça sentido para alguém, um recurso utilizado para fazer sentido dentro de um determinado contexto. A respeito dos efeitos sociais de um texto, Fairclough (2003, p.8) argumenta que os textos como elementos sociais causam efeitos e trazem mudança no modo de vida das pessoas e em suas relações na sociedade, assim como é capaz de moldar identidades, como, por exemplo, através de textos publicitários. Em vista disso, a análise linguística que está diretamente ligada à mudança social, considera a importância de esclarecer e descrever a linguagem. Assim, nesta nova conjuntura metodológica e teórica da ADC, há uma articulação entre a linguagem, o discurso e o social de um modo dialético, assim como, as transformações sociais e culturais. Portanto, o diálogo com a Linguística Sistêmico Funcional, faz com que Fairclough (2003) reformule as metafunções de Halliday (1994), fazendo uma reinterpretação das funções ideacional, interpessoal e textual com os conceitos de gênero, discurso e estilo.

Neste novo contexto, o termo discurso passa a ter um sentido mais amplo, como iremos ver na próxima seção, assim como a importância das escolhas lexicais como determinantes para identificar o propósito do discurso. Nesse sentido, a seguir tratamos das categorias analíticas que foram escolhidas para esta pesquisa. Esclarecemos, também, que existem outras categorias, mas que estas foram selecionadas de acordo com os dados da análise.

Portanto, na seção 2.2, iremos focalizar a influência da LSF, destacando sua importância para a ADC e para esta pesquisa.

## **2.2 Discurso e contexto - ADC e LSF**

Nesta parte da pesquisa, faremos um breve levantamento histórico acerca da Linguística Sistêmico-Funcional, que tem como autor principal o linguista Halliday e sua publicação *An Introduction to Functional Grammar*, de 1985. Sua teoria é bastante utilizada em conjunto com a ADC, pois prioriza o estudo da linguagem como forma de comunicação, na interação social. Para a LSF interessa descrever como as pessoas usam a língua nos textos para construir e negociar significados.

A unidade central de análise da LSF é o texto, portanto a teoria sistêmicofuncional dispõe de um importante quadro teórico para o estudo da gramática como potencial de significado, assim como para o estudo das escolhas léxico-gramaticais disponíveis aos falantes de uma língua para significarem em diferentes contextos de uso. É sistêmica pois investiga como as pessoas usam a língua em diferentes contextos, e funcional por mostrar como a língua em uso é estruturada



como um sistema semiótico, Fuzer e Cabral (2010, p.19). A teoria da LSF também é social, pois analisa a relação, por meio da linguagem, dos sujeitos nas diversas situações de uso. Tanto para a LSF quanto para a ADC, a linguagem e o contexto são elementos fundamentais para intermediar as relações humanas dos indivíduos.

A organização do sistema linguístico e as funções sociais que fazem parte da linguagem, são determinantes para estabelecer que o aspecto funcionalista está baseado nas representações de ações, percepções, emoções, comportamentos e várias outras relações humanas, de acordo com as escolhas e significados lexicais de cada indivíduo.

A linguagem desempenha algumas funções, de acordo com a variedade contextual, dessa forma, Halliday (1994), propõe o estudo das Metafunções, definidas por Fuzer e Cabral como:

Metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual). Fuzer e Cabral (2010, p. 32)

As três metafunções interagem entre si, reafirmando o uso da linguagem como construção de significado e de interação social. A LSF apresenta diferentes modos de significados ou metafunções que são realizados por diferentes camadas de estrutura na oração. Portanto, a língua constrói e é construída por diferentes tipos de significados que a teoria modela como metafunções: Ideacional – constrói nossa experiência do mundo em volta e dentro de nós como significado; Interpessoal – realiza o mundo dos papéis sociais e das relações interpessoais como significado; Textual – constrói o significado ideacional e interpessoal como um mundo semiótico de informação organizada como texto em contexto. Desse modo a relação entre a semântica e a gramática estão inseridos na análise linguística e social de um texto.

Primeiramente, é importante lembrar que em 2001, Fairclough subdividiu a função interpessoal em identitária e relacional, segundo ele:

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso. A função relacional, como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas (...). As funções identitárias e relacional são reunidas por Halliday (1978) como a função interpessoal. (Fairclough 2001, p.92)

Fairclough, em seus modelos de análise de discurso, recontextualiza a LSF, alterando alguns pontos da teoria de Halliday, de acordo com seus propósitos analíticos. Fairclough então faz uma ampliação na versão de 2003, na qual, ao invés de função, passa a ser nomear o significado da linguagem. O diálogo entre a ADC e a LSF, ocorre agora pela relação entre as macrofunções

de Halliday (1994) - ideacional, interpessoal e textual – ligadas aos conceitos de gênero, discurso e estilo, três macrofunções de Halliday são interpretados por Fairclough (2003) como os significados acional (modo de agir), representacional (modo de representar) e identificacional (modo de ser), dessa forma, gêneros, discursos e estilos são, respectivamente, formas de atuar, representar e identificar. Observa-se que para Fairclough não há um significado específico para a função textual, pois a mesma está integrada ao significado acional. Para melhor esclarecer a visão de Fairclough (2003) em relação as funções de Halliday (1994), adoto o quadro elaborado por Ramalho e Resende (2006):

LSF (Halliday, 1985)		ADC (Fairclough, 1992)		ADC (Fairclough, 2003)
Função Ideacional	→	Função Ideacional	→	Significado Representacional
Função Interpessoal	→	Função Identitária	→	Significado Identificacional
	↘	Função Relacional	→	Significado Acional
Função Textual	→	Função Textual	→	

Quadro 1. Recontextualização da LSF na ADC em Resende e Ramalho (2006, p. 61)

Ao analisar os três significados propostos por Fairclough (2003) – acional, representacional e identificacional - a análise do discurso se propõe a dialogar e articular quais gêneros, discursos e estilos estão presentes nos textos em eventos sociais específicos.

O autor argumenta que o primeiro significado chamado de acional diz respeito a maneira de agir e interagir, já que podemos usufruir da fala e da escrita para praticar e transformar ações. Este significado está relacionado ao gênero discursivo, opto pelo “gênero discursivo” por estar relacionado a ordem do discurso, ou seja, uma rede de práticas sociais no aspecto da linguagem. De acordo com Fairclough (2003), quando analisamos um texto ou interação em termos de gênero, estamos verificando como ele se articula e contribui para a ação social e na interação em eventos sociais, ou seja, práticas e discursos particulares adotam gêneros discursivos também particulares no mundo. O autor ainda defende que os gêneros variam quanto à sua estabilização, fixidez e homogeneização, neste mesmo contexto, ele considera que as transformações sociais do Novo Capitalismo podem ser vistas como mudanças na rede de práticas sociais e mudanças nas formas de ação e interação. A partir do contexto da LSF, passemos agora ao estudo do Sistema da Transitividade, uma categoria de análise que selecionamos para nosso trabalho.

### 2.2.1 Sistema da transitividade

Primeiramente, é importante ressaltar que a Gramática Sistêmico-Funcional é uma gramática que constrói significados, assim como, insere-se na teoria sistêmico funcional que estuda as escolhas léxico-gramaticais disponíveis aos falantes de uma língua para significarem em diferentes contextos de uso (ver também em Fuzer e Cabral (2014, p. 19). Nessa gramática, a parte responsável pelas análises dos significados experienciais é o sistema da transitividade, a averiguação na oração de elementos tais como: processos, participantes e circunstâncias. É uma gramática que constrói significados, assim como, se insere na teoria sistêmico funcional que estuda as escolhas léxico-gramaticais disponíveis aos falantes de uma língua para significarem em diferentes contextos de uso.

A partir de uma definição mais geral, podemos caracterizar o Processo como um indicador da experiência, ou seja, atividades humanas realizadas no mundo, em relação à categoria verbal este elemento é composto por grupos verbais. Já os participantes podem ser definidos como os seres (muitas vezes inanimados ou animados) envolvido na oração e o grupo verbal mais típico são os nominais. A Circunstância é geralmente a causa, o tempo, o modo, o lugar em que o processo se desenvolve, representada por grupos verbais adverbiais.

Os Processos podem ser divididos em seis tipos, de acordo com características que dizem respeito aos tipos de verbos, contexto da frase além da representação desse processo em relação ao mundo. Primeiramente, destacam-se as Orações Materiais, que são as orações do “fazer e acontecer”, os Processos Materiais constroem o que está acontecendo ou sendo feito no mundo físico, externo. Respondem à questão: “Quem fez o quê?” ou “O que aconteceu?”, em relação aos participantes pode-se dividir a oração em Transitivas (quando há dois participantes) e Intransitivas (com apenas um participante). Além disso, ela pode ser subdividida em Orações Criativas, quando o participante passa a estar no mundo, e as Orações Transformativas, em que os participantes passam por algum tipo de mudança, transformação. Os participantes nas Orações Materiais também são divididos em cinco grupos: Ator (pratica a ação); Meta (é atingido pela ação); Escopo (entidade, em que o participante não é afetado pelo processo), Escopo- processo, (o participante faz, produz o próprio processo), Beneficiário (o participante é beneficiado, podendo ser o Cliente ou o Recebedor).

Já as Orações Mentais referem-se a outra categoria no Sistema da Transitividade, os Processos Mentais codificam o mundo interno do pensamento, da percepção e do sentimento (cognição, percepção, afeto, desejo). Os rótulos dos Participantes refletem a função desses elementos nos processos mentais. Em relação ao papel dos participantes, o participante central

é definido como Experienciador (geralmente representado por humanos ou entidades inanimadas, porém criadas pela consciência humana) e o complemento de seu processo designado como Fenômeno pode ser realizado por um grupo nominal ou uma oração encaixada que resuma o que é pensado, desejado, percebido, gostado ou não: pessoa, objeto concreto, fato (oração). Este tipo de oração é dividido em quatro importantes grupos; Orações Mentais Perceptivas (relacionadas aos cinco sentidos humanos), Orações Mentais Cognitivas (abordam o que é sentido, desejado etc.), Orações Mentais Afetivas (exprimem intensidades de afeições), Orações Mentais Desiderativas (relacionadas ao desejo ou vontade).

Nas Orações Relacionais a divisão é feita entre o tipo de relação e o modo de relação, servem para caracterizar e identificar. As Orações Relacionais constroem a experiência do mundo físico e a experiência do mundo da consciência como “ser”, em vez de “fazer” e “sentir”. Dentre os tipos identificamos três: Intensivo, que é usado para qualificar e geralmente usado com os processos Ser e Estar. Há também as orações circunstanciais e as Orações Possessivas. Em relação ao modo das orações, pode-se dividi-las em atributivas, nas que ocorrem dois participantes, o Portador (o qual é atribuída a característica) e o Atributo. Há ainda as Orações Identificadoras, na qual se mostra a identidade de um ser, sendo seus participantes definidos como Identificado e Identificador.

Os Processos do Dizer são representados pelas Orações Verbais em que os participantes são divididos em: Dizente (falante), Verbiagem (o que é dito), Receptor (a quem é dirigida a mensagem) e Alvo (ser que é atingido pela oração). Já os Processos que envolvem o comportamento, o psicológico e o fisiológico são representados pelas Orações Comportamentais, em que o participante é chamado de Comportante. Por último, tem-se as Orações Existenciais constituídas pelos processos “haver, existir” e com participante denominado Existente.

O uso da gramática sistêmico-funcional para o estudo e a análise de textos envolve uma descrição gramatical que privilegia a relação de textos aos seus contextos. É uma teoria que se preocupa com o significado e sua unidade semântica é o texto, assim a LSF faz uma associação entre a linguagem e homem em seus diversos contextos. Portanto, outra maneira de representação de aspectos do mundo na sociedade como forma de legitimação do discurso, pode ser contestada por meio das categorias Da representação dos atores sociais proposta por Van Leeuwen (2008), que iremos apresentar na próxima seção.

### 2.3 Teoria da Representação dos Atores Sociais

As formas e representações ideológicas podem ser identificadas também por meio das categorias de *representação dos atores sociais*, proposta por Van Leeuwen (2008), o autor usa a expressão “atores sociais” para designar as pessoas no discurso. O autor tem um estudo relevante para esta pesquisa, em que analisa os atores sociais e seu papel sócio semântico e as formas como os são apresentados e representados nos textos. Essas formas podem representar diferentes efeitos sociais e discursivos, assim, de acordo com o modo como um determinado ator social é inserido no texto pode nos levar a perceber a posição ideológica do autor desse mesmo texto. Cada categoria proposta pelo autor está relacionada a escolhas linguísticas. Portanto, usamos uma figura simplificada para melhor resumir as categorias de análise de Van Leeuwen:

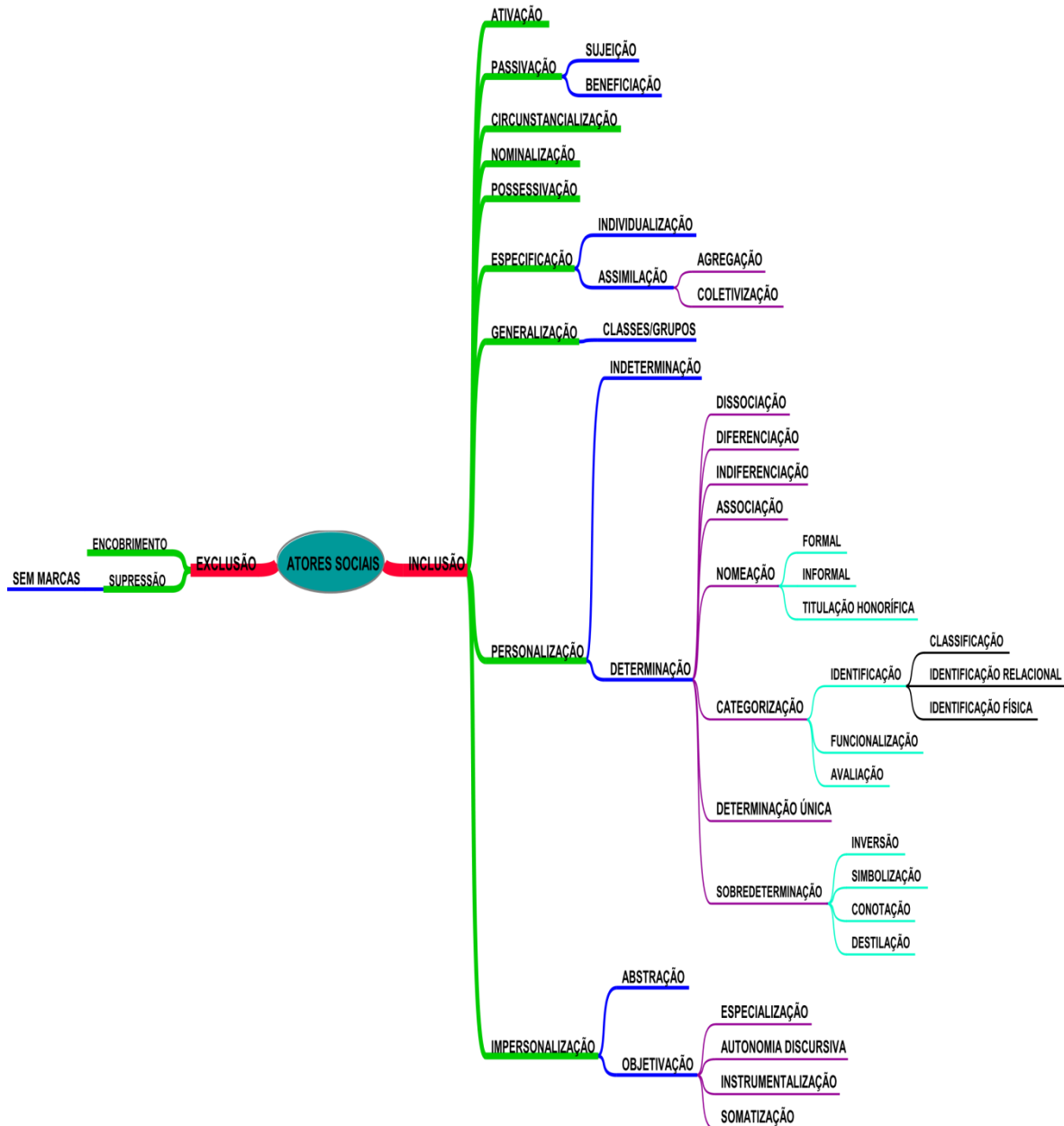


Figura 2. Síntese das categorias de Representação social de Van Leeuwen (2008, p. 219)

O modo como agimos ou nos posicionamos em relação a um dado problema ou questão do mundo está relacionado com nossas escolhas conscientes e linguísticas que podem, por exemplo, corresponder a relações de poder, dominação e identidade. Portanto, a investigação e análise da teoria da Representação dos Atores Sociais pode nos direcionar a uma determinada representação a respeito da ação de atores sociais nos discursos, podendo assim nos desvelar como estão agindo na produção de transformações de práticas sociais e discursivas. Desse modo, cada escolha representacional feita por Van Leeuwen está ligada a realizações linguísticas específicas. Nesta pesquisa, iremos destacar apenas algumas das categorias, que podem ser mais úteis, ao nosso propósito analítico, em relação as representações ideológicas

nos textos e nas interações sociais analisadas. Sendo, o foco da pesquisa, a situação de rua e a categoria espaço analisadas nas reportagens dos jornais de maior circulação das cinco regiões do Brasil. Os textos analisados da mídia em relação a este tema, apontam para algumas categorias específicas que representam o ator social da pessoa em situação de rua e assim uma identificação ideológica, que será analisada no próximo capítulo. Antes de ilustrar algumas categorias, ao fazer as análises propostas por Van Leeuwen, levantamos alguns questionamentos, para melhor esclarecer os dados: quais atores sociais têm papel ativo e quais têm papel passivo? Quais as opções linguísticas escolhidas por esses atores, em quais contextos sociais e institucionais?

Em nossa pesquisa, algumas categorias são mais presentes e ocorrem com uma maior frequência. Assim, a primeira categoria é a exclusão por supressão. Segundo Van Leeuwen (2008, p. 200) a *supressão* de atores sociais ocorre por duas razões: porque os leitores já o/s conhecem, então seria redundante explicitá-los; ou para bloquear o acesso ao conhecimento pormenorizado de uma prática por algum motivo. O *encobrimento* também é visto nas análises de atores sociais, colocando-os o em segundo plano, pode resultar de elipses ocorridas em orações infinitivas e em orações paratáticas. Nesses casos, os atores sociais são excluídos e incluídos em algum lugar na mesma oração ou complexo de orações. As duas realizações secundarizam os atores sociais em graus diferentes, mas ambas desempenham o seu papel na redução da quantidade de vezes que atores sociais específicos são explicitamente referidos. Outra categoria é a *impessoalização por abstração* que ocorre quando atores sociais são representados por meio de uma qualidade atribuída a eles na representação. A *nomeação* (em que nomes próprios são citados), de certa forma, significa uma valorização do autor nomeado (Van Leeuwen, 2008, p. 200).

Buscando investigar as relações que envolvem a situação de rua e os textos analisados, passemos, agora, a refletir acerca do conceito da intertextualidade.

## **2.4 Intertextualidade**

Outra categoria importante para esta pesquisa é a questão da intertextualidade presente nos discursos, ou seja, a presença de diferentes textos incorporados ao texto principal. Nesse sentido, Fairclough (2003, p. 47) reafirma que para qualquer texto ou tipo de texto em particular,

há um conjunto de outros textos e um conjunto de vozes<sup>8</sup> que são potencialmente relevantes, e, potencialmente, incorporadas ao texto.

Algumas indagações se fazem importantes aqui: quais os textos e vozes estão incluídas, quais estão excluídas, e quais ausências significativas que existem? Portanto, é possível identificar as vozes do texto de acordo com as escolhas linguísticas e assim analisar relações de poder na linguagem, por meio da intertextualidade do discurso?

O conceito de intertextualidade tem uma relação histórica com a análise de discurso, desde que Kristeva (1986) introduziu a obra de Bakhtin, com base na teoria de gênero em que considera um encadeamento de textos. Assim cada texto é composto por textos já existentes ou que ainda vão existir. Portanto, o conceito de intertextualidade é importante para esta pesquisa, pois pode indicar as transformações sociais e discursivas presente nos textos analisados, assim como, a identificação de discursos e vozes específicas, revelando o posicionamento dos sujeitos. Outro conceito importante que está inserido na intertextualidade é a intertextualidade manifesta, ou seja, quando se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto, assim aparece na superfície textual (Fairclough, 2001). Dessa forma, uma das subdivisões da intertextualidade manifesta é o metadiscorso, quando o produtor do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio texto e distancia a si próprio de alguns níveis do texto. Para Fairclough (2001, p.157), o “metadiscorso implica que o falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de manipulá-lo e controlá-lo”, dessa forma, os sujeitos são constituídos no discurso e também estão envolvidos nas práticas. As identificações da intertextualidade no texto bem com as vozes presentes podem revelar as marcas ideológicas escolhidas e a representatividade no discurso.

## **2.5 Interdiscursividade**

O conceito de discurso, assim como a representação de textos é associada a representação de aspectos do mundo. O discurso é interpretado por Fairclough (2003) como formas de representar aspectos do mundo, assim diferentes discursos nos remetem a diferentes perspectivas a respeito do mundo, que por sua vez depende das posições relacionais que as pessoas têm, suas identidades sociais e pessoais, e as relações sociais com outras pessoas, como, por exemplo, modos de se relacionar. O discurso está associado a maneiras e atitudes distintas

---

<sup>8</sup> Nesta pesquisa o uso do termo ‘vozes’ está relacionado ao conceito de polifonia de Bakhtin.



de perceber e interpretar o que está ao nosso redor. Nesta pesquisa, compartilho a noção de discurso de Fairclough:

“Discursos não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como ele é visto) eles também são projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e amarrado em projetos para mudar o mundo em direções particulares. As relações entre diferentes discursos são um elemento das relações entre pessoas diferentes - eles podem complementar-se, competir um com o outro, pode-se dominar os outros, e assim por diante.” (FAIRCLOUGH, 2003 p.112)

Nesse sentido, Fairclough (2003) considera que o discurso além de ser uma prática de representação é também uma significação, pois os sujeitos ou grupos sociais constroem suas práticas. A interação entre o discurso e a sociedade é o fato de que o discurso molda e é moldado pela estrutura social. Por meio do discurso, podemos identificar visões particulares do mundo, e assim, utilizar como parte irredutível da vida social dos indivíduos, pois faz parte da maneira de se relacionar entre si, dominar e ser dominado, portanto, diferentes discursos podem indicar aspectos distintos de pensamentos. Desse modo, a interdiscursividade é uma categoria rica que pode nos mostrar como o mesmo aspecto do mundo pode ser interpretado e representado por perspectivas diferentes, discursos diferentes, por meio de um mesmo texto com articulações discursivas distintas. Uma análise interdiscursiva de textos está preocupada com a identificação de quais discursos são representados, e como eles são articuladas em conjunto. Podemos ver um texto tendo como base um discurso, mesmo se a realização desse discurso no texto é mínima - talvez não mais do que uma única palavra (Fairclough, 2003, p. 218). A identificação de um discurso em um texto cumpre duas etapas: a identificação de que partes do mundo são representadas, os “temas centrais” e a identificação da perspectiva particular pela qual são representadas. As maneiras particulares de representação de aspectos de mundo podem ser especificadas por meio de formas linguísticas, que realizam um discurso. O mais evidente dessas formas é o vocabulário, pois diferentes discursos "lexicalizam" o mundo de maneiras diferentes (Fairclough, 2003, p.118).

As categorias analisadas serão aplicadas no estudo da representação de pessoas em situação de rua, na mídia brasileira. Portanto, dedicamos uma subseção para conceituar este contexto.

## **2.6 A representação da mídia**

Nesta pesquisa, iremos analisar textos da mídia em relação às pessoas em situação de rua e a categoria espaço, mais especificamente como é a representação linguística da mídia em relação

a essas pessoas no contexto da categoria espaço. Com este objetivo, dedicamos esta subseção para fazer uma breve análise a respeito da mídia como um elemento que pode ter o poder da manipulação e domínio, por meio do discurso.

O discurso jornalístico é bastante fértil para análises discursivas. É por meio dele que diferentes sujeitos se submetem a expor suas opiniões, informações e conceitos de mundo. É um âmbito também muito polêmico, já que a grande questão da manipulação está presente ao longo de determinada matéria e impregnada na própria imprensa. De acordo com Fairclough (2001), o discurso além de ser uma representação de mundo, se torna uma significação de mundo, assim, aquilo que a imprensa transmite, por meio do discurso, evidência uma significação. Assim, cabe aos analistas do discurso, desconstruir detalhadamente o que é representado e esclarecer qual é a verdadeira intenção da mídia, quais ideologias, poder e significações estão sendo veiculados.

A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real. (ABRAMO, 2003, p. 24)

O discurso contribui para estabelecer e criar relações sociais, assim como, para construir sistemas de conhecimento e crenças entre os sujeitos (Fairclough, 2001). Uma das grandes características da mídia é o poder de seu discurso polifônico e o alcance sistematizado, por meio dos meios de comunicação. Portanto, a influência do discurso jornalístico na construção de crenças, representações e identidades é de suma importância para analisar que tipo de discurso e de significado que se irá transmitir para a população e como isso se reflete na representação do outro e assim nas práticas sociais dos indivíduos.

Acreditamos que incorporado a esses conceitos de representação, a questão da Identidade e da Ideologia se tornam importantes para uma melhor análise da linguagem como instrumento de mudança social.

## **2.7 Identidade**

Com o objetivo de melhor associar a ADC com a questão da identidade, optamos por apresentar alguns autores como Giddens (1938) e Castells (2002), por acreditarmos que suas contribuições servem para ampliar as análises de meus dados.

A concepção de identidade é composta de diferentes abordagens. De acordo com Giddens (2002), a questão da modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. Assim uma das características da modernidade é a “crescente interconexão entre os dois extremos da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes e disposições pessoais de outros” (GIDDENS, 2002, p. 9). O estudo de Giddens têm como propósito identificar características estruturantes no núcleo da modernidade que interagem com a reflexividade do eu relacionado ao discurso e as transformações sociais da linguagem. Dessa forma, o autor afirma que a vida social moderna é caracterizada pela constante reorganização do tempo e espaço, associada aos mecanismos de desencaixe, que se relacionam ao “deslocamento de relações sociais de um determinado contexto para a reestruturação indefinidas de tempo-espaço” Giddens (2002, p. 17). As identidades, de acordo com Fairclough (2003), estão ligadas as ordens do discurso (gênero, discurso e estilo), assim elas são representadas linguisticamente e alguns elementos são essenciais no seu conceito.

A confiança e o risco são conceitos com uma grande proximidade em relação a modernidade. A confiança, segundo o autor é um fenômeno genérico do desenvolvimento da personalidade e tem relevância para os processos de mecanismos de desencaixe e sistemas abstratos, ela é também um meio de interação com os sistemas abstratos que esvaziam a vida cotidiana de seu conteúdo tradicional ao mesmo tempo em que constroem influências globalizantes. Já em relação ao risco, Giddens define a modernidade como uma “cultura do risco”, assim o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento.

A reflexividade do eu, de acordo com o pensamento do autor, afeta de modo difuso o corpo e os processos psíquicos, assim o corpo passa a ser reflexivamente mobilizado. Espaços, contextos e conceitos de luto também fazem parte do processo de construção dessa modernidade, assim, o luto deriva da perda dos prazeres e experiências compartilhados, somados ao necessário abandono das esperanças investidas em uma determinada relação. Portanto, o advento da modernidade traz mudanças significativas e importantes no ambiente social e externo do indivíduo, refletindo na identidade, no novo sentido da identidade. A questão da identidade ligada a modernidade, estabelece a forte interconexão entre o eu e a sociedade, ou seja, as questões existenciais estão diretamente relacionadas a modernidade, em seus diversos meios globais, assim o “eu” está em um processo reflexivo de conectar a mudança pessoal e social.

Giddens (1991) explica o conceito geral de modernidade como: “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII

e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Assim o autor observa as consequências dessa modernidade, que vem se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes, por isso a importância de debater esse conceito para entender melhor a realidade humana. Outro conceito que

Giddens (2002) apresenta com bastante propriedade é o que ele chama de “contornos de uma ordem nova e diferente” que é “pós-moderna”, o que é diferente da pósmodernidade, que é como uma série de transições imanentes afastadas dos diversos feixes institucionais da modernidade.

Na ordem da modernidade, o autor destaca três concepções vindas do impacto da teoria social clássica na sociologia e que são bases para o estudo da identidade. Portanto, ele discute três fontes dominantes do dinamismo da modernidade, que se relacionam; a separação tempo- espaço, que propicia meios de zoneamento preciso temporal e espacial, a sociedade moderna precisa deste distanciamento espaço- temporal dos sujeitos. O outro fator é o desenvolvimento de mecanismo de desençaixe, que reorganiza atividades sociais dos contextos “próprios”, por meio da distância tempo- espaço, tais mecanismos podem ser representados de acordo com alguns métodos como as fichas simbólicas e sistemas peritos que envolvem a confiança, a qual opera em ambientes de risco. E por último, a reflexividade da vida social moderna, de acordo com Giddens (2002, p. 25) “é a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas”.

Fairclough e Wodak (2003), destacam a importância de Giddens (1991), quando citam a perspectiva deste autor em relação à linguagem nas e para as sociedades modernas, destacando assim a visão do homem em voltar a si e tomar consciência de suas ações, por meio do discurso. Por conseguinte, Resende e Ramalho (2011) questionam se pessoas em situação de rua, que estão em condição de vulnerabilidade social, podem ocupar-se da escolha do auto reflexibilidade. Algumas dessas pessoas têm acesso a programas governamentais, mas ainda assim, será que elas têm incorporadas o conceito de reflexibilidade para construírem e constituírem suas próprias identidades? Assim as diversas noções de identidade, para esta pesquisa, fazem- se relevante, no sentido de procurarmos entender melhor a situação de rua.

Outra abordagem de grande relevância para este estudo é a de Manuel Castells (2002), que examina o poder da globalização em relação à identidade, e assim, afirma que a nova ordem do capitalismo introduz uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede, caracterizada pela forma de organização em redes, pela flexibilidade e instabilidade do emprego e pela individualização do contexto, a mídia também é parte essencial dessa sociedade, um sistema

interligado e diversificado. Assim, segundo o autor, cria-se um espaço de fluxos e um tempo “intemporal” como expressões das atividades e elites dominantes, pois há uma transformação material do tempo e do espaço.

Castells (2002) entende a identidade como a fonte de significados e experiência de um povo, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes. O autor nos lembra que não se deve confundi-la com papéis, pois estes determinam funções e a identidade organiza significados. A construção da identidade depende da matéria prima proveniente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade. Há uma distribuição entre três formas e origens de construção de identidades:

- Identidade legitimadora: introduzida pelos dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;
- Identidade de resistência: criada por atores contrários a dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou opostos à sociedade;
- Identidade de projeto: quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade.

Os tipos de identidades estão altamente relacionados com a questão da identidade e assim da sociedade em rede. Cada tipo de identidade leva a resultados distintos: a identidade legitimadora da origem a uma sociedade civil, com organizações e instituições; a de resistência forma comunidades, formas de resistência coletiva a alguma opressão e as de projeto produzem sujeitos, atingindo seu significado pela sua experiência. As identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Em nosso caso, está inserida no surgimento da sociedade em rede, que traz à tona novas formas de transformações sociais em relação as pessoas em situação de rua.

Nesse mesmo sentido, a globalização exerce um papel fundamental no processo da sociedade e da identidade, a era da globalização é também a era do ressurgimento do nacionalismo, manifestado pela reconstrução da identidade nacional, portanto, para os atores sociais excluídos ou resistentes é a rede global de riqueza que individualiza a identidade. Os dois autores citados, são porque não entendemos que sejam dois autores em oposição, mas, ao contrário, que se complementam na medida em que a identidade é subjetiva, mas também pode ser vista a partir de uma análise do caráter múltiplo e fragmentário. Para a ADC o conceito de identidade está estritamente ligado à estrutura de poder estabelecido nas práticas sociais, assim justificamos a importância de se estudar a relação do discurso com a identidade e a ideologia, que foco na próxima seção.

## 2.8 Ideologia

A noção de ideologia se faz importante no contexto da ADC e neste trabalho, pois sua desconstrução, modo de produção e reprodução nos textos, pode significar visões de mundo cristalizadas, que servem para manter relações de poder. Já que de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p.26), as ideologias são construções de práticas a partir de compreensões particulares, assim naturalizam perspectivas em direção a seus projetos de dominação. Dessa forma, a definição a respeito do estudo da ideologia é um dos conceitos que está incorporado nas teorias da ADC. Conforme Fairclough (2001):

(...) ideologias são construções ou significações da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Neste trabalho, optamos pelos conceitos de Thompson (1990) e Fairclough (2001, 2003) a respeito da noção que envolve a questão da ideologia aliada ao conceito da ADC. Portanto, o discurso como forma de prática social, relação social e interação textual, está ligado a uma forma de ideologia, e este faz parte das estruturas (ordens do discurso).

Neste trabalho, entendemos que as ideologias são representações de aspectos do mundo que contribuem para estabelecer e manter relações de poder, dominação e exploração. Elas podem ser percebidas em modos de interagir (e, portanto, em gêneros) e inculcadas em modos de ser ou em identidades (e, portanto, em estilos). A análise de textos é um aspecto importante da análise ideológica e crítica, enquadrada dentro de uma mais ampla análise social dos eventos e das práticas sociais (Fairclough, 2003).

Um dos efeitos causais que interessam a pesquisa da ADC é o efeito ideológico de textos, assim as representações ideológicas podem ser identificadas nos textos. De acordo com Fairclough (2003), ao dizer que ideologias são representações que podem ser vistas como contribuindo para relações sociais de poder e de dominação, ele está sugerindo que a análise textual precisa estar enquadrada, a esse respeito, na análise social, que considera a *corpora* textual em termos de seus efeitos nas relações de poder.

Para compreender melhor o conceito de ideologia, nos utilizaremos do trabalho de Thompson (1990) que agrupa o conceito em dois grupos gerais, o primeiro que diz respeito as concepções neutras. De acordo com essa concepção, as ideologias podem ser vistas como “sistemas de pensamento”, “sistemas de crença”, ou “sistemas simbólicos”, que se referem ao social ou a prática política. Segundo Thompson (1990), concepções neutras são aquelas que tentam

caracterizar fenômenos como ideologia, ou ideológicos, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com os interesses de algum grupo em particular. Ideologia, de acordo com as concepções neutras, são um aspecto da vida social (ou uma forma de investigação social) entre outros, e não e nem mais nem menos atraente ou problemático que qualquer outro.

O segundo tipo, de acordo com Thompson (1990, p. 49), referem-se às concepções críticas que são aquelas que possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo. Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia - ou como ideológico - é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos. Concepções críticas de ideologia diferem com respeito aos fundamentos dos quais eles derivam um sentido negativo. Tal concepção dá base para a análise das formas simbólicas. Por “formas simbólicas”, Thompson (1990, p. 58) entende como um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos, entendidas como ideológicas quando sustentam relações assimétricas de poder. O autor também distingue cinco modos por meio dos quais a ideologia pode operar, cabe lembrar que Thompson (1990) não reduz os modos ou estratégias somente a estas: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Tal proposta é explicada, de forma sucinta, no quadro abaixo:

<b>Modos Gerais</b>	<b>Algumas estratégias típicas de construção simbólica</b>
Legitimação	Racionalização, Universalização, Narrativização
Dissimulação	Deslocamento, eufemização, tropos (metonímia, metáfora)
Unificação	Padronização, simbolização pela unidade
Fragmentação	Fragmentação, expurgo do outro.
Reificação	Naturalização, eternalização, nominalização, passivização.

Quadro 2. Adaptado de Thompson (1990, p. 60)

O autor argumenta que o exame das estratégias pode alertar-nos para algumas das maneiras como o sentido pode ser mobilizado no mundo social e como pode delimitar um raio de possibilidades para a operação da ideologia (Thompson, 1990, p. 82). É importante compreender que adotar uma estratégia como ideológica depende de vários fatores, entre eles o contexto.

Segundo Thompson (1990), o modo de operação de ideologia da *legitimação*, ocorre em situações em que relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. Essas representações ocorrem por três formas: fundamentos racionais (apelo às regras e leis), fundamentos tradicionais (sacralidade de tradições) e os fundamentos carismáticos (apelo de uma pessoa individual que exerce autoridade no grupo). Na *racionalização*, o produtor constrói uma cadeia de raciocínio para defender ou justificar relações. Na *universalização*, alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos. Na *narrativização*, exigências são contadas em formas de histórias, com um passado, presente e futuro Thompson (1990, p.83).

Na *dissimulação*, as relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou ainda pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia a atenção das pessoas. A ideologia como dissimulação pode ser expressa em formas simbólicas, por meio de diferentes estratégias como o deslocamento, em que conotações positivas ou negativas de um termo são transferidas a outra pessoa ou objeto. Na *eufemização*, ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva. Por último, *o tropo* que tem o uso da linguagem figurada para representar pessoas, instituições e assim ser usada para dissimular relações de dominação. Desta forma, o uso figurativo da linguagem é uma característica bastante comum do discurso cotidiano, uma maneira eficaz de mobilizar o sentido no mundo sócio- histórico para manter e criar relações de poder, Thompson (1990, p. 86).

O modo de operação da *Unificação* é uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva. Neste modo há duas estratégias, a *padronização*- em que formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, partilhado- e a *simbolização* – construção de símbolos para identificação coletiva.

O quarto modo é a *fragmentação*, em que relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar em um desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo formas de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como ameaçador (Thompson, 1990, p.87). Assim as estratégias consistem na diferenciação, uma ênfase dada as



diferenças entre pessoas e grupos; e o *expurgo do outro*, a construção de um inimigo dada como ameaçador.

O quinto modo é a *reificação*, assim relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas quando há uma situação transitória, histórica apresentada como natural e permanente. Esse modo pode ser expresso pela *naturalização*, quando uma criação social é tratada como se fosse natural, independente da ação humana, outra estratégia é a *eternalização*, em que há fenômenos apresentados como permanentes e imutáveis, a *nominalização*, ações e participantes representados por nomes e por último a *passivização*, o uso de processos na voz passiva.

O estudo dos modos de operação de ideologia para a ADC mostra-se essencial para compreender a relação do discurso com as práticas sociais, de poder e de dominação que estão inculcados na questão da ideologia.

Neste capítulo, abordamos alguns conceitos fundamentais para o estudo da ADC e para este trabalho. Primeiramente, a questão da ADC tanto como teoria quanto método, para percebermos assim a importância da linguagem como parte irreduzível da vida social. O discurso também foi apresentado como um elemento de ação e interação, representação de aspectos do mundo e como parte do processo da identidade. A influência da LSF para a ADC, fez com que o arcabouço teórico de Fairclough se ampliasse e assim, alguns significados foram reformulados, servindo como base para esta pesquisa. A Representação dos atores sociais foi discutida com o objetivo de melhor esclarecer o papel dos atores sociais em relação à situação de rua e à categoria espaço, tema desta dissertação, que também está relacionada aos conceitos de identidade e ideologia.

Dessa forma, passaremos ao capítulo metodológico, a fim de demonstrar as ferramentas dos percursos do trabalho, apresentando assim os objetivos e questões de pesquisa para melhor nortear a base do estudo.

## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA: UM PERCURSO

Neste capítulo, pretendemos explicitar os vários métodos utilizados e os procedimentos que guiam as análises. Partindo do entendimento de que a Análise de Discurso Crítica e o estudo social são motes para conduzir as questões de pesquisa, pretendemos esclarecer o desenho metodológico e de investigação das análises da representação de pessoas em situação de rua e da categoria espaço, por meio de jornais on-line, de grande circulação, das cinco regiões brasileiras. Portanto, para atender melhor ao propósito do trabalho, utilizaremos da pesquisa documental, assim como alguns métodos que serão fundamentais na elaboração da análise textual, especialmente aqueles oriundos da ADC, da LSF, e das categorias elencadas na teoria da Representação dos Atores Sociais (Van Leeuwen), assim como os conceitos de identidade e ideologia que permeiam as análises e foram apresentados no capítulo 2.

#### 3.1 Pesquisa qualitativa

Analisar as problemáticas do mundo de maneira crítica, por meio do discurso, requer uma investigação que conecta o estudo da sociedade, da ideologia, de questões de identidade e de representação. Dessa forma, a pesquisa qualitativa busca significações interpretativas que dão visibilidade aos atores e ao mundo; assim, o pesquisador qualitativo pode ser um pesquisador crítico, e, portanto, faz-se necessário “compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social” (BAUER E GASKELL, 2014, p.32). Com o objetivo de examinar e estudar os fenômenos sociais e as práticas sociais, a pesquisa qualitativa procura compreender o outro e seu significado no mundo e do mundo.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais [...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17).

De acordo com Flick (2004, p. 20) a pesquisa qualitativa difere da quantitativa, por alguns aspectos essenciais relacionados à forma de análise do texto e as reflexões do pesquisador, assim ele apresenta os aspectos da pesquisa qualitativa, com o objetivo de auxiliar na escolha certa de métodos e teorias. Primeiramente, há a apropriabilidade de métodos e teorias para definir temas que podem ser estudados empiricamente, também a condição contextual da ideia, além do planejamento dos métodos. Portanto, as perspectivas dos participantes e sua diversidade, consiste em um aspecto que analisa os significados subjetivos e sociais do objeto de pesquisa.

Outro ponto é em relação a reflexividade do pesquisador e da pesquisa como sendo importantes para reflexões a respeito da produção de conhecimento. Por fim, a variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa, mostra que é possível fazer uma pesquisa com diferentes abordagens.

Desta forma, entendemos que a pesquisa qualitativa analisa as diversas experiências dos indivíduos e suas interações nas práticas sociais, o que se mostra relevante neste trabalho, pois é de suma importância a observação e interpretação de aspectos linguísticos ligados à constituição de identidade e ideologia e da influência em relação ao contexto social, político e econômico do país, questões debatidas no Capítulo um.

Nesse sentido, a desigualdade social faz parte de um longo processo histórico no Brasil, expondo consequências relacionadas a problemas sociais e excludentes para uma grande parcela da população. Entendemos que a modernidade traz mudanças no ambiente social dos indivíduos, influenciando a questão da identidade, e por meio do discurso, percebemos que ela pode gerar relações de conflitos assimétricos. Neste contexto, alguns temas específicos precisam ser evidenciados, como, por exemplo, a questão da modernidade e sua característica com “a crescente interconexão entre os dois extremos da extensão da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro.” (GIDDENS, 2002, p.9). Portanto, com o caráter de proporcionar uma visibilidade ao mundo (Denzin e Lincoln, 2006) e especificamente em relação à situação de rua, a pesquisa qualitativa pode ser de grande valia por assegurar a reflexividade do pesquisador e da pesquisa, já que um dos propósitos é compreender como o conceito da modernidade, identidade e representatividade perpassam e constituem elementos fundamentais para a análise discursiva da situação de rua de textos dos principais jornais online das cinco regiões do Brasil; Centro-Oeste, Sudeste, Sul, Nordeste e Norte, pois entendemos que, ao analisarmos reportagens de jornais de grande circulação, isto é, que apresentam um número elevado de visualizações, podemos compreender de uma maneira mais ampla como a situação de rua e a categoria espaço se relacionam nos textos das reportagens.

A constante mudança social e a diversidade populacional são processos inerentes à questão da ágil urbanização e globalização do país. As desigualdades econômica e social são consequências de uma sociedade de superficialidades, um espaço global descentrado e de frequentes fluxos, segundo Hall (2015, p.9). Nesta pesquisa, iremos analisar, como o discurso midiático pode contribuir para pessoas em situação de rua serem muitas vezes impedidas de permanecer em alguns locais ou espaços urbanos em nome de um discurso que chamo de ‘higienização’, o que foi constatado durante o desenvolvimento do trabalho, um discurso que preconiza uma valorização do cenário em detrimento de uma minoria excluída. Isso, por si só, já justifica nosso interesse em uma pesquisa de natureza documental com a escolha de métodos que serão apresentados na seção 3.3.

O modo como a mídia, por ser um meio de comunicação de massa, representa discursivamente pessoas em situação de rua pode evidenciar fatores de diferença, exclusão e marginalização, que vale a pena ser investigada por meio de pesquisas de natureza qualitativa que têm como característica, de acordo com Flick (2004, p. 20), a perspectiva dos participantes, no caso da pesquisa documental, há os relatos, e sua diversidade, demonstrando a variedade de perspectivas sobre o objeto, partindo dos significados subjetivos e sociais a ele relacionados. A pesquisa qualitativa preocupa-se em estudar o conhecimento e a prática das pessoas, deste modo a ADC como método mostra-se bastante relevante para investigar o discurso como prática social.

### **3.2 ADC como método**

A Análise de Discurso Crítica oferece uma abordagem científica interdisciplinar ligada também às ciências sociais, oferece um suporte científico, crítico e metodológico para pesquisas sociais e linguísticas. Fairclough (2001) ressalta, portanto, a contribuição da análise textual, uma contribuição para a construção e constituição do entendimento de identidades sociais, relações sociais entre pessoas, sistemas de conhecimento e crença que serão debatidas nesta pesquisa. O caráter crítico das pesquisas em ADC perpassa uma variedade de métodos e conhecimentos não só linguísticos, mas também de cunho sociológico.

Ao corroborarmos com a afirmação de que a ADC é um método para a análise de dados, achamos importante destacar seu papel como teoria. De acordo com Fairclough (2012, p. 306):

Não é difícil pensar em método como uma espécie de habilidade transferível se considerarmos a definição do termo como uma técnica, uma ferramenta numa caixa, da qual se pode lançar mão quando necessário e depois devolvê-la. A ACD, na minha

visão, é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material (WILLIAMS, 1977), que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social.

Dessa forma, a ADC como método e teoria tem um caráter dialógico com outros métodos e teorias, o que a torna transdisciplinar. Portanto, ao nos debruçarmos sobre a análise de textos reais, devemos também reconhecer que existem princípios e conceitos, estudados nos capítulos 1 e 2, que alinham a pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa tem uma posição interpretativa que, segundo Bauer e Gaskell (2014), é voltada a interpretações das realidades sociais e assim têm como base um “esquema interpretativo”, então fica clara a importância de se pensar nas questões ontológicas e epistemológicas do estudo a que pretendemos nos dedicar. Sendo assim, pensamos que o pesquisador precisa ser capaz de articular qual a essência da sua pesquisa, além de ter uma postura ativa, crítica e reflexiva (e auto reflexiva) em relação aos seus objetivos.

Neste trabalho, questões ontológicas que dizem respeito à identidade, poder e ideologia são de extrema importância para nortear as análises e os métodos a serem estudados. Mason (2002) destaca a necessidade de o pesquisador fazer perguntas a si mesmo sobre o contexto sócio-político da pesquisa, e assim ter um engajamento na investigação social. Desta forma, especificamente neste estudo, podemos dizer que a desigualdade econômica e social brasileira gera consequências negativas para grande parte da sociedade. A distribuição injusta de renda, o preconceito e a intolerância social ligadas uma diferença social e econômica entre as pessoas fazem parte do contexto contemporâneo, o que precisa ser estudado, e como esperamos ter deixado claro, pelo viés de análises textuais com metodologias mais adequadas como a ADC, com seu suporte também na LSF, que investiga como as pessoas usam a língua em diferentes contextos e como a língua em uso é estruturada como um sistema semiótico. Assim, o contexto se torna necessário para esta investigação.

À margem dessa sociedade, pessoas em situação de rua vivem em condições de vulnerabilidade e exclusão social, marcada por invisibilidades, efeito da cultura do consumo e do individualismo. A maneira com que o outro nos representa por meio do discurso está diretamente ligada ao poder e à identidade, possibilitando a criação de contextos e textos em que relações são constituídas, sustentadas ou modificadas. A Análise de Discurso Crítica inclui método eficaz para estudar a mudança social, de acordo com Fairclough (2001), pois é possível analisar a linguagem como prática social e assim, por meio do discurso, examinar as formas de ação e representação no mundo. Portanto, para analisar os dados desta pesquisa a ADC além de

uma teoria, também contribui como um método de análise para este trabalho de caráter documental.

Dessa forma, é importante afirmar que planejamento é uma etapa essencial para o desenvolvimento e para a clareza dos objetivos desta pesquisa. O eixo deste trabalho é centrado em estudos críticos em relação à representação discursiva da mídia a respeito de pessoas em situação de rua, em textos das cinco regiões do Brasil, no contexto da categoria espaço, questões debatidas no capítulo 1. Na fase de planejamento, de acordo com Mason (2002), as questões de pesquisa precisam ser claramente formuladas, intelectualmente relevantes. O pesquisador deve evitar perguntas que lhe sejam convenientes se respondidas apenas de uma maneira, e elas devem manter um diálogo com as demais pesquisas relacionadas no mesmo tema.

De acordo com Gaskell e Bauer (2014) é preciso partir do pressuposto de que há problemas no mundo social, já que ele é constituído e construído por pessoas e assim projetam a realidade. Neste propósito, a pesquisa qualitativa tem como base três elementos que dialogam entre si, a ontologia, epistemologia e metodologia, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 34), as pesquisas “guiadas por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado”. Ainda de acordo com Mason (2002), os desafios do pesquisador são: ser capaz de articular qual a essência da sua pesquisa e ter uma postura ativa, crítica e reflexiva, já na perspectiva ontológica ela defende que o pesquisador precisa ter consciência de que não há uma compreensão universal da natureza e essência das coisas no mundo social, assim como é importante o posicionamento epistemológico do pesquisador em relação a uma consciência de que há mais de uma perspectiva epistemológica. Segundo a autora, é essencial fazer algumas perguntas a si mesmo em relação a pesquisa, como por exemplo: quais fontes de dados e métodos estão potencialmente disponíveis ou são apropriados? O que esses métodos ou fontes me dizem? Em quais fenômenos eles me auxiliam a resolver? Com que base eu acho que eles poderiam fazer isso? Quais das minhas perguntas de pesquisa podem me auxiliar a resolver? Quais elementos se relacionam com o tema pesquisado? E, assim, poder facilitar o desenvolvimento coerente e rigoroso do projeto de pesquisa. Diante disso, apresentamos os objetivos e as questões que norteiam este trabalho.

### 3.3 Os objetivos e as questões

<b>Objetivo Geral</b>	Analisar as representações identitárias de pessoas em situação de rua em textos jornalísticos online, relacionando-as à categoria espaço.
<b>Objetivos específicos</b>	Examinar como os textos midiáticos podem estar contribuindo para a (re) construção de identidades de pessoas em situação de rua no contexto da categoria espaço;
	Descrever estratégias/ marcas discursivas usadas pela mídia para representar pessoas em situação de rua com foco na categoria espaço;
	- Analisar como representações de identidade nesses grupos podem perpassar questões de identidade e ideologia.

Quadro 3. Objetivos

Acreditamos que estes objetivos serão alcançados se respondermos as seguintes questões:

#### Questões de pesquisa

1	Como a categoria espaço perpassa pela questão da situação de rua?
2	Como a mídia pode estar contribuindo para a (re) construção da identidade de pessoas em situação de rua, no contexto da categoria espaço nos textos on-line?
3	Quais marcas discursivas são predominantes nos textos da mídia em relação à situação de rua e a categoria espaço?

Quadro 4. Questões de pesquisa

Dessa forma, nesta pesquisa de caráter qualitativa, procuramos apresentar a ADC como teoria, mas também como método para a análise dos dados. Como teoria nos dedicamos a explicá-la no Capítulo 2. Como método usamos o presente capítulo, assim, afirmamos a importância da integração de métodos, reconhecendo a possibilidade de uma integração epistemológica. Nas próximas seções, iremos apresentar outros métodos usados neste trabalho. No entanto, nos debruçamos um pouco mais acerca do que entendemos por método e em que autores nos apoiamos.

### **3.4 Métodos**

De acordo com Mason (2002), é preciso justificar a escolha dos métodos. Dessa forma, nossa escolha pela pesquisa documental é justificada pelo fato de considerarmos que a perspectiva ontológica e epistemológica da ADC baseia-se na relação dialética entre linguagem e sociedade, o que nos permitiu entender que textos podem ser ideológicos, representativos e identificacionais. Acreditamos que as escolhas dos métodos, por mais particular que seja, nunca é uma escolha neutra, assim precisa ser uma questão reflexiva, para Mason (2002, p.27) ao fazer reflexões e questionamentos acerca da pesquisa, poderemos ajudar a eliminar inconsistências relativas.

Consideramos que ao se pensar na pesquisa, e assim nos objetivos e questões a serem alcançadas, devemos analisar as melhores estratégias para a investigação. Dessa forma, o método auxilia no desenvolvimento crítico do estudo, pois a ADC propõe a observação de eventos linguísticos e discursivos como base para poder alcançar as análises de eventos sociais que envolvem a linguagem. Portanto, a opção pela investigação de textos jornalísticos hegemônicos de jornais de grande circulação das cinco regiões brasileiras, foi uma escolha que nos proporcionou uma abordagem mais completa, pois entendemos que ao comparar os textos e averiguar as ocorrências e marcas linguísticas, assim como o papel dos atores sociais em diferentes espaços territoriais, podemos perceber melhor como a questão da situação de rua perpassa pela categoria espaço nos textos midiáticos. Assim, na próxima seção apresentaremos os principais objetivos da pesquisa documental.

#### **3.4.1 Pesquisa documental**

A pesquisa de caráter documental, fará parte da nossa coleta de dados no sentido que, Gaskell e Bauer (2014, p 189) argumentam “ os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias e discussões”, assim em minha pesquisa textos midiáticos referentes à situação de rua na categoria espaço serão partes integrantes para este trabalho. Percebemos ainda que a pesquisa documental é aquela que se debruça à análise de documentos, dessa forma esses documentos são utilizados como fontes de informações e esclarecimentos que trazem um conteúdo para clarificar questões pertinentes a pesquisa e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador.

Na pesquisa documental, assim como nesta dissertação, o material para análise é o texto jornalístico formal, o material é composto por reportagens de pessoas em situação de rua na



categoria espaço por meio de jornais on-line de grande circulação, das cinco regiões brasileiras. De acordo com Gaskell e Bauer (2014, p. 22):

Os dados formais reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social. Um jornal representa até certo ponto o mundo para um grupo de pessoas. Nesse contexto, o jornal se torna um indicador de mundo. Categorizar o presente e, às vezes, predizer futuras trajetórias é o objetivo de toda pesquisa social.

O texto pode representar e identificar discursos em relação a crenças, a ideologias, as formas de ação e relações sociais. O texto midiático, em particular, pode indicar a invisibilidade dada a alguns sujeitos na sociedade, mostrando a exclusão social e evidência, de forma clara, que a questão de ser excluído é apenas um reflexo de como o outro enxerga determinada situação e como isso se reflete na constituição da identidade do indivíduo, até ao ponto de ele mesmo acreditar que deve continuar a ser quem o outro julga. A mídia, visto como um meio de comunicação em massa, contribui para construção de julgamentos e formação de opinião. Pessoas em situação de rua são postas às margens da sociedade, demonstrando condições de pobreza e miséria, nos âmbitos sociais, políticos e econômicos do país, ou seja, a invisibilidade dada à falta de identidade ou uma identidade frágil mostra-se nas práticas sociais dos sujeitos. A mídia, com o poder de manipulação, contribui para evidenciar a (re) construção da identidade dessa população, por meio de representações discursivas.

Dessa forma, esta pesquisa é de caráter documental, já que foram coletados dez textos dos principais jornais on-line de cada região brasileira. Porém, ao analisarmos os dados percebemos uma recorrência em relação às categorias de análise, dessa forma, selecionamos três reportagens de cada região, considerando as que apresentaram uma maior variedade de recursos para analisarmos como essas categorias se apresentam nos textos. Partimos, também da premissa de que não focalizamos a quantidade de dados e sim um aprofundamento qualitativo. Nesse sentido, a justificativa para o período de tempo em que os dados foram coletados apoia-se na fundamentação de que a pesquisa surge a partir do momento em que começamos a pensar nas questões e indagações, portanto os dados foram coletados entre os anos de 2014 e 2016.

Um recurso para melhor compreender as questões de pesquisas também pode ser feito por meio de um diário de pesquisa.

### 3.4.2 Diário de pesquisa

O diário de pesquisa serve como registro das impressões pessoais do pesquisador, fazendo o papel de instrumento de reflexão da sua pesquisa e das suas práticas. Assim faz parte da complexidade da pesquisa, fazendo com que as relações das atividades sejam evidenciadas pela lente do pesquisador. Portanto o diário de campo possibilita ao pesquisador um ir e vir que não o deixa esquecer de suas motivações para o estudo em foco.

Por acreditar na validade deste método é que me permito fazer a apresentação em breves linhas de um relato em meu diário de campo que, espero servir para elucidar meus propósitos, acreditando assim como um espaço para reflexões acerca da pesquisa.

A este momento intitulo “como tudo começou”. Não é nosso foco na pesquisa criar sessões para apresentar todas as nossas anotações, mas julgamos conveniente dar uma amostra da validade do uso dos diários de pesquisa. Passemos a isso:

#### 3.4.2.1 Como tudo começou

Diário de campo do dia 14/08/2014

“Minha intenção ao fazer este trabalho vai além de um dever social como cidadã, meu interesse em desenvolver esta pesquisa diz respeito a uma inquietação objetiva com o tema, assim como o propósito de analisar o discurso, especificamente da mídia, pois considero que existe um grande poder de persuasão nos textos jornalísticos e que contribuem para transformar relações entre as pessoas de forma geral. A escolha por pesquisar a relação da mídia com questão da situação de rua, se deu por uma sensibilidade de perceber que existe uma grande desigualdade social à minha volta e com um desejo de querer, de algum modo, me envolver mais com a questão, e claro, acredito que o espaço está estritamente ligado com a situação de rua. O que me fez ir além, de apenas sentir uma inquietação e transformar isso em uma questão de cunho acadêmico, foi quando fui a um evento e uma pessoa em situação de rua, mais especificamente um senhor que aparentava ter uma idade mais avançada, me pediu dinheiro, porém ele pediu, mas já se justificando, dizendo que sentia vergonha de estar naquela situação, mas que para ele não era uma escolha. Posso dizer que a partir deste dia, comecei a refletir mais a respeito da situação de rua, aquela atitude me fez enxergar e me instigou a pensar em algumas questões humanas e sociais em relação ao ser humano e especialmente as pessoas em situação de rua.

Portanto, a invisibilidade dada à população de rua em relação a questões de cunho social, econômico e político, assim como a relação com a extrema miséria e a falta de identidade vista pela sociedade, mostra a exclusão e a marginalização de pessoas que passam por uma situação de vulnerabilidade.

### **3.5 Considerações finais**

Com este capítulo pretendemos deixar evidente nossa postura de pesquisadoras críticas e reflexivas que se preocupam com o discurso enquanto prática social e a isso me dediquei. Para resumir, neste capítulo procuramos analisar os métodos para melhor sustentar as análises, foi também por meio desses procedimentos que podemos responder minhas questões de pesquisas. A articulação dos vários métodos vinculados ao estudo da linguagem, do discurso e do social, proporcionou um esclarecimento para o trabalho. Concluindo, as informações deste capítulo procuram elucidar um detalhamento dos métodos mais relevantes para a elaboração desta pesquisa. E, agora, iremos nos debruçar nas análises coletadas e que respondem as indagações do nosso estudo.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, iremos nos dedicar às análises da representação de pessoas em situação de rua por meio da categoria espaço. Os dados foram coletados em jornais on-line das cinco regiões brasileiras: Centro-Oeste, Sudeste, Sul, Nordeste e Norte, assim, o capítulo será dividido de acordo com os dados de cada região, ficando com a seguinte estruturação: 4.1, Centro-Oeste; 4.2, Sudeste; 4.3, Nordeste; 4.4, Sul e 4.5, Norte. Essa escolha se dá devido a nossa opção de investigar a situação de rua e a categoria espaço a partir de uma perspectiva mais ampla, pois observamos que ao analisar jornais de grande circulação das cinco regiões, podemos ter uma base comparativa mais completa. O *corpus* é composto por dez reportagens pertencentes ao gênero informativo, assim são reportagens que descrevem e relatam acontecimentos específicos à situação de rua e a categoria espaço. Nosso *corpus* é composto por notícias coletadas entre os anos 2014 -2016, em cada região foram coletados dez textos ao todo. A justificativa para a data e a escolha do *corpus*, podem ser melhor compreendidas no capítulo 3 que trata da metodologia da pesquisa. Para atender os objetivos deste trabalho, todas as reportagens têm como tema principal as pessoas em situação de rua e a categoria espaço. Nesta parte optamos por apresentar algumas categorias analíticas que consideramos como essencial para entendimento das questões de pesquisa.

Os suportes teóricos da ADC e da LSF, tornam-se necessários como meios para constituir e construir o exame analítico dos dados, uma vez que nos permitem um aprofundamento maior para a nossa interpretação. Entendemos, também, que os recursos da Teoria da Representações do Atores Sociais (Van Leeuwen, 2008) assim como, os Modos de Operação da Ideologia (Thompson, 2001), fornecem pistas linguísticas e aparatos discursivos suficientes para analisar o tema. Dessa forma, os trechos dos textos apresentados nas próximas páginas são parte de recortes analíticos referentes aos dados documentais desta pesquisa. Passemos a ela.

#### 4.1. Reportagens do Centro-Oeste

A partir da identificação de categorias, iremos analisar como as pessoas em situação de rua são representadas nos jornais: Jornal de Brasília e G1 do Goiás, jornais de grande circulação, o que demonstra uma justificativa para essas escolhas específicas, já que atingem uma quantidade considerável de leitores.

*Prédios em locais privilegiados do DF são abrigo de moradores de rua*

31/01/2016

jornaldebrasil.com.br

(1)Famosa por ser uma cidade planejada, muitos não imaginam que, no centro da capital, (2)existam prédios abandonados que se tornaram abrigos para moradores de rua e usuários de (3)drogas. São edificações destruídas repletas de pichações, mato alto e sujeira. Na 713 Sul, um (4)hospital, abandonado tornou-se abrigo para moradores de rua. O prédio, onde funcionava o (5)Hospital São Braz, está jogado às traças. Com paredes pichadas e vidros quebrados, o local (6)gera insegurança. Muitas casas da região estão com placas de venda, e quem vive perto toma (7)suas próprias precauções. “Eu tenho medo de caminhar na calçada no final da tarde ou no início (8)da noite. É bastante perigoso. Tem muito morador de rua que se abriga no prédio. Eles acabam (9)incomodando, porque, além de causar insegurança, batem nos portões pedindo. Eles são (10)insistentes, batem com força até a gente abrir”, relata a professora aposentada Marilourdes (11)Solino, 77 anos. Antônio Vieira, 44 anos, é dono de um quiosque ao lado do antigo hospital. (12)Ele explica que o local foi desativado há, pelo menos, cinco anos e, depois, passou a ser (13)ocupado por usuários de drogas e moradores de rua. Por causa da presença deles, nem o (14)estacionamento do edifício é utilizado. Segundo o comerciante, quem deixa o carro no local (15)acaba ficando sem as rodas. Outro problema, relata, é a sujeira. “Esses moradores de rua (16)fazem de tudo aí dentro. Desde que eles ocuparam o local, ratos e insetos começaram a (17)aparecer, o que é um grande problema”, reclama. O comerciante afirma ainda que, no (18)final da tarde, a região se torna ainda mais perigosa por conta falta de movimento nos prédios (19)vizinhos. Segundo Antônio, muitos estudantes foram vítimas de assaltos porque insistiram (20)em passar na lateral do prédio abandonado, próximo a duas escolas. A equipe do JBr. não (21)conseguiu contato com os donos do hospital. A Agência de Fiscalização do DF (Agefis) (22)informou que o Hospital São Braz sofre ações administrativas da Agefis há cinco anos. A (23)antiga unidade hospitalar é notificada desde 2011.

Quadro 5. Reportagem do Jornal de Brasília. Texto 1.

As notícias apresentam temas da mídia que envolvem pessoas em situação de rua e que tem relação com a categoria espaço. A primeira reportagem - do Jornal de Brasília- tem como título “*Prédios em locais privilegiados do DF são abrigo de moradores de rua*”, fazendo referência

a alguns locais do DF. O texto apresenta subdivisões, assim trata-se de uma reportagem intitulada. Vejamos continuação da reportagem do texto 1.

**(24)Centro Islâmico: mato, lixo e abrigo-** Outro local abandonado é o Centro Islâmico do (25)Brasil, na 712/912 Norte. O prédio, uma mesquita antiga, está repleto de mato, entulho e lixo. (26)Como as cercas foram cortadas, moradores de rua usam o lugar como abrigo. Além disso, à noite, (27)há quem entre no que restou da mesquita para beber e fazer arruaças. No lote, existem quatro (28)casas. Procurados, os moradores do terreno não quiseram dar entrevistas. Com uma mesquita em (29) frente, em funcionamento, o Centro Islâmico informou que o terreno é da Embaixada da Arábia (30) Saudita. A Terracap vendeu o lote ao centro em 1981. Em nota, a delegação da Arábia Saudita (31) informou que a área foi doada à embaixada e que não está abandonada e, em breve, será (32) construído algo para a comunidade islâmica, uma escola ou um salão para eventos religiosos. A (33) professora Elouise Choma, 30 anos, mora perto da antiga mesquita e diz que o local não a (34) incomoda. “Nunca percebi nada estranho, a não ser à noite. O que vejo é o mato alto. Na minha (35) opinião, não traz prejuízos à população”, avalia.

**(36)Escola de Guerra: Ruínas da UnB-** Concreto e mato cercam o local conhecido como (37)Ruínas da UnB. A construção interrompida fica em uma área ao lado da Universidade de (38) Brasília e às margens do Lago Paranoá. Para ir até lá, é preciso passar por uma estreita (39) estrada de terra. A construção abrigaria a Escola Superior de Guerra, com projeto do (40) arquiteto Sérgio Bernardes, na década de 1970. Entretanto, o local ficou esquecido, e o mato (41) tomou conta da construção. As vigas, altas, foram danificadas pelo tempo e hoje estão repletas (42) de rachaduras. Vista de perto, a obra exibe um aspecto intrigante e até assustador. As grossas (43) paredes com poucas portas e sem janelas avançam até o Lago Paranoá. Escadas sem uso descem (44) para o subsolo parcialmente alagado. O cerrado invade os escombros. Olhando do alto, percebe- (45) se que a edificação misteriosa tem formato triangular. As ruínas estão cercadas por água e mato, (46) um zigue-zague de muros e acessos inacabados. O cenário assusta, e há muito lixo espalhado, (47) além de grafites e pichações. Na laje, há buraco e rachaduras. Em nota, a instituição informou (48) que a área pode ser acessada pelo interior da 50 universidade, mas que não pertence à UnB e (49) nunca teve relação alguma com a instituição.

Quadro 6. Reportagem do Jornal de Brasília. Texto 1.

Ao observarmos o texto, verificamos que ele apresenta divisões de acordo com algumas localidades do Distrito Federal, como podemos ver na linha 24 e 36, dessa forma, o autor do texto focaliza a atenção do leitor a espacialidade, ao dividir a reportagem de acordo com os espaços físicos da cidade.

Percebemos também, nas primeiras linhas, que o texto 1 começa fazendo referência ao ambiente, isto é, ao contexto geográfico em que o prédio está localizado, assim:

(1)Famosa por ser uma cidade planejada, muitos não imaginam que, no centro da capital (2)existam prédios abandonados que se tornaram abrigos para moradores de rua e usuários de drogas (3 )São edificações destruídas repletas de pichações, mato alto e sujeira.

Nesse sentido, consideramos a Teoria da Representação dos Atores Sociais de Van Leeuwen, (2008) como uma contribuição para as análises, pois partimos do pressuposto de que a escolha da forma como se representa os atores sociais é um indicativo de posicionamento ideológico do texto. Dessa maneira, percebemos a inclusão de alguns espaços físicos como, na linha 1 ‘*cidade planejada*’ e ‘*centro da capital*’, na linha 2 ‘*prédios*’ e na linha 3 ‘*edificações*’, vimos que há uma preocupação do autor do texto em evidenciar os espaços físicos de Brasília. Porém, quando a inclusão é relacionada às pessoas em situação de rua, o são por meio de representações como: “*moradores de rua e usuários de drogas*” (linha 2 e 3), em um mesmo período. Neste caso, a inclusão segundo a teoria de Van Leeuwen (2008), dar-se pela generalização, quando “*moradores de rua*” estão representados por uma classe, e por funcionalização quando, “*usuários de drogas*”, na medida que são representados por uma função (usar drogas).

Observamos que, quando a questão da situação de rua é apresentada, os espaços passam a ser denominados por aspectos negativos como “*prédios abandonados*” e “*edificações destruídas repletas de pichações*” (linhas 2 e 3). Nesse sentido, fica clara a contradição que há entre ser uma cidade planejada, mas que tem prédios em ‘*locais privilegiados*’, de acordo com o título da notícia, que se tornam abrigos para moradores de rua, reforçando assim a ideia do apartheid social (Santos, 2003), pois por ser um local privilegiado e uma cidade famosa e planejada, ‘*muitos não imaginam que, no centro da capital, existam prédios abandonados que se tornaram abrigos para moradores de rua e usuários de drogas*’ (linha 1 e 2). Nesta oração, percebemos que o intensificador ‘*muitos*’, na terceira pessoa, produz um sentido vago à estrutura da oração, é um elemento linguístico que mostra a inclusão por indeterminação, pois apesar de fazer referência a algum ator social, não especifica claramente, o ator social não tem uma identidade apresentada ao leitor do texto. Vimos também, que o processo mental cognitivo “*imaginam*”, demonstra a ideia de fluxo de consciência do escritor, assim muda a percepção que se tem da realidade, trazendo o que é pensado (Fuzer e Cabral, 2014) e não o que é a realidade de fato.

Examinamos também que há a exclusão por encobrimento de atores sociais quanto ao fato de locais serem abandonados, seja visto como consequência da presença de pessoas em situação de rua e não por outro motivo, como o abandono por parte dos responsáveis pelo imóvel, como no trecho:

(3) Na 713 Sul, um hospital, abandonado tornou-se abrigo para moradores de rua. (4) um hospital, abandonado tornou-se abrigo para moradores de rua. O prédio, onde funcionava o Hospital São Braz, está jogado às traças.

(5) Hospital São Braz, está jogado às traças. Com paredes pichadas e vidros quebrados, o local gera insegurança.

Dessa forma, quando há a expressão “*hospital abandonado*” (linha 4) a exclusão de quem abandonou o prédio não é clara, assim como, quando o jornal diz “*Com paredes pichadas e vidros quebrados, o local gera insegurança*”, (linhas 5), há também uma exclusão por encobrimento, já que no começo do texto há a menção aos “*moradores de rua*”. Assim também, o fato de atribuir “*insegurança*” a um espaço físico, também encobre a responsabilidade dos proprietários do “*local*”.

Percebemos, neste jornal, que as pessoas em situação de rua são representadas como ‘*incômodas, insistentes e pedintes*’.

Cabe destacar que as escolhas linguísticas para se referirem às pessoas em situação de rua, em todas as ocorrências, tiveram uma conotação negativa. Observemos o fragmento do Jornal de Brasília, Texto 1.

(8)Tem muito morador de rua que se abriga no prédio.(9)Eles acabam incomodando, porque, além de causar insegurança, batem nos portões pedindo. (10) Eles são insistentes, batem com força até a gente abrir”.

Ao analisarmos esse fragmento, podemos perceber, de um lado, que temos a generalização do termo “*moradores de rua*” e por outro a representação por nomeação, quando há o nome completo e idade da pessoa entrevistada. Além disso, as pessoas em situação de rua estão relacionadas, no texto, como um grupo representado pelas consequências da sua presença e das ações, pois são pessoas que “*incomodam*”, causam “*insegurança*”, “*pedintes*” e “*insistentes*”, o que remete, como já vimos, a noção injusta de que a pessoas em situação de rua são consideradas como uma ameaça e mais uma vez, o expurgo do outro e a diferenciação estão presentes nas falas das pessoas.

Na primeira oração, a palavra o intensificador ‘*muito*’ mostra o grau de intensidade que a notícia quer dar realce à quantidade de ‘*morador de rua*’ que ‘*se abriga*’ no local, o que nos faz lembrar, mais uma vez, da questão do direito à moradia, já que o termo ‘abrigar’, segundo o dicionário Aurélio, quer dizer: “resguardar do rigor do tempo, de dano ou perigo”. Portanto, percebemos uma contradição quando, a pessoa em situação de rua busca um local para se resguardar do perigo, mas ao mesmo tempo é representada como causadora da insegurança. Ainda em relação ao mesmo fragmento na linha 9, os atores sociais são inclusos por



generalização, quando representados por ‘*Eles*’, uma identidade coletiva. A generalização por um grupo é vista também quando as pessoas em situação de rua são associadas aos usuários de drogas.

Neste mesmo contexto, outra notícia do Jornal de Brasília, também nos mostra a maneira como as pessoas em situação de rua são representadas. Vejamos a notícia do Texto 2.

**Moradores de rua: esmola que não ajuda**

(1) Não importa onde você vá, eles estarão sempre prontos para te abordar. Os pedidos podem vir das  
 (2) mais variadas formas, mas o objetivo é um só: sobreviver nas ruas em troca de doações e esmolas.  
 (3) O ato, porém, é contestado por aqueles que se sentem prejudicados e até mesmo coagidos a  
 (4) “colaborar” com os pedintes. Na quadra 302 Sul, comerciantes espalharam cartazes próximo aos  
 (5) caixas e balcões de atendimento sugerindo que os fregueses não deem esmolas aos moradores de  
 (6) rua. Hoje, aproximadamente duas mil pessoas vivem em situação de vulnerabilidade social no  
 (7) Distrito Federal. Os problemas, no entanto, vão muito além da contribuição. Na 302 Sul, as vielas  
 (8) entre o comércio e o setor residencial estão cheias de pertences dos moradores de rua, que chegam  
 (9) a disputar os melhores espaços para passar a noite. Além disso, o cheiro de urina e os restos de  
 (10) comida contribuem para um cenário desolador. A iniciativa de distribuir panfletos aos  
 (11) comerciantes da 302 Sul partiu da prefeitura local. Um dos principais motivos apontados é que,  
 (12) em muitos casos, as esmolas são usadas para o consumo de drogas. O aviso também destaca que  
 (13) “o GDF disponibiliza atendimento à população de rua na 903 Sul, das 8h às 18h em duas úteis,  
 (14) com atendimento médico e psicossocial, banheiros, guarda de pertences, oficinas, cursos de  
 (15) capacitação, café da manhã e almoço. Às 17h, há transporte para abrigos.”  
 (16) **Reclamações**  
 (17) “Eles pedem por comida e dinheiro toda hora. O problema é que abordam nossos clientes logo  
 (18) que saem da porta e já tivemos reclamações. Não sabemos mais quem é mendigo, quem é  
 (19) guardador de carro. Está difícil até mesmo trabalhar”, disse Iranice Rodrigues, gerente de uma  
 (20) doceria na 302 Sul. Ela conta que já foi ameaçada por moradores de rua que estavam nitidamente  
 (21) sob efeito de álcool ou drogas, e por conta disso teve que contratar um segurança para o  
 (22) comércio. “A gente pede para eles não entrarem, mas eles nos mandam calar a boca e perguntam  
 (23) o que tem pra comer. Parece até que temos a obrigação de dar algo”, reclama a comerciante.

Quadro 7. Reportagem do Jornal de Brasília. Texto 2.

Ao analisarmos o texto, percebemos que, no título, o produtor do texto estabelece uma pressuposição em relação às pessoas em situação de rua, quando afirma uma correlação entre ‘*moradores de rua*’ e ‘*esmola*’. Dessa forma, em relação à perspectiva intertextual da pressuposição “um caso especial é quando uma proposição é afirmada e estabelecida em uma parte do texto, e então pressuposta na outra parte do mesmo” (Faircough, 2001, p. 156). Portanto, na linha (2), o produtor retoma essa relação usando uma proposição com um significado existencial, o que é constatado pelo uso do artigo definido na frase “o objetivo é um só: sobreviver nas ruas em troca de doações e esmolas”.

Conforme comentado no Capítulo 3, a presença de vozes em um texto constitui um elemento importante para melhor analisarmos o conteúdo do texto, já que, por meio da identificação de

marcas intertextuais, podemos perceber qual o posicionamento do autor do texto, quais vozes podem ser privilegiadas e quais podem ser excluídas. Uma forma de identificar essas vozes é por meio da representação de discurso, pois, “o significado do discurso representado não pode ser determinado sem referência a como ele funciona e é contextualizado no discurso representador” (Fairclough, 2001, p.154). Dessa forma, o uso de aspas simples em um determinado contexto, pode estabelecer como pertencendo a uma voz externa, como no trecho da linha (3):

(3)O ato, porém, é contestado por aqueles que se sentem prejudicados e até mesmo coagidos a “colaborar” com os pedintes.

Portanto, verificamos que ao inserir o processo ‘*colaborar*’ entre aspas simples, o produtor se distancia da voz externa, uma voz que é generalizada, quando representada por ‘*aqueles*’, e que sofre a ação, já que ‘*se sentem prejudicados e até mesmo coagidos*’.

Dessa forma, se tomarmos como base que o discurso serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, propagando, assim, fenômenos ideológicos, o que é escrito em uma reportagem de grande circulação, pode ter efeitos nas práticas sociais de indivíduos leitores. Dessa forma, o modo como o texto mostra a relação entre o espaço físico e a presença de pessoas em situação de rua, nos remete a estratégia da fragmentação (Thompson, 2011, p.45), em que as relações de dominação podem ser mantidas segmentando os indivíduos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes ou dirigindo forças de oposição em direção a um alvo que é projetado de uma forma negativa, ameaçadora. Percebemos esse contexto nas linhas(7), (8),(9) e (10), do texto 2, como no trecho:

(7 )Os problemas, no entanto, vão muito além da contribuição. Na 302 Sul, as vielas entre o comércio e o setor residencial (8) entre o comércio e o setor residencial estão cheias de pertences dos moradores de rua, que chegam (9)a disputar os melhores espaços para passar a noite. Além disso, o cheiro de urina e os restos de comida(10)comida contribuem para um cenário desolador.

A primeira oração da notícia (linha 7) é marcada pela relação entre ‘*problema*’ e ‘*contribuição*’, indicando assim que o ato de contribuir também é um problema, no entanto, a oração encobre o ator social quando não especifica para quem é um ‘*problema*’. O grupo adverbial ‘*muito além*’, intensifica, reforça e indica que não é só a ‘*contribuição*’ que é um problema nesse contexto do espaço e da convivência com pessoas em situação de rua. A questão do espaço na notícia é evidenciada na frase ‘*chegam a disputar os melhores espaços para passar a noite*’. O uso do processo material ‘*disputar*’, que, de acordo com o dicionário Aurélio

significa “lutar ou esforçar-se para obter algo”, indica que há uma quantidade de mudança no fluxo de eventos (Fuzer e Cabral, 2014) e com isso, fica evidente a necessidade de pessoas precisarem ‘disputar’ um espaço para passar a noite, um fato que deveria ser um direito de todo cidadão. Afirmamos isso, ancoradas no artigo 6 da Emenda Constitucional nº 90 de 2015 em que lemos: “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer”. Assim percebemos que um “direito social” é responsabilidade do Estado, logo concluímos que a ‘*disputa*’ não deveria ocorrer.

Outro elemento que nos chamou atenção na linha (9) foi a oração ‘*melhores espaços para passar a noite*’, aqui entendemos que o/a articulista da reportagem naturaliza, segundo (Thompson, 2011, p. 50) a situação de rua, quando afirma que neste contexto há espaços melhores na rua para passar a noite, encobrindo o problema social da moradia que é a condição da situação de rua. Analisamos também, nas linhas (9) e (10), o uso do processo material ‘*contribuem*’, para atribuir o ‘*cheiro de urina*’ e os ‘*restos de comida*’ como uma característica e uma causa do ‘*cenário desolador*’, o que pode ser encarada como uma forma de representação das pessoas em situação de rua, por meio dessas características. Os atores sociais estão sendo representados por meio da exclusão por encobrimento, já que ao longo do texto fala-se a respeito de ‘*moradores de rua*’, dando uma interpretação que esse ‘*cheiro de urina e restos de comida*’ são provenientes dessas pessoas.

Dessa forma, também, ao analisarmos a expressão ‘*cenário desolador*’, percebemos que há o uso da hipérbole, uma figura de linguagem que intensifica ou diminui a realidade dos fatos. No caso da reportagem, há uma ampliação do significado, e com uma conotação negativa, já que, no caso da oração noticiada; a palavra *cenário* pode significar, de acordo com o dicionário Aurélio, um “conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação dramática” e *desolador* como “devastação, ruína, destruição”. De acordo com Van Dijk (2003, p.75), os discursos ideológicos empregam diversas figuras retóricas que ressaltam os aspectos positivos (emissor) como os aspectos negativos (dos outros), por isso a importância de analisar a organização dessas figuras e suas implicações ideológicas.

Ainda em relação às categorias analíticas, uma das formas de identificar a voz em um texto é por meio do relato direto. Vejamos o trecho das linhas (17), (18) e (19):

(17)“Eles pedem por comida e dinheiro toda hora. O problema é que abordam nossos clientes logo (18) que saem da porta e já tivemos reclamações. Não sabemos mais quem é mendigo, quem é (19)guardador de carro. Está difícil até mesmo trabalhar”, disse Iranice Rodrigues.

Percebemos que o texto traz a voz de uma comerciante local, um relato por meio da citação entre aspas e auxiliado pelo processo verbal ‘dizer’. Dessa forma, observamos que há no fragmento uma representação de distanciamento em relação às pessoas em situação de rua, pois são identificados como ‘Eles’, ‘mendigos’, ‘guardador de carro’, além de serem os pedintes e alvos de reclamações.

A forma como as pessoas em situação de rua são representadas no texto 2, assim como as vozes e entrevistas reproduzidas, pois tais discursos também legitimam um pensamento opressor, nos mostra que há o que Thompson (2011) conceitua como expurgo do outro, isto é, percebemos uma distância, a partir do texto, e uma diferenciação entre as pessoas protagonistas da reportagem. Passemos agora a análise de uma reportagem do estado de Goiás, que apresentam outros modos de ideologia, sustentados por Thompson (2011).

Lembramos que outro modo de operação da ideologia é a legitimação, um aparato ideológico usado como uma estratégia para sustentar discursos, pois é representada como digna de apoio (Thompson, 2011, p. 40). Veremos como isto ocorre na análise do texto 3, do jornal G1, do Estado de Goiás.

**Morador de rua faz casa de papelão com varanda e jardim: “Meu castelo”**

G1 Globo Goiás

(1)O morador de rua Francisco Franco, de 52 anos, construiu uma casa de papelão e compensado, (2)com varanda, jardim e uma casinha para o cachorro Chorão, em Goiânia. Ele conta que fez o lugar (3)com amor e o chama de “castelo”. O homem diz que é pai de três filhos e tem cinco netos, mas (4)não sabe onde eles estão. Francisco afirma que sonha em ter uma casa e que se surpreende com a (5) reação de algumas pessoas que ele cumprimenta na rua.

(6)“Chega aqueles caboclos em uns carrões bonitos, os caboclos que tem tudo, todas as bênçãos que (7)um homem podia ter, ele teve a honra e a glória de Deus abençoar ele. Você chega nele e fala (8)‘bom dia meu senhor, está tudo bem?’ e ele fala assim ‘não’, com a cara ruim. Eu fico pensando, (9)como é que ele pode falar uma coisa dessa? Todo ser humano devia ter um lar e como eu não (10)tive oportunidade eu fiz o meu aqui mesmo. É minha casa, é meu castelo. As pessoas podem (11)achar que não, mas eu sou feliz assim”, disse o morador de rua Francisco Franco, morador de (12)rua. A casa de Francisco foi feita por ele na Rua Ministro Guimarães Natal, no Setor Crimeia (13)Oeste. A porta de entrada é um jardim cheio de flores artificiais e borboletas. As paredes são (14)feitas de compensados decorados com itens que ele encontra na rua. O teto é composto por (15)restos de um Box, com papelão e cobertores pra não deixar o frio passar. Dentro tem um colchão (16)e uma prateleira onde ele guarda, de forma organizada, seus poucos pertences. O lugar tem até (17)varanda, cercada com um estrado de berço e madeira. Seu Francisco não mora sozinho no (18)“castelo” que construiu para ele. Ao lado do cachorro Chorão, que tem uma casinha ao lado da (19)varanda, compartilha histórias. “O nome dele é esse porque quando eu prendo ele, ele começa a (20)chorar, a uivar, que você pensa que ele está levando uma surra. Mas é que ele está preso e eu não (21)estou perto”, revelou.

(22)Na região, todos o conhecem e o ajudam a sobreviver entre as dificuldades da vida. Mas o homem (23)diz que nem sempre foi assim e que já tentou construir a casa outras vezes. “Eles me arrancavam (24)a casa, me botavam na rua e jogavam tudo fora. Não deixava um papelão. Aqui eu sou amigo de (25)todo mundo no bairro. Todo dia me ajudam com pra eu almoçar, uma roupa, uma coberta, uma (26)chinela. O goiano é o ser humano de coração melhor do mundo”, afirmou.

(27)Francisco diz que sonha em ter uma casa própria, sem risco de ser despejado, como acontece nas (28) calçadas das ruas. Além disso, quer poder ter um lugar para poder receber os parentes quando (29)os reencontrar. “Meu sonho é ter uma casa verdadeira, para que eu possa ser igual a todo mundo. (30)E ver meus filhos, minha família novamente, mas numas condições mais honrosas”, reforça.

Quadro 8. Reportagem do Jornal G1, Goiás. Texto 3.

Na reportagem que tem como título *Morador de rua faz casa de papelão com varanda e jardim: “Meu castelo”*, podemos perceber o uso do relato direto, por meio das aspas, em “*Meu castelo*”. Portanto, verificamos que o produtor do texto utiliza uma expressão que foi relatada, de acordo com a linha (10), pela pessoa em situação de rua a qual o jornal faz referência.

Já em relação aos modos de operação de ideologia (Thompson, 2011), analisamos que o uso recorrente da legitimação por racionalização. Para melhor compreendermos como ocorre essa análise, deslocamos nossa atenção as linhas (12), (13), (14), (15) e (16). Vejamos o trecho:

(12) A casa de Francisco foi feita por ele na Rua Ministro Guimarães Natal, no Setor Crimeia (13)Oeste. A porta de entrada é um jardim cheio de flores artificiais e borboletas. As paredes são (14)feitas de compensados decorados com itens que ele encontra na rua. O teto é composto por (15)restos de um Box, com papelão e

cobertores pra não deixar o frio passar. Dentro tem um colchão (16) e uma prateleira onde ele guarda, de forma organizada, seus poucos pertences.

Aqui percebemos que o autor do texto cria uma cadeia de raciocínio, faz uma persuasão para que o fato principal, que é a situação de rua, fique encoberto em relação às características do ambiente, o que é supérfluo, comparado à situação de rua, fica no primeiro plano da notícia, como nas orações: *‘um jardim cheio de flores artificiais e borboletas’*, *‘as paredes são feitas de compensados decorados com itens que ele encontra na rua’*, e assim os problemas da pessoa em situação de rua, que deveriam ser tratados com relevância e seriedade uma vez que claramente envolvem questões sociais, econômicas e políticas não se sobressaem.

Uma categoria que também observamos no texto é em relação à interdiscursividade, apresentada no capítulo 3. Dessa forma, por meio de alguns traços da linguagem, como o vocabulário, é possível identificar diferentes discursos. Portanto, percebemos que, neste texto, há o ‘discurso da moradia’, o que podemos verificar de acordo com alguns trechos de discursos indiretos, como na linha (4) *‘Francisco afirma que sonha em ter uma casa (...)’*, assim também no discurso direto, na linha (9) *‘(...) como é que ele pode falar uma coisa dessa? Todo ser humano devia ter um lar (...)’*. Por conseguinte, a situação de rua é um problema que atinge milhares de pessoas nas regiões brasileiras, portanto acreditamos que deveria ter uma carga de visibilidade midiática mais evidente. Porém, o que percebemos é que se, por um lado, o texto identifica a voz da pessoa em situação de rua, uma voz mais vulnerável, por outro, há a ausência da voz de autoridades e instituições mais influentes, assim não existe um posicionamento legal ou uma perspectiva de mudança para a situação de rua. Em vista disso, a voz da pessoa em situação de rua é identificada e a presença de um discurso que almeja uma moradia é ressaltada no decorrer do texto, como podemos analisar também nas marcas linguísticas do discurso direto das linhas (29) e (30).

(29) (...) “Meu sonho é ter uma casa verdadeira, para que eu possa ser igual a todo mundo. (30) E ver meus filhos, minha família novamente, mas numas condições mais honrosas”, reforça.

Dessa forma, percebemos traços, na fala da pessoa em situação de rua, que atentam para a um desejo em querer sair dessa situação de vulnerabilidade social, quando o fato de ter uma casa é relacionado a ser ‘igual a todo mundo’ e assim almejar o que era para ser um padrão de vida no país.

Analizamos na fala do participante o processo relacional possessivo ‘*ter*’, linha (29), mas que é algo projetado, já que ele usa a palavra ‘*sonho*’, e não uma realidade vivida pelo indivíduo, assim, ao dizer ‘*casa verdadeira*’, percebemos que ele não considera o lugar atual que ele vive como uma moradia, já que ‘*verdadeira*’ é um atributo do substantivo ‘*casa*’. Na oração seguinte, o processo relacional representa uma característica ou um fato que é novamente projetado por Francisco, o fato de ‘*ser igual a todo mundo*’. Percebemos, também nessa oração, que ele se sente fora do coletivo, ele reconhece nesta frase que é uma pessoa diferente, assim, a diferenciação já está interiorizada na fala do indivíduo. Na oração seguinte, há o processo mental ‘*ver*’, se referindo à um estado da consciência, pois *ver os filhos e a família*, ainda não é uma realidade vivida por ele. Dessa forma, Francisco também admite que a situação de rua o priva de alguns eventos, e reconhece na frase ‘*numas condições mais honrosas*’, linha (30), que ele tem consciência da condição de vulnerabilidade social. A escolha do processo verbal ‘*reforça*’, além de mostrar que a notícia deu voz ao participante, também fortalece a fala do indivíduo, mostrando a insatisfação em estar na condição da situação de rua.

Observamos, portanto, nos jornais analisados, que há uma ocorrência de representações negativas em relação as pessoas em situação de rua. Além disso, percebemos que ao valorizar a categoria espaço, os autores dos jornais, criam uma relação de diferença e de acentuação de desigualdade entre as pessoas. Nesse sentido, passemos a verificar as ocorrências na região sudeste.

## **4.2 Reportagens da região Sudeste**

As análises da região sudeste foram colhidas na seção de notícias dos sites: Hoje em dia, G1, UOL e Folha de São Paulo. Noticiam acontecimentos que envolvem pessoas em situação de rua e que de algum modo a categoria espaço também se mostra presente, como relevante ou não para o fato. A primeira reportagem analisada, do estado de Belo Horizonte, do jornal Hoje em Dia, da rede Record, do ano de 2016. Vejamos as principais ocorrências de representações e processos do Texto 1.

### Moradores de rua improvisam estrutura para “fixar residência” nas ruas de Belo Horizonte

(1)O pequeno globo terrestre pendurado na entrada da “casa” tem tudo a ver com Aparecido da Silva, (2)de 42 anos. Nascido em Quitimbu, distrito de Custódia, no sertão pernambucano, ele viveu por (3)mais três décadas em cidades paulistas antes de chegar a Belo Horizonte. (4)Há um ano, o “desenhista profissional”, como ele se intitula, “fixou residência” debaixo de uma (5)passarela da avenida Cristiano Machado, no bairro da Graça, na região Nordeste. Ao contrário de (6)grande parte dos moradores de rua, que perambula de marquise em marquise, Aparecido (7)transformou o pequeno espaço numa habitação improvisada. Levantou as “paredes” com pedaços (8)de lona, plástico e cobertores. Dentro do “imóvel”, usa carrinhos de supermercado para guardar (9)objetos pessoais, de higiene e quinquilharias. Na decoração, bonecos, ilustrações e desenhos feitos (10)por ele, pregados na estrutura de metal da passarela. Abordado duas vezes por assistentes sociais (11)da prefeitura, Aparecido preferiu continuar no local. “Não quero ir para abrigo. A gente tem que (12)sair de manhã cedo e em determinado horário não consegue mais entrar. Em primeiro lugar, (13)respeito todos os pedestres que passam por aqui, onde pretendo ficar até o fim da minha vida”, (14)afirma.

#### (15)Perfil

(16)Coordenadora do Comitê de Política Municipal para a População de Rua de BH, a pedagoga (17)Soraya Romina explica que as pessoas que vivem nessa situação são divididas em três perfis. (18)Como Aparecido, também que ficam por muito tempo “morando” no mesmo espaço, em casas (19)improvisadas. “É aquela pessoa que vive sozinha e encontra a ambiência favorável em (20)determinado local, em condição de sobrevivência, recebendo doações. Passa a ter o respeito e o (21)reconhecimento da sociedade”, ressalta a especialista. Há moradores de rua que preferem viver (22)em grupos, que exercem o papel de famílias substitutas. “Uma forma que encontram para se (23)proteger”, afirma Soraya. O terceiro perfil apontado por ela são de grupos flutuantes. “São (24)aqueles que chamamos de andarilhos, que vivem mudando de regiões da cidade”, diz. Área de (25)lazer criada em praça para desafios no jogo de damas Em um canto, prateleira com livros: “Farda, (26)fardão, camisola de dormir”, de Jorge Amado, e “O que você deve saber sobre os psicotrópicos (27)– A viagem sem bilhete de volta”, escrito por José Elias Murad em 1972, estão entre as obras. (28)Ao lado, um improvisado tabuleiro de damas. Também há balanço feito com pneu de moto, (29)enfeites nas luminárias e bandeira do Brasil pendurada. Tudo isso emoldurado pelo colorido das (30)flores. A “área de lazer” foi criada por Lindemberg Beltrão dos Santos, de 48 anos, na pequena (31)praça Antônio Xavier, no bairro Cidade Nova, Nordeste de BH, escolhida por ele como moradia (32)há cinco. Deixou para trás uma casa no Jardim Vitória, na mesma região, a mulher e duas filhas. (33)Aveso a fotografias, é acompanhado sempre de perto pelo fiel amigo, o cachorro Pretinho. (34)“Além do documento, carrego comigo apenas a liberdade. Aqui recebo minhas visitas e nunca (35)perdi uma partida de damas”, resume. Com tanto capricho ao aparar a grama e aguar as plantas, (36)ganhou o apelido de zelador da praça. “Teve um Natal que os moradores fizeram uma caixinha (37)para me dar. Rendeu R\$ 700, mas eu não quis o dinheiro. Pedi que comprassem mudas”, (38)orgulhar-se, apontando para as rosas no jardim. Desafio é tornar atrativa oferta de abrigos contra (39)a violência Feito em 2014 pela Secretaria Municipal de Assistência Social, o Censo da População (40)de Rua de BH apontou 1.827 pessoas nessa situação. Boa parte (33,5%) admitiu falta de interesse (41)pelos abrigos oferecidos pela prefeitura por causa da inflexibilidade de horários e das regras. (42)Convencê-las é o grande desafio das equipes de abordagens. “Nossos técnicos usam a via do (43)convencimento, pois não podemos tirar ninguém à força das ruas, de forma compulsória. É muito (44)duro esse caminho de volta, pois são pessoas que romperam a lógica da regra, da convivência (45)social”, diz a pedagoga Soraya Romina. Coordenadora do Comitê de Política Municipal para a (46)População de Rua de BH, ela ressalta que embora haja o reconhecimento de parte da população (47)pelo zelo de Lindemberg Beltrão dos Santos com a praça Antônio Xavier, pessoas como ele ficam (48)expostas aos riscos de morar na rua. “Expostas à violência, aos intempéries do tempo, ao (49)preconceito, à invisibilidade social”, enumera. (50)Para a especialista, a crise econômica pode ter provocado o crescimento da população de rua na (51)capital mineira, a exemplo de todo o país. Segundo ela, não há previsão de que seja feito novo (52)censo, uma vez que a contagem executada em 2014 tem validade de dez anos.



Ao analisarmos o texto, percebemos o modo como o produtor faz o uso das aspas simples no decorrer da reportagem. O uso das aspas simples nos textos, pode indicar um discurso direto, uma expressão como pertencendo a uma voz externa e também uma marca de ironia. Dessa forma, a ironia, uma maneira de intertextualidade presente no texto analisado, é observada quando percebemos que há uma disparidade entre o significado de uma palavra ou expressão e sua real função. Portanto, nesta reportagem, que discorre a respeito de pessoas em situação de rua, vimos que o uso das aspas simples nas expressões das linhas (1), (4), (7), (8), (18) e (30): “*casa*”, “*fixou residência*”, “*paredes*”, “*imóvel*”, “*morando*”, “*área de lazer*”, gera um aspecto irônico nas orações, pois o há uma evidente falta de sentido entre o significado das expressões em aspas simples e o contexto situacional (Fairclough, 2001, p. 159), que é o contexto da situação de rua. Podemos perceber também este fato, quando no título há a expressão “*fixar residência*”, pois, de acordo com o dicionário Aurélio, ‘*fixar*’ significa firmar, assentar e “*residência*” quer dizer morada, casa. Portanto, de acordo com a expressão e sabendo dos seus significados, poderíamos pensar que há uma casa fixa, porém quando essas palavras são associadas ao contexto da situação de rua e também à oração ‘*improvisam estrutura*’ (título) sugere uma ideia oposta, de que não existe um espaço fixo, pois há a necessidade da improvisação.

Outra análise, de acordo com a reportagem, é o fato de que o texto narra a história de Aparecido da Silva, uma pessoa em situação de rua, e conta como ele vive e convive no espaço da rua. Aqui, o ator social é identificado por meio da nomeação, “*Aparecido da Silva, de 42 anos*”, linha (1), já que ele é representado pelo nome completo e pela idade, porém, quando não é identificado pelo nome, ele é representado por meio da generalização por categorização, quando chamado de ‘*moradores de rua*’, linha (1). Na análise, o ator social também é representado por uma funcionalização. Nesse sentido, nos deslocamos para as linhas 4 e 5.

(4) Há um ano, o “desenhista profissional”, como ele se intitula, “fixou residência” debaixo de uma (5) passarela da avenida Cristiano Machado, no bairro da Graça, na região Nordeste.

A funcionalização ocorre quando há na frase da linha (4) o “*desenhista profissional*”, uma inclusão do ator social por uma função que desempenha. Porém o uso das aspas simples

relacionado à marca de um metadiscurso<sup>9</sup>, ‘*como ele se intitula*’ (linha 4), permite uma análise de distanciamento da voz da pessoa em situação de rua.

Percebemos também que apesar da nomeação de ‘*Aparecido*’ e da funcionalização, assim identificando-o de alguma forma, há também no texto um subtítulo que traça o ‘*Perfil*’ das pessoas em situação de rua, de acordo com a coordenadora do comitê de política Municipal de BH. Observemos o trecho das linhas (18), (19), (20) e (21).

(18)Como Aparecido, também que fica por muito tempo “morando” no mesmo espaço, em casas (19)improvisadas. “É aquela pessoa que vive sozinha e encontra a ambiência favorável em (20)determinado local, em condição de sobrevivência, recebendo doações. Passa a ter o respeito e o (21)reconhecimento da sociedade”, ressalta a especialista.

Assim, o produtor do texto, por meio do relato direto (citação entre aspas), traz a voz de uma ‘*especialista*’, uma autoridade no assunto para poder traçar o ‘*perfil*’, um padrão de comportamento de pessoas em situação de rua. Em relação à representatividade, na oração da linha (19), percebemos que há a inclusão do ator social *aquelas*, dessa forma, o ator é incluso e indeterminado, como se, nesse caso, a identidade do sujeito fosse irrelevante para o leitor. Já em relação ao espaço, averiguamos que quando o texto se refere ao espaço ocupado por pessoas em situação de rua, há o uso de aspas, como no termo “*morando*”, indicando mais uma vez um sentido vago ou indefinido. Portanto, ao mesmo tempo que esse espaço não é definido, há a contradição no fato de ‘*encontrar a ambiência favorável em determinado local*’, o termo ‘*ambiência*’ significa um meio material ou moral onde se vive, representando então, que há um espaço determinado para as pessoas em situação de rua.

Percebemos também que, a partir do momento em que a pessoa em situação de rua tem um espaço determinado, já que ela ‘*encontra a ambiência favorável em determinado local*’, aqui há o processo material ‘*recebe*’ e a inclusão por passivação já que o ator social ‘*recebe doações*,’ e assim é beneficiário da ação, mas também há uma exclusão por encobrimento, pois não se sabe quem entrega. Observamos que o ator social ‘*passa a ter o respeito e o reconhecimento da sociedade*’, portanto percebemos que antes dessas condições ela não tinha um respeito nem um reconhecimento. Assim, de acordo com a notícia, o fato das pessoas em situação de rua terem um lugar físico determinado, representa seu valor perante à sociedade, pois o reconhecimento também se dá porque o ator social cuida da praça, assim, podemos compreender este contexto

---

<sup>9</sup> De acordo com Fairclough (2001, p. 157), “o metadiscurso é uma forma peculiar de intertextualidade manifesta em que o(a) produtor(a) do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio texto e distancia a si próprio(a) de alguns níveis do texto (...)”

através das relações trabalhistas, discutidas no Capítulo 1, pois com o aumento dos trabalhos informais e dos desempregos, há um aumento também da diferença social, levando à problemas críticos que envolvem a pobreza.

A notícia analisada tem uma divisão referente a uma ‘*área de lazer*’, o texto descreve as características físicas de um espaço, ofuscando o lugar com adjetivos e escolhas linguísticas favoráveis, deixando o problema da situação de rua em segundo plano. Observemos o trecho seguinte.

(28) Também há balanço feito com pneu de moto, (29)enfeites nas luminárias e bandeira do Brasil pendurada. Tudo isso emoldurado pelo colorido das (30)flores.

Percebemos nesse trecho a inversão da relevância dos aspectos, ou seja, o secundário é apresentado como o principal e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo (ABRAMO, 2003), assim há uma dúvida no que realmente é essencial esclarecer para o leitor. Portanto, há um destaque do produtor do texto para o visual harmônico sobre a veracidade, sobre a realidade.

Ao analisarmos esta reportagem, observamos que as vozes legitimadas pelo texto e as marcas linguísticas empregadas pelo produtor, mostra que está implícito que se faz a descrição da pessoa em situação de rua de forma a produzir indivíduos dóceis e conformistas com a situação, a fim de servir aos interesses financeiros das empresas multinacionais, como a mídia, por exemplo.

Em outras reportagens também percebemos a questão que há entre os espaços, principalmente públicos, e a situação de rua, como na reportagem do Jornal de São Paulo, intitulada ‘*Prefeitura coloca estruturas “antimendigos” em viaduto*’. Vejamos.

### Prefeitura coloca estruturas "antimendigos" em viaduto

- (1) Pilares entre as estações Tietê e Carandiru do metrô de SP foram cercados de pedras irregulares.
- (2) Intenção é "evitar que sejam acesas fogueiras nesses locais"
- (3) A revitalização dos canteiros que ficam embaixo das estações da linha azul do metrô de São Paulo,
- (4) entre o Tietê e o Tucuruvi, acompanhada da construção de uma ciclovia, ainda é modesta. As
- (5) alterações já realizadas em um dos trechos, entretanto, apresentam estruturas com características
- (6) "antimendigo" ao redor das pilastras que suspendem os trilhos do metrô. A obra entre a rua
- (7) Coronel Antônio de Carvalho e a avenida General Ataliba Leonel foi iniciada em novembro de
- (8) 2013 e é realizada pela prefeitura de São Paulo. A estrutura montada pela gestão de Fernando
- (9) Haddad (PT) em volta dos pilares é composta por pedras semelhantes a paralelepípedos, entre 10
- (10) e 20 centímetros de altura, dispostas de maneira irregular em volta de cada pilar de suspensão da
- (11) via elevada por onde passa o metrô.
- (12) Por meio de nota, a Subprefeitura de Santana informou que "está realizando obras de
- (13) revitalização na região, que envolve a Avenida Cruzeiro do Sul, entre a Rua Coronel Antônio de
- (14) Carvalho e a Avenida General Ataliba Leonel.
- (15) A obra prevê melhorias no canteiro central e nas calçadas, e reforço na iluminação, totalizando
- (16) mais de 12 mil m<sup>2</sup> de reforma. A estrutura em questão é obra prevista em projeto e tem a
- (17) finalidade de proteger as pilastras de sustentação do metrô, a fim de evitar que sejam acesas
- (18) fogueiras nesses locais, o que abala a estrutura da edificação.
- (19) Em 2012, durante a gestão Kassab, haviam sido colocadas grades de ferro de cerca de dois metros
- (20) de altura cercado todo canteiro central – estruturas que estão sendo retiradas agora pela gestão
- (21) Haddad.
- (22) Em 2005, a gestão José Serra (PSDB) foi duramente criticada pelo PT ao erguer rampas íngremes
- (23) na parte de baixo de viadutos de acesso da avenida Paulista. O então subprefeito da Sé, Andre
- (24) Matarazzo, defendeu a medida e afirmou que era para evitar o uso de drogas na região. O padre
- (25) Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo da Rua, afirmou que a intenção era "dar a falsa impressão
- (26) de que o problema não existe".
- (27) Em 2007 o sucessor de Serra, Gilberto Kassab (PSD) prosseguiu com a política "antimendigo",
- (28) instalando na praça da República e em outros pontos da cidade bancos com um apoio de braço
- (29) no centro, impedindo que qualquer pessoa se deite neles.

Quadro 10. Reportagem do Jornal de São Paulo. Texto 2.

A notícia é a respeito de construções feitas pela prefeitura do estado de São Paulo para que pessoas em situação de rua não permaneçam no local. O título do texto é composto por um processo material 'coloca', um processo do fazer em que há um investimento de energia, há também a palavra 'estruturas', que está como a meta da oração. Logo após, a expressão "antimendigos", caracterizando um tipo específico de estrutura, o prefixo 'anti', refere-se a contra e a palavra 'mendigo' significa um pedinte, pessoa que pede esmola para viver, porém sabemos que nem toda pessoa em situação de rua pede esmola. Assim a expressão que identifica o ator social é marcada com um termo negativo e que, apesar de mendigo ser atribuído a uma pessoa, no texto é um atributo de um objeto, uma estrutura. Passemos a análise do subtítulo do texto:

(1)Pilares entre as estações Tietê e Carandiru do metrô de SP foram cercados de pedras irregulares. (2)Intenção é "evitar que sejam acesas fogueiras nesses locais"

A primeira oração do texto, linha (1), é marcada por uma estrutura passiva '*foram cercados*', nesse caso, o ator não está explícito, assim o sujeito é omissos na ação. Na oração, a meta é '*Pilares*' e '*de pedras irregulares*' é a circunstância, o fato das pedras serem '*irregulares*' já indica a finalidade de algum impedimento, o que é constatado na oração seguinte, quando há um processo relacional e quando a citação começa com o processo no infinitivo '*evitar*'. Dessa forma, o processo não indica o sujeito nem o tempo verbal, omitindo assim a responsabilidade da ação e da duração. Portanto, ao inserir as aspas simples na expressão é "*evitar que sejam acesas fogueiras nesses locais*", percebemos que há uma voz externa, que não é identificada e, assim, o produtor do texto estabelece uma distância textual. Destarte, apesar do texto ser a respeito de estruturas "*antimendigos*", de acordo com o título, o ator social não está expresso na oração nem mesmo quando existe uma intencionalidade no subtítulo. Observamos, também, que a citação da oração ocorre como uma justificativa para a ação, pois o texto relaciona, de forma generalizada, a estrutura antimendigo ao fato de acender fogueira. Percebemos que o texto dá uma importância às construções e espaços, já que há uma identificação e especificidade, vejamos um trecho.

(3)A revitalização dos canteiros que ficam embaixo das estações da linha azul do metrô de São Paulo, (4)entre o Tietê e o Tucuruvi, acompanhada da construção de uma ciclovia, ainda é modesta.

O texto apresenta um processo relacional (linha 3) que identifica o espaço e faz uma relação entre a '*revitalização dos canteiros*', caracterizando-a como '*modesta*'. Percebemos assim que revitalização remete a dar nova vida, vitalizar (Aurélio, 2015), porém a referência é em relação a dar nova vida a um espaço. Dessa forma, o produtor dar ao espaço características humanas. Nesse mesmo sentido, observamos também que o advérbio '*ainda*' intensifica o vínculo desse espaço ter uma característica expressa por um adjetivo que significa ter modéstia, assim ter despreensão e simplicidade (Aurélio, 2015). Dessa forma, verificamos que a única parte da notícia em que há uma menção direta aos atores sociais como pessoas em situação de rua, é quando elas são identificadas como usuárias de drogas. Para constatar, deslocamos nossa atenção as linhas (23) e (24):

(23)(...) O então subprefeito da Sé, Andre (24)Matarazzo, defendeu a medida e afirmou que era para evitar o uso de drogas na região.

Primeiramente, podemos perceber que o produtor faz uso do discurso indireto<sup>10</sup>, trazendo a voz de uma autoridade. Percebemos, também, a identificação do ator social por funcionalização e por nomeação, já que o texto menciona o cargo de ‘*subprefeito da Sé*’ e o nome ‘*André Matarazzo*’, mas que, por outro lado, a exclusão por encobrimento ocorre quando sabemos que o texto é a respeito de pessoas em situação de rua e que na oração o motivo de se fazer uma construção é para ‘*evitar o uso de drogas*’, apesar do processo no modo infinitivo não nomear um sujeito específico.

Dessa forma, observamos uma contradição na notícia, pois no subtítulo a afirmação é de que a finalidade da construção é para ‘*evitar que sejam acesas fogueiras nesses locais*’, já neste trecho é ‘*para evitar o uso de drogas na região*’. Portanto, não há uma convicção a respeito do motivo da construção de *estruturas ‘antimendigos’*. O processo mental ‘*defendeu*’, linha (24), indica que o ‘*subprefeito*’ tem uma consciência a respeito da ‘*medida*’ que está sendo feita, o que é constatado pelo processo que vem logo depois ‘*afirmou*’, assim há uma confirmação daquilo que ele argumenta ‘*evitar o uso de drogas na região*’.

As análises das notícias a respeito de pessoas em situação de rua, na região sudeste, apontam o elemento espaço como um fator fundamental, sendo, em muitos momentos, mais relevante do que o problema da situação de rua, e assim do que a valorização da cidadania. Dessa forma, podemos perceber como a categoria espaço interage no problema da situação de rua, de acordo com a análise da reportagem da Folha de São Paulo do ano de 2016, podemos perceber algumas identificações. Vejamos o Texto 3.

---

<sup>10</sup> De acordo com Fairclough ( 2001, p. 157), “o discurso indireto é ambivalente: não se pode ter certeza de que as palavras do original são reproduzidas ou não.”

**Av. Roberto Marinho, em SP, sofre com degradação e invasão de sem-teto**

- (1) Inaugurada há 20 anos para ligar o Jabaquara à marginal Pinheiros, a avenida Jornalista Roberto
- (2) Marinho, na zona sul de São Paulo, atualmente está marcada pela presença de favelas, ausência
- (3) de iluminação pública e falta de segurança. Desde a sua abertura, a via passou por uma série de
- (4) intervenções que a transformaram em um canteiro de obras sem fim. Hoje é o atraso na construção
- (5) da linha 17 do monotrilho do Metrô, iniciada em 2012, que contribui para a degradação.
- (6) Há barracas às margens do córrego Água Espraiada em vários trechos. Elas se concentram
- (7) principalmente em pontos onde não há operários.
- (8) Segundo moradores e comerciantes, o número de sem teto, usuários de drogas e relatos de assaltos
- (9) e agressões aumenta a cada semana. "Aqui é quase uma segunda cracolândia", diz a dona de casa
- (10) Rudneia Arantes, 48, que mora há mais de 40 anos ali.
- (11) A Secretária da Segurança Pública, do governo Geraldo Alckmin (PSDB), disse que nos últimos
- (12) três meses só registrou um roubo na região. O Metrô afirmou que faz a segurança da obra com
- (13) rondas de moto e postos fixos. Já a gestão Fernando Haddad (PT) informou que faz
- (14) encaminhamento de moradores de rua diariamente.

Quadro 11. Reportagem do Jornal de São Paulo. Texto 6.

Assim, já no início do texto, verificamos que a informação contida no título induz o leitor a pensar que os culpados pela ‘degradação’ são os ‘sem-teto’, pois na oração o processo ‘sofreu’ é um processo mental emotivo, o que significa que há um grau de sentimento, já que nos processos mentais os participantes são tipicamente humanos que sentem, pensam, desejam e percebem (Fuzer e Cabral, 2014), porém quem sofre a ação na oração é um espaço, a ‘Av. Roberto Marinho, em Sp’. Além disso, a identificação do ator social como ‘sem-teto’, é uma representação por categorização, pois há uma distinção no fato das pessoas em situação de rua, de acordo com o texto, não terem um ‘teto’ ou uma habitação. O título também menciona que a Avenida ‘sofre com degradação e invasão’, de acordo com o dicionário Aurélio (2015) a palavra ‘degradação’ além de significar o desgaste, também é interpretada como a destituição de uma dignidade. Percebemos então uma inversão de valores, quando a categoria espaço tem uma valoração e uma caracterização de elementos humanos e quando o ator social em situação de vulnerabilidade é posto em segundo plano e como o responsável negativo pela ação. Vimos também que a utilização da palavra ‘invasão’ torna o título mais persuasivo, já que a Avenida é um espaço público, um espaço comum aos cidadãos, não pertence a um ente particular para ser uma ‘invasão’, o que ocorreu foi a uma ocupação das pessoas em situação de rua. Dessa forma, as escolhas linguísticas podem identificar o ator social e assim difundir pensamentos e discursos favoráveis ou não ao sujeito, e o que percebemos na notícia da Folha de São Paulo é que há a difusão de uma imagem negativa das pessoas em situação de rua, vejamos no trecho.

(1)Inaugurada há 20 anos para ligar o Jabaquara à marginal Pinheiros, a avenida Jornalista Roberto (2)Marinho, na zona sul de São Paulo, atualmente está marcada pela presença de favelas, ausência (3)de iluminação pública e falta de segurança.

A notícia começa descrevendo as características e as circunstâncias da Avenida, como a localidade e o nome, dessa forma verificamos que existe uma preocupação do autor do texto em deixar claro aos leitores a importância da categoria espaço. A presença da locução verbal *‘está marcada’*, mostra a intensidade que o texto identifica as pessoas em situação de rua, porém tal identificação é selecionada por meio das palavras *‘favelas’*, *‘ausência de iluminação pública’* e *‘falta de segurança’*. Dessa forma, há uma generalização, pois, as pessoas em situação de rua estão identificadas como sendo sinônimos de ações de responsabilidade do governo, as *‘favelas’* que são um conjunto de moradias populares habitadas pela população mais pobre, são apontadas como sendo algo negativo, mas que se existem é porque estão relacionadas à falta de investimento do governo no sentido da erradicação da pobreza nas regiões. A *‘ausência de iluminação pública e falta de segurança’* também estão ligadas a atividades governamentais, pois a culpa de não existir tais ações não é pela presença de pessoas em situação de rua ou *‘invasão de sem teto’*, como diz o título da reportagem, e sim pela despreocupação em investimentos nesta determinada região. Assim, o que verificamos é uma transferência de culpa, em que as pessoas em situação de vulnerabilidade são identificadas, portanto os mais fragilizados economicamente e socialmente, na reportagem, estão se tornando autores de algo que eles não são protagonistas e sim vítimas.

Nas reportagens analisadas, percebemos a mesma linha de pensamento em relação as pessoas em situação de rua, assim há uma preocupação maior em destacar a categoria espaço, por exemplo, e em transferir ações negativas as pessoas mais vulneráveis, que são identificadas de formas não específicas, como *‘sem teto’*, *‘mendigos’*, *‘invasores’* e *‘usuários de drogas’*. Dessa forma, observamos a falta de preocupação que as notícias têm em dar um valor as pessoas em situação de rua. Verificaremos agora, como essa identificação ocorre em reportagens analisadas da região sul do Brasil.

### **4.3 Reportagens da região Sul**

As análises desse estudo foram compostas por reportagens da região Sul do Brasil, pois apoiamos a ideia de que, ao examinar os jornais das cinco regiões brasileiras podemos ter um estudo mais amplo do tema em foco. Por se tratar de um problema nacional e até universal, a situação de rua pode ser representada por formas distintas ou iguais, de acordo com cada jornal



e região. Portanto, nesta parte da pesquisa abordaremos como os jornais G1 do Rio Grande do Sul, Jornal do Paraná e jornal Gazeta do Povo, identifica e informa ao leitor notícias que envolvem pessoas em situação de rua e a categoria espaço.

As formas como as pessoas em situação de rua são identificadas interferem diretamente em suas representações, uma vez que o discurso transforma e modifica as relações sociais. Dessa forma, quando um meio de comunicação, como um jornal, identifica e nomeia os cidadãos que vivem em situação de rua, há uma influência aos leitores e assim uma interferência na maneira de pensar, de construir pensamentos e se apoiarem em ideologias a respeito do problema da vulnerabilidade social. Ao analisarmos as reportagens da região Sul, identificamos representações que podem prejudicar, por meio da linguagem, a identidade das pessoas em situação de rua. Observamos, também, que alguns discursos presentes nos textos, caracterizam contradições e diferenças na relação interdiscursiva, fabricada pela naturalização de um senso comum ideológico, por exemplo. Em relação à intertextualidade manifesta<sup>11</sup>, consideramos ser importante identificar quais vozes aparecem no texto, e o modo como aparecem, representando aspectos sociais, políticos e ideológicos. De acordo com Fairclough (2001, p. 138), “os elementos do texto podem ser planejados para ser interpretados de diferentes modos, por diferentes leitores ou ouvintes, o que é uma outra fonte de ambivalência antecipatória, intertextual”, pois diferentes sentidos podem coexistir ao analisarmos um texto. Passemos, agora, a reportagem do jornal de Curitiba, como exemplo.

---

<sup>11</sup> De acordo com Fairclough (2001, p. 152), “A intertextualidade manifesta é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto, enquanto interdiscursividade é uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso”.

**Abrabar defende retirar mendigos das ruas de Curitiba 'por bem ou por força'**

- (1) Associação Brasileira de Bares e Casas Noturnas fez post no Facebook.
- (2) Para a Ordem dos Advogados do Brasil, medida vai contra constituição.
- (3) A Associação Brasileira de Bares e Casas Noturnas (Abrabar) Brasil criou uma polêmica ao defender
- (4) no Facebook a retirada dos mendigos das ruas de Curitiba, no Paraná, "por bem ou por força". A
- (5) postagem foi feita na rede social na segunda-feira (18). Para a Ordem dos Advogados do Brasil, a
- (6) medida vai contra a Constituição Federal. Já é uma cena do cotidiano: eles estão nas calçadas, embaixo
- (7) de marquises, deitados em colchões velhos e sujos, vivendo no improvisado. Para a Abrabar Brasil, a
- (8) presença dos moradores de rua incomoda. Então, na rede social, a associação reclamou:
- (9) *"Curitiba sempre lutou para ser uma ótima cidade Dormitório e de hospedagem, infelizmente*
- (10) *conseguiu mais e de forma negativa um albergue a céu aberto com colchões e camas nas ruas e*
- (11) *ninguém faz nada para reverter e o poder público assiste passivamente, já era assim com o comércio*
- (12) *clandestinos de bebidas nas ruas e calçadas, agora com motéis e hotéis clandestinos de marquises. Só*
- (13) *tem um jeito e atitude: primeiro é cercar as marquises, recolher as camas e oferecer dignidade e*
- (14) *alojamento ao povo desfavorecido e optante destas modalidades, seja por bem e espontânea vontade*
- (15) *ou por força de ato de ordem pública e social!"*
- (16) O presidente da Abrabar, Fábio Aguayo, reforça o posicionamento. "Nós temos que resgatar essas
- (17) pessoas para uma vida digna. Ninguém quer essas pessoas ao léu, ao relento, jogadas para
- (18) marginalidade ou para a sorte da vida", diz. Para Aguayo, a pessoa "vai ter que ser removida", mesmo
- (19) que não queira sair do local.
- (20) A Prefeitura de Curitiba diz que, todos os dias, aborda moradores de rua para levá-los a albergues.
- (21) Mas, nem sempre, eles aceitam a oferta. "Vamos trabalhar sempre com intensidade e persistência no
- (22) acolhimento dessas pessoas e no convencimento. Nós, a prefeitura, ninguém quer que elas fiquem nas
- (23) ruas, mas temos que ter formas constitucionais para lidar com isso", afirma o assessor da Fundação de
- (24) Ação Social (FAS), Antônio Carlos Rocha. Para a Comissão de Direitos Humanos da OAB, a retirada
- (25) à força de um morador de rua fere um direito previsto na constituição brasileira, talvez o mais
- (26) conhecido de todos: o de ir e vir. "É uma violência inadmissível. Eu acho que é isso é não é possível,
- (27) de forma nenhuma", acredita a integrante da comissão, Isabel Mendes.

Quadro 12. Jornal de Curitiba. Texto 1.

Nesse sentido, observamos em uma das reportagens do G1, do estado do Paraná do ano de 2016, que tem como título 'Abrabar defende retirar mendigos das ruas de Curitiba por bem ou por força', a presença de dois atores sociais, o primeiro é identificado como 'Abrabar', associação brasileira de Bares e Casas Noturnas, assim há uma especificação, o segundo ator social é representado pela palavra 'mendigos', uma generalização, já que mendigo, de acordo com o dicionário Aurélio (2015) é aquele que pratica a mendicância, que vive pedindo esmolas, mas é importante saber que há pessoas que vivem em situação de rua e que trabalham, têm empregos formais ou informais, portanto não vivem só do ato de pedir esmolas.

A oração do título é marcada por um discurso indireto e por um processo mental cognitivo 'defende', assim, o texto mostra que a Associação está exercendo um poder de experiência da consciência que afeta as pessoas em situação de rua, já que tal defesa é para 'retirar mendigos das ruas de Curitiba'. Por meio dessa oração, percebemos que não há uma visão de que existe um problema de vulnerabilidade social, já que a Associação pretende 'retirar' 'por bem ou por força', assim, não há nenhuma preocupação em saber o contexto da situação de cada cidadão,

quando a solução pode ser a *'retirar por força'*. Dessa forma, pode haver a possibilidade de violência física e assim também o descumprimento da Constituição, quando há no artigo 5º que qualquer cidadão tem o direito de ir e vir. O fato de querer *'retirar'* sem um projeto de inserção social e projetos com ações que envolvem cultura, educação e cidadania, agrava mais ainda o problema. O fato dessas escolhas linguísticas serem usadas pode influenciar outras pessoas e leitores a fazerem a mesma ação, já que o discurso molda e transforma o indivíduo. Portanto, percebemos que o texto identifica e reproduz o *'discurso da violência'*, por exemplo, quando uma Associação, ou seja, que é regulamentado pelo governo *'defende a retirada por força'* pode estar ligada aos diversos casos de violência física, moral e psicológica que as pessoas em situação de rua sofrem, já que quando se procura notícias a este respeito, a maioria dos casos envolve algum tipo de violência.

Portanto, a forma como é feita a identificação pelo jornal e pela Associação, pode contribuir para casos como estes, vejamos na análise do texto, de acordo com as linhas (6), (7), e (8).

(6) (...) Já é uma cena do cotidiano: eles estão nas calçadas, embaixo (7)de marquises, deitados em colchões velhos e sujos, vivendo no improviso. Para a Abrabar Brasil, a (8)presença dos moradores de rua incomoda..

O primeiro parágrafo do texto começa com uma afirmação e um processo relacional que liga o advérbio *'já'*, indicando o tempo, o agora ao restante da oração, dando assim um realce ao período. Na mesma oração, o substantivo *'cena'* nos dá uma ideia de algo que não é real, um espaço de representação *'do cotidiano'*. Logo em seguida, o texto começa a descrever a *'cena'* a partir do uso dos dois pontos, o que reforça a ideia de uma situação ligada a representação teatral. Dessa forma, a oração inicia com um pronome pessoal correspondente à terceira pessoal do plural *'eles'*, assim há uma inclusão por indeterminação dos atores sociais. Neste momento, o texto define os lugares e características das pessoas em situação de rua, como se houvesse um padrão determinado de comportamento. O processo relacional *'estão'* faz referência aos lugares ocupados, *'calçadas'*, *'embaixo das marquises'*, *'deitados em colchões velhos e sujos'*, percebemos que o autor do texto delimita um espaço próprio em que as pessoas em situação de rua vivem, assim como, um padrão de comportamento quando ele cita *'vivendo no improviso'*. Analisamos também que ao delimitar as características das pessoas em situação de rua, o texto faz uma inclusão por categorização. É importante observar, como tratamos no capítulo da contextualização, que a situação de rua é consequência das falhas do sistema político, econômico e social que vivemos, portanto trata-se de cidadãos que são vítimas de um conjunto

de medidas em que prevalece a desigualdade. Dessa maneira, o texto também inclui as pessoas em situação de rua por generalização ‘*moradores de rua*’, quando são classificados pelo que são perante a sociedade. Porém, ainda que inclusos, o texto faz também uma rotulação quando são identificados como incômodos, já que para a Associação ‘*a presença dos moradores de rua incomoda*’, percebemos então que não é por fazerem algo indesejável ou fora da lei que as pessoas em situação de rua incomodam, de acordo com a oração, o incômodo é pela existência de estarem em um determinado espaço. Destarte, observamos que nos textos, das reportagens analisadas, a representação da categoria espaço tem uma valoração acima da representação das pessoas em situação de rua, podemos constatar isso por meio da opinião da Associação Brasileira de Bares e Casas Noturnas, como um dos exemplos.

(9)"Curitiba sempre lutou para ser uma ótima cidade Dormitório e de hospedagem, infelizmente (10)conseguiu mais e de forma negativa um albergue a céu aberto com colchões e camas nas ruas e (11)ninguém faz nada para reverter e o poder público assiste passivamente, já era assim com o comércio (12)clandestinos de bebidas nas ruas e calçadas, agora com motéis e hotéis clandestinos de marquises.

Neste trecho, há um discurso direto e dessa maneira o produtor do texto dar voz a Associação. Analisamos, também, que ‘*Curitiba*’ é um tipo de inclusão por impersonalização, já que o texto engloba as pessoas responsáveis pela ação no nome da cidade. O processo ‘*lutou*’, nesse sentido, está como um processo mental, que tem como experienciador ‘*Curitiba*’, assim também como o intensificador ‘*sempre*’ que realça a luta da cidade para ser uma ‘*ótima cidade Dormitório e de hospedagem*’. Neste primeiro período, observamos a preocupação do autor do texto em valorizar a cidade de Curitiba no seu aspecto de ser um lugar para as pessoas poderem se hospedar, pois ela ‘*sempre lutou*’, assim o texto mostra que há uma constância da cidade em ser ‘*ótima*’. Porém, logo em seguida, o texto traça os aspectos de ‘*forma negativa*’, aqui há uma avaliação e uma polaridade negativa quando o autor usa o advérbio ‘*infelizmente*’ para descrever os fatos. Há também uma crítica ao governo ‘*o poder público assiste passivamente*’, mas ao mesmo tempo o autor não propõe uma solução construtiva ao contexto, e se refere a situação de rua como ‘*motéis e hotéis clandestinos de marquises*’.

Observamos, neste período, a despreocupação do autor do texto em relação à representação das pessoas em situação de ruas, pois elas são inclusas e identificadas por uma categorização, assim como pelo lugar que ocupam.

Nesta reportagem, percebemos que, além da voz da Associação, a Fundação de Ação Social também marcada é apresentada pelo discurso direto (linhas 21, 22 e 23). Dessa forma,

identificamos a presença de outras vozes que representam autoridades, como a OAB, por meio do discurso indireto na linha (2), (5) e (6), que cita a constituição, portanto ela utiliza um respaldo jurídico para defender sua posição, assim como, a prefeitura que também é representada por meio do discurso indireto, no texto. Porém, por outro lado, vimos que há um apagamento da voz do protagonista principal, pois o texto é a respeito de pessoas em situação de rua, contudo, o produtor do jornal não dar voz a este ator social. Vejamos, agora, como ocorre essa representação na reportagem do jornal Gazeta do Povo, publicada em 12/08/2015.

**Morador de rua se torna mais “visível”**

(1) A percepção de quem circula pelo centro de Curitiba é de que aumentou a população  
 (2) que vive nas calçadas; a situação causa desconforto e não há perspectiva de solução  
 (3) O telefone do 156 toca 43 vezes por dia, em média, com pedidos para que a Fundação de Ação  
 (4) Social (FAS) resgate moradores de rua em Curitiba. Foram quase 16 mil telefonemas em 2014. O  
 (5) dado reforça a impressão de quem caminha pelo Centro da cidade. A questão do povo da rua está  
 (6) mais visível, embaixo das marquises, nas praças, viadutos, nas mais diversas ruas. Na última  
 (7) semana, a reportagem da Gazeta do Povo chegou a contar 104 moradores de rua espalhados pela  
 (8) região central.  
 (9) Sem um censo oficial ou crescimento nos registros de atendimentos, a FAS não consegue definir  
 (10) se a população de rua aumentou. O número de atendimentos feitos pelo município é e 3,3 mil ao  
 (11) ano.  
 (12) Somente a Praça Rui Barbosa tem onze pontos com 30 moradores de rua. Em uma das  
 (13) principais avenidas da cidade, a Sete de Setembro, as marquises dos edifícios viraram  
 (14) acampamentos. O perfil daqueles que fazem das calçadas suas casas varia muito. A  
 (15) reportagem encontrou um homem que recentemente saiu do Complexo Penal de Piraquara  
 (16) após cumprir pena por roubo. Outros são dependentes de crack, pessoas  
 (17) vindas de outros estados e dependentes de álcool. Também estavam na rua um idoso que ficou  
 (18) sem ter onde morar quando os filhos dividiram o único terreno dele, alguns casais, crianças e  
 (19) muitos que não querem ajuda de ninguém.  
 (20) O número de ligações feitas para o resgate social da FAS revela uma população incomodada.  
 (21) Mas o problema vai além do desconforto causado aos comerciantes e habitantes da região  
 (22) central. Os moradores de rua têm o direito de estar onde estão. Em um dos edifícios na Avenida  
 (23) Sete de Setembro, um condomínio reclama constantemente da presença dos vizinhos da rua. No  
 (24) local, toda noite um grupo dorme na marquise  
 (25) do imóvel. “Eu acabo ajudando, mas já criaram problemas. Eles brigam, aparecem traficantes  
 (26) aqui”, contou uma moradora, que pediu para não ser identificada. Apesar disso, a compaixão  
 (27) acaba vencendo o incômodo.

Quadro 13. Jornal Gazeta do Povo. Texto 2.

As pessoas em situação de rua também são identificadas, nas reportagens analisadas, de acordo com algumas características, seja pelo o que elas fazem, onde ficam e por aspectos físicos que apresentam. Dessa forma, as escolhas linguísticas, dos textos analisados, mostram uma perspectiva negativa em relação as pessoas em situação de rua, que apresentam uma situação

de vulnerabilidade social. Nesse sentido, o jornal Gazeta do Povo, relata algumas representações. Vejamos.

**Morador de rua se torna mais “visível”**

(1)A percepção de quem circula pelo centro de Curitiba é de que aumentou a população (2)que vive nas calçadas; a situação causa desconforto e não há perspectiva de solução

No título do texto há um processo relacional atributivo ‘*se torna*’ que estabelece uma relação entre ‘*Morador de rua*’ e ‘*mais visível*’. A escolha do processo da oração mostra que o ator social, incluído por generalização, passa a ser ‘*mais visível*’, há uma modificação no contexto, o que é constatado também pelo intensificador ‘*mais*’. Dessa forma, a pessoa em situação de rua é representada como sendo ‘*mais visível*’, algo que era para ser natural, ou seja, todo cidadão deveria ser visto, independente da sua situação em que vive. Porém, o texto mostra que o fato de ser ‘*mais visível*’ é porque a quantidade de ‘*incômodo*’ (linha 27) é maior, portanto, essa forma de ser identificado como visível não é positivo.

No subtítulo do texto, identificamos uma pressuposição<sup>12</sup>, ou seja, uma proposição (linha 1) inserida pelo produtor do texto como sendo parte de um senso comum, naturalizando o fato narrado. Neste trecho, há a representação dos atores sociais por meio da diferenciação, pois há pessoas que ‘*circula pelo centro de Curitiba*’ e ‘*a população que vive nas calçadas*’, assim o texto mostra uma diferença e uma distância entre os indivíduos. Portanto as pessoas em situação de rua também são representadas de acordo com os lugares que ocupam, como a ‘*população que vive nas calçadas*’. Assim também, as pessoas em situação de rua são representadas como causadoras de desconfortos, o que evidenciamos a partir da frase ‘*a situação causa desconforto*’. Portanto, percebemos que a questão da vulnerabilidade social não é tratada como um problema importante, mas como um distanciamento em relação ao outro.

Compreendemos que a visibilidade atribuída às pessoas em situação de rua, pelo jornal, reforça o pensamento de uma visibilidade negativa. Vejamos o trecho das linhas

(5), (6), (7) e (8):

(5)(...) A questão do povo da rua está (6)mais visível, embaixo das marquises, nas praças, viadutos, nas mais diversas ruas. Na última (7)semana, a reportagem da Gazeta do Povo chegou a contar 104 moradores de rua espalhados pela (8)região central.

<sup>12</sup> De acordo com Fairclough (2001, p. 155), “(...)há várias pistas formais na organização da superfície do texto para mostrar a pressuposição. Por exemplo, a proposição em uma oração introduzida pela conjunção 'que' pressupostamente segue verbos como 'esquecer', 'lamentar' e 'perceber’.

Uma subcategoria da intertextualidade é o metadiscurso, um recurso linguístico que permite o distanciamento de uma voz. Diante disso, percebemos que na linha (5), o produtor se distancia do próprio texto quando a oração ‘*A questão do povo da rua está mais visível*’, é iniciada por um elemento evasivo ‘*questão*’. Em relação à representação, as pessoas em situação de rua são identificadas como ‘*povo da rua*’, uma generalização que associada a elementos espaciais como ‘*embaixo das marquises, nas praças, viadutos, nas mais diversas ruas*’, mostra que a visibilidade é dada em relação ao espaço que ocupam e à quantidade contabilizada pelo jornal ‘*a reportagem da Gazeta do Povo chegou a contar 104 moradores de rua espalhados pela região central*’.

Em relação à representatividade das pessoas em situação de rua, percebemos uma identificação negativa. Observemos mais um trecho do jornal, e assim nos deslocamos para as linhas (20), (21) e (22).

(20)O número de ligações feitas para o resgate social da FAS revela uma população incomodada. (21)Mas o problema vai além do desconforto causado aos comerciantes e habitantes da região (22)central. (...)Em um dos edifícios na Avenida (23)Sete de Setembro, um condomínio reclama constantemente da presença dos vizinhos da rua.

Analisamos que as pessoas em situação de rua também são representadas como incômodas, e de acordo com o texto, essa representação se dá pela quantidade de ligações que o resgate recebe de ‘*uma população incomodada*’. Percebemos que o processo mental ‘*revela*’ muda uma percepção, assim é como se fosse uma situação que acontecia fora da realidade e agora se mostra presente, assim há uma revelação de que as pessoas se sentem incomodadas. No período que se segue, os ‘*comerciantes e habitantes da região central*’ são descritos como afetados pelo ‘*problema*’, sendo vítimas de um ‘*desconforto*’. Observamos, também, que há uma característica humana atribuída a um espaço, quando na linha (23) ‘*um condomínio reclama constantemente da presença dos vizinhos da rua*’, desse modo, o processo verbal é relacionado à um dizente não humano.

Em relação à interdiscursividade, percebemos que há no texto a presença de um ‘discurso de pena’, quando nas linhas (26) e (27), há o discurso direto de uma ‘*moradora*’ que nos leva a esta interpretação ‘*Apesar disso, a compaixão acaba vencendo o incômodo*’. Portanto, a pessoa em situação de rua é vista, por meio de um discurso de compaixão, que, de acordo com a citação, vence o ‘*incômodo*’.

Observamos, ainda, nas análises dos jornais, que não há uma preocupação em saber a opinião das pessoas em situação de rua, ou seja, percebemos um apagamento da voz, assim há uma

representação, mas baseada no que outras pessoas ou entidades estabelecem, e, como vimos nos exemplos, são apresentadas de maneira negativa, como *'incômodas'*, *'que causam desconforto'*, *'que vive na calçada'*, *'vive do improviso'*, *'mendigos'*, *'moradores de rua'*.

Dessa maneira, as pessoas em situação de rua são identificadas nos jornais a partir de uma função, uma características e espaços que vivem, sem levar em conta que são pessoas que tem uma situação de vulnerabilidade social. Passemos agora, para a uma reportagem da região do Rio Grande do Sul, representada pelo Jornal G1.

Prefeitura determina retirada de grade 'antimendigo' de calçada do RS

- (1)Após repercussão em redes sociais, Smov fez inspeção em frente a prédio.
- (2)Prefeitura determinou retirada da estrutura em 30 dias em Porto Alegre. Após ganhar
- (3)repercussão nas redes sociais, a presença de uma grade para afastar moradores de rua em frente
- (4)a um prédio foi alvo de inspeção da Prefeitura de Porto Alegre, nesta terça-feira (12) no Bairro
- (5)Cidade Baixa. Depois de analisarem o local, técnicos da Secretaria Municipal de Obras e Viação
- (6)(Smov) apontaram que a estrutura é irregular e terá de ser removida em até 30 dias, sob pena de
- (7)pagamento de multa.
- (8)Conforme a pasta, a decisão não está relacionada à presença de sem-teto na região, e sim
- (9)à obstrução à passagem de pedestres, considerada imprópria. A grade foi fixada na Rua da
- (10)República, uma das vias mais boêmias da capital gaúcha. De acordo com a prefeitura, a cidade
- (11)tem hoje mais de 1,3 mil morando nas ruas, fora de albergues. "Inicialmente foi uma reação de
- (12)incredulidade, porque a grade causava um estranhamento a todos que passavam. Quem me
- (13)explicou a finalidade da grade foi um casal de mendigos que estava dormindo ali. Então bati a
- (14)foto no sábado [9] e publiquei ontem [segunda]", disse ao G1 o analista de sistemas Gilson
- (15)Wingist, que divulgou a imagem nas redes sociais. A Smov detalhou ter recebido ainda
- (16)denúncias sobre presença de grades do mesmo tipo em outros dois locais. Os pontos devem ser
- (17)inspecionados até esta quarta (13).
- (18)Em 2013, a prefeitura lançou uma cartilha que orienta e dá dicas sobre construção e manutenção
- (19)de calçadas. O material, que está disponível na internet, também destaca quais são os tipos de
- (20)construção que não podem existir no passeio público e como os proprietários devem proceder
- (21)para evitar irregularidade em seus imóveis. "A área chamada de 'faixa acessível' (passeio
- (22) público) é destinada à livre circulação de pessoas, desprovida de obstáculos, elementos de
- (23)urbanização, vegetação, rebaixamento de meio-fio para acesso de veículos fora dos padrões de
- (24)acessibilidade ou qualquer outro tipo de interferência, permanente ou temporária. Essa faixa
- (25) deve ter largura variável entre 0,80m e 1,20m, dependendo da largura da calçada. É proibido
- (26) nas calçadas", afirma a cartilha.

Quadro 14. Reportagem do G1, Rio Grande do Sul. Texto 3.

Nesta reportagem, podemos observar que no título há um processo mental desiderativo *'determina'*, que tem como experienciador da ação a *'Prefeitura'*. Portanto a voz governamental se faz presente desde o início, assim como, a dos técnicos da Secretaria Municipal de Obras e Viação (Smov), reforçando a voz de autoridades para legitimar o fenômeno, a *'retirada de grade 'antimendigo' de calçada do RS.'*. Dessa forma, o produtor faz uso do discurso indireto, como analisamos nas linhas (8), (9), (10).



(8)Conforme a prefeitura, a decisão não está relacionada à presença de semteto na região, e sim (9)à obstrução à passagem de pedestres, considerada imprópria. A grade foi fixada na Rua da (10)República, uma das vias mais boêmias da capital gaúcha.

Percebemos, neste trecho, que a preocupação da prefeitura não é em relação às pessoas em situação de rua ou como elas se sentem ao verem algo que as impedem de ficar em determinado local. Dessa forma, há uma contradição, pois o próprio texto intitula a estrutura como *'grade antimendigo'*, mas segunda a prefeitura a *'decisão não está relacionada à presença de sem-teto na região'*. De acordo com o texto, o que é *'considerada imprópria'*, é em relação à obstrução de passagem, já que ali é uma *'via boêmia da capital'*. Portanto, observamos que, para as autoridades, a situação de rua não é tratada como um problema, pois é vista em segundo plano, reforçando, assim, a ideia de invisibilidade dada à uma população de vulnerabilidade social.

As pessoas em situação de rua são representadas no texto como *'moradores de rua'* (linha 3), *'sem-teto'* (linha 8) e *'mendigo'* (linha 13), assim, são identificados por generalização e categorização. Contudo o produtor do texto exclui a voz das pessoas em situação de rua, que são os atores sociais atingidos pelo fenômeno. Destarte, identificamos, também, um *'discurso urbanístico'*, pois no texto há uma valoração do espaço, da *'faixa acessível'*. Vimos que, no último parágrafo do texto, há um destaque e uma descrição para fazer referência ao espaço público.

Analisemos agora como essa representação é feita em jornais da região Nordeste do Brasil.

#### **4.4 Reportagens da região Nordeste**

Ao pesquisarmos a questão da situação de rua, observamos que há um respaldo jurídico para os direitos, princípios e objetivos da política nacional para a população em situação de rua, instituída no decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Uma base importante para os avanços relacionados aos cidadãos que vivem em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, o artigo 6º, do mesmo decreto, tem como uma das suas diretrizes a *democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos*, portanto a questão do espaço é um item essencial para a questão da situação de rua, pois compreendemos que o espaço também faz parte da representação da identidade dos cidadãos. Por conseguinte, acreditamos que ao analisar as cinco regiões brasileiras podemos ter uma visão geral e mais ampla de como a relação entre a situação de rua e a categoria espaço são representadas por meio de textos jornalísticos. Dessa maneira, analisamos a região Nordeste, que até o ano de 2010, de acordo com o IBGE, era uma das regiões que apresentavam um maior número de emigrantes que se deslocavam para outros

estados, principalmente para a região Sudeste, em busca de melhores condições de vida. Contudo, muitos indivíduos não encontraram uma base econômica e social favorável e conseqüentemente se deparam com a situação de rua.

Em vista disso, o corpus da pesquisa também é composto por análises de textos da região Nordeste do Brasil, que tem como tema principal a questão da situação de rua e a categoria espaço. Os textos foram retirados de jornais de grande circulação da região, entre eles o Jornal da Cidade (Sergipe), Tribuna da Bahia (Salvador) e G1 do Maranhão. O fato de selecionarmos estes textos para apresentar as análises, justifica-se pela recorrência de dados em relação aos outros textos coletados.

Observamos nas análises, que a questão da apropriação dos espaços ocupados por pessoas em situação de rua, envolve uma desavença entre, principalmente, comerciantes, moradores locais e governo, assim há uma disputa territorial e de poder entre as pessoas. Dessa maneira também, a forma como os jornais transmitem essas informações, isto é, as escolhas linguísticas feitas pelo autor do texto ou nas vozes, que legitimam o discurso, podem influenciar práticas e pensamentos ideológicos.

Observemos a reportagem do Jornal Tribuna da Bahia, do ano de 2015.

**Em Salvador, muitos rejeitam os abrigos e preferem as ruas**

(1) Salvador é a terceira cidade no Brasil em número de moradores em situação de rua.  
 (2) Antes mesmo de inaugurar sua galeteria, na rua Djalma Dutra, o comerciante Vanutti Farias  
 (3) resolveu protegê-la com grades. A razão não é propriamente por segurança, mas sim para que o  
 (4) pátio da loja seja ocupado por moradores de rua. Nos últimos dias o espaço vem sendo utilizado  
 (5) como dormitório e sanitário público, a exemplo do que vem ocorrendo em diversos outros  
 (6) pontos. Segundo relatório da Coordenadoria Geral dos Direitos da População de Rua, ligada ao  
 (7) Ministério do desenvolvimento Social, publicado em 2013, Salvador é a terceira cidade no Brasil  
 (8) em número de moradores em situação de rua. Até 2013, segundo a contagem do MDS, eram 3.289  
 (9) pessoas que viviam nas ruas da capital. A maioria era de homens e 35,5% deles tinham problemas  
 (10) com alcoolismo e drogas. Para os comerciantes da Rua Djalma Dutra, a situação parece ter fugido  
 (11) de controle, pois durante o dia os espaços são demarcados com papelões, colchonetes e panos  
 (12) nas calçadas. E à noite, esses espaços viram dormitórios e sanitários. “Todos os dias temos que  
 (13) lavar e limpar restos de comida, urina e fezes”, diz uma comerciante. Vanutti, por sua vez,  
 (14) argumenta que não tem como impedir, “mas vou colocar as grades para mostrar que não se pode  
 (15) fazer daqui (o espaço) dormitório”, disse. Para o secretário de Municipal de Promoção Social,  
 (16) Esporte e Combate à Pobreza (Sempis), Bruno Reis, o maior problema é a recusa do próprio  
 (17) morador em situação de rua se recolher aos abrigos municipais. Nesses locais, além da  
 (18) assistência social e psicológica, eles têm direito a três refeições diárias, dormida e material de  
 (19) higiene pessoal, além de troca de roupas. “Em muitos casos, como se vê, trata-se de dependentes  
 (20) químicos e com problemas mentais”, disse. A partir do próximo ano a Prefeitura vai dispor de  
 (21) sete centros de acolhimento e cinco centros de triagem da população de rua. Atualmente já  
 (22) funciona as unidades no Bonocô, com previsão para o próximo mês de duas unidades de  
 (23) acolhimento, Aquidabã e na Sete portas. Ao todo, segundo Bruno Reis, serão mais 700 vagas em  
 (24) toda a cidade. “Temos vagas para acolher essa população, mas há uma recusa dela em aceitá-la”,  
 (25) disse. Segundo o titular da Sempis, para o próximo ano a Prefeitura pretende colocar no orçamento  
 (26) R\$ 20 milhões para atendimento social, incluindo a construção das novas casas de acolhimento  
 (27) e reforço no número de equipes de abordagem de rua. Bruno Reis destaca que atualmente o  
 (28) município mantém um custeio de R\$ 3 mil per capita para atendimento à população em situação  
 (29) de rua, desde o acolhimento, atendimento psicossocial ao custeio no auxílio passagem e auxílio  
 (30) moradia.  
 (31) Da população de rua estimada em mais de três mil pessoas, 961 delas vivem em centros de  
 (32) acolhimento mantido pelo município. O trabalho social inclui ajuda para tirar documentos, busca  
 (33) de familiares e até mesmo envio, mediante custeio de passagens, para seus locais de origem.  
 (34) Além disso, para quem não tem onde morar, a Prefeitura atende a 239 famílias em situação de  
 (35) extrema pobreza que vivem do auxílio aluguel de R\$ 300 mensais. O retrato da miséria social  
 (36) invade as calçadas à noite. As marcas são vistas durante o dia nas calçadas: como territórios  
 (37) demarcados, são sinalizadas com pedaços de pano, colchonetes e até mesmo estrados de camas,  
 (38) avisando que ali é o espaço destinado a um morador de rua, e por isso mesmo, ao escurecer,  
 (39) torna se privativo dessa população que habita as grandes cidades. Assim é que toda a extensão  
 (40) das calçadas da Rua Djalma Dutra, na Sete Portas, se transforma em um grande dormitório a céu  
 (41) aberto. Ali a dona de um restaurante, Nivea Freitas, diz que há 10 anos convive com essa  
 (42) situação, mas que nos últimos meses o quadro social se deteriorou. “Basta começar a escurecer  
 (43) que todas as calçadas viram dormitórios. São 30, 50, que vêm com papelões, colchonetes e se  
 (44) apossam das calçadas e marquises”, diz. No Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro  
 (45) de Geografia e Estatística) em 2013 dos 5.561 municípios, em 2.032 possuem existiam Centros  
 (46) de Referência Especializado para População em Situação de Rua. Hoje existem os Centros de  
 (47) Referência de Assistência Social. Já os Centros de Convivência, que funcionam como abrigos,  
 (48) somam 11.797 unidades distribuídas em 3.065 municípios.

Quadro 15. Jornal Tribuna da Bahia. Texto 1.

Em primeiro lugar, no título da notícia percebemos que o ator social é incluso por indeterminação, já que há um pronome indefinido ‘muitos’. Observamos assim, que o autor do

texto trata a identidade do ator social como irrelevante para o leitor. Os processos das orações são classificados como mental desiderativo, *'rejeitam'* e *'preferem'*, mostrando um fluxo de consciência que o escritor deseja transmitir ao leitor, isto é, em relação ao fato de rejeitarem os abrigos e preferirem as ruas, como se passar pela situação de rua fosse uma preferência das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Há, também, o fato da reportagem não mencionar o estado dos abrigos e as condições e preparo adequado para receberem os cidadãos. Portanto, percebemos que apesar da reportagem, no decorrer do texto, fazer uso do discurso direto e indireto e dar voz às autoridades e líderes governamentais, o autor do texto usa a estratégia da legitimação, mas não se percebe a preocupação com a necessidade de mudança de comportamento, dessa forma, a mudança é meramente cosmética, ou seja, não é visível na prática.

Nesse sentido, ao observarmos a notícia, verificamos algumas representações importantes em relação às pessoas em situação de rua. Passemos às linhas (2), (3), (4).

(2)Antes mesmo de inaugurar sua galeteria, na rua Djalma Dutra, o comerciante Vanutti Farias (3)resolveu protege-la com grades. A razão não é propriamente por segurança, mas sim para que o (4)pátio da loja seja ocupada por moradores de rua

No primeiro parágrafo do texto do jornal, o autor inicia o período com um advérbio, e assim uma circunstância de tempo, indicando que o 'comerciante' já pensava em uma maneira de resolver seu problema, independente da inauguração da loja. O que é evidenciado por meio do processo mental desiderativo 'resolveu', assim há um querer do experienciador em executar a ação de proteger a galeteria *'com grades'*. Dessa forma, um aspecto que nos chama a atenção é o fato da galeteria, um espaço precisar de proteção em relação a pessoas que são vulneráveis social e economicamente, percebemos então uma inversão de valores, quando a preocupação passa a ser um espaço em detrimento da vida humana. Esta concepção é reforçada no período seguinte, quando o escritor deixa claro o motivo do comerciante colocar as grades. Portanto, na linha (3), percebemos que o uso da pressuposição, iniciada pelo pronome definido *'A razão (...)'*, indica uma proposição que tem um significado existencial, ou seja, um enunciado tomado como tácito, pelo produtor do texto. Na oração, também, há um advérbio *'propriamente'*, assim, a relação com a questão da *'segurança'*, fica mitigado no contexto situacional. Dessa forma, texto mostra que as grades são colocadas para *'evitar que o pátio da loja seja ocupado por moradores de rua'*, observamos nesta oração a fragmentação (Thompson, 2014), um modo operante da ideologia, isto é, as relações são mantidas de formas segmentadas e não unificadas,

assim o alvo é projetado como sendo ameaçador e mau, o que podemos notar no texto analisado, quando a presença de *'moradores de rua'* se torna algo que tem que ser evitado.

Constatamos que, em relação à intertextualidade presente no texto, a pressuposição é uma subcategoria que aparece em evidência. Dessa forma, podemos ver nas linhas (35), (36) e (37), exemplos de proposições dada pelo produtor do texto como sendo de sendo comum.

(35) (...).O retrato da miséria social (36)invade as calçadas à noite. As marcas são vistas durante o dia nas calçadas: como territórios (37)demarcados, são sinalizadas com pedaços de pano, colchonetes e até mesmo estrados de camas (...)

Portanto, ao iniciar a oração com um artigo definido, o produtor faz uma afirmação a respeito do *'retrato da miséria social (...)'*, assim como, quando ele pressupõe que existem marcas para serem vistas durante o dia. De acordo com Fairclough (2001, p. 156) “As pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são frequentemente difíceis de desafiar”. Podemos interpretar os dados como formas de manipulação do autor do texto, no sentido em que toma as afirmações como tácitas.

As formas como as pessoas em situação de rua são representadas no Jornal da Bahia, exemplifica o caminho, que os textos dos jornais analisados da região Nordeste, apontam, isto é, tratando as pessoas em situação de rua com um distanciamento, como se fossem uma segmentação da sociedade e não como cidadãos. Podemos perceber, que ao dar a voz à uma pessoa, como em uma entrevista, o jornal legitima o discurso apresentado, por meio do discurso relatado. Dessa forma, o uso do discurso direto e indireto, indica marcas de intertextualidade no texto. Vejamos um trecho do jornal da Bahia.

(39)(...) Assim é que toda a extensão (40)das calçadas da Rua Djalma Dutra, na Sete Portas, se transforma em um grande dormitório a céu (41)aberto. Ali a dona de um restaurante, Nívea Freitas, diz que há 10 anos convive com essa (42)situação, mas que nos últimos meses o quadro social se deteriorou. “Basta começar a escurecer (43)que todas as calçadas viram dormitórios. São 30, 50, que vêm com papelões, colchonetes e se (44)apossam das calçadas e marquises”, diz.

Neste parágrafo do texto, percebemos que há uma nomeação formal dos espaços apresentados, como a *'Rua Djalma Dutra, na Sete Portas'*, mas quando há uma referência às pessoas em situação de rua o que ocorre é uma ocultação de nome, de modo que os nomes são substituídos por números, não havendo uma identidade específica para ser transmitida ao leitor. Observamos também que o texto apresenta um processo material transformativo, logo na primeira parte, *'transforma'*, o que indica um processo do fazer, em que há uma mudança na

ação, porém o que *'se transforma'* é um espaço, percebemos aqui uma ocultação de pessoas responsáveis pela regularização e manutenção do ambiente citado. Dessa forma, o fato do espaço se transformar *'em um grande dormitório a céu aberto'*, fortalece ainda mais a análise de que os papéis dos atores sociais, políticos e econômicos foram removidos, pois se a situação de rua está relacionada a um *'dormitório a céu aberto'*, como aponta o jornal, há uma responsabilidade que está sendo ocultada, seja do Estado ou de pessoas particulares.

Ao observarmos o texto, analisamos que implicitamente se declara que o governo faz a sua parte, pois há discursos relatados, como nas linhas (19), (20) e (24) descrevendo ações que são desencadeadas pelos diferentes órgãos, mas na verdade, percebemos que são medidas paliativas, pois a causa não é lembrada pela sociedade e pelo Estado.

Percebemos que a questão da situação de rua ainda não é vista como um problema que faz parte da sociedade atual, que está relacionada com a questão da modernidade, do desemprego e da pobreza extrema, como vimos nos capítulos anteriores. A ineficiência de políticas públicas e a falta de visibilidade agrava o problema, a forma como as pessoas em situação de rua são representadas, linguisticamente, é um fator essencial para compreender melhor as relações e estruturas de identidades. Vejamos a reportagem do Jornal da Cidade do estado de Sergipe.

#### **Moradores de rua invadem Orla da Atalaia**

- (1)Pontos turísticos de Aracaju se transformam em abrigo ideal para pessoas oriundas de outros
- (2)Estados.
- (3)Pessoas vindas de outros Estados e até mesmo do interior sergipano têm utilizado os espaços da
- (4)Orla da Atalaia para estabelecer moradia. Na área dos lagos, por exemplo, existem cabanas e os
- (5)moradores utilizam o lago para pescar. Na grama, eles acendem fogueiras, cozinham e até assistem
- (6)TV. Outros locais também estão ocupados: Orlinha da Coroa do Meio, antigo Hotel Parque dos
- (7)Coqueiros e no Banho Doce, na Praia de Aruana. O fato, no entanto, tem preocupado os
- (8)frequentadores da Orla, que estão se sentindo intimidados com a presença destas pessoas, já que
- (9)há a suspeita que eles estejam cometendo pequenos delitos no local. O medo aumentou ainda mais
- (10)depois do caso da turista assassinada por um morador de rua. A Administração da Orla informou
- (11)que está preparando uma ação de retirada das pessoas do local.
- (12)A presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis/Sergipe (Abih/SE), Daniela
- (13)Mesquita, revela que os proprietários de estabelecimentos da Orla de Atalaia têm questionado e
- (14)cobrado providências em relação ao aumento do número de moradores de rua na área. Mesquita
- (15)cobra que essa questão tenha acompanhamento de todas as esferas, pois além de ser um assunto
- (16)de segurança é uma questão social. Ela frisa que estas pessoas podem não ser violentas, mas em
- (17)virtude dos casos, inclusive de assassinatos, é melhor tomar uma providência antes que a situação
- (18)saia do controle.

Quadro 16. Jornal da Cidade do estado de Sergipe. Texto 2.

Ao analisarmos o texto, podemos notar que a questão da espacialidade é uma característica relevante para a questão da situação de rua, pois o fato é relatado em consequência da presença de ‘*moradores de rua*’ em espaços públicos. Observemos os trechos a seguir.

Moradores de rua invadem Orla da Atalaia

(1)Pontos turísticos de Aracaju se transformam em abrigo ideal para pessoas oriundas de outros (2)Estados.

Primeiramente, temos o ator social incluso por generalização ‘*Morador de rua*’, que é o ator do processo material ‘*invadem*’. O processo material escolhido para ser título da notícia, apresenta uma contradição, pois não há como invadir uma área que pertence ao público, isto é, não existe a possibilidade de entrar em uma área de forma ilegal, se o espaço é de bem comum, como a ‘*Orla da Atalaia*’. Observamos também, que a manchete do texto, composta por um processo material transformativo, encobre, como ocorreu no Jornal da Bahia, os atores sociais responsáveis, assim, são os ‘*Pontos turísticos*’, um espaço que ‘*se transforma*’ ao invés de ser transformado. Outro ponto que analisamos, é o fato do jornal apresentar que há um ‘*abrigo ideal*’ para as pessoas em situação de rua. A palavra ‘*abrigo*’ se refere à um lugar que tem proteção (Aurélio, 2013), isto é, será que uma Orla é um lugar que tem uma proteção ‘*ideal*’ para se viver? Nesse mesmo sentido, na linha (4), atentamos para o fato de que expressão ‘*estabelecer moradia*’ entra em contradição com o contexto situacional da situação de rua.

Dessa forma, percebemos que há uma naturalização dos fatos (Thompson, 2014), quando a questão da situação de rua, que é para ser algo transitório, é retratado como sendo natural. Dessa forma, percebemos, também, que a pressuposição, contribui para tornar a situação como sendo algo natural, pois ao utilizar este recurso linguístico, o produtor considera a proposição como um terreno comum com os leitores, por exemplo. Vejamos as linhas (7) e (8).

(7) (...) O fato, no entanto, tem preocupado os (8)frequentadores da Orla, que estão se sentindo intimidados com a presença destas pessoas (...)

A presença do artigo definido ‘*O fato (...)*’ afirma o significado existencial da oração, ou seja, que existe um ‘*fato que tem preocupado os frequentadores da Orla*’. Percebemos, neste trecho, que quando o autor identifica o ator social como ‘*frequentadores da Orla*’ o autor faz uma diferenciação entre as pessoas que frequentam a Orla e os ‘*moradores de rua*’, que a ‘*invadem*’, estabelecendo, assim, um distanciamento entre os cidadãos.

Na reportagem, o autor dá voz às autoridades, como o Administrador da Orla e a Presidenta da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis/Sergipe. Destarte, percebemos que o uso dos processos utilizados nos discursos indiretos dessas vozes, são, na maioria, processos mentais como ‘revela’, ‘cobra’, ‘frisa’, representando uma percepção em relação à situação. Outro fato que identificamos no texto, especificamente nas linhas (16) e (17), foi o discurso do medo, pois o ator social mostra, ‘frisa’, assim tem a consciência que, apesar de saber que ‘*estas pessoas podem não ser violentas*’, ainda assim, ela precisa tomar alguma ‘*providência*’. Observemos como as ocorrências na reportagem do Jornal G1 do estado do Maranhão (12/05/2016).

**Moradora de rua monta barraca e ocupa calçada de avenida no MA**

(1)Moradora 'fixou' endereço no calçada da Avenida Beira Mar, em São Luís. Ela realiza atividades  
 (2)como tomar banho e lavar roupas em plena via pública.  
 (3)Uma moradora de rua decidiu registrar endereço “fixo” no calçada de uma das mais  
 (4)movimentadas avenidas de São Luís. É que a cerca de duas semanas ela montou uma barraca e  
 (5)está ocupando uma parte do calçada, próximo à Praça Maria Aragão, na Avenida Beira Mar, na  
 (6)capital. A mulher, que ainda não foi identificada, mantém uma rotina de dona de casa e realiza  
 (7)atividades como lavar roupas, e até tomar banho em plena via pública de São Luís. Com uma bela  
 (8)paisagem como pano de fundo a moradora, que já circula há algum tempo pelo o local, teria  
 (9)deixado de dormir sem nenhum abrigo após ter sido presenteada com a barraca recentemente,  
 (10)segundo testemunhas.  
 (11)Segundo a legislação brasileira, compete às Prefeituras, em nome dos respectivos Municípios,  
 (12)fiscalizar e coibir tais abusos. Não é assunto do Estado nem da União, é de competência exclusiva  
 (13)dos Municípios. As ruas, praças e jardins são bens públicos de uso comum, de fruição própria  
 (14)do povo. São bens inalienáveis e independem de registros imobiliários, e administrados pelo  
 (15)Município local.

Quadro 17. Reportagem do G1, Maranhão. Texto 3.

Nesta reportagem, o uso das aspas simples, no título e nas linhas (1) e (3), nos remete à ironia<sup>13</sup>, um recurso de intertextualidade, pois há uma discrepância entre o significado da palavra “*fixou*”, ou seja, tornar firme, estabilizar, com o contexto da situação de rua, que tem como característica a ausência de uma habitação estável. Outro recurso que identificamos é em relação ao metadiscorso, na linha (7), quando o autor do texto usa expressão ‘*em plena via pública de São Luís*’, de forma evasiva, indicando a possibilidade de uma distância metadiscursiva.

A representação da pessoa em situação de rua é feita por meio da generalização ‘*moradora de rua*’ e em relação a sua sexualidade ‘*mulher*’. Observamos, também, que o texto descreve a

<sup>13</sup> De acordo com Fairclough (2001, p. 158), “(...)há uma disparidade entre o significado a que eu estou dando voz, para assim dizer, ao ecoar seu enunciado, e a função real de meu enunciado (...)”.



‘rotina’ da pessoa em situação de rua, como na linha (7), ‘*realiza atividades como lavar roupas, e até tomar banho em plena via pública de São Luís*’, o uso da expressão ‘*até*’, indica uma inclusão do ato de ‘*tomar banho*’ no espaço mencionado.

Analisamos, também, que nas linhas (11), (12) e (13), o texto dá voz, por meio do discurso indireto, e legitima o elemento político-governamental da ‘*legislação brasileira*’. Porém, não percebemos a tentativa de transformação em relação à pessoa em situação de rua, pois o que ocorre no texto é a identificação de qual órgão é responsável pela fiscalização do espaço, ‘*As ruas, praças e jardins*’. Dessa forma, fica clara a despreocupação com a situação de rua e uma maior atenção e valoração ao fato de estar ocupando um espaço público.

Em vista disso, as reportagens analisadas apresentaram uma ocorrência de fatos que a mostram a vulnerabilidade social como uma questão desvalorizada, tanto por meio de discursos que legitimam os textos, quanto pela própria escolha linguística dos produtores.

Vejam os como a situação de rua e a categoria espaço são representados na região Norte do país.

#### **4.5 Reportagens da região Norte**

Ao pesquisarmos a respeito de notícias que envolvem pessoas em situação de rua e a categoria espaço, percebemos que a maioria das notícias dizem respeito à homicídios, casos de roubos e violências em determinados espaços, como prédios, calçadas e pontos de ônibus. Porém as notícias que apenas descrevem ou narram acontecimentos relacionados ao contexto da situação de rua, nesta análise, apresentaram dados que não diferem muito das análises feitas nos jornais dos outros estados brasileiros, isto é, percebemos que há uma uniformidade de representações sociais, de escolhas linguísticas e sobretudo de discursos que propagam uma visão negativa dessas pessoas.

As reportagens da região Norte foram compostas por diferentes jornais de grande e média circulação na cidade, jornais que apresentam tanto a versão on-line, quanto impressa. Dessa forma, coletamos dez notícias que tenham como foco a situação de rua e a categoria espaço, mas como antes, só apresentamos três por perceber que os dados são recorrentes. Vimos, também, que os textos de alguma forma, precisaram citar ou apresentar algum aspecto relacionado ao espaço, pois a base da pesquisa é compreender que tipo de representação há entre a situação de rua e a categoria espaço, apresentada nos jornais brasileiros. Para melhor

compor os dados, analisamos jornais de grande circulação da Região Norte: Diário do Amazonas, Jornal Uol de Manaus e do Jornal G1 do estado do Acre.

A forma como a situação de rua é representada nos jornais da região norte, nos chamou a atenção para alguns casos recorrentes de comparação entre as paisagens que compõe os espaços públicos, isto é, observamos que há, nas notícias, uma diferenciação de atores sociais e de espaços que as pessoas em situação de rua ocupam. Vejamos o caso da reportagem Jornal Uol, da rede Record de Manaus, do ano de 2016.

**Grupo de moradores de rua transformou espaço público em uma “casa a céu aberto”**

- (1)No local, em frente ao Parque São Raimundo, denominado por eles de 'A Praça é Nossa, há cama,
- (2)colchões, televisão, sofá, mesa, geladeira, uma espécie de fogão a lenha e até um banheiro
- (3)improvisado, além de muito lixo espalhado pela margem do igarapé.
- (4)Em paralelo ao novo cartão postal da cidade - o Parque Rio Negro - separados apenas pela ponte
- (5)Senador Fábio Lucena, que liga o bairro de São Raimundo ao bairro de Aparecida, um grupo de
- (6)pelo menos 19 moradores de rua vive em um “acampamento coletivo” em uma área pública desde
- (7)janeiro.
- (8)No local, denominado por eles de “A Praça é Nossa”, há cama, colchões, televisão, sofá, mesa,
- (9)geladeira, uma espécie de fogão a lenha e até um banheiro improvisado, além de muito lixo
- (10)espalhado pela margem do igarapé.
- (11)O grupo, formado por homens e mulheres, passa os dias e as noites embaixo de uma grande
- (12)mangueira e, quando chove, busca proteção debaixo da ponte. Eles alegam que não têm para
- (13)onde ir mas também que “são trabalhadores e foram parar no local após a desapropriação dos
- (14) moradores 14 por conta do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim)”.
- (15)Alguns são de Manaus, outros vieram do interior do Estado.
- (16)Geraldo da Silva Araújo, 44, um dos membros do grupo, disse que é morador de rua desde que
- (17)se separou da ex-mulher. Mesmo dormindo na rua, ele conta que acorda 3h para trabalhar na
- (18)feira da Panair. “Eu trabalho vendendo peixe. Ninguém aqui tem emprego com carteira assinada,
- (19)mas todo mundo faz algum bico para conseguir seu dinheiro”.
- (20)Alguns têm casa, mas por conta de não se darem bem com familiares acabam morando nas ruas.
- (21)É o caso de Charles Júnior, 61, mais conhecido como “Verdureiro”. Ele tem uma filha que mora
- (22)no bairro Cidade de Deus, Zona Norte, mas prefere viver na praça, onde todos gostam dele. Para
- (23)ganhar dinheiro, trabalha fazendo papagaio, os quais vende por R\$ 1,50, cada. “Meu sonho é
- (24)juntar o dinheiro para comprar uma ‘rabetinha’ e trabalhar vendendo peixe no entorno da cidade”.
- (25)Valter de Souza Silva, 50, revela que mora na rua porque não tem para onde ir e nem dinheiro
- (26)para pagar aluguel. No “A Praça é Nossa”, conta, ele encontrou uma sociedade de moradores de
- (27)rua que ajudam uns aos outros. “Aqui não aceitamos vagabundos e nós não mexemos com
- (28)ninguém.”Graças a Deus comida não falta”, revelou. Ele destaca que o grande problema é que
- (29)não tem ninguém que os ajude a ter um lugar para morar. “Se tiver ajuda para sair daqui, ir para
- (30)um canto melhor, nós aceitamos”, relatou. Enquanto isso não acontece, o grupo continua
- (31)transformando a praça em uma “sociedade alternativa”. A reportagem do Jornal entrou em
- (32)contato com a Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos
- (33)(Semmasdh), e também com o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus
- (34)(Prosamim), mas não obteve resposta.

Quadro 18. Reportagem do Jornal Uol. Texto 1.

A forma como o texto identifica os atores sociais, reflete o pensamento ideológico do autor, dessa forma, destacamos a importância e a responsabilidade social de se produzir um texto que

será veiculado ao mundo. Dessa forma, observamos que, ao lermos o texto, percebemos que o produtor dá voz às pessoas em situação de rua, por meio do discurso direto e indireto, mas mesmo assim, a categoria espaço é que ganha realce e protagonismo.

Ao analisarmos o texto, identificamos que as pessoas em situação de rua são representadas por generalização, de acordo com o título, ‘*Grupo de moradores de rua*’. Nessa mesma oração há um processo material transformativo ‘*transformou*’, acompanhado pela meta ‘*espaço público em uma “casa a céu aberto”*’. O uso das aspas simples indica um distanciamento do autor do texto em relação a uma voz externa, mas que não é identificada. Nesse sentido, o uso do metadiscursos também representa uma maneira de distanciamento do produtor, quando na linha (1), é usada a expressão ‘*denominado por eles*’. Por conseguinte, observamos, que já no título, há uma relação da situação de rua e da categoria espaço na reportagem. Consideremos o um trecho da reportagem e a forma como o Jornal representa os atores sociais.

(4)Em paralelo ao novo cartão postal da cidade - o Parque Rio Negro - separados apenas pela ponte (5)Senador Fábio Lucena, que liga o bairro de São Raimundo ao bairro de Aparecida, um grupo de (6)pelo menos 19 moradores de rua vive em um “acampamento coletivo” em uma área pública desde (7)janeiro.

Percebemos no trecho que o jornal estabelece uma comparação entre o ‘*novo cartão postal da cidade - o Parque Rio Negro*’ e o espaço ocupado por ‘*moradores de rua*’, mostrando assim que existe uma diferença entre as paisagens dos espaços, pois de um lado tem o cartão postal da cidade, identificamos aqui também uma metáfora em relação ao Parque Rio Negro, o que reforça o ideal de algo que é belo e importante para a cidade, mas por outro lado, em oposição, há o espaço ocupado por pessoas em situação de rua. Portanto ao traçar um ‘*paralelo*’, isto é, de acordo com o dicionário “o paralelo refere-se a cada uma das retas que, estando num mesmo plano, não se cortam” (Aurélio, 2015), podemos analisar então como espaços, na mesma cidade, que não se ligam, talvez por haver uma desigualdade percebemos aqui o fenômeno da Apartação (Buarque, 2001), fenômeno discutido nos capítulos anteriores.

Identificamos que a reportagem dá voz as pessoas em situação de rua, e que por meio do discurso direto, podemos perceber algumas marcas linguísticas que apontam para um discurso que envolve a falta de moradia e direito de habitação, assim como, problemas nas relações trabalhistas. Observemos o trecho a seguir.

(25)Valter de Souza Silva, 50, revela que mora na rua porque não tem para onde ir e nem dinheiro (26)para pagar aluguel. No “A Praça é Nossa”, conta, ele encontrou uma sociedade de moradores de (27)rua que ajudam uns aos outros. “Aqui não aceitamos vagabundos e nós não mexemos com (28)ninguém.”Graças a Deus comida não falta”,

revelou. Ele destaca que o grande problema é que (29) não tem ninguém que os ajude a ter um lugar para morar. “Se tiver ajuda para sair daqui, ir para (30) um canto melhor, nós aceitamos”, relatou.

Em primeiro lugar, observamos que o ator social tem uma nomeação formal, já que o nome e a idade são apresentados no texto, então há uma preocupação do autor do texto em mostrar quem é a pessoa que fala e que vive em situação de rua. O processo mental ‘*revela*’, indica a percepção do experienciador, quando ele justifica a sua permanência nas ruas. Dessa forma, percebemos a preocupação em justificar seu modo de vida, isto é, pela falta de uma habitação e pela questão do dinheiro.

É importante observar que já um tipo de associação criada pelas pessoas em situação de rua que vivem neste espaço, a “*Praça é Nossa*” mostra que existe uma organização, um movimento criado que constata um reforço de identidade, assim como o nome da sociedade que demonstra a necessidade de afirmar que o espaço público pertence a todos. Portanto, quando o ator social afirma que “*Aqui não aceitamos vagabundos e nós não mexemos com ninguém. Graças a Deus comida não falta*”, nesta fala há um reflexo de querer mostrar que são cidadãos de bem, pois ‘*não aceitam vagabundos*’, isto é, contradizendo um pensamento comum, analisados nos textos de outros estados, como os da região Sudeste, que evidenciam a representação das pessoas em situação de rua como vagabundos, por exemplo.

No depoimento também observamos um pedido de auxílio quando há na fala que ‘*Se tiver ajuda para sair daqui, ir para um canto melhor, nós aceitamos*’, portanto há, neste texto, um indivíduo que está disposto a receber ‘*ajuda*’, apesar de esclarecer que ‘*problema é que não tem ninguém que os ajude a ter um lugar para morar*’, percebemos aqui uma crítica ao Estado, pois se há uma política nacional para as pessoas em situação de rua, há também uma ineficiência em aplicá-la na prática, assim como a questão da moradia, garantida em lei, mas que não é estabelecida e nem atende às demandas da sociedade.

Ao analisar a reportagem, observamos que no texto não há a voz de instituições ou de autoridades governamentais. Nas linhas (32), (33) e (34), apesar do Jornal dizer que ‘*entrou em contato*’ com os órgãos, na linha (34) há o relato de que ‘*não houve resposta*’. Percebemos que não há uma legitimação legal, jurídica ou constitucional a respeito da situação de rua, por meio da exclusão dessas vozes externas.

No Jornal Uol, de Manaus, observamos há a presença de um discurso cosmético, pois identificamos que a reportagem dá voz as pessoas em situação de rua, porém como uma tentativa de atenuar um discurso já tão desgastado, mas que no fundo segue do mesmo modo

que os outros textos fazem, ou seja, o espaço continua a ser mais importante. Vejamos o Jornal diário do Amazonas, do ano de 2015.

**Manaus tem mais de 1,2 mil moradores de rua, segundo dados da Semasdh**

(1) 95% dos atendidos pelo Centro Pop, que cuida de pessoas que vivem nas ruas, são homens que  
 (2) sofrem com vícios. Em Manaus, este ano, mais 120 pessoas em situação de rua entraram para as  
 (3) estatísticas da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (Semasdh). Até a  
 (4) primeira quinzena de novembro, 1.289 já haviam sido cadastradas pelo órgão. Conforme o Centro  
 (5) de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro 7Pop), 95% das  
 (6) pessoas atendidas pelo órgão são homens e a maioria, de acordo com a gerente da entidade,  
 (7) Bárbara de Jesus, possui algum tipo de vício em drogas ou bebida. Há 15 anos morando nas ruas,  
 (8) sem um rumo certo, Samuel Rocha, 48, disse que veio do Estado da Paraíba para Manaus à procura  
 (9) de trabalho, constituiu família, mas por causa das drogas encontrou na rua um refúgio das críticas  
 (10) familiares. Vivendo debaixo da ponte, no bairro Santa Luzia, zona sul, Samuel divide a vida com  
 (11) mais outros seis companheiros de rua e outros três cachorros. “A rua é um lugar muito perigoso,  
 (12) mas foi aqui que encontrei uma família. Um fica cuidando do outro, o que a gente tem para comer  
 (13) a gente divide. Antes eu queria uma família agora não quero mais”, disse ele que não possui  
 (14) contato com nenhum dos seis filhos.

Quadro 19. Reportagem do Jornal diário do Amazonas. Texto 2.

Nesta análise, percebemos que o texto dá voz a pessoas em situação de rua, por meio do discurso indireto, linhas (8), (9) e (10), e também, do discurso direto, linhas (11), (12), (13) e (14). Vejamos.

(11) mais outros seis companheiros de rua e outros três cachorros. “A rua é um lugar muito perigoso, (12) mas foi aqui que encontrei uma família. Um fica cuidando do outro, o que a gente tem para comer (13) a gente divide. Antes eu queria uma família agora não quero mais”, disse ele que não possui (14) contato com nenhum dos seis filhos.

Neste jornal, percebemos no decorrer do texto, a pessoa em situação de rua tem uma voz ativa e assim é também incluída por nomeação formal, isto é, na narrativa aparece o nome e alguns dados, como idade e sobrenome. Quando ocorre o relato do ator social, analisamos que o processo relacional usado, faz uma ligação entre a ‘rua’ e o perigo, atribuindo então uma característica a este espaço. E quando o processo material, do fazer e acontecer, é usado como o ‘encontrei’, remete a algo positivo em relação ao mesmo espaço, isto é, indicando que na rua ele encontrou uma família, pessoas para partilhar e conviver com ele. Na fala da pessoa em situação de rua, observamos também uma contradição entre uma percepção que ele tinha antes e um desejo que tem vivendo nas ruas. Observamos, também, que fazer uma descrição a respeito

do modo de vida da pessoa em situação de rua, na linha (11), o produtor coloca no mesmo patamar o ator social e os cachorros '(...)Samuel divide a vida com mais outros seis companheiros de rua e outros três cachorros', ou seja, interpretamos, aqui, que os companheiros e os outros três cachorros têm um significado e uma importância do mesmo nível.

Outra análise que observamos, foi em relação à presença da voz de uma autoridade do governo 'gerente da entidade', (linha 6) assim como, a inserção de dados (linhas 2, 4 e 5) que quantificam os 'moradores de rua'. Porém, esses relatos não indicam e não sugerem uma forma de mudança ou de auxílio em relação à situação de rua, ou seja, trata-se de dados meramente descritivos no texto. Passemos, agora, a análise do Jornal G1 do Acre.

**Em Rio Branco, rotatória é usada por moradores de rua como "casa"**

(1)Moradores da localidade reclamam; 'Tem vezes que ficam 22 pessoas aqui'.  
 (2)Diretoria de proteção social afirma que equipe já acompanha o caso.  
 (3)Uma rotatória, localizada na Avenida Antônio da Rocha Viana, no cruzamento com a Estrada das  
 (4)Placas, Estrada de Porto Acre e Estrada Juarez Távora, em Rio Branco, está sendo usada por moradores  
 (5)de rua como moradia. Pessoas que residem e trabalham na localidade reclamam que o local está ficando  
 (6)perigoso e que os frequentadores fazem até sexo. Um freteiro que trabalha nas proximidades da  
 (7)rotatória, que não quis se identificar, disse que há muita confusão no local, principalmente à noite. "Uma  
 (8)vez um dos moradores apareceu com uma faca e ficou ameaçando as pessoas das redondezas. Outro  
 (9)problema é a questão do sexo que todo mundo vê quando eles fazem", reclama. Ao G1, a diretoria de  
 (10)Proteção Social Básica da Prefeitura de Rio Branco, Regiane Cristina, afirma que uma equipe da  
 (11)unidade já desempenha um trabalho com as pessoas que permanecem na rotatória. Segundo ela, muitos  
 (12)encontram "bicos" na região para descarregar caminhões e por isso permanecem no local. Um  
 (13)homem que faz trabalho voluntário e ajuda os moradores de rua, que também não quis se identificar,  
 (14)disse que costuma dar alimentos às pessoas que vivem no local. Segundo ele, já tentou entrar em  
 (15)contato com alguns familiares para tentar retirá-los da rotatória, mas não obteve sucesso. "Às vezes  
 (16)dou conselhos, peço que eles parem de usar drogas, mas eles não param. A questão dos familiares não  
 (17)dá certo, pois eles já foram abandonados pelos parentes", diz.  
 (18)Morando há seis dias no local, Gilson Robson Ribeiro Gomes, de 42 anos, diz que procurou a rotatória  
 (19)para se abrigar depois que o pai dele sumiu e que a família o abandonou. "Por minha parte não teve  
 (20)nenhuma confusão. Sobre fazer sexo, posso dizer que não namoro aqui, mas tem uma câmera que pega  
 (21)esses detalhes todos (risos). Muitas pessoas já vieram reclamar disso. Se a prefeitura viesse aqui,  
 (22)dependendo do lugar para onde iam me levar, eu ia com eles. Há três dias não como, então, fico só  
 (23)bebendo para matar a fome", conta. João Paulo da Silva, de 29 anos, também diz não ter para onde ir  
 (24)e, por isso, mora na rotatória. "De vez em quando durmo aqui. É muito difícil ter confusão, todos são  
 (25)amigos. Vim para cá porque as pessoas são gente boa. Minha mãe faleceu e o meu irmão fica brigando  
 (26)comigo, por isso prefiro ficar aqui", conta. O jovem diz que o local é organizado e que os moradores  
 (27)procuram deixar a rotatória limpa. "Tem uma lixeira para a gente que mora aqui juntar o lixo". Sobre  
 (28)as dificuldades, ele admite que passa fome. "Tem um restaurante que dá só a janta, às vezes ficamos  
 (29)com fome, mas já ajuda", finaliza.

Quadro 20. Reportagem do G1, Acre. Texto 3.

Na reportagem do estado do Acre, a visibilidade que se dá à questão da situação de rua é relacionada ao espaço em que elas ocupam, ou seja, por haver pessoas em situação de rua ocupando uma rotatória o fato é evidenciado. Assim como, algumas reportagens analisadas,

percebemos, aqui, o uso da ironia quando a expressão “*casa*”, no título, é usada entre aspas simples, pois há uma distinção entre o contexto da situação de rua e significado restrito de ‘*casa*’, gerando até uma contradição, pois se são ‘*moradores de rua*’, significa que não há uma ‘*casa*’, uma moradia fixa.

O jornal usa o recurso da intertextualidade, por meio do relato direto e indireto, quando dá voz a algumas pessoas, como, por exemplo, os ‘*moradores da localidade*’, percebemos, aqui, que o produtor faz uma diferenciação entre os cidadãos, já que usa expressões distintas para identificar as pessoas em situação de rua como ‘*moradores de rua*’ e as pessoas que não vivem em situação de rua ‘*moradores da localidade*’ (linha 1). Dessa forma, por meio do discurso direto (linha 1), percebemos que a ‘*reclamação*’ em relação aos ‘*moradores de rua*’ associada ao número de pessoas ‘*Tem vezes que ficam 22 pessoas aqui*’, assim a preocupação é pela quantidade e não pelo problema de vulnerabilidade social. Outra voz que identificamos, por meio do discurso indireto, é da ‘*diretoria de Proteção Social Básica da Prefeitura de Rio Branco*’, que justifica a presença de pessoas em situação de rua à questão do emprego informal, ‘*bicos*’ (linha 12). Percebemos que não há, por parte da autoridade da prefeitura, um discurso melhoria e de auxílio em relação ao problema da situação de rua, o que ocorre é uma justificativa para mostrar aos ‘*moradores da localidade*’ a causa do problema e não a solução. Observamos, também, o discurso do medo, quando na linha (5), mostra que ‘*Pessoas que residem e trabalham na localidade reclamam que o local está ficando perigoso*’.

As análises da Região Norte, nos mostraram que, apesar das reportagens serem a respeito de pessoas em situação de rua, a categoria espaço tem uma relevância e adquire uma importância acima da questão da situação de rua, seja, atribuindo características humanas ao espaço, ou até mesmo, legitimando vozes que desvalorizam o problema social, ou seja, verificamos a personificação. Passemos, agora, às considerações finais das análises.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte do trabalho, pretendemos esclarecer de modo mais amplo, uma reflexão a respeito das análises, com o intuito, de clarificar os objetivos e questões de pesquisa. Dessa forma, determinamos como mote para nossas ponderações e questionamentos um estudo discursivo-crítico que envolve a questão da vulnerabilidade social. Por meio da pesquisa “ A situação de rua e a categoria espaço: uma análise de textos jornalísticos”, procuramos investigar as formas de representação de pessoas em situação de rua, por meio de reportagens de jornais online, relacionando-as à categoria espaço. Destarte, tendo como base o arcabouço teórico-metodológico da ADC, assim como outras teorias, apresentadas no Capítulo 2, consideramos a importância de apresentar os desdobramentos e resultados da análise.

Acreditamos que analisar um tema como a situação de rua é de suma responsabilidade, tanto social como acadêmica, pois envolve um estudo que transparece práticas discursivas e sociais. Dessa forma, a situação de rua está estritamente ligada aos processos de exclusão social, pobreza, miséria e desemprego, conceitos inseridos no contexto do Novo Capitalismo e do Neoliberalismo.

Percebemos, também, que, ao estabelecermos uma relação entre a situação de rua e a categoria espaço, proporcionamos uma análise que contempla representações que mostram, por um lado, as experiências humanas e, por outro, a valoração do espaço. Portanto, notamos que a forma como as pessoas em situação de rua são representadas, por jornais on-line, em um determinado espaço, reproduz um discurso que não apenas divide como separa o ser humano, ainda que eles pareçam compartilhar do mesmo local. Nesse sentido, o objetivo de analisar o espaço como uma categoria, se justifica pelo fato de que a representação espacial também significa uma representação de rede de práticas e efeitos sociais.

Nossa motivação para este tema de pesquisa, está associada à crença de que é preciso refletir a respeito das condições e representações da vida humana, principalmente quando há um lado mais fragilizado e vulnerável. Portanto, a desigualdade ainda é uma realidade dos tempos modernos, ou seja, grupos sociais são colocados na fronteira da sobrevivência. Nesse sentido, acreditamos que quando o “eu” se torna mais importante do que o “nosso”, ou seja, no momento em que há um paradoxo em relação ao que é essencial, no caso, a integridade do ser humano, há uma produção de sentido individualista: a minha casa, a minha comunidade, o meu espaço, gerando um pensamento limitado para compreender as relações da sociedade. Destarte, a



finalidade desta dissertação foi procurar desenvolver uma análise de discurso de forma crítica, assim como, fazer proposições e levantar questionamentos a respeito da problemática social, que é a situação de rua. Portanto, para compreender as questões de pesquisa, delimitamos algumas categorias analíticas que julgamos ser significativas para o estudo da nossa pesquisa, mesmo sabendo, que existem várias outras categorias que também poderiam contribuir para este trabalho e que, provavelmente, não foram discutidas. Contudo, sabemos, também, que ao analisarmos, a questão da situação de rua a partir da ADC e de várias teorias linguísticas e sociais, nos deparamos com uma gama de possibilidades que ainda precisam ser investigadas.

Partindo do pressuposto de que é preciso percorrer um caminho investigativo até chegar as conclusões analíticas de uma pesquisa, passamos agora as nossas considerações. No Capítulo 1, discutimos as questões relacionadas à contextualização acerca da situação de rua, da mídia e da categoria espaço, abordando conceitos ligados ao Novo Capitalismo e ao Neoliberalismo. Dessa forma, destacamos como relevante a compreensão do discurso como um suporte para a manutenção de uma hegemonia neoliberal, pois é por meio de um discurso capitalista e individualista que se produz e prioriza interesses particulares. Portanto, julgamos como necessária a investigação e a constatação de que com as reestruturações do capitalismo há uma reestruturação das relações sociais e assim um crescimento da desigualdade, produzindo o fenômeno da exclusão e da pobreza e criando rupturas sociais e significativas. Nesse contexto, abordamos os efeitos midiáticos, mantidos por uma lógica comercial e capitalista, que reproduz discursos capazes de interferir na vida social. Portanto, o poder de manipulação de jornais online de grande circulação, solidifica discursos segregacionistas e que priorizam representações negativas direcionadas à situação de rua, mas que valorizam identificações positivas em relação à categoria espaço. Para tentarmos conseguir atingir nosso objetivo principal, mostramos, também, a importância de investigar o espaço como uma categoria analítica, ou seja, a partir de um conceito e um significado que apresenta uma interação dialética, auxiliando na compreensão das relações sociais da humanidade. Vimos que a priorização e representação de um espaço para atender a interesses particulares perpassa pelas questões de exclusão, desigualdade e pobreza. Portanto, no contexto de jornais brasileiros online, a representação da questão da espacialidade acentua as diferenças sociais, econômicas e políticas.

O capítulo 2 foi dedicado ao estudo do arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso Crítica, possibilitando-nos compreender as redes de práticas que ocorrem nas reportagens a respeito de pessoas em situação de rua e da categoria espaço. Acreditamos que o estudo acerca da linguagem é importante no sentido em que auxilia investigar as diversas formas

de representação midiática que envolve nosso tema de pesquisa, assim como, permite analisar os eventos discursivos produzidos e reproduzidos pela e na sociedade.

No Capítulo 3, nossa intenção foi discorrer a respeito de métodos e procedimentos que guiaram a análise. Dessa forma, explicitamos que um dos pilares desse trabalho, de natureza qualitativa, foi considerar a ADC como método de análise. Nesse sentido, apresentamos nossos objetivos e questões de pesquisa que são fundamentais para chegarmos ao propósito desse estudo e, assim, poder, de alguma forma, contribuir para os estudos linguísticos e sociais.

O Capítulo 4 teve como finalidade a análise de dados. Neste capítulo, pretendemos ter averiguado a articulação das diferentes categorias selecionadas, assim como, o estudo das diversas representações e vozes que contemplaram o tema da situação de rua e da categoria espaço nos textos de jornais on-line brasileiros. A seguir, tratamos das questões de pesquisa e tentamos sintetizar as repostas de acordo com as discussões desta dissertação e dos dados analíticos.

#### *1. Como a categoria espaço perpassa pela questão da situação de rua?*

Para chegarmos a conclusões concretas a respeito desta questão de pesquisa, além de focarmos nas análises do Capítulo 4, consideramos, também, as discussões dos Capítulos 1 e 2 que trata da contextualização histórica e social e da conjuntura teórica e metodológica, respectivamente. Dessa maneira, verificamos que o contexto político, social e econômico que envolve a situação de rua, perpassa por questões relacionadas à exclusão, desigualdade e pobreza. Vimos, também, que é no espaço que se constroem experiências e relações entre as pessoas, assim, um espaço pode tanto unir, como segregar os indivíduos, e isso está ligado às formas de representação do texto. Portanto, a percepção e a ideia que os sujeitos têm a respeito do espaço pode contribuir e acentuar relações de dominação, ou seja, discursos de individualização e da cultura do consumo, sustentados pelo Novo Capitalismo e pelo Neoliberalismo, estabelecem, cada vez mais, um processo de distanciamento entre as pessoas.

Nas análises das reportagens, constatamos discursos de pessoas que se sentem ‘incomodadas’ quando veem a situação de rua. Porém o “incômodo” não é pelo problema social e pela condição vulnerável e precária de vida, mas pela quantidade de pessoas e pelo tipo de espaço que ocupam, assim, percebemos marcas que apontam para uma fragmentação de valores sociais. Nesse sentido, compreendemos que a categoria espaço além de perpassar, ela, também, ultrapassa a questão da situação de rua, ou seja, enquanto há uma valorização e um realce para representar a categoria lugar, a situação de rua é naturalizada pelos jornais on-line.

2. *Como a mídia pode estar contribuindo para a (re) construção da identidade de pessoas em situação de rua, no contexto da categoria espaço nos textos de jornais on-line?*

Ao pensarmos nesta questão de pesquisa vimos que a mídia, por meio de reportagens de jornais online, reproduz e produz discursos capazes de manipular informações a fim de privilegiar interesses particulares. Com o intuito de tornar a pesquisa mais ampla, selecionamos reportagens das cinco regiões brasileiras e constatamos que, apesar de serem regiões geograficamente diferentes, os dados são recorrentes em todas as análises, ou seja, a representação que os autores do texto dão às pessoas em situação são as mesmas. Destarte, investigamos que a representação midiática a respeito da categoria espaço tem um grande destaque nos textos, principalmente quando comparada a um problema coletivo e social. Portanto, se o discurso molda e é moldado pelas práticas sociais, nesta pesquisa, a visibilidade negativa, assim como, a invisibilidade contribui para a (re) construção de identidades de pessoas em situação de rua. Dessa forma, acreditamos que há uma ruptura entre o “eu” e o “outro”, o índice de afastamento torna-se mais perceptível quando a representação de pessoas em situação de rua é desvalorizada ou descriminalizada, e a espacialidade adquire uma maior importância nas reportagens.

3. *Quais marcas discursivas são predominantes nos textos da mídia em relação à situação de rua e a categoria espaço?*

Por meio das reportagens, foi possível analisar algumas categorias presentes nos textos. Dessa forma, verificamos construções de intertextualidades manifesta, assim, há marcas explícitas nos dados que legitimam discursos de medo, insegurança, pena e de violência em relação às pessoas em situação de rua. Percebemos, também, que as vozes presentes nos dados, por um lado, apontam para uma representação que tem como intuito produzir indivíduos conformistas com a realidade social e, assim, servirem à interesses particulares, como a mídia. E por outro, averiguamos vozes de autoridades e instituições governamentais que apresentam dados estatísticos, porém não mostram soluções ou indicativos de mudança para este problema social. Vimos, também, que as reportagens contribuem para reforçar uma inversão de valores, por exemplo, quando há uma personificação da categoria espaço e uma desvalorização da questão da situação de rua.

Sabemos que existem diversas reflexões acerca desta temática, porém corroboramos com o pensamento de que sempre podemos acrescentar para tentar transformar a realidade social da situação de rua. Nesse sentido, os resultados observamos e obtidos nas análises podem apontar para mais uma contribuição nos aspectos discursivos, sociais, econômicos e políticos. Para finalizar este trabalho, mas abrindo portas para novas discussões e inquietudes, acreditamos que os diversos caminhos que percorremos no decorrer da vida podem ser curtos e satisfatórios, mas também longos e de superação, que são onde enfrentamos obstáculos significativos na nossa caminhada. Lutas e vitórias, bem como desejos de construir, constituir, progredir e seguir em um nível cada vez mais alto de altitude e de atitude na vida podem ampliar novos horizontes. Que valorizemos cada vez mais o ser.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, Martin & GASKELL, GEORGE. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad: Pedrinho Guareschi. 12ªed. Petrópolis: Vozes. 2014
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. A. Adriana. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Globalização. As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. 1998
- BUARQUE, Cristovam. *No meio da rua- nômadés, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CABRAL, Sara Regina Scotta & FUZER, Cristiane. *Introdução à Gramática SistêmicoFuncional em Língua Portuguesa*. Santa Maria: RS, 2010.
- CAETANO, C. J. M. *Medicina Paliativa e Análise do Discurso Crítica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Identidade e terminalidade: um estudo linguístico das práticas discursivas em uma ala de doentes terminais*. 1. ed. CRV. v. 1. 2010.
- CAETANO , Carmem; IZABEL, Magalhães; BESSA, Décio. *Pesquisas em Análise de Discurso Crítica*. 1. ed. Covilhã: Labcom, 2014. v. 1.
- CASTEL, Robert. *Metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CHOULIARAKI, Lilie.; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University Press, 1999.
- DENZIN, Norman K.& LINCOLN, Yvonna S. (orgs). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*; trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. R. Filker. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Mundo em descontrole*. Trad. M. L. X de A. Borges. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Trad. T. Tomaz. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HALLIDAY, M. *An introduction to Functional Grammar*. Revisão Christian Matthiessen. London: Hodder Arnold, 2004.
- HARVEY, David. *Cidades rebeldes*. Trad. C. Jeferson. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Condição pós-moderna*. Trad. A. U. Sobral e M. S. Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Espaços de esperança*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Justice, nature and the geography of a difference*. London: Blackwell, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Social Justice and the City*. Londres: Edward Arnold e Baltimore: John Hopkins University Press, 1973.
- LEEUWEN, Theo van. *Representing Social Action, in Discourse and Practice*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MASON, Jennifer. *Qualitative Research*. London: Sage, 2002.
- PARK, Robert. A comunidade urbana como configuração espacial e ordem moral. In: PIERSON Donald (org.). *Estudos de ecologia humana*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 2014.
- SANTOS, Milton. *O espaço do Cidadão*. São Paulo: Ed. USP, 2014.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço – Técnica e tempo. *Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015.

\_\_\_\_\_. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Território globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

THOMPSON, Jhon. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAMALHO, Viviane. RESENDE, Viviane. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Coleção Linguagem e Sociedade Vol. I. Campinas. São Paulo: Pontes Editores. 2011

WODAK, Ruth. *De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD): resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos*. In: R. Wodak; M. Meyer. *Método de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa Editorial. 2003

**ANEXOS**



## Textos do Centro-Oeste

### Texto 1

*Prédios em locais privilegiados do DF são abrigo de moradores de rua*

31/01/2016 [jornaldebrasil.com.br](http://jornaldebrasil.com.br)

Famosa por ser uma cidade planejada, muitos não imaginam que, no centro da capital, existam prédios abandonados que se tornaram abrigos para moradores de rua e usuários de drogas. São edificações destruídas repletas de pichações, mato alto e sujeira. Na 713 Sul, um hospital, abandonado tornou-se abrigo para moradores de rua. O prédio, onde funcionava o Hospital São Braz, está jogado às traças. Com paredes pichadas e vidros quebrados, o local gera insegurança. Muitas casas da região estão com placas de venda, e quem vive perto toma suas próprias precauções. “Eu tenho medo de caminhar na calçada no final da tarde ou no início da noite. É bastante perigoso. Tem muito morador de rua que se abriga no prédio. Eles acabam incomodando, porque, além de causar insegurança, batem nos portões pedindo. Eles são insistentes, batem com força até a gente abrir”, relata a professora aposentada Marilourdes Solino, 77 anos. Antônio Vieira, 44 anos, é dono de um quiosque ao lado do antigo hospital. Ele explica que o local foi desativado há, pelo menos, cinco anos e, depois, passou a ser ocupado por usuários de drogas e moradores de rua. Por causa da presença deles, nem o estacionamento do edifício é utilizado. Segundo o comerciante, quem deixa o carro no local acaba ficando sem as rodas. Outro problema, relata, é a sujeira. “Esses moradores de rua fazem de tudo aí dentro. Desde que eles ocuparam o local, ratos e insetos começaram a aparecer, o que é um grande problema”, reclama. O comerciante afirma ainda que, no final da tarde, a região se torna ainda mais perigosa por conta falta de movimento nos prédios vizinhos. Segundo Antônio, muitos estudantes foram vítimas de assaltos porque insistiram em passar na lateral do prédio abandonado, próximo a duas escolas. A equipe do JBr. não conseguiu contato com os donos do hospital. A Agência de Fiscalização do DF (Agefis) informou que o Hospital São Braz sofre ações administrativas da Agefis há cinco anos. A antiga unidade hospitalar é notificada desde 2011.

### **Centro Islâmico: mato, lixo e abrigo**

Outro local abandonado é o Centro Islâmico do Brasil, na 712/912 Norte. O prédio, uma mesquita antiga, está repleto de mato, entulho e lixo. Como as cercas foram cortadas, moradores de rua usam o lugar como abrigo. Além disso, à noite, há quem entre no que restou da mesquita para beber e fazer arruaças. No lote, existem quatro casas. Procurados, os moradores do terreno não quiseram dar entrevistas. Com uma mesquita em frente, em funcionamento, o Centro Islâmico informou que o terreno é da Embaixada da Arábia Saudita. A Terracap vendeu o lote ao centro em 1981. Em nota, a delegação da Arábia Saudita informou que a área foi doada à embaixada e que não está abandonada e, em breve, será construído algo para a comunidade islâmica, uma escola ou um salão para eventos religiosos. A professora Elouise Choma, 30 anos, mora perto da antiga mesquita e diz que o local não a incomoda. “Nunca percebi nada estranho, a não ser à noite. O que vejo é o mato alto. Na minha opinião, não traz prejuízos à população”, avalia.

**Escola de Guerra: Ruínas da UnB-** Concreto e mato cercam o local conhecido como Ruínas da UnB. A construção interrompida fica em uma área ao lado da Universidade de Brasília e às margens do Lago Paranoá. Para ir até lá, é preciso passar por uma estreita estrada de terra. A construção abrigaria a Escola Superior de Guerra, com projeto do arquiteto Sérgio Bernardes, na década de 1970. Entretanto, o local ficou esquecido, e o mato tomou conta da construção. As vigas, altas, foram danificadas pelo tempo e hoje estão repletas de rachaduras. Vista de perto, a obra exhibe um aspecto intrigante e até assustador. As grossas paredes com poucas portas e sem janelas avançam até o Lago Paranoá. Escadas sem uso descem para o subsolo parcialmente alagado. O cerrado invade os escombros. Olhando do alto, percebe-se que a edificação misteriosa tem formato triangular. As ruínas estão cercadas por água e mato, um zigue-zague de muros e acessos inacabados. O cenário assusta, e há muito lixo espalhado, além de grafites e pichações. Na laje, há buraco e rachaduras. Em nota, a instituição informou que a área pode ser acessada pelo interior da universidade, mas que não pertence à UnB e nunca teve relação alguma com a instituição.

## Texto 2

Moradores de rua: esmola que não ajuda

04/05/2014

JORNAL DE Brasília

Não importa onde você vá, eles estarão sempre prontos para te abordar. Os pedidos podem vir das mais variadas formas, mas o objetivo é um só: sobreviver nas ruas em troca de doações e esmolas. O ato, porém, é contestado por aqueles que se sentem prejudicados e até mesmo coagidos a “colaborar” com os pedintes. Na quadra 302 Sul, comerciantes espalharam cartazes próximo aos caixas e balcões de atendimento sugerindo que os fregueses não deem esmolas aos moradores de rua. Hoje, aproximadamente 8duas mil pessoas vivem em situação de vulnerabilidade social no Distrito Federal.

Os problemas, no entanto, vão muito além da contribuição. -Na 302 Sul, as vielas entre o comércio e o setor residencial estão cheias de pertences dos moradores de rua, que chegam a disputar os melhores espaços para passar a noite. Além disso, o cheiro de urina e os restos de comida contribuem para um cenário desolador.

A iniciativa de distribuir panfletos aos comerciantes da 302 Sul partiu da prefeitura local. Um dos principais motivos apontados é que, em muitos 18casos, as esmolas são usadas para o consumo de drogas. O aviso também destaca que “o GDF disponibiliza atendimento à população de rua na 903, das 8h às 18h em duas úteis, com atendimento médico e psicossocial, 21banheiros, guarda de pertences, oficinas, cursos de capacitação, café da manhã e almoço. Às 17h, há transporte para abrigos.”

### Reclamações

“Eles pedem por comida e dinheiro toda hora. O problema é que abordam nossos clientes logo que saem da porta e já tivemos reclamações. Não sabemos mais quem é mendigo, quem é guardador de carro. Está difícil até trabalhar”, disse Iranice Rodrigues, gerente de uma doceria na 302 28Sul.

**Texto 3****Morador** de rua faz casa de papelão com varanda e jardim: 'Meu castelo'

G1 Globo Goiás

12/08/2016

O morador de rua Francisco Franco, de 52 anos, construiu uma casa de papelão e compensado, com varanda, jardim e uma casinha para o cachorro Chorão, em Goiânia. Ele conta que fez o lugar com amor e o chama de “castelo”. O homem diz que é pai de três filhos e tem cinco de rua faz casa de papelão com varanda e jardim: 'Meu castelo' notícias em Goiás netos, mas não sabe onde eles estão. Francisco afirma que sonha em ter uma casa e que se surpreende com a reação de algumas pessoas que ele cumprimenta na rua.

“Chega aqueles caboclos em uns carrões bonitos, os caboclos que tem tudo, todas as bênçãos que um homem podia ter, ele teve a honra e a glória de Deus abençoar ele. Você chega nele e fala ‘bom dia meu senhor, está tudo bem?’ e ele fala assim ‘não’, com a cara ruim. Eu fico pensando, como é que ele pode falar uma coisa dessa? Todo ser humano devia ter um lar e como eu não tive oportunidade eu fiz o meu aqui mesmo.

É minha casa, é meu castelo. As pessoas podem achar que não, mas eu sou feliz assim”, disse o morador de rua. É minha casa, é meu castelo. As pessoas podem achar que não, mas eu sou feliz assim.” Francisco Franco, morador de rua

A casa de Francisco foi feita por ele na Rua Ministro Guimarães Natal, no Setor Crimeia Oeste. A porta de entrada é um jardim cheio de flores artificiais e borboletas.

As paredes são feitas de compensados decorados com itens que ele encontra na rua. O teto é composto por restos de um Box, com papelão e cobertores pra não deixar o frio passar. Dentro tem um colchão e uma prateleira onde ele guarda, de forma organizada, seus poucos pertences. O lugar tem até varanda, cercada com um estrado de berço e madeira. Seu Francisco não mora sozinho no “castelo” que construiu para ele. Ao lado do cachorro Chorão, que tem uma casinha ao lado da varanda, compartilha histórias. “O nome dele é esse porque quando eu prendo ele, ele começa a chorar, a uivar, que você pensa que ele está levando uma surra. Mas é que ele está preso e eu não estou perto”, revelou.

Na região, todos o conhecem e o ajudam a sobreviver entre as dificuldades da vida. Mas o homem diz que nem sempre foi assim e que já tentou construir a casa outras vezes.

“Eles me arrancavam a casa, me botavam na rua e jogavam tudo fora. Não deixava um papelão. Aqui eu sou amigo de todo mundo no bairro.

Todo dia me ajudam com pra eu almoçar, uma roupa, uma coberta, uma chinela. O goiano é o ser humano de coração melhor do mundo”, afirmou.

Francisco diz que sonha em ter uma casa própria, sem risco de ser despejado, com acontece nas calçadas das ruas. Além disso, quer poder ter um lugar para poder receber os parentes quando os reencontrar.

“Meu sonho é ter uma casa verdadeira, para que eu possa ser igual a todo mundo. E ver meus filhos, minha família novamente, mas numas condições mais honrosas”, reforça.

#### Texto 4

Revitalização fica nos bois e mendigos seguem defecando na Praça dos Carreiros  
Mais tradicional espaço público da cidade segue entregue às moscas

08/09/2017

Notícias do Mato Grosso

Desde 2013, início da atual gestão, o prefeito Percival Muniz (PPS) tem tratado a obra de “revitalização” da Praça dos Carreiros como um dos grandes feitos que deixará para a cidade. No entanto, até agora, passados quase quatro anos, o que se viu foi apenas a construção do famigerado “carro de boi” que custou R\$ 50 mil “por cabeça” à população, conforme matéria publicada pelo NMT no mês de maio. Se não deu na obra, o jeito então foi “revitalizar” a promessa da campanha de 2012 e fazê-la também virar argumento eleitoral em 2016.

Nesta quinta-feira, porém, fotos enviadas por internautas demonstram que uma das situações que havia sido tratada como definida, não só por Percival, mas pelo seu braço direito, Eduardo Duarte, quando o mesmo presidia a Coder, segue intacta: mendigos seguem usando o coreto central como casa e defecando no seu entorno. O mau cheiro novamente impossibilita as pessoas de transitarem no espaço público mais tradicional da cidade. Os tapumes colocados para dar a entender que a praça está em obras, aparenta ser apenas uma peça publicitária porque simplesmente ninguém trabalha no local há dias, segundo os próprios trabalhadores dos comércios da região. O tal projeto que gerou várias matérias na TV, onde o arquiteto Alexandre Torres, além do próprio Percival, ressaltavam espaços comerciais renovados, chafarizes, banheiros públicos modernos e um ponto de ônibus renovado, ninguém sabe onde foi parar, na prática, assim como pouco se tem conhecimento da origem dos recursos para fazer os anunciados investimentos. Agora, se for para endividar o Município para os anos futuros, assim como foi na gestão.

## Texto 5

12/08/2016 13h28 Do G1 GO

Morador de rua faz casa de papelão com varanda e jardim: 'Meu castelo'

Francisco Franco, 52, sonha em ter uma casa própria e reencontrar a família. Ele diz que já foi despejado, mas agora é querido em um bairro de Goiânia.

Francisco Franco, 52, sonha em ter uma casa própria e reencontrar a família.

Ele diz que já foi despejado, mas agora é querido em um bairro de Goiânia. O morador de rua Francisco Franco, de 52 anos, construiu uma casa de papelão e compensado, com varanda, jardim e uma casinha para o cachorro Chorão, em Goiânia. Ele conta que fez o lugar com amor e o chama de “castelo”. O homem diz que é pai de três filhos e tem cinco netos, mas não sabe onde eles estão. Francisco afirma que sonha em ter uma casa e que se surpreende com a reação de algumas pessoas que ele cumprimenta na rua. “Chega aqueles caboclos em uns carrões bonitos, os caboclos que tem tudo, todas as bênçãos que um homem podia ter, ele teve a honra e a glória de Deus abençoar ele. Você chega nele e fala ‘bom dia meu senhor, está tudo bem?’ e ele fala assim ‘não’, com a cara ruim. Eu fico pensando, como é que ele pode falar uma coisa dessa? Todo ser humano devia ter um lar e como eu não tive oportunidade eu fiz o meu aqui mesmo. É minha casa, é meu castelo. As pessoas podem achar que não, mas eu sou feliz assim”, disse o morador de rua. “É minha casa, é meu castelo. As pessoas podem achar que não, mas eu sou feliz assim.” Francisco Franco, morador de rua

A casa de Francisco foi feita por ele na Rua Ministro Guimarães Natal, no Setor Crimeia Oeste. A porta de entrada é um jardim cheio de flores artificiais e borboletas. As paredes são feitas de compensados decorados com itens que ele encontra na rua. O teto é composto por restos de um Box, com papelão e cobertores pra não deixar o frio passar. Dentro tem um colchão e uma prateleira onde ele guarda, de forma organizada, seus poucos pertences. O lugar tem até varanda, cercada com um estrado de berço e madeira. Seu Francisco não mora sozinho no “castelo” que construiu para ele. Ao lado do cachorro Chorão, que tem uma casinha ao lado da varanda, compartilha histórias. “O nome dele é esse porque quando eu prendo ele, ele começa a chorar, a uivar, que você pensa que ele está levando uma surra. Mas é que ele está preso e eu não estou perto”, revelou. Na região, todos o conhecem e o ajudam a sobreviver entre as dificuldades da vida. Mas o homem diz que nem sempre foi assim e que já tentou construir a casa outras vezes. “Eles me arrancavam a casa, me botavam na rua e jogavam tudo fora. Não deixava um papelão. Aqui eu sou amigo de todo mundo no bairro.

Todo dia me ajudam com pra eu almoçar, uma roupa, uma coberta, uma chinela. O goiano é o ser humano de coração melhor do mundo”,

afirmou. Francisco diz que sonha em ter uma casa própria, sem risco de ser despejado, com acontece nas calçadas das ruas. Além disso, quer poder ter um lugar para poder receber os parentes quando os reencontrar.

“Meu sonho é ter uma casa verdadeira, para que eu possa ser igual a todo mundo. E ver meus filhos, minha família novamente, mas numas condições mais honrosas”, reforça.

## Texto 6

12/12/2015

Do R7, com Rede Record

Morador de rua desde os 9 anos, homem constrói casa decorada em calçada de Goiânia

Ele é jardineiro e deixou a casa bem delicada; mãe morreu e o deixou sozinhoO morador de rua Francisco, de 45 anos, construiu uma casa diferente em uma calçada do centro de Goiânia (GO). Ele é jardineiro e construiu um espaço decorado com flores.

Francisco vive nas ruas da capital desde os nove anos. A mãe dele morreu e ele nunca conheceu o pai, por isso passou a viver sozinho.

Essa é a segunda casa no estilo que ele constrói porque a primeira foi incendiada por um grupo de rapaz. Ele conta que tem vontade de casar e ter filhos.

— Eu estava cansada de dormir em papelão. EU queria ter uma vida normal, quem sabe montar um negócio, casar e ter filhos.

## Texto 7

Campo Grade News

20/01/2015

### Na Mato Grosso, morador de rua tem coleção de equipamentos eletrônicos

A foto vale interpretações poéticas variadas. Um homem com roupas surradas, de cor escondida pela sujeira, cabelos sem corte e idade confusa graças ao descuido. São detalhes como em tantas descrições sobre quem vive na rua, mas a imagem tem o notebook e faz da cena algo inusitado no cotidiano de Campo Grande, o que serve para algumas reflexões. Mesmo que alguns estejam só na carcaça, a quantidade de aparelhos é de chamar a atenção. Sandro, como é conhecido, não fala e há mais de 15 anos dorme ao relento, em um dos canteiros da cidade. O que o faz diferente de tantas pessoas na mesma condição é o contraste com a tecnologia.

Apesar de uma aparência tão desgastada pela rua, Sandro é um homem cordial, que aceita responder perguntas com a caneta no caderno. As frases comprovam que ele foi alfabetizado. Todos os acentos surgem no lugar correto, mas as palavras já não têm conexão algum. Pouco se entende sobre o passado ou presente. É a conversa típica de quem perdeu todas as referências lógicas, a sanidade.

Para desvendar quem é aquele homem, que também carrega consigo joguinhos eletrônicos tão surrados quanto a roupa, temos de recorrer aos amigos.

Munir Saad diz que conhece Sandro há, pelo menos, 15 anos. “Ele gosta muito de jogos. Esses aparelhos são dele, ele compra. Quando tinha uma lan house ali na esquina, ele ia sempre jogar”, conta. Não é todo dia que Sandro exhibe os aparelhos por aí. Ele diz ter um “esconderijo”, onde guarda os pertences, no bairro São Bento. Para conseguir dinheiro, cuida de carros, pede doações e cata latinhas para vender.

É um dos personagens da região da avenida Mato Grosso. “Dia de domingo, tem carro que já reduz a velocidade para entregar coisas para ele, como roupas e comida”, lembra Munir. Sandro não se interessa em mudar o modelito, apesar das doações. A bota nos pés parece que em seguida vai se desintegrar. Comida também não é o forte. “Ele come todo dia um ovo cozido, que a gente prepara”, diz o amigo, cardápio confirmado por Sandro, que justifica com gestos de que não

pretende engordar. Também não consome bebida alcoólica, “só Fanta e suco de laranja”. O problema durante a vida foi a droga, dizem os companheiros das antigas. Mas há várias versões sobre seus dramas pessoais.

“Temos um amigo italiano que conta que o Sandro é órfão, que tinha um irmão que morreu e ficou mudo de tanto usar drogas. Outros falam que ele veio de São Paulo”, diz Munir. Ele mesmo não confirma ou desmente nada, só concorda que os jogos com armas são os mais divertidos.



**Texto 8**

28/04/2015

Campo grande

Após encontro, entidades públicas estudam ações mais rígidas para os moradores de rua. Em reunião na manhã desta segunda-feira, Secretaria de Promoção e Assistência Social, Ministério Público, Centro Pop, Casa Esperança, Polícia Militar e ACIR – Associação Comercial de Rondonópolis definiram ações pontuais que serão realizadas junto aos moradores de rua.

De acordo com o coordenador do Centro Pop, que faz parte da Secretaria de Promoção e Assistência Social, Danilo Ferreira de Oliveira, esse encontro foi realizado para que ações mais rígidas sejam realizadas, para que se possa chegar de forma mais concreta até os moradores.

“Hoje o morador de rua tem uma referência em Rondonópolis, que é o Centro Pop, ele tem local para dormir, fazer higiene pessoal, almoçar, tirar sua documentação, fazer tratamento para dependência química. Não temos um número exato de moradores, devido à alta rotatividade, saem cinco da rua, chegam 10 de outras cidades. Nossa cidade é um entroncamento de rodovias, vem pessoas de todas as cidades do país para cá. Rondonópolis por ser uma cidade cômoda as pessoas acabam de estabelecendo. Precisamos fazer esse trabalho de forma conjunta, com os órgãos competentes, para que ele seja bem realizado”. Ficou definido no encontro que o Centro Pop e a Polícia Militar serão responsáveis pela abordagem dos moradores de rua, detectando o porte, o uso ou o comércio de substâncias entorpecentes, encaminhandoos para a Polícia Civil para lavratura de prisão e Flagrante ou TCO.

## Texto 9

21/05/2016 G1

g1.globo.com/matogrosso/

Contador atropela morador de rua de propósito e é preso em MT; Morador morreu após traumatismo craniano e foi enterrado como indigente. Suspeito alegou à polícia que vítima usava obra dele como abrigo.

Um contador de 34 anos foi preso nesta segunda-feira por suspeita de atropelar de propósito e matar um morador de rua em Lucas do Rio Verde, a 360 km de Cuiabá. De acordo com a Polícia Civil, o contador, identificado como Thiago Bernini, confessou ter atropelado propositalmente Francisco Viane dos Santos Silva, de 61 anos, no mês passado. O contador disse à polícia que se sentia incomodado com a presença do morador de rua, que usava a obra dele como abrigo. Um vídeo do atropelamento foi divulgado pela Segunda a polícia, Thiago teve a prisão temporária decretada pela Justiça e também teve a caminhonete, usada no atropelamento, apreendida. O

G1 não localizou os dois advogados de Thiago, que estão o acompanhando na delegacia na manhã desta segunda-feira.

“Ele admitiu que atropelou o morador de rua de propósito. Justificou que procurou órgãos de assistência social [da prefeitura] para retirar o morador dessa obra, porém, afirmou que nada foi feito. Ele disse que queria apenas dar um susto nele e que não tinha a intenção de matar”, declarou ao G1 o delegado Rafael Scatolon. No dia 17 de abril, Francisco andava pela Avenida São Paulo, no Bairro Cidade Nova, quando foi atropelado por uma caminhonete. Câmeras de segurança registraram o momento em que a vítima foi atingida pelo veículo. Nas imagens, é possível ver que a caminhonete faz um movimento para a direita, atropela o morador, quando ele estava de costas, e continua o trajeto, sem parar para prestar socorro.

Polícia Civil

Conforme as investigações, Francisco morreu um dia após o atropelamento e foi enterrado como indigente no cemitério da cidade, já que os familiares não foram localizados pelos órgãos de assistência social. Ele sofreu traumatismo craniano. As investigações apontam que Francisco, que apresentava transtorno psiquiátrico, usava o local da obra em construção do contador como local de abrigo para poder dormir. A obra de construção de um escritório de contabilidade e uma residência está avaliada em R\$ 2 milhões.

O contador deve ser indiciado por homicídio duplamente qualificado por motivo fútil, com meios que dificultaram a defesa da vítima. Thiago será encaminhado para o Centro de Detenção Provisória (CDP) de Lucas do Rio Verde. A caminhonete dele vai passar por uma perícia técnica. Conselho Regional de Contabilidade

O Conselho Regional de Contabilidade de Mato Grosso (CRCMT) informou, através de nota, que Thiago não tem registro de profissional contábil no CRC. Porém, a informação de que o suspeito atua como contador foi divulgada pela Polícia Civil. O CRCMT declarou que repudia qualquer ato ilícito e lamenta o fato ocorrido.

## Texto 10

24/01/2014

Tocantins news

### Sedes realiza operação para acolher moradores de rua

A Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social (Sedes), através da Diretoria de Proteção Especial, acompanhada da Guarda Metropolitana de Palmas, realizou no decorrer desta semana uma operação de acolhimento de moradores de rua, que se encontravam na 1.206 Sul.

Durante a operação, quatro pessoas foram acolhidas e encaminhadas para o Instituto Rehma, no jardim Taquari. A Instituição tem como propósito abrigar e recuperar moradores de rua e usuários de entorpecentes.

O senhor Luiz Orione, 65 anos, morador de rua, foi identificado e será encaminhado para sua família na cidade de origem. Todos que foram acolhidos, hoje abrigados, recebem alimentação, serviço de higiene pessoal, além de serem cadastrados nos programas sociais da Sedes.

A diretora de Proteção Social Especial, Telma Correia de Oliveira, destacou que todos os moradores de rua eram pessoas idosas do sexo masculino. “Foi realizado um trabalho de busca ativa, pela Rede de Proteção Social do Município, quando ficou constatado, que, pelo menos dois idosos, moradores de rua, foram abandonados pelas famílias. Ambos foram acolhidos por técnicos de serviços sociais e psicólogos da Sedes. A ideia é dar uma qualidade de vida melhor para eles e tentar reaproximá-los de seus familiares”, afirma.

O Pastor Domingos Ferreira de Souza, da Igreja Evangélica Internacional Rhema, destaca que há três anos, construiu, na associação de Taquari, uma ala masculina para atender moradores de rua. “Esta associação é fruto de um trabalho voluntário e contamos com a colaboração de voluntários e as cestas básicas que recebemos da Sedes. O local tem capacidade para abrigar cerca de 30 pessoas, hoje abrigamos doze que precisam de cuidados e dedicação. Todos chegam fragilizados, desempregados e sem formação profissional. Nosso objetivo é curar as feridas e sarar as cicatrizes que marcaram essas almas”, desabafa.

A titular da Sedes, Maria Luiza Felizola Leão Gomes, destacou que já está previsto para este ano a implantação de novos projetos para atendimento da população carente. Entre esses projetos, a construção do Centro de Referência Especializado de Assistência Social para abrigar a População em Situação de Rua (Creas-Pop) e também o Serviço de Acolhimento Institucional para Pessoa Idosa em Situação de Rua.

“A ação realizada nesta semana alcançou os objetivos traçados, graças à integração entre os órgãos envolvidos. Continuaremos trabalhando para atender as demandas da população em situação de vulnerabilidade social, que vivem nas ruas”, enfatizou Maria Luiza.

### Rede de proteção social

A rede de proteção é uma ação integrada entre instituições, para atender a população em situação de risco pessoal: sob ameaça e violação de direitos por abandono, violência física, psicológica entre outras formas de submissão que provocam danos e agravos físicos e emocionais.

“O atendimento visa fortalecer os vínculos familiares, prevenir o abandono, combater estigmas e preconceitos, assegurar proteção social imediata e atendimento interdisciplinar”, ressalta a diretora de Proteção Social Espec

## Textos da Região Sudeste

### Texto 1

Moradores de rua improvisam estrutura para “fixar residência” nas ruas de Belo Horizonte  
08/11/2016

Hojeemdia

O pequeno globo terrestre pendurado na entrada da “casa” tem tudo a ver com Aparecido da Silva, de 42 anos. Nascido em Quitimbu, distrito de Custódia, no sertão pernambucano, ele viveu por mais três décadas em cidades paulistas antes de chegar a Belo Horizonte.

Há um ano, o “desenhista profissional”, como ele se intitula, “fixou residência” debaixo de uma passarela da avenida Cristiano Machado, no bairro da Graça, na região Nordeste. Ao contrário de grande parte dos moradores de rua, que perambula de marquise em marquise, Aparecido transformou o pequeno espaço numa habitação improvisada.

Levantou as “paredes” com pedaços de lona, plástico e cobertores. Dentro do “imóvel”, usa carrinhos de supermercado para guardar objetos pessoais, de higiene e quinquilharias. Na decoração, bonecos, ilustrações e desenhos feitos por ele, pregados na estrutura de metal da passarela.

Abordado duas vezes por assistentes sociais da prefeitura, Aparecido preferiu continuar no local. “Não quero ir para abrigo. A gente tem que sair de manhã cedo e em determinado horário não consegue mais entrar. Em primeiro lugar, respeito todos os pedestres que passam por aqui, onde pretendo ficar até o fim da minha vida”, afirma.

### Perfil

Coordenadora do Comitê de Política Municipal para a População de Rua de BH, a pedagoga Soraya Romina explica que as pessoas que vivem nessa situação são divididas em três perfis. Como Aparecido, há aquelas que ficam por muito tempo “morando” no mesmo espaço, em casas improvisadas.

“É aquela pessoa que vive sozinha e encontra a ambiência favorável em determinado local, em condição de sobrevivência, recebendo doações. Passa a ter o respeito e o reconhecimento da sociedade”, ressalta a especialista.

Há moradores de rua que preferem viver em grupos, que exercem o papel de famílias substitutas. “Uma forma que encontram para se proteger”, afirma Soraya. O terceiro perfil apontado por ela são de grupos flutuantes. “São aqueles que chamamos de andarilhos, que vivem mudando de regiões da cidade”, diz. Área de lazer criada em praça para desafios no jogo de damas

Em um canto, prateleira com livros: “Farda, fardão, camisola de dormir”, de Jorge Amado, e “O que você deve saber sobre os psicotrópicos – A viagem sem bilhete de volta”, escrito por José Elias Murad em 1972, estão entre as obras.

Ao lado, um improvisado tabuleiro de damas. Também há balanço feito com pneu de moto, enfeites nas luminárias e bandeira do Brasil pendurada. Tudo isso emoldurado pelo colorido das flores.

A “área de lazer” foi criada por Lindemberg Beltrão dos Santos, de 48 anos, na pequena praça Antônio Xavier, no bairro Cidade Nova, Nordeste de BH, escolhida por ele como moradia há cinco. Deixou para trás uma casa no Jardim Vitória, na mesma região, a mulher e duas filhas.

Avesso a fotografias, é acompanhado sempre de perto pelo fiel amigo, o cachorro Pretinho. “Além do documento, carrego comigo apenas a liberdade. Aqui recebo minhas visitas e nunca perdi uma partida de damas”, resume.

Com tanto capricho ao aparar a grama e aguar as plantas, ganhou o apelido de zelador da praça. “Teve um Natal que os moradores fizeram uma caixinha para me dar. Rendeu R\$ 700, mas eu não quis o dinheiro. Pedi que comprassem mudas”, orgulha-se, apontando para as rosas no jardim.

Desafio é tornar atrativa oferta de abrigos contra a violência

Feito em 2014 pela Secretaria Municipal de Assistência Social, o Censo da População de Rua de BH apontou 1.827 pessoas nessa situação. Boa parte (33,5%) admitiu falta de interesse pelos abrigos oferecidos pela prefeitura por causa da inflexibilidade de horários e das regras.

Convencê-las é o grande desafio das equipes de abordagens. “Nossos técnicos usam a via do convencimento, pois não podemos tirar ninguém à força das ruas, de forma compulsória. É muito duro esse caminho de volta, pois são pessoas que romperam a lógica da regra, da convivência social”, diz a pedagoga Soraya Romina.

Coordenadora do Comitê de Política Municipal para a População de Rua de BH, ela ressalta que embora haja o reconhecimento de parte da população pelo zelo de Lidemberg Beltrão dos Santos com a praça Antônio Xavier, pessoas como ele ficam expostas aos riscos de morar na rua. “Expostas à violência, aos intempéries do tempo, ao preconceito, à invisibilidade social”, enumera.

Para a especialista, a crise econômica pode ter provocado o crescimento da população de rua na capital mineira, a exemplo de todo o país. Segundo ela, não há previsão de que seja feito novo censo, uma vez que a contagem executada em 2014 tem validade de dez anos.

## Texto 2

Prefeitura coloca estruturas "antimendigos" em viaduto

08/11/2016

CartaCapital

A revitalização dos canteiros que ficam embaixo das estações da linha azul do metrô de São Paulo, entre o Tietê e o Tucuruvi, acompanhada da construção de uma ciclovia, ainda é modesta. As alterações já realizadas em um dos trechos, entretanto, apresentam estruturas com características “antimendigo” ao redor das pilastras que suspendem os trilhos do metrô. A obra entre a rua Coronel Antônio de Carvalho e a avenida General Ataliba Leonel foi iniciada em novembro de 2013 e é realizada pela prefeitura de São Paulo.

A estrutura montada pela gestão de Fernando Haddad (PT) em volta dos pilares é composta por pedras semelhantes a paralelepípedos, entre 10 e 20 centímetros de altura, dispostas de maneira irregular em volta de cada pilar de suspensão da via elevada por onde passa o metrô.

Por meio de nota, a Subprefeitura de Santana informou que "está realizando obras de revitalização na região, que envolve a Avenida Cruzeiro do Sul, entre a Rua Coronel Antonio de Carvalho e a Avenida General Ataliba Leonel. A obra prevê melhorias no canteiro central e nas calçadas, e reforço na iluminação, totalizando mais de 12 mil m<sup>2</sup> de reforma. A estrutura em questão é obra prevista em projeto e tem a finalidade de proteger as pilastras de sustentação do metrô, a fim de evitar que sejam acesas fogueiras nesses locais, o que abala a estrutura da edificação".

Em 2012, durante a gestão Kassab, haviam sido colocadas grades de ferro de cerca de dois metros de altura cercando todo canteiro central – estruturas que estão sendo retiradas agora pela gestão Haddad.

Em 2005, a gestão José Serra (PSDB) foi duramente criticada pelo PT ao erguer rampas íngremes na parte de baixo de viadutos de acesso da avenida Paulista. O então subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo, defendeu a medida e afirmou que era para evitar o uso de drogas na região. O padre Júlio Lancelotti, da Pastoral do Povo da Rua, afirmou que a intenção era "dar a falsa impressão de que o problema não existe".

Em 2007 o sucessor de Serra, Gilberto Kassab (PSD) prosseguiu com a política "antimendigo", instalando na praça da República e em outros pontos da cidade bancos com um apoio de braço no centro, impedindo que qualquer pessoa se deite neles.

**Texto 3**

Av. Roberto Marinho, em SP, sofre com degradação e invasão de sem-teto

12/12/2016 [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)

Inaugurada há 20 anos para ligar o Jabaquara à marginal Pinheiros, a avenida Jornalista Roberto Marinho, na zona sul de São Paulo, atualmente está marcada pela presença de favelas, ausência de iluminação pública e falta de segurança.

Desde a sua abertura, a via passou por uma série de intervenções que a transformaram em um canteiro de obras sem fim. Hoje é o atraso na construção da linha 17 do monotrilho do Metrô, iniciada em 2012, que contribui para a degradação. Há barracas às margens do córrego Água Espriada em vários trechos. Elas se concentram principalmente em pontos onde não há operários.

Segundo moradores e comerciantes, o número de semteto, usuários de drogas e relatos de assaltos e agressões aumenta a cada semana. "Aqui é quase uma segunda cracolândia", diz a dona de casa Rudneia Arantes, 48, que mora há mais de 40 anos ali.

A Secretaria da Segurança Pública, do governo Geraldo Alckmin (PSDB), disse que nos últimos três meses só registrou um roubo na região. O Metrô afirmou que faz a segurança da obra com rondas de moto e postos fixos. Já a gestão Fernando Haddad (PT) informou que faz encaminhamento de moradores de rua diariamente.

## Texto 4

‘Ninguém quer ser vizinho de morador de rua’.

16.11.2015

TribunaRibeirao

A secretária municipal de Assistência Social, Maria Sodré, corre contra o tempo para cumprir o prazo estabelecido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e inaugurar, até 30 de dezembro, a nova sede de tr s dos principais projetos da pasta, hoje funcionando de forma precária nas dependências da Cetrem (Central de Triagem e Encaminhamento ao Migrante/Itinerante e Morador de Rua), na rua Pernambuco, nos Campos Elíseos.

A partir de 2016, a secretaria vai conseguir atender às diretrizes do Ministério do Desenvolvimento Social, definidas ainda em 2009, e impossíveis de serem contempladas na atual sede da Cetrem. L  funcionam três projetos distintos – um serviço que atende famílias extremamente pobres, algumas despejadas, e que não tem para onde ir (acolhimento social para adultos em situa o de risco); o serviço que atende homens que vem a Ribeirão Preto em busca de trabalho, não encontram, e se transformam em moradores de rua; e o serviço mais tradicional de todos, aquele que acolhe moradores de rua usuários de drogas e /ou  lcool.

Os três serviços, hoje “misturados” na Cetrem dos Campos Elíseos, v o pela primeira vez funcionar em espaços distintos, ainda que no mesmo prédio – um motel no Jardim Salgado Filho, que estava desativado e foi alugado por R\$ 18 mil ao mês, tendo como contrapartida a realiza o das obras de adequa o por parte do proprietário. Como o prédio ocupa cinco mil metros quadrados (meio quarteirão), foi possível dividi-lo em três módulos distintos, separados por muros, e cada um com entrada por uma rua diferente.

Maria Sodré, formada em administra o de empresas, é a mais longeva entre os integrantes do primeiro escalão do governo D rcy Vera. Está com a amiga desde o início da vida pública da prefeita – foi sua assessora quando D rcy assumiu uma vaga na Câmara Municipal, depois chefe de gabinete; assessora da deputada estadual e no dia 1  de janeiro de 2009 assumiu como secretária de Assistência Social – está completando seu sétimo ano no cargo. Na entrevista abaixo, ela detalha como será funcionamento da nova Cetrem.

Entrevista

Tribuna – Os vizinhos da Cetrem na rua Pernambuco v o soltar fogos quando acontecer a mudança... Há anos eles reivindicam a saída daquela reparti o.   uma reivindica o justa?

Maria Sodré – Acho justa, sim, Um equipamento social como a Cetrem, localizado em meio a uma região residencial, causa transtornos. Um morador de rua t pico não tem regras, perdeu o vínculo com a sociedade, e tem atitudes que não coadunam com a vida em comunidade – eles comem na rua, fazem necessidades na rua, falam palavrões. É natural que ninguém queira ser vizinho dessa popula o.

Tribuna – Por que a atual Cetrem está em desacordo com as diretrizes do Ministério do Desenvolvimento Social?



Maria Sodré – Segundo diretrizes do ministério, equipamentos sociais como os existentes na Cetrem só podem oferecer no máximo 50 vagas, sendo quatro pessoas por quarto, e todos têm de ter banheiro. Hoje a Cetrem oferece 150 vagas, mas muitas vagas são na verdade colchões espalhados pelo salão. E se fossemos implantar os serviços, que precisam estar fisicamente separados, em três pontos distintos da cidade, iríamos gastar muito mais. Conseguimos encontrar um local grande o suficiente para ser dividido em três. Cada um deles terá 12 quartos, com quatro vagas cada (dois beliches), e mais dois quartos com acessibilidade, para duas vagas. Ou seja, no total serão 42 quartos, com exatas 50 vagas em cada projeto.

Tribuna – A secretaria tem recebido críticas por causa da localização da nova Cetrem, num bairro da periferia, distante da região central. Como a senhora vê essas críticas?

Maria Sodré – Infundadas, lógico. Hoje o Centrem já está distante do Centro, e da mesma forma que transportamos os moradores atendidos até lá, faremos o mesmo na nova Cetrem.

Tribuna – E as críticas que a nova Cetrem está em meio a uma região onde existe tráfico de drogas e prostituição infantil?

Maria Sodré – Mas esse é também nosso público-alvo! Temos como encaminhar dependentes químicos para um atendimento específico, assim como no caso de menores que abandonam suas famílias e estão na prostituição. Não temos receio da localização, estamos é entusiasmados pela possibilidade de aumentar, e muito, a qualidade do nosso atendimento na Cetrem graças às novas instalações.

Tribuna – Os três projetos sociais que hoje dividem o espaço da Cetrem têm públicos distintos. Na nova Cetrem, eles estarão mesmo separados, apesar da mesma localização?

Maria Sodré – Completamente separados. Para otimizar nossos recursos, estamos instalando um centro administrativo e um cozinha no meio do terreno, de forma que possa atender todos os três equipamentos. Mas eles não estarão interligados, serão totalmente independentes, cada um deles com seu refeitório e com suas salas de assistência social, de psicologia, guaritas e entradas próprias. Estamos desde 2009 tentando atender às exigências do Ministério do Desenvolvimento Social, e finalmente conseguimos, o que é motivo de muita satisfação.

Tribuna – Um levantamento de 2014 mostra que a secretaria atendeu 505 moradores de rua, e a esmagadora maioria (489) apresenta problemas relacionados ao álcool e às drogas. De que forma a população pode ajudar essas pessoas que estão à margem da sociedade?

Maria Sodré – Ligando para nosso serviço 161, que funciona 24 horas por dia. Se deparem com uma pessoa dormindo na rua, morando numa praça, por favor, nos avise, dependemos desses chamados para acionar o serviço de abordagem social. Ele foi reformulado há cerca de seis meses, hoje são três equipes terceirizadas, graças a uma parceria com uma ONG. Mais do que ajudar com um prato de comida, a população ajuda mais telefonando para o 161.

## Texto 5

Com frio recorde, morador de rua tem colchões e papelões retirados por GCM | JBr

14/06/2016

Estadão

SÃO PAULO - Após o dia mais frio registrado na capital paulista em 22 anos, com 3,5°C de temperatura mínima, moradores de rua reclamaram de ter colchões e papelões, usados como proteção, levados por agentes da Guarda Civil Metropolitana. A GCM admitiu a retirada de itens, mas afirmou que deixa objetos pessoais, e a ação é para evitar que a população de rua “privatize” espaços públicos, como calçadas. Nesta segunda-feira, 13, mais um homem foi achado morto na rua, na região central.

A Pastoral do Povo de Rua, pertencente à Igreja Católica, afirma que pelo menos cinco pessoas já morreram na capital por causa do frio - a Prefeitura não confirma. Nesta segunda-feira, um morto foi achado na Rua Amazonas, no Bom Retiro, por volta das 14 horas. Mais duas vítimas foram encontradas no domingo, 12, no bairro de Santana, zona norte. Nenhum deles foi identificado até o fim da noite desta segunda-feira.

Anteriormente, haviam sido relatados os óbitos de Adilson Roberto Justino, achado morto na calçada da Avenida Paulista (região central) no domingo, e João Carlos Rodrigues, de 55 anos, encontrado por seguranças do Metrô na Estação Belém (zona leste), na sexta-feira, 10.

O comandante da GCM, inspetor Gilson Menezes, disse que seus agentes apoiam as ações das subprefeituras para evitar a permanência de barracas nas ruas da cidade e, por isso, retiram papelões. “Damos auxílio nesse trabalho de remoção de material inservível. E são retirados os colchões, realmente. É para tirar moradias precárias. A ideia de retirar os colchões é evitar que o espaço público seja privatizado. Porque existe também uma demanda de reclamações de muitos cidadãos, que dizem que, muitas vezes, têm de andar no leito carroçável (a rua) porque têm dificuldade de caminhar pela calçada”, afirmou o comandante.

Menezes, por outro lado, disse que há duas normas internas da GCM que regulamentam a remoção do material e vetam expressamente a retirada de cobertores. “Isso seria condenável, ainda mais nesses dias frios”, afirmou.

“Nenhum morador de rua é importunado à noite na cidade de São Paulo. Ao contrário, o trabalho da GCM no período noturno é orientar as pessoas a procurar um abrigo e, caso solicitem, auxiliar no encaminhamento dessa população”, garantiu o chefe da Guarda. Ele reconheceu, no entanto, que os guardas-civis, pelas manhãs, auxiliam agentes das subprefeituras em um trabalho de “reorganização do espaço público”.

Madrugada e manhã de frio em São Paulo

Frio. Alvo dessas operações, os moradores de rua afirmam que tudo o que juntaram para escapar do frio é levado pelos guardas, incluindo as proteções de papelão. “Eles passam aqui às 7 horas. O que a gente ainda não guardou, eles levam”, contou a moradora de rua Sara Patrícia, de 49 anos, que vive na Praça 14 Bis, no Bexiga, região central. Dona de cinco cães e quatro gatos, a moradora afirmou que não teria com quem deixar seus animais de estimação caso fosse para os abrigos municipais.

Ainda na praça, outro morador de rua, João da Luz, de 60 anos, disse que, há duas semanas, seus papelões, madeira e cobertores foram levados. “Já arrumei outros, mas agora deixo em um bar aqui perto.”

Na zona leste, a também moradora de rua Ana Paula de Jesus Souza, de 37 anos, relatou que teve cobertores, roupas e até documentos e remédios levados por guardas. “Estava tudo no meu carrinho. Tinha comida, remédio, ração para os cachorros”, reclamou.

Após o padre Julio Lancellotti, da Pastoral do Povo de Rua, postar um vídeo no Facebook sobre o caso e cobrar explicações do prefeito Fernando Haddad (PT), ela afirmou que o material foi devolvido. Nesta segunda-feira, sem meias e enrolada em três edredons sujos, ela tossia enquanto explicava por que não queria ir para abrigos.

“Lá, tenho de acordar muito cedo e não consigo caminhar de volta para cá por causa da artrose.”

Na periferia. Já Lancellotti reclamou do fechamento de vagas de acolhida emergenciais nas áreas centrais, transferidas para bairros mais afastados. Ele citou um abrigo que funcionou até o ano passado sob o Viaduto Guadalajara, no Belenzinho. O Estado visitou o local nesta segunda-feira e encontrou famílias desalojadas de outras ocupações. O espaço, da Prefeitura, foi cedido à Igreja Católica por 99 anos.

A secretária de Assistência e Desenvolvimento Social, Luciana Temer, afirma que chegou a negociar com a Pastoral da Rua o uso do espaço como abrigo neste inverno, e não conseguiu - por causa da invasão. “O abrigamento da população de rua embaixo de viadutos não está de acordo com a política nacional”, ressaltou a secretária. Ela afirmou ainda que a Prefeitura abriu 1.517 vagas de emergência nos abrigos e a descentralização é uma demanda do Comitê para a População de Rua.

Próximos dias. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), as temperaturas devem subir um pouco nesta semana: com mínima de 11°C nesta quarta-feira, 15, e 12° C na quinta-feira, 16. / COLABOROU FÁBIO DE CASTRO

## Texto 6

Especialista: remover moradores de rua da zona sul do Rio é limpeza social

19/02/2014 [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)

O primeiro dia da operação da Prefeitura do Rio de Janeiro com o objetivo de coibir, segundo o secretário municipal de Governo, Rodrigo Bethlem, explicou, a "prática de pequenos delitos" no centro e na zona sul, terminou no fim da tarde de terça-feira (18) com mais de 90 pessoas enviadas para abrigos e oito encaminhadas para a delegacia. Porém, segundo reportagem da "Agência Brasil", houve coação para que a ajuda das autoridades fosse aceita.

Em uma praça do Leme, por exemplo, uma pessoa chegou a ser perseguida por se recusar a seguir o encaminhamento. Para a advogada e doutora em Educação Social Jacyara Silva de Paiva, que avaliou os relatos, isso caracteriza uma prática higienista histórica no país.

"Eles [moradores de rua] não ficam bem na fotografia da cidade. A sociedade, por sua vez, não está preocupada com este morador de rua, e sim com a sua suposta segurança. Todos querem uma limpeza social, desconhecem os valores existentes entre esses moradores que formam uma família, a família de rua, porque infelizmente vivemos ainda num país onde não há equidade social", afirmou a especialista.

"Sempre na história do Brasil, pobre, morador de rua, está diretamente associado a marginal, são pessoas de histórias ignoradas", diz. Segundo a especialista, de forma geral, ainda falta formação para os agentes das abordagens e adequação para os abrigos –para que eles tratem os moradores com cidadania e os façam querer permanecer no local.

Quanto aos delitos que motivam a força-tarefa, Jacyara afirma ainda que os moradores de rua não costumam praticar ações criminosas nos bairros em que vivem. "Sabem que serão banidos do local", afirma, referindo-se às regras paralelas de convivência que existem para estas pessoas. Remoção compulsória é ilegal

Em nota, o MP afirma que "medidas de 'remoção compulsória' de pessoas adultas em situação de rua não encontram qualquer fundamento legal", o que, inclusive, está acordado em um termo de conduta firmado com o município do Rio em 2012. Ainda de acordo com o texto, é preciso respeitar a liberdade de ir e vir de população de rua.

Outro flagrante da reportagem, o encaminhamento das pessoas que ocupavam as ruas à delegacia para a conferência de histórico criminal, também é ilegal. Segundo o Ministério Público, a "prisão para averiguação" viola o 5º artigo da Constituição Federal. O órgão não informa se uma ação será movida contra a força-tarefa.

A Secretaria Municipal de Governo esclarece que os profissionais da força-tarefa não fazem "remoção compulsória", nem prisão para averiguação. Segundo o órgão, "as pessoas em situação de rua são abordadas para serem levadas às unidades de acolhimento da prefeitura. As que não possuem documentação são encaminhadas à delegacia, em vans separadas das que seguem para os abrigos, para identificação, procedimento orientado pela Polícia Militar".

A reportagem também entrou em contato com Polícia Militar, que cede efetivo para a operação, mas a PM disse que a Seop (Secretaria Municipal de Ordem Pública) responderia à demanda. Por sua vez, a Seop afirmou que quem atende o assunto é a Secretaria de Governo.

"Com uma equipe multidisciplinar é possível dar uma solução mais rápida a problemas crônicos da cidade", explicou o secretário de Governo, Rodrigo Bethlem, na nota que divulgava o balanço da operação. Foram recolhidos durante o dia oito frascos de substância entorpecente, seis lâminas e cinco facas. Quatro dos detidos tinham passagem pela polícia.

## Texto 7

Defensoria diz que Rio expulsa morador de rua para esconder de turistas

12/08/2016

Estadão

A Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro vai denunciar a Prefeitura por praticar uma suposta política de "higienização" na cidade. Segundo o órgão, pessoas em situação de rua vêm sendo expulsas de forma truculenta dos locais públicos em que costumam ficar. O objetivo seria escondê-la dos turistas durante a Olimpíada. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) nega responsabilidade em eventuais arbitrariedades.

Para apurar a situação, o Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos (Nudedh) da Defensoria criou o projeto Ronda DH, em parceria com a Defensoria Pública da União, a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil e outras instituições. A ronda circula pelas ruas e coleta depoimentos por meio de questionários, que contêm perguntas objetivas sobre abusos e abrigo compulsório.

Os cerca de 50 questionários reunidos registram depoimentos de pessoas que dizer ter sido retiradas à força, tido seus pertences recolhidos e sido tratadas, muitas vezes, de forma agressiva. Segundo os dados da Defensoria, a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop) é responsável por 49% das violações cometidas contra a população de rua (24% por agentes da Operação Choque de Ordem), seguida pela Guarda Municipal (17%) e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS (14%).

"Me pegaram no Campo de Santana, me levaram para o Aterro do Flamengo, pediram para eu abaixar as calças e tacaram spray de pimenta. Logo depois me liberaram", registra um dos depoimentos coletados. Outro entrevistado foi vítima de truculência na mesma área: "Estava no Aterro do Flamengo com uma barraca acampando. A equipe do Aterro Presente pegou a barraca e a mochila e tacou fogo, falando que não poderia acampar."

A defensora Carla Beatriz Nunes Maia, do Nudedh e do Ronda DH, diz que as denúncias de violação aumentaram no mínimo 60% desde o início do ano. Uma ronda recente feita por locais no entorno do centro em que a população de rua costuma ficar, como Arcos da Lapa, Carioca e Passeio Público, não encontrou ninguém.

"Sabemos que esse sumiço se deve à política de 'higienização' do poder público, em função do turismo. Temos muitas provas, inclusive de agressões físicas", disse a defensora.

Na tarde de quarta-feira, 10, Carla Beatriz recebia a denúncia de uma moradora de rua que acabara de ter todos os seus pertences levados na Praça Paris. "Veio a van do abrigo, polícia, Guarda Municipal e o caminhão da Comlurb. Me chamaram de preta e pobre, falaram pra eu levantar, deixar meu cobertor e ir embora", contou Erica Augusto, de 36 anos, que mora há dez nas ruas. "Levaram tudo meu só por causa da Olimpíada, essa bagunça. Falaram que eu não posso ficar sentada onde passa o VLT. Estão levando meus amigos à força, tá morrendo morador de rua envenenado."

A SMDS afirma que não recebeu nenhum pedido oficial de reunião pela Defensoria, bem como qualquer denúncia sobre truculência no acolhimento de moradores em situação de rua. Em nota, esclareceu, ainda, que no dia 12 de abril publicou a Resolução 64, regulamentando o protocolo

de abordagem a pessoas em situação de rua, documento que foi elaborado em parceria com a Defensoria Pública do Estado, Ministério Público Estadual, Câmara de Vereadores e Sociedade Civil.

"A SMDS mantém diálogo permanente com os órgãos de garantia de direitos, em especial com a Defensoria Pública (...), e reafirma sua posição de que não há e nem haverá qualquer tipo de violação de direitos de pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro", diz a nota.

A Secretaria alegou, também, que o trabalho de abordagem social aos moradores de rua é feito diariamente, independentemente da Olimpíada, e que eles são convidados, mas nunca obrigados, a irem para os abrigos. De acordo com a assessoria, o que acontece é que, no período de grandes eventos, há um fluxo muito maior de gente e as pessoas em situação de rua, apesar de estarem no mesmo lugar, fogem à atenção de quem está em volta.

Já a Seop respondeu que atua no apoio às ações da SMDS no acolhimento de pessoas em situação de rua quando são encaminhadas para abrigos, além de ações para desobstrução das vias, quando são montadas estruturas que atrapalhem a circulação. "Em ambos os casos, os agentes são orientados a agir de forma respeitosa com os cidadãos, e não aprova qualquer tipo de excesso."

Refúgio. Segundo a SMDS, 5.580 pessoas vivem em situação de rua no Rio de Janeiro, mas o número é de 2013. O centro é a região que mais concentra estas pessoas, com 33,8%. Carla Beatriz diz, no entanto, que quem trabalha na área sabe que esse total é maior: seriam cerca de 10 mil.

A marquise do prédio da Defensoria Pública do Estado, na Avenida Marechal Câmara, no centro, é, hoje, o único lugar em que a população de rua pode passar a noite em segurança. Existe um acordo informal entre essas pessoas e o órgão, que autoriza que elas ocupem a calçada a partir das 18h. Às 6h, devem se retirar. Voluntários levam jantar e café da manhã. Quando policiais ou guardas os abordam, um defensor vai até o local para impedir que sejam expulsos.

Cerca de 70 pessoas passam a noite ali diariamente. Há trabalhadores informais que dormem de segunda a sexta porque moram longe e não têm dinheiro para a passagem; pessoas que vieram de outros Estados, foram roubadas e não conseguem voltar; e outras que estão envolvidas com drogas ou álcool. Para passar o tempo, eles jogam cartas e dominó, apostando valores que vão de 10 a 50 centavos.

Há um ano e meio, o borracheiro desempregado Marcelino Saliano de Oliveira, de 56 anos, dorme todas as noites sob a marquise da Defensoria. Chorando, ele conta que morava em uma comunidade comandada por milicianos em Campo Grande e, ao dever três meses da "taxa" que era obrigado a pagar, foi expulso de sua casa com a filha, que estava grávida de oito meses. "Mataram minha esposa e meus dois filhos gêmeos. A vida dos três custou 150 reais."

Adelmo Santos da Rocha, de 33 anos, dorme ali desde 2013. Ele e a namorada, Carine, de 25, são usuários de maconha e cocaína. Tímida, Carine diz que brigou com o pai por causa do vício e saiu de casa, em Nova Iguaçu. Para Rocha, a rua às vezes é a melhor opção: "Eu tenho problemas com drogas, qual a vantagem para mim ir para um abrigo que tem boca de fumo dentro?".

## Texto 8

Baiano virou morador de rua em SP, mas nunca largou faculdade

24/08/2016 www.uol.com.br

Desde criança em Salvador meu sonho era ser alguma coisa. Meu pai queria que eu fosse médico. Em casa eu era o caçula de cinco filhos. Mas o regime era muito rígido. Tempo da sola, da palmatória. Todo mundo se mandou. Quando completei 13 anos eu disse "basta" e saí de casa. Comecei a trabalhar. Tudo o que aparecia na frente eu queria fazer. Em Salvador eu ficava em pensão. Em algumas das construções onde trabalhei tinha alojamento.

Não precisei pegar nada dos outros, nem fumar droga, nem vender porcaria. Meu pai me ensinou os valores. Sempre trabalhei, sempre procurei estudar. Mesmo nessa vida de rua, nunca pedi nada para ninguém. Se estiver sem emprego eu cato uma lata, quando não tem um bico eu pego papelão e vendo.

Em Salvador estava fraco de serviço, então vim para cá nos anos 80. No dia que cheguei em São Paulo já peguei um serviço, como auxiliar de manutenção em fábrica. Depois trabalhei como metalúrgico e morei em Santo André [ABC].

Aí comprei uma casinha em São Mateus [zona leste]. Um dia eu saí para trabalhar e quando voltei um pessoal [envolvido com tráfico de drogas] tinha tomado a casa.

Fui para Franca [no interior de SP], na época que tinha muita oferta de emprego lá. Fiz bicos carregando saca de café, trabalhando com papelão. Passei por várias outras cidades. Aí quando consegui um dinheirinho voltei para cá e fiquei no Arsenal da Esperança [abrigo na Mooca].

Não tinha mais casa, não tinha nada. Já estava com mais de 40 anos. Com essa idade ninguém conseguia nada. Então decidi fazer o ensino médio e terminei rapidinho.

Fui trabalhar no programa do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto [no Belenzinho]. Conversando com as profissionais deles, que falavam muito sobre os problemas das pessoas de rua, decidi fazer faculdade de enfermagem e consegui o Fies [financiamento estudantil] integral nos primeiros meses [para estudar na Uniesp].

Aluguei uma casa em São Mateus, bem distante daquele pessoal [que tomou a casa dele no passado]. Mas sabe como é, pessoa que faz faculdade, mora sozinha, paga aluguel e não tem ninguém...

Fui transferido pro Cratod [centro do governo estadual para tratar dependentes de álcool e drogas], fazia todo o trabalho de agente de saúde.

Colocava o cara em pé e no outro dia ele estava drogado de novo. É desgastante.

Eu amava o que fazia. Mas quero ver o meu trabalho evoluir. Pedi para sair.

Foi a maior loucura que fiz na vida. Minhas contas estavam se acumulando,

eu tinha que estudar, o lugar era longe. Às vezes dormia só três horas por noite, estava esgotado.



Aí o aluguel atrasou e o dono me deu seis meses para acertar. Um dia um parente dele bateu na minha porta e entregou a casa do jeito que estava, com mobília. Eu ia trancar a matrícula. Três colegas foram pra porta do albergue e disseram: "você tem que se formar este ano". Não tenho nenhuma DP [reprovação em disciplinas].

Encontrei o padre Júlio [Lancellotti, da Pastoral do Povo da Rua] e falei que estava fazendo faculdade de enfermagem. Pedi um trabalho. Ele tirou uma foto e colocou no Facebook. Consegui um trabalho. Começo no dia 5 como auxiliar administrativo do centro cirúrgico do Igesp [hospital na Bela Vista]. O que eu precisava era o emprego, para voltar a uma vida estável.

Ainda não me formei, estou com 300 horas de estágio para cumprir. Em mais alguns meses eu consigo. O sonho de toda a pessoa que mora no abrigo, no equipamento social, é ter uma "chavinha". Não tem problema de ser aluguel, ele só quer ter o seu lugar, a liberdade de ir e vir, um lugar só dele. E isso está nos meus planos.

## Texto 9

Mais de cinco mil pessoas moram nas ruas do Rio, diz prefeitura

20/04/2015

G1

Imagens enviadas por um espectador mostram a enorme quantidade de pessoas que vivem nas ruas do Rio. São cerca de 5,5 mil pessoas, segundo a prefeitura. Uma população que vive à margem da sociedade, esquecida pelo poder público. Muitos passam as noites ao relento por necessidade e alguns por opção. Uma equipe do Bom Dia Rio rodou pelas ruas do Centro da cidade à procura de situações parecidas.

A quantidade de pessoas que dormiam na porta da Defensoria Pública, no Centro, na sexta-feira (17) chamou a atenção do telespectador. Na madrugada de sábado (18), na Rua da Assembleia, um grupo numeroso passava a noite na calçada. Cena que se repete em outros pontos do Centro.

Abrigados sob marquises, apoiados em degraus. O colchão é feito de pedra, lençol é papelão. Apesar do desconforto, eles descansam. Dormem juntos um sono público, sem qualquer privacidade. Quem não consegue dormir também acaba sem sonhos.

Para um rapaz que está deitado no corredor de entrada do Hospital Sousa Aguiar, os sonhos vêm embrulhado em plástico. Colado ao portão da garagem, o sofá surrado oferece um conforto difícil de achar. Do lado de fora do hospital, mais gente dorme.

Ano passado, a Secretara Municipal de Desenvolvimento Social fez um censo para descobrir quantos moradores de rua tem o Rio de Janeiro. A pesquisa durou quatro dias e foi feita em 96 pontos diferentes da cidade. De acordo com os números reunidos, 5.580 pessoas moram nas ruas do Rio. A maioria no Centro da cidade.

Nas ruas devido às drogas

Na porta da Defensoria Pública, um grupo de aproximadamente 30 pessoas passava a noite neste domingo. Entre eles, um rapaz, que pediu para não ser identificado. Ele diz que tem 30 anos, mas aparenta bem mais. Tem casa, família e um vício que há dez anos o prende a essa vida.

“Eu estou na rua por causa das drogas. Não tem como a pessoa viciada ficar em casa, no meio da família. Para eles eu estou morando em Madureira (no Subúrbio). Penso que daqui a pouco eu vou ter 40 anos e não tenho nada. Queria ser que nem meu pai, motorista de caminhão”, contou o rapaz.

Para George da Silva Pereira, a referência mais forte é a da mãe. Se no braço é um nome quase apagado. No pensamento, ele diz que é presença nítida e constante. Ele tem 25 anos e está nas ruas há 15.

“Sinto mais falta de quando eu tinha minha mãe. Por isso que estou aqui. Depois que eu perdi ela, parece que eu perdi uma estrutura”, alega George.

Sonho de ir à Amazônia

Depois da conversa, o jovem ajeita o relógio e volta a dormir. Ele vai acordar cedo para catar latinha e papelão. Ganha R\$ 50 num dia bom. Quer juntar dinheiro para ir para a Amazônia, quer ver de perto como é a floresta contada pela mãe nas histórias de dormir.

A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social disse em nota que não houve registro do aumento de população de rua na cidade do Rio. A secretaria informou ainda que o sistema de acolhimentos desses moradores sofre reformulações após o 1º censo de população de rua, feito em 2013. Segundo a SMDS, quatro unidades de acolhimento para adultos estão sendo reformadas, além do Rio Acolhedor, em Paciência, na Zona Oeste, que será dividido em oito diferentes abrigos, cada um com capacidade para 48 pessoas.

Está prevista para o segundo semestre deste ano a inauguração do Centro Pop, no Centro do Rio. Será um local que funcionará na parte do dia, onde moradores de rua poderão fazer sua higiene pessoal, alimentação e até mesmo retirada de documentos. A SMDS lembra, no entanto, que a adesão ao acolhimento é voluntária.

**Texto 10**

Com frio histórico, 61% dos moradores de rua do Rio não têm vagas em abrigos

15/06/2016

R7

Com a passagem de uma frente fria, a cidade do Rio de Janeiro registrou 8,6°C na última segunda (13). Mas das 5.580 pessoas que vivem em situação de rua, apenas 2.177 têm vagas na rede de acolhimento da prefeitura. Ou seja: 61% das pessoas sem lar não têm um lugar oferecido pelo governo municipal para se proteger do frio.

A estimativa da população em situação de rua da capital fluminense pertence a censo da SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social) realizado em 2013 — a atualização mais recente disponível.

Em junho de 2015, quando as vagas em abrigos atendiam apenas 40% dos moradores de rua do Rio, o secretário Adilson Pires disse ao R7 que a SMDS iria criar 800 novas vagas em abrigos, mas não foi o que aconteceu. Em um ano, as vagas encolheram de 2.301 para 2.177, divididas em 36 unidades próprias e 24 abrigos conveniados. Segundo a pasta, em vez da criação de novas vagas para abrigar moradores de rua, foi criado um modelo de atendimento mais personalizado nesses locais.

A secretaria diz que a ideia é criar atendimento direcionado para verificar se há necessidade de atendimento médico, retirada de documentos e, conseqüentemente, promover a reinserção do morador de rua em até nove meses. Para a secretaria, o objetivo é ajudar o morador de rua a sair do abrigo e não voltar às ruas.

A SMDS também informa que a abordagem aos moradores de rua foi intensificada e que, diariamente, equipes formadas por assistentes sociais, psicólogos e educadores sociais abordam a população de rua para informar sobre os abrigos. Entretanto, informa a pasta, a rejeita ser encaminhada às unidades.

O censo de rua aponta que 80% dos moradores têm vício em álcool ou teve conflito familiar, e que muitos criam vínculo com a situação de rua — por isso, a “dificuldade no acolhimento”. Alguns moradores de rua rejeitam o funcionamento dos albergues, que têm horários controlados e vetam determinados objetos.

Nesta terça (14), a SMDS informou ao R7 que, até o fim deste ano, serão criados três novos albergues, com 400 vagas, onde os moradores de rua poderão passar a noite.

## Ajuda no frio

A Cruz Vermelha está recebendo doações de agasalhos e mantimentos para moradores de rua. Quem deseja ajudar, também pode doar os mesmos itens nos seguintes órgãos do Governo do Estado do Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Gestão, PGE, DPGE, Cedae, Secretaria de Educação, Detran, Procon-RJ, Casa Civil, Corpo de Bombeiros, Inea, Secretaria do Ambiente, Secretaria de Saúde, Iterj e Defesa Civil.

Para ajudar moradores de rua a se protegerem do frio, um grupo de mulheres prepara há cerca de dez anos uma sopa e distribui nas ruas da cidade. Miriam Gomes, da ONG Anjinho Feliz, comemora o resultado da iniciativa.

— É muito bom quando chega lá e vê sorriso nos lábios deles. E saber que pelo menos por uma noite eu os alimentei, e que eles vão dormir saciados com uma sopa quentinha.

São cerca de cem refeições e cobertores distribuídos quinzenalmente no centro do Rio. Quem quiser contribuir com o sopão solidário pode doar pelo site da ONG

## Textos da Região Sul

### Texto 1

Abrabar defende retirar mendigos das ruas de Curitiba 'por bem ou por força'

20/01/2016

G1

A Associação Brasileira de Bares e Casas Noturnas (Abrabar) Brasil criou uma polêmica ao defender no Facebook a retirada dos mendigos das ruas de Curitiba, no Paraná, "por bem ou por força". A postagem foi feita na rede social na segunda-feira (18). Para a Ordem dos Advogados do Brasil, a medida vai contra a Constituição Federal.

Já é uma cena do cotidiano: eles estão nas calçadas, embaixo de marquises, deitados em colchões velhos e sujos, vivendo no improvisado. Para a Abrabar Brasil, a presença dos moradores de rua incomoda. Então, na rede social, a associação reclamou:

"Curitiba sempre lutou para ser uma ótima cidade Dormitório e de hospedagem, infelizmente conseguiu mais e de forma negativa um albergue a céu aberto com colchões e camas nas ruas e ninguém faz nada para reverter e o poder público assiste passivamente, já era assim com o comércio clandestinos de bebidas nas ruas e calçadas, agora com motéis e hotéis clandestinos de marquises. Só tem um jeito e atitude: primeiro é cercar as marquises, recolher as camas e oferecer dignidade e alojamento ao povo desfavorecido e optante destas modalidades, seja por bem e espontânea vontade ou por força de ato de ordem pública e social!"

O presidente da Abrabar, Fábio Aguayo, reforça o posicionamento. "Nós temos que resgatar essas pessoas para uma vida digna. Ninguém quer essas pessoas ao léu, ao relento, jogadas para marginalidade ou para a sorte da vida", diz. Para Aguayo, a pessoa "vai ter que ser removida", mesmo que não queira sair do local.

A Prefeitura de Curitiba diz que, todos os dias, aborda moradores de rua para levá-los a albergues. Mas, nem sempre, eles aceitam a oferta.

"Vamos trabalhar sempre com intensidade e persistência no acolhimento dessas pessoas e no convencimento. Nós, a prefeitura, ninguém quer que elas fiquem nas ruas, mas temos que ter formas constitucionais para lidar com isso", afirma o assessor da Fundação de Ação Social (FAS), Antônio Carlos Rocha.

Para a Comissão de Direitos Humanos da OAB, a retirada à força de um morador de rua fere um direito previsto na constituição brasileira, talvez o mais conhecido de todos: o de ir e vir. "É uma violência inadmissível. Eu acho que é isso é não é possível, de forma nenhuma", acredita a integrante da comissão, Isabel Mendes.

## Texto 2

Morador de rua se torna mais “visível”

08/11/2016

Gazeta do Povo

O telefone do 156 toca 43 vezes por dia, em média, com pedidos para que a Fundação de Ação Social (FAS) resgate moradores de rua em Curitiba. Foram quase 16 mil telefonemas em 2014. O dado reforça a impressão de quem caminha pelo Centro da cidade. A questão do povo da rua está mais visível, embaixo das marquises, nas praças, viadutos, nas mais diversas ruas. Na última semana, a reportagem da Gazeta do Povo chegou a contar 104 moradores de rua espalhados pela região central (confira no mapa).

Sem um censo oficial ou crescimento nos registros de atendimentos, a FAS não consegue definir se a população de rua aumentou. O número de atendimentos feitos pelo município é de 3,3 mil ao ano.

Somente a Praça Rui Barbosa tem onze pontos com 30 moradores de rua. Em uma das principais avenidas da cidade, a Sete de Setembro, as marquises dos edifícios viraram acampamentos. O perfil daqueles que fazem das calçadas suas casas varia muito. A reportagem encontrou um homem que recentemente saiu do Complexo Penal de Piraquara após cumprir pena por roubo. Outros são dependentes de crack, pessoas vindas de outros estados e dependentes de álcool. Também estavam na rua um idoso que ficou sem ter onde morar quando os filhos dividiram o único terreno dele, alguns casais, crianças e muitos que não querem ajuda de ninguém.

Complexidade

O número de ligações feitas para o resgate social da FAS revela uma população incomodada. Mas o problema vai além do desconforto causado aos comerciantes e habitantes da região central. Os moradores de rua têm o direito de estar onde estão. Em um dos edifícios na Avenida Sete de Setembro, um condomínio reclama constantemente da presença dos vizinhos da rua. No local, toda noite um grupo dorme na marquise do imóvel. “Eu acabo ajudando, mas já criaram problemas. Eles brigam, aparecem traficantes aqui”, contou uma moradora, que pediu para não ser identificada. Apesar disso, a compaixão acaba vencendo o incômodo. “Eu sou contra ajudar. Só dou comida”, diz outra moradora.

Um potencial motivo para a sensação de aumento no número de moradores de rua é o recente fechamento da Central de Resgate Social na Rua Conselheiro Laurindo, no Centro. Foram abertas outras unidades, na Avenida Getúlio Vargas (230 vagas) e outra para mulheres e público LGBT na Rua Desembargador Westephalen (50 vagas). “Não sabia da mudança. Nem fomos avisados direito”, comentou um morador de rua, que pediu para não ser identificado. Já Claudete Garcia, de 38 anos, falou que agora o acesso ficou mais difícil, pois estava acostumada a ir à Central.

### Texto 3

Prefeitura determina retirada de grade 'antimendigo' de calçada do RS

12/10/2015

G1 Rio Grande do Sul

Após ganhar repercussão nas redes sociais, a presença de uma grade para afastar moradores de rua em frente a um prédio foi alvo de inspeção da Prefeitura de Porto Alegre, nesta terça-feira (12) no Bairro Cidade Baixa. Depois de analisarem o local, técnicos da Secretaria Municipal de Obras e Viação (Smov) apontaram que a estrutura é irregular e terá de ser removida em até 30 dias, sob pena de pagamento de multa.

Conforme a pasta, a decisão não está relacionada à presença de sem-teto na região, e sim à obstrução à passagem de pedestres, considerada imprópria. A grade foi fixada na Rua da República, uma das vias mais boêmias da capital gaúcha.

De acordo com a prefeitura, a cidade tem hoje mais de 1,3 mil morando nas ruas, fora de albergues. "Inicialmente foi uma reação de incredulidade, porque a grade causava um estranhamento a todos que passavam. Quem me explicou a finalidade da grade foi um casal de mendigos que estava dormindo ali. Então bati a foto no sábado [9] e publiquei ontem [segunda]", disse ao G1 o analista de sistemas Gilson Wingist, que divulgou a imagem nas redes sociais.

A Smov detalhou ter recebido ainda denúncias sobre presença de grades do mesmo tipo em outros dois locais. Os pontos devem ser inspecionados até esta quarta (13).

#### Regras da capital

Em 2013, a prefeitura lançou uma cartilha que orienta e dá dicas sobre construção e manutenção de calçadas. O material, que está disponível na internet, também destaca quais são os tipos de construção que não podem existir no passeio público e como os proprietários devem proceder para evitar irregularidade em seus imóveis.

“A área chamada de 'faixa acessível' (passeio público) é destinada à livre circulação de pessoas, desprovida de obstáculos, elementos de urbanização, vegetação, rebaixamento de meio-fio para acesso de veículos fora dos padrões de acessibilidade ou qualquer outro tipo de interferência, permanente ou temporária. Essa faixa deve ter largura variável entre 0,80m e 1,20m, dependendo da largura da calçada. É proibido nas calçadas”, afirma a cartilha.



#### Texto 4

Moradores de rua de Curitiba ganham segundo guarda-volumes, no Centro

30/06/2016

G1

Moradores de rua de Curitiba podem utilizar mais um guarda-pertences a partir desta quinta-feira (30). Com capacidade para atender 100 usuários, ele foi instalado na Praça Osório, no Centro, ao lado dos sanitários públicos.

Para utilizar o serviço, o morador de rua deve se cadastrar em qualquer unidade de atendimento à população em situação de rua da Fundação de Ação Social (FAS). O local onde fica o guarda-volumes funcionará diariamente das 7h às 21h.

Curitiba tem 1.700 pessoas em situação de rua, de acordo com uma pesquisa realizada pela FAS entre março e abril. Na época, deste total, 1.133 estavam vivendo nas ruas e 582 estavam acolhidos em unidades da prefeitura.

Desde 30 de maio, quando a "Operação Inverno" foi lançada, o número de acolhidos passou para cerca de 900, conforme a FAS. A iniciativa realiza abordagem social nas ruas da cidade nos dias mais frios do ano. O objetivo é intensificar este trabalho e evitar casos de hipotermia.

Atualmente, a administração municipal tem 10 unidades de acolhimentos próprias e outras oito que são de instituições sociais conveniadas.

Guarda-pertences

Este é o segundo guarda-pertences para moradores de rua da capital paranaense. O primeiro fica na Rua Doutor Faivre, também no Centro, e foi inaugurado em abril deste ano. O quadro de funcionário dos dois locais é composto por ex-moradores de rua. A prefeitura informou que o processo de seleção para a nova unidade está em andamento na FAS.

Durante a inauguração do novo guarda-volumes, foram entregues novos cartões de acesso aos guarda-pertences e aos banheiros públicos administrados pela Urbanização de Curitiba (Urbs), autarquia responsável pela gestão do transporte coletivo. Segundo a administração municipal, já são mais de 200 usuários cadastrados.

Campanha

A Prefeitura de Curitiba está arrecadando doações de roupas, cobertores e calçados. A campanha "Doe Calor" tem mais de 200 pontos de coleta. Quem tiver uma grande quantidade de itens para repassar à campanha, pode agendar um horário, pelo telefone 156, para a retirada da doação. Confira onde doar.

Outra iniciativa que arrecada doações é a campanha "Cobertor do Bem", que será encerrada nesta quinta. Ela vai ajudar duas instituições: o Asilo São Vicente de Paulo e a Fundação Pró-Renal. Os postos de arrecadação ficam nas 40 lojas da Associação de Decoração Ponto de Apoio.

**Texto 5**

Morador de rua chama a atenção no centro de Curitiba

12/12/2016

Tribuna PR - Paraná Online

Uma cena despertou a atenção de quem passava pelo Centro de Curitiba no final da manhã deste sábado (27). Um morador de rua deitado no calçadão da Rua XV, mesmo debaixo de um sol escaldante, assim permaneceu por mais de duas horas dormindo, sem deixar escapar um terço preso à mão.

Largado sobre a calçada exclusiva para deficientes visuais, gerou preocupação de quem trabalhava ou andava pela região. “Chamamos a FAS [Fundação de Ação Social, da Prefeitura], pelo 156, e até agora não apareceram. Estamos com medo que algum cego possa tropeçar nele e cair no chão”, desabafou um cabo eleitoral que atuava na Boca Maldita.

Mesmo ignorado por muitas outras pessoas, o apelo dos preocupados foi o suficiente pra que a PM fosse até o local. Os policiais o acordaram, mas o morador de rua recusou atendimento. Visivelmente embriagado, recolheu uma garrafa de água que havia recebido de uma senhora e só se levantou da calçada depois de alguns minutos. Com os pés machucados, calçou o par de chinelos que estava logo ao lado e foi embora.

A Prefeitura de Curitiba foi procurada para responder o motivo da demora questionada pelas pessoas. Por meio da assessoria de imprensa, alegou que nenhuma solicitação sobre o caso foi feita. Ainda de acordo com a administração pública municipal, apenas três relatos foram registrados na FAS – sobre crianças em via pública na Rua XV, e todos foram atendidos.

**Texto 6**

Morador de rua é morto em bairro nobre de Curitiba

12/12/2016

Tribuna PR - Paraná Online

Um morador de rua, de aproximadamente 40 anos, foi morto na madrugada desta quinta-feira (20), na Avenida Sete de Setembro, no Batel. O homem foi assassinado na marquise de um estabelecimento de ensino e a suspeita da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) é que tenha sido uma briga entre moradores de rua.

Segundo a polícia, o homem, que não estava com os documentos, foi morto a pancadas e também com um instrumento pontiagudo semelhante a uma faca. Foram vários golpes na cabeça e ele morreu na hora.

O local onde o crime aconteceu costuma ser frequentado por mendigos e moradores de rua, que passam as noites na marquise dormindo. Quando o homem foi encontrado, não havia ninguém na rua, o que levantou a suspeita de que tenha havido uma briga e os moradores de rua saíram do local para não se comprometer.

Por terem vários prédios na região, alguma das câmeras de segurança pode ter registrado o momento do crime e os policiais buscam agora por essas imagens. Informações que possam ajudar podem ser passadas para o disque-denúncia da DHPP, pelo 0800-643-1121.

## Texto 7

Morador de rua pode ter morrido de frio em Curitiba

22/06/2016

Paraná Portal

Rodrigo Alves Pinto, 33, foi encontrado morto no início da manhã de terça-feira (21) na calçadas da rua Emílio de Menezes, próximo da esquina com a Av. Desembargador Hugo Simas, no bairro Bom Retiro, em Curitiba.

A hipótese de morte por hipotermia — quando a temperatura do corpo fica abaixo dos 35°C — foi levantada pela Polícia Militar, já que não havia sinais de ferimentos no corpo do homem. Durante a madrugada, a temperatura chegou a 5,1°C, segundo o Simepar.

O morador de rua teria ingerido bebidas alcoólicas antes de deitar, de acordo com o proprietário de uma lanchonete em frente a onde o corpo estava. “Conheço ele há nove anos, todo dia estava bêbado, sempre por aqui. Uns dias a FAS [Fundação de Ação Social] levava, outros dias dormia na rua, molhado, bêbado, onde caía ele ficava. Não há quem aguente um frio desse com essa umidade”, declarou a rádio BandNews FM.

Segundo a FAS, Alves teve mais de 150 atendimentos pelo órgão desde 2002, quando tinha 19 anos. O último deles foi na noite anterior à fatalidade. Ele foi abordado por uma das equipes e concordou em ser levado para um abrigo. Em 2014 ele pediu à FAS para refazer toda a sua documentação. Pelos relatos dos funcionários, Alves normalmente era resistente aos encaminhamentos e por vezes agressivo, possivelmente porque quase sempre apresentava sinais de embriaguez.

O órgão reforçou o pedido para que a população solicite a abordagem pelo 156 sempre que encontrar essas situações, principalmente agora no inverno. A atual média de chamados por dia está em 90, cinco vezes o normal.

O corpo de Alves foi recolhido ao Instituto Médico-Legal (IML) onde exames vão poder indicar a causa da morte e se ela teve relação com o frio. Eles devem ser concluídos em até trinta dias. Um inquérito também foi aberto pela Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

## Texto 8

Espaço para abrigar moradores de rua durante o inverno começa a funcionar Nego Quirido

12/12/2016

### Notícias do Dia

Quando os termômetros marcarem menos de 10°C durante o inverno de Florianópolis os moradores de rua da cidade terão um novo local para dormir e se aquecer. Um espaço provisório para abrigar os moradores de rua na passarela Nego Quirido foi montado ontem pela prefeitura em parceria com o governo do Estado e empresários da cidade. Os quartos, montados nos camarotes, podem abrigar até cem pessoas. Cada um tem direito a colchonete, cobertor e travesseiro.

Além do abrigo público municipal, que está com 90% de lotação, o novo espaço para moradores de rua funcionará somente à noite. Das 19h às 7h, quem quiser um lugar para dormir poderá chegar na passarela, se inscrever e dormir. O espaço funcionará em parceria com a Defesa Civil do Município. Diariamente, será emitido pelo órgão, com antecedência mínima de 24 horas, a previsão de temperatura e, quando os termômetros marcarem menos de 10°C, o espaço na Nego Quirido abrirá as portas.

César Cruz, coordenador do albergue municipal e dessa força-tarefa, explica que o espaço servirá também para criar vínculos com os moradores de rua. Por não quererem respeitar regras, muitos acabam não querendo ir para o albergue, então essa será uma oportunidade de aproximá-los para acolhimento e participação de projetos. “Esse é o primeiro passo para sair das ruas, trazer para o albergue, fazer com que eles frequentem nossos projetos. É uma forma de criar vínculos e fortalecer os que já existem”, explica.

O espaço na Nego Quirido será apenas para pernoite, mas a prefeitura pediu a contribuição de ONGs que costumam distribuir alimentos para moradores de rua na praça 15 para que, durante o inverno, façam o trabalho na passarela. “Quanto mais ajuda, melhor. Queremos deixar tudo certo para que essas pessoas possam ter noites tranquilas e longe do frio”, afirma Cruz.

### Cinco quartos coletivos

Na última quarta-feira, o prefeito Cesar Souza Júnior assinou o decreto que permite que, nos próximos 60 dias, a passarela sirva de abrigo provisório para os moradores de rua. Eles poderão se acomodar em cinco quartos coletivos, sendo um para mulheres e quatro para homens, já que 80% dos moradores de rua são do sexo masculino.

Para permitir a utilização do espaço, o decreto cita dados do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), que registrou uma média histórica de 13°C no mês de junho em Florianópolis, com mínimas de 3°C e possibilidade de frio intenso para julho e agosto.

Nesse período, as equipes de abordagem social da prefeitura, que trabalham nas ruas, no CentroPop e no albergue, irão orientar os moradores de rua sobre a nova possibilidade para pernoite. A ordem e segurança do local ficam sob responsabilidade da Guarda Municipal.

## Texto 9

Moradores de rua terão espaço para guardar seus pertences em Curitiba

08/11/2016

Gazeta do Povo

A partir desta quarta-feira (13), moradores de rua que quiserem guardar seus pertences durante o dia podem recorrer ao Guarda Pertences situado na rua Dr. Faivre, 1.212, entre a Avenida Sete de Setembro e a Avenida Visconde de Guarapuava. O local, inaugurado na tarde desta terça-feira (12), é um projeto experimental da Fundação de Ação Social (FAS) e tem por objetivo estender a dignidade dos moradores de rua.

“As pessoas que estão na rua têm pertences com valor muitas vezes sentimental. Até agora elas guardavam nos bueiros, nas cabines telefônicas, nos buracos”, diz a diretora de Proteção Social Especial, Ângela Mendonça.

O Guarda Pertences funcionará diariamente, das 7 horas às 21 horas. Apesar do extenso horário de funcionamento, moradores de rua devidamente cadastrados e em posse de um cartão – o mesmo que dá acesso aos banheiros da Urbs – poderão armazenar pertences ali entre às 7h e às 9h e retirá-los das 19h às 21h. No restante do tempo será possível usar o banheiro do local. Quem deixar pertences ali terá prazo de 48 horas para buscálos e, em caso de abandono, os casos serão avaliados individualmente.

Inicialmente, cem moradores de rua serão atendidos para que o funcionamento do local seja estabelecido. Nas próximas semanas, porém, a expectativa da FAS é que novos moradores se cadastrem no Atendimento Social Avançado, na Praça Osório, e em alguma das outras unidades da instituição para poderem ter acesso ao Guarda Pertences, já que a necessidade do serviço foi identificada por uma pesquisa feita com os próprios moradores. “Conversando com eles, descobrimos que eles não queriam deixar as coisas nas ruas e que aceitavam um local para armazená-las”, conta a presidente da instituição, Márcia Fruet.

Quem faz o cartão recebe também uma pochete para poder armazenar pequenos objetos de que pode precisar durante o dia, como documentos e remédios.

### Reação

Entre os moradores de rua presentes na inauguração, a iniciativa é vista com bons olhos. Ozéio de Aguiar Souza, que vive nas ruas há três anos, diz que sem ter onde guardar suas coisas, não é possível ter muitos pertences e, os que têm, podem atrapalhar na busca por um emprego, por exemplo. “É bom para sair procurar emprego. Se você chega com um monte de mochila, eles já desconfiam que é morador de rua e nem ligam mais”, conta.

O relato é reiterado pelo coordenador do Movimento Nacional da População de Rua,

Leonildo José Monteiro Filho: “dificilmente um empresário vai dar um emprego para alguém que está com a sua mochila, com o seu colchão”.

Morador de rua há cinco anos, Mauri Garcia Ramos é um pouco mais receoso, mais ainda aprova a ideia. “Hoje é a inauguração, tem que ver como vai ser no decorrer do período. Mas é válido”, diz.

#### Comércio

Além dos benefícios para os moradores de rua, a expectativa é de que o Guarda Pertences agrade também aos comerciantes, pois irá diminuir o número de colchões, cobertas e mochilas deixados em frente a lojas e outros estabelecimentos durante o dia.

Protagonista de uma polêmica envolvendo moradores de rua no início do ano, a Associação de Bares e Casas Noturnas (Abrabar) aprova a medida, mas diz que é preciso fazer mais. “[É preciso] dar uma carteira de identidade e uma carteira de trabalho para eles”, diz o presidente da Abrabar, Fabio Aguayo.

A Associação Comercial do Paraná, que também pediu providências devido ao aumento do número de pessoas vivendo nas ruas no Centro de Curitiba, disse que não vai comentar a iniciativa ou qualquer assunto referente aos moradores de rua.



## Texto 10

Curitiba muda atendimento em abrigos

14/01/2015

Gazeta do Povo

Até o fim deste mês, a Central de Resgate Social da Rua Conselheiro Laurindo será completamente desativada em Curitiba. Com o fechamento das 230 vagas do albergue destinado a moradores de rua, a prefeitura da capital muda o sistema de atendimento a esse público. O objetivo é descentralizar o trabalho com estruturas menores e atenção individualizada. Assim, os espaços de atendimento e acolhimento da população masculina, feminina, idosa, LGBT e de crianças e adolescentes vão funcionar em seis endereços diferentes na cidade.

Estrutura

A maioria das unidades terá condição de hospedar mais que 70 pessoas. Na Central, o município tem cerca de 500 vagas de hospedagem noturna. A desativação do serviço obriga o poder público a encontrar outros espaços.

Em parceria com a Confederação Evangélica de Assistência Social do Paraná, uma Casa de Passagem na Avenida Getúlio Vargas deve ter acolhimento noturno para 200 pessoas. A estrutura ainda não está funcionando.

O número total de vagas de abrigamento continuará perto de 500 – longe de atender as cerca de quatro mil pessoas que vivem nas ruas da capital, segundo estimativas da própria Fundação de Ação Social (FAS)

A explicação da diretora de Proteção Social Especial da entidade, Ângela Mendonça, é de que o objetivo da descentralização é levar para diferentes locais os serviços de atenção aos moradores de rua. “O atendimento na Conselheiro Laurindo estava horrível.

Não podemos tratar as pessoas em condições tão precárias”, afirma. Além disso, Ângela diz que a meta é não superlotar os espaços para a pernoite.

O promotor público Marcos Bittencourt Fowler, que integra o Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos, acredita que descentralizar o atendimento é a saída para atender melhor esse público. “Com um espaço físico menor é muito fácil ter o controle das pessoas que ali estão e atender as pessoas de forma mais humanizada”, afirma. Ele acredita que é necessário o poder público investir em novos espaços. “A ideia de criar novos centros descentralizados deve continuar e partir para outros locais”, alerta.

Divergência

Apesar de ver com bons olhos a descentralização do atendimento a moradores de rua, o sociólogo Lindomar Bonetti, professor da PUCPR e pesquisador da área, acredita que a estrutura da Central não deveria ser fechada. “Abrir outros locais e levar (o atendimento) para os bairros é importante. Mas a estrutura da Central era grande e poderia ser melhor aproveitada”, afirma.

### Outras ações

Outra questão levantada por ele é que não basta que a prefeitura inaugure novos espaços. “É possível ter ações de inserção social nas ruas, com projetos educacionais, culturais e até de trabalho. O poder público tem de ir até essas pessoas. Paralelo a essa descentralização de albergagem é necessário realizar atividades nas ruas”, ressalta o sociólogo.

### Controle

A prefeitura pretende ampliar o controle dos usuários das estruturas de albergue para moradores de rua. O poder público deve passar a ter uma ficha de controle para saber quem é morador de rua e atender somente esse público. “Antes muitas pessoas que tinham casa, mas moravam em locais afastados acabavam dormindo no albergue da Conselheiro Laurindo, por exemplo”, afirma a diretora Ângela Mendonça. Ela afirma ainda que outros espaços devem ser abertos ao longo ano em diferentes bairros para atender essa população.

### Uma casa para os indígenas na capital

Por dois meses, cerca de 30 famílias indígenas se uniram aos moradores de rua embaixo do Viaduto do Capanema. Sem local ideal para ficar, eles vieram até a capital do estado para vender seus artesanatos. Muitos trouxeram os filhos junto. Ao todo, perto de 100 indígenas acamparam no local.

Marilene Bandeira, de 42 anos, de etnia caingangue, veio de Laranjeiras do Sul, com o marido e os cinco filhos – o mais novo era um bebê de 3 meses. “A gente tem que vender nosso artesanato para ter dinheiro para viver”, diz. Renata Fernandes, de 28, também veio com os três filhos e o marido com o mesmo objetivo. “Ficar na rua não é bom. Muito perigoso para as crianças”, diz.

Atualmente, Renata está morando em uma casa de passagem inaugurada pela prefeitura para os indígenas.

“Com a casa é muito melhor, principalmente para as crianças”, afirma Terezinha Nascimento, também da tribo caingangue que veio do Rio Grande do Sul com dois filhos.

A Casa de Passagem tem capacidade para 70 pessoas e o serviço é coordenado pela Fundação Nacional do Índio (Funai). O governo do estado fará o diálogo com os municípios de origem dos indígenas para buscar reduzir o movimento migratório descontrolado.

O promotor Eduardo Bueno afirma que o problema do indígena no Brasil é a ausência de uma política pública que possibilite a autossustentabilidade das aldeias. Segundo o Ministério Público Estadual (MP-PR), 90% dos cerca de 16 mil indígenas que vivem no Paraná dependem de programas assistenciais, como o Bolsa Família.

“A falta dessas políticas faz com que eles acabem saindo para vender o artesanato. É preciso ter uma ajuda para que eles possam obter renda também da venda de produtos agrícolas, por exemplo. O ideal é que eles consigam ser autossustentáveis em suas próprias aldeias”, afirma.

## Textos da Região Nordeste

### Texto 1

Em Salvador, muitos rejeitam os abrigos e preferem as ruas

08/11/2016

Tribuna da Bahia

Antes mesmo de inaugurar sua galeteria, na rua Djalma Dutra, o comerciante Vanutti Farias resolveu protegê-la com grades. A razão não é propriamente por segurança, mas sim para evitar que o pátio da loja seja ocupado por moradores de rua. Nos últimos dias o espaço vem sendo utilizado como dormitório e sanitário público, a exemplo do que vem ocorrendo em diversos outros pontos.

Segundo relatório da Coordenadoria Geral dos Direitos da População de Rua, ligada ao Ministério do desenvolvimento Social, publicado em 2013, Salvador é a terceira cidade no Brasil em número de moradores em situação de rua. Até 2013, segundo a contagem do MDS, eram 3.289 pessoas que viviam nas ruas da capital. A maioria era de homens e 35,5% deles tinham problemas com alcoolismo e drogas.

Para os comerciantes da Rua Djalma Dutra, a situação parece ter fugido de controle, pois durante o dia os espaços são demarcados com papelões, colchonetes e panos nas calçadas. E à noite, esses espaços viram dormitórios e sanitários. “Todos os dias temos que lavar e limpar restos de comida, urina e fezes”, diz uma comerciante. Vanutti, por sua vez, argumenta que não tem como impedir, “mas vou colocar as grades para mostrar que não se pode fazer daqui (o espaço) dormitório”, disse.

Para o secretário de Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza (Semps), Bruno Reis, o maior problema é a recusa do próprio morador em situação de rua se recolher aos abrigos municipais. Nesses locais, além da assistência social e psicológica, eles têm direito a três refeições diárias, dormida e material de higiene pessoal, além de troca de roupas. “Em muitos casos, como se vê, trata-se de dependentes químicos e com problemas mentais”, disse.

A partir do próximo ano a Prefeitura vai dispor de sete centros de acolhimento e cinco centros de triagem da população de rua. Atualmente já funciona as unidades no Bonocô, com previsão para o próximo mês de duas unidades de acolhimento, Aquidabã e na Sete portas. Ao todo, segundo Bruno Reis, serão mais 700 vagas em toda a cidade. “Temos vagas para acolher essa população, mas há uma recusa dela em aceitá-la”, disse.

Segundo o titular da Semps, para o próximo ano a Prefeitura pretende colocar no orçamento R\$ 20 milhões para atendimento social, incluindo a construção das novas casas de acolhimento e reforço no número de equipes de abordagem de rua. Bruno Reis destaca que atualmente o município mantém um custeio de R\$ 3 mil per capita para atendimento à população em situação de rua, desde o acolhimento, atendimento psicossocial ao custeio no auxílio passagem e auxílio moradia.

### MAIS DE 3 MIL

Da população de rua estimada em mais de três mil pessoas, 961 delas vivem em centros de acolhimento mantido pelo município. O trabalho social inclui ajuda para tirar documentos, busca de familiares e até mesmo envio, mediante custeio de passagens, para seus locais de

origem. Além disso, para quem não tem onde morar, a Prefeitura atende a 239 famílias em situação de extrema pobreza que vivem do auxílio-aluguel de R\$ 300 mensais.

O retrato da miséria social invade as calçadas à noite

As marcas são vistas durante o dia nas calçadas: como territórios demarcados, são sinalizadas com pedaços de pano, colchonetes e até mesmo estrados de camas, avisando que ali é o espaço destinado a um morador de rua, e por isso mesmo, ao escurecer, torna-se privativo dessa população que habita as grandes cidades.

Assim é que toda a extensão das calçadas da Rua Djalma Dutra, na Sete Portas, se transforma em um grande dormitório a céu aberto. Ali a dona de um restaurante, Nívea Freitas, diz que há 10 anos convive com essa situação, mas que nos últimos meses o quadro social se deteriorou. “Basta começar a escurecer que todas as calçadas viram dormitórios. São 30, 50, que vêm com papelões, colchonetes e se apossam das calçadas e marquises”, diz.

No Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2013 dos 5.561 municípios, em 2.032 possuem existiam Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua. Hoje existem os Centros de Referência de Assistência Social. Já os Centros de Convivência, que funcionam como abrigos, somam 11.797 unidades distribuídas em 3.065 município.

Centro e bairros

As cenas de calçadas à noite ocupadas por moradores de rua não é mais um privilégio da Avenida Sete, Praça da Piedade e Estação da Lapa. No centro da cidade. No Largo dos Mares, na Cidade Baixa, a praça vira um imenso camping de rua, o mesmo acontecendo no largo da Calçada e até mesmo ao longo das ruas Barão de Cotegipe e Avenida Fernandes da Cunha.

Na antiga Estação Rodoviária, próxima à Baixa de Quintas, o que deveria ser uma calçada do antigo almoxarifado do INSS, virou dormitório párea mais de 20 pessoas. Há espaços delimitados onde à noite se abrigam idosos, mulheres e crianças. Cães impedem a aproximação de estranhos. ‘A gente tem que conviver com isso, pois muitos são usuários de drogas e se tornam violentes quando fazemos qualquer tipo de reclamação’, disse um funcionário de uma pousada no local. Maior população de rua está em São Paulo e no Rio

Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), referentes a 2013, Salvador é a terceira cidade com maior número de moradores em situação de rua.

Cidade	População
--------	-----------

São Paulo	13.666
-----------	--------

Rio de Janeiro	4.585
----------------	-------

Salvador	3.289
----------	-------

Curitiba	2.776
----------	-------

Brasília	1.734
----------	-------

Fortaleza	1.701
-----------	-------

Porto Alegre	1.203
--------------	-------

Belo Horizonte	1.164
----------------	-------

### Álcool e desemprego

O álcool associado ao uso de drogas aparece como a principal causa que levam as pessoas a viverem nas ruas das grandes cidades. Segundo os dados do MDS, o álcool é responsável por 35,5% das causas, seguido do desemprego, com 29,8%, problemas familiares, com 29,1%, perda de moradia, com 20,4% e desavenças amorosas, responsável por 15,1% das causas.

O tempo de permanência é de em média dois anos, mas 30% dos entrevistados nas 71 cidades com mais de 300 mil habitantes, disseram que estavam vivendo nas ruas há mais de cinco anos. Dos entrevistados, 48,4% preferiam dormir nas ruas a procurar um abrigo público. Por outro lado, 24,8% não possuíam qualquer tipo de documento de identificação.

Homens, negros, adultos e alfabetizados são maioria

Entre a população pesquisada em 71 cidades com mais de 300 mil habitantes, a grande maioria era do sexo masculino (82%), com idade entre 25 e 44 anos (53%), e que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental (63,5%). Em relação à cor, 39,1% eram pardos, 27,9% negros, 29,5% brancos, 1,3% indígenas, 1% amarelo oriental e 1,2% de cor não identificada.

A Pesquisa Nacional sobre a População em situação de rua, feita pelo MDS, estimou que em todo o Brasil a população em situação de rua chegue hoje aos 50 mil e que revelou que essa população é predominantemente constituída por negros (67%).

Já os níveis de escolaridade apontaram que a maioria (52,6%) tinha renda mensal entre R\$20,00 e R\$80,00 semanais e que 74% dos entrevistados sabiam ler e escrever, contra um percentual de apenas 17,1% não sabia ler e escrever e só 8,3% sabiam assinar o próprio nome.

Ao contrário do que aparentam, a grande maioria da população em situação de rua trabalha ou exercem algum tipo de atividade remunerada.

Segundo a pesquisa do MDS, do contingente de pessoas que vivem e dorme nas ruas das grandes cidades, a grande maioria (70,9%) é composta por trabalhadores ou exerce alguma atividade remunerada.

Ainda segundo a pesquisa, apenas 15,7% dessa população de rua pede dinheiro como principal meio para a sobrevivência. Parte considerável da população em situação de rua é originária do município onde se encontra, ou locais próximos, não sendo decorrência de deslocamento ou migração campo/cidade.

E do total de entrevistado, a pesquisa revelou que 51,9% dos entrevistados possuem algum parente residente na cidade onde se encontram, mas, 38,9% deles não mantêm contato com esses parentes.

## Texto 2 Moradores de rua invadem Orla da Atalaia

12/12/2016

Jornal da Cidade

Pessoas vindas de outros Estados e até mesmo do interior sergipano têm utilizado os espaços da Orla da Atalaia para estabelecer moradia. Na área dos lagos, por exemplo, existem cabanas e os moradores utilizam o lago para pescar. Na grama, eles acendem fogueiras, cozinham e até assistem TV. Outros locais também estão ocupados: Orlinha da Coroa do Meio, antigo Hotel Parque dos Coqueiros e no Banho Doce, na Praia de Aruana. O fato, no entanto, tem preocupado os frequentadores da Orla, que estão se sentindo intimidados com a presença destas pessoas, já que há a suspeita que eles estejam cometendo pequenos delitos no local. O medo aumentou ainda mais depois do caso da turista assassinada por um morador de rua. A Administração da Orla informou que está preparando uma ação de retirada das pessoas do local.

A presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis/Sergipe (Abih/SE), Daniela Mesquita, revela que os proprietários de estabelecimentos da Orla de Atalaia têm questionado e cobrado providências em relação ao aumento do número de moradores de rua na área. Mesquita cobra que essa questão tenha acompanhamento de todas as esferas, pois além de ser um assunto de segurança é uma questão social. Ela frisa que estas pessoas podem não ser violentas, mas em virtude dos casos, inclusive de assassinatos, é melhor tomar uma providência antes que a situação saia do controle. “Informamos a situação ao secretário de Segurança Pública e ao de Turismo Municipal, pois recentemente na Passarela do Caranguejo algumas pessoas acamparam próximo à passagem que dá acesso à praia. O fato acabou amedrontando não só os turistas como também os funcionários e frequentadores da Orla. Em parceria com a Secretaria de Ação Social, os moradores de rua foram retirados, mas eles acabaram voltando. A gente sabe que este é um assunto de cunho social, mas muitos deles não querem nem ir para o abrigo que é oferecido”, diz.

O gerente de um dos hotéis que fica localizado na Passarela do Caranguejo, Henrique Góis, contou que a ocupação dos moradores de rua na redondeza tem deixado não só os hóspedes preocupados como também os funcionários do hotel. Góis pontua que um grupo de moradores de rua acampou em frente ao hotel e a presença deles começou a amedrontar os frequentadores, visto que o uso de drogas ocorria a qualquer hora do dia.

“Como eles ficavam acampados em frente ao hotel, as pessoas iam atravessar a passarela para ir à praia mas ficavam temerosas, ainda mais porque eles usavam drogas, e havia problema de brigas entre eles inclusive com o uso de faca; sem contar que temos casos de roubos, inclusive depois da meia-noite, quando os nossos funcionários estão indo embora e os consumidores de bares também”, contou Henrique Góis.

O superintendente da Orla, Ricardo Soares, informou que há algumas semanas a Administração da Orla, em parceria com a Guarda Municipal, fez a retirada dos moradores de três pontos: do Sesc, motocross e na passarela. Na ação, encontraram em poder das pessoas diversas armas brancas, como facas, pés-de-cabra etc. Apesar de terem realizado a ação, eles acabaram voltando e a administração já prepara outra ação prevista para a próxima segunda-feira. “A situação está ficando complexa, eles estão inclusive intimidando os funcionários que cuidam da jardinagem, impedindo-os de molhar a grama e aproximar-se deles. A gente fez a ação de retirada, mas eles acabaram voltando e migrando para outros locais”, explicou Soares.

José Carlos, funcionário da empresa que realiza serviços de manutenção da área verde da Orla, conta que seu amigo foi ameaçado enquanto trabalhava no local. O fato ocorreu na área dos lagos. “Meu colega de trabalho estava regando a grama, quando um dos casais que mora numa dessas cabanas começou a brigar, meu amigo foi olhar para a briga e um homem cabeludo achou ruim, pegou e uma faca e apontou para ele. Imagine a situação em que a gente está aqui. A gente não pode regar as plantas nem aparar a grama no local que eles ficam acampados. A gente não pode nem chegar perto porque eles tomaram conta do lugar, até peixe eles tiram do lago para comer, ascendem fogueira, usam drogas, fazem de tudo aí”, comentou o rapaz.

O delegado da Delegacia de Turismo, Fernando José Andrade, conta que a Polícia Civil tem feito investigações diante das denúncias de que moradores de rua estavam praticando assaltos e furtos na Orla. No entanto, apesar de ter realizado algumas prisões e apreensões de adolescentes, eles não ficam muito tempo na prisão, e quando saem acabam cometendo novos crimes.

“Em um mês, nós prendemos oito pessoas que estavam praticando furtos e assaltos na Orla. A Polícia Civil está fazendo a parte dela, mas como são soltos rapidamente, acabam voltando e praticando novos crimes. Só em um mês, o mesmo adolescente foi preso três vezes. Então, a gente esbarra nessa questão, a polícia investiga, prende e logo o criminoso está solto”, comenta o delegado, salientando ainda que qualquer vítima deve prestar um boletim de ocorrência para que as autoridades policiais tenham conhecimento dos casos e assim possam traçar ações para combater os crimes.

O Assessor de Comunicação da Polícia Militar de Sergipe, o tenente-coronel Paulo Paiva, informou que a Orla de Atalaia é um dos locais mais policiados da cidade. “O local tem patrulhamento ostensivo não só da Companhia de Polícia de Turismo (CPTur), mas como da Radiopatrulha e do Grupamento Tático com Motos (Getam). Já a questão dos moradores de rua é um problema social; as informações que eles estariam praticando roubos e furtos são genéricas. Já o policiamento, este é bastante efetivo na Orla”, disse Paiva.

Por meio de nota enviada ao JORNAL DA CIDADE, a Secretaria Municipal da Família e da Assistência Social (Semfas) informou que através do Centro POP vem sistematicamente realizando abordagens sociais em várias localidades de Aracaju, como nos diversos pontos da Orla de Atalaia. Em 2014, foram catalogadas cerca de 20 pessoas vivendo em situação de rua na região da Orla.

Segundo relatório feito pelo Centro POP, “a maioria dos indivíduos identificados, durante as abordagens, estavam na Orla em situação transitória, outros eram provenientes de Estados próximos ou possuíam família com residência fixa no Município de Aracaju, sendo estes últimos direcionados ao Centro de Referência de Assistência Social (Cras) de sua região residencial”.

A Semfas informou ainda que “o papel do Centro POP não é realizar a retirada involuntária de usuários em situação de rua. Como equipamento sócio assistencial do Suas, o POP oferece serviços de cadastro único, abordagem social, higienização, garantia alimentar, encaminhamento para a retirada de documentação pessoal, endereço institucional de referência, encaminhamento para rede de serviços de acordo com as necessidades dos usuários (saúde, educação); encaminhamento para unidades de acolhimento institucional, dentre outros. Além disso, o Centro também oferta almoço e jantar em um restaurante popular para as pessoas em situação de rua que são usuárias do serviço. Desde sua criação em 2011, mais de mil e cem

“pessoas já passaram pelo Centro, por meio de abordagem social ou acesso direto à unidade”, esclareceu a Semfas.



### Texto 3

Moradora de rua monta barraca e ocupa calçadão de avenida no MA

18/01/2016 G1

Uma moradora de rua decidiu registrar endereço “fixo” no calçadão de uma das mais movimentadas avenidas de São Luís. É que a cerca de duas semanas ela montou uma barraca e está ocupando uma parte do calçadão, próximo à Praça Maria Aragão, na Avenida Beira Mar, na capital.

A mulher, que ainda não foi identificada, mantém uma rotina de dona de casa e realiza atividades como lavar roupas, e até tomar banho em plena via pública de São Luís.

Com uma bela paisagem como pano de fundo a moradora, que já circula há algum tempo pelo o local, teria deixado de dormir sem nenhum abrigo após ter sido presenteada com a barraca recentemente, segundo testemunhas.

Segundo a legislação brasileira, compete às Prefeituras, em nome dos respectivos Municípios, fiscalizar e coibir tais abusos. Não é assunto do Estado nem da União, é de competência exclusiva dos Municípios. As ruas, praças e jardins são bens públicos de uso comum, de fruição própria do povo. São bens inalienáveis e independem de registros imobiliários, e administrados pelo Município local.

O G1 entrou em contato com a Prefeitura de São Luís e recebeu retorno da Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social. Em nota, a secretaria informou que Maria Medalha Soares é beneficiária do Serviço Especializado para Pessoa em Situação de Rua, desenvolvido pela Semcas, e que a moradora foi incluída no benefício Aluguel Social, chegando a residir num imóvel alugado, mas relatou não ter se adaptado.

Leia a íntegra da nota:

A Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social (Semcas) esclarece que a senhora Maria Medalha Soares é beneficiária do Serviço Especializado para Pessoa em Situação de Rua, desenvolvido pela Semcas, sendo acompanhada por equipe multidisciplinar do Centro Pop da área Centro, em conjunto com a equipe do Consultório Na Rua, da Secretaria Municipal de Saúde.

A Secretaria informa, também, que Maria Medalha Soares ainda foi incluída no benefício Aluguel Social, chegando a residir num imóvel alugado, mas relatou não ter se adaptado, devolvendo as chaves à proprietária e o cartão magnético à unidade, optando por retornar à situação de rua.

A Semcas reforça que, embora esteja em situação de rua, a referida beneficiária continua em acompanhamento, participando de várias atividades, inclusive de qualificação profissional para inserção no mercado de trabalho. A Secretaria comunica que tem empenhado esforços para que a senhora Maria Medalha tenha independência, auto cuidado e saia da condição de rua. Como resultado do trabalho realizado, a senhora já manifestou nesta semana interesse de voltar a residir numa moradia regular, acordando com a equipe da Semcas a busca de novo espaço para alugar nesta segunda-feira (18).

Pirata da Litorânea

Situação parecida também passou o artista plástico Antonio Carlos da Silva, mais conhecido como “Pirata da Litorânea”, que fez de um veículo a sua casa. “Pirata” manteve uma rotina e viveu por mais de três anos no interior de um fusca na Avenida Litorânea, situada na orla marítima de São Luís.

A retirada do artista plástico do local aconteceu após a Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes da capital (SMTT) ter atendido uma recomendação do Ministério Público do Maranhão (MP-MA) que na ocasião pedia a retirada do carro de Antonio Carlos da Silva, pois o veículo estava servindo como abrigo para o morador de rua.

**Texto 4**

Morador de rua é assassinado dentro de casarão abandonado em São Luís

31/03/2016

G1

Um morador de rua de aproximadamente 18 anos foi encontrado morto na manhã desta quinta-feira (31) dentro de um prédio abandonado na área central de São Luís. Segundo os moradores da área o casarão, onde funcionou a imprensa oficial do estado, serve de local para a prática de vários crimes.

De acordo com a dona de casa Leila Oliveira, o jovem vivia nas ruas e era usuário de drogas. El a acrescenta que o alertou sobre os riscos que ele corria na região. “Disse pra ele: meu filho te sai ali daquele lugar. Ali não é lugar pra você. Procura a tua família”, revela.

Conforme a polícia, o crime ocorreu na madrugada desta quinta-feira. O prédio abandonado abriga usuários de drogas que entram em conflito constantemente. Agentes da Polícia Civil, da Superintendência de Homicídios também foram ao local do crime.

A situação de abandono e de vulnerabilidade do prédio histórico já foi motivo de discussão. Em 2012, o governo do estado e a Universidade Federal do Maranhão (Ufma) firmaram uma parceria para restaurar o casarão e transformá-lo no Museu de Arqueologia do Maranhão. A previsão era de que fossem investidos 11 milhões de reais no projeto, mas o projeto nunca saiu do papel.

## Texto 5

Aracaju tem aproximadamente 400 moradores de rua

12/12/2016

G1

Aracaju tem aproximadamente 400 moradores de ruas cadastrados, segundo a Prefeitura Municipal. Especialistas dizem que os motivos que levam pessoas de diversas idades a procurarem este caminho são inúmeros. Os mais comuns são o envolvimento com drogas, álcool, violência e principalmente o abandono familiar.

Para amparar essas pessoas, o Centro Pop de Aracaju fornece banho, lanche e atendimento psicológico. Além de cursos para capacitação, como recepcionista e cobrador de ônibus. “Tentamos ser uma ponte. Se eles estão doentes encaminhamos para um posto de saúde. Se não tem documentação, providenciamos”, detalha a psicóloga do local, Maria Andrade.

O Centro Pop funciona em parceria com Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Em todo país eles surgiram em 2009. Além desses serviços, são oferecidas atividades em grupo e palestras.

Para a professora da Universidade Tiradentes (UNIT), que foi moradora de rua na infância, Marta Batista de Souza medidas a médio e longo prazo seriam soluções que ajudariam esse grupo a encontrar autonomia. “Já que existe uma estatística de quantas pessoas são o interessante seria focar no indivíduo. Apoio psicológico e a buscar por suas famílias através de uma troca de informações entre municípios e estados”, sugere.

Outra sugestão apontada pela professora é a criação de cooperativas e albergues. “Toda pessoa quer autonomia. O incentivo psicológico e a oportunidade de ter o mínimo necessário sinaliza o caminho mais certo para ela voltar a acreditar na sua dignidade”, analisa. Ela acrescenta ainda que poderiam existir projetos para a construção de casas pelos próprios moradores.

Abordagem

O barulho dos automóveis na Avenida Simeão Sobral, no Centro de Aracaju, não aborrece o morador de rua, Miller Aparecido, 58 anos, mais conhecido como ‘baiano’. Ele escolheu esse ponto fixo para morar há dois anos. “Aqui todo mundo conhece quem eu sou. Sou grato ao pessoal do quartel que ajuda no que pode”, agradece o corinthiano que depois de percorrer estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia, escolheu Sergipe há oito anos para morar.

Miller não tem mais laços familiares. “Tenho dois filhos, Rosilda e Miller Junior. Eles ainda eram crianças quando sai de casa. Sinto falta, saudade, mas aprendi a viver assim”. O baiano vive de algumas ajudas. Motoristas de ônibus, conhecidos das ruas, passam pelo local e o ajudam de alguma maneira. Além disso, faz alguns ‘bicos’ para sobreviver. Aparecido diz que já tentou morar no abrigo da Prefeitura. “Mas lá não tem liberdade.

Gosto de beber minha cachaça, sou realista”, comenta. Ele diz que esse tipo de ajuda não resolve. “Eu queria um quarto, mas sem pagar o aluguel. Isso eles não dão”, conta. De acordo com o psicólogo Antônio Dantas, a situação dos moradores de rua é bastante conflituosa para a sociedade. “De um lado temos uma política pública ineficiente e do outro, casos de diversos

tipos, inclusive, de pessoas que tornaram sua convivência com familiares insustentáveis”, analisa.

### Abrigos

Em Aracaju, existem sete abrigos para um público misto e cada um acolhe pessoas em diferentes situações. Crianças, homens, mulheres violentadas e idosos. “A maioria não querem sair da condição de moradores de rua. Existem normas no local, regras e muitos não aceitam”, analisa a psicóloga do Centro do Pop, Maria Andrade.

“As soluções precisam vir de dentro para fora. Conheço Organizações Não Governamentais, como o Afro Reggae no Rio de Janeiro que funcionam por isso. A comunidade, o grupo diz quais são as suas necessidades e apontam soluções”, opina a professora Marta. “Não é com assistencialismo e filantropia que vamos solucionar esse problema”, finaliza.

## Texto 6

Morador de rua constrói casa em árvore no Centro de Fortaleza para se proteger da chuva

03/02/2016 www.uol.com.br

Antônio Alves Ferreira Neto tem 55 anos e criatividade de sobra. Após separar-se da esposa, com quem viveu 25 anos e teve três filhos, ele passou a morar na rua. Com o período de chuva, o homem decidiu criar a sua própria casa. A diferença é a sua localização: em uma árvore do Centro de Fortaleza.

Com pedaços de madeira e uma lona, aos poucos, Antônio foi construindo a casa com as próprias mãos. Devido ao grande movimento de pedestres no local, decidiu fazer a construção apenas aos domingos, para não machucar os passantes. Depois de pronta, foi a vez de mobiliar a casa, que possui colchonete, travesseiro, tapete, varal e material de higiene pessoal distribuídos em cerca de 8 m<sup>2</sup>.

Recém-chegado

Há três semanas, o morador de rua reside no novo lar, na Rua Barão do Rio Branco. Provisoriamente, Antônio resolveu o problema da residência, pois sabe que não poderá ficar no local por muito tempo. Agora, sua preocupação é conquistar um novo emprego. Autônomo, ele sempre trabalhou como pintor, ferreiro, armador e recentemente fez curso de eletricista pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Antônio procurou o Sistema Nacional de Emprego (Sine), foi encaminhado para vagas, mas foi rejeitado pelos empregadores devido a sua idade. “Quando eu chego com a carta do Sine e perguntam a minha idade, dizem que eu não tenho condições de trabalhar. Mas rapaz, que negócio é esse? Eu tô com tanta força, eu quero trabalhar. Minha idade dá pra tudo, o que vier aqui eu faço”, desabafa. O último emprego que teve foi na construção do estádio de futebol Arena da Amazônia, em Manaus, onde trabalhou como ferreiro.

“Eu faço qualquer coisa, pode ser serviço de pedreiro, pintor, ferreiro, eletricista, o que tiver, eu quero é trabalhar”. (Antônio Alves)

Depois que acabou o contrato, teve que voltar para Fortaleza. Pagou aluguel enquanto pôde e depois voltou a morar na rua. Para construir a sua casa na árvore, pediu permissão aos lojistas da região e garantiu que não iria atrapalhar o movimento dos clientes. De dia, ele vigia os carros e às vezes trabalha como pedreiro. “Tem uma promotora que trabalha aqui perto e quando eu vou lá lavar o carro dela eu ganho o almoço”, comenta.

A história de Antônio, comovente, foi descoberta pelo programa Gente na TV, da TV Jangadeiro/SBT. Dentre as amizades que o morador de rua conquistou, um sentimento o aflinge: a saudade da família. Quando toca no assunto, ele se emociona.

“É muito bom ter amigos e ser reconhecido, porque, no meu caso, os estranhos são melhores amigos do que a minha própria família, pois nenhum deles veio me ver. Às vezes eu pergunto a Deus se eu vou continuar sempre assim, sozinho”, lamenta. Mas com muita fé, completa: “eu vou vencer”.

## Texto 7

Moradores de rua disputam espaço e ajuda no Centro de Teresina

09/06/2015

Portal O Dia

Andando pelas ruas do centro de Teresina não é difícil encontrar pessoas que vivem em situação de rua. Crianças, Idosos, e até mesmo deficientes físicos, dividem espaço nas calçadas do centro da capital. Alguns trabalham, em atividades como lavagem de carros, outros sobrevivem apenas da ajuda de populares que se sensibilizam com a situação.

As praças são os locais mais disputados pelos moradores de rua, por conta das árvores, que amenizam o calor da capital teresinense. A praça Pedro II, que em outros tempos era um dos principais locais da boemia da cidade, hoje é habitada, principalmente durante a noite, por pessoas que vivem em situação de rua.

Na Praça Saraiva, segunda maior da capital, também é possível encontrar moradores de rua em qualquer horário do dia. A pouca movimentação de pedestres no interior da praça faz com que alguns deles utilizem o local para o consumo de drogas, em plena luz do dia.

A Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente conhecida como Praça da Bandeira, durante o dia os moradores de rua se misturam com os pedestres, e acabam não sendo percebidos. Durante a noite dezenas de pessoas dormem na praça, dividindo espaço com os pombos, que também habitam o local.

Gilson Martins mora há mais 26 anos na Rua 24 de janeiro, centro sul da capital. Ele afirma que a região sempre teve a presença de moradores de rua, mas que a maioria deles não causa problemas aos moradores do local. “Essas pessoas costumam ficar no centro de Teresina, principalmente nas proximidades das praças. A maior parte deles não meche com ninguém, e são tranquilos. O grande problema que nós enfrentamos aqui no centro, é a questão dos assaltos, que na maioria dos casos, são praticados por pessoas em motocicletas”, afirma.

Uma vendedora ambulante, que trabalha em parada de ônibus da avenida Frei Serafim, e prefere não ser identificada, afirma que alguns moradores de rua costumam aparecer, e pedir comida e dinheiro aos comerciantes. “Não são todos, mas alguns vêm até aqui e exigem que a gente dê o que eles querem. Quando a gente se recusa a dar, eles pegam e saem correndo”, afirma a ambulante.

Dados do último levantamento realizado pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) apontam que Teresina possui 247 pessoas que vivem em situação de rua. O levantamento considera apenas pessoas que dormem efetivamente na rua, e não apenas passam o dia.

“As pessoas que passam o dia pedindo esmolas, ou realizando outros trabalhos, e vão para casa no final do dia, não são considerados moradores de rua. Consideramos apenas as pessoas que vivem em situação de pobreza extrema, e dormem em locais públicos como calçadas e praças”, explica Joyce Nogueira, Gerente do Centro POP.

De acordo com o levantamento, o uso de substâncias psicoativas é um dos principais motivos que levam as pessoas a morar na rua. “67% dos moradores de rua ouvidos pelos nossos agentes relataram que usam algum tipo de droga. Esse é um dos nossos maiores entraves para auxiliar essas pessoas”, afirma a Gerente do Centro POP.

De acordo com Joyce Nogueira, além do uso de drogas, conflitos familiares também influenciam na decisão de ir morar na rua. “Algumas pessoas tem problemas em casa, e acabam se afastando da família, e indo morar na rua. Existem também os casos em que aqueles que moram na rua porque gostam”, explica.



## Texto 8

Moradores de rua são retirados do Viaduto do Baldo

12/12/2016

Novo

Maria das Graças da Silva, 36, recolhia roupas e desmontava um barraco. Ela morava até ontem sobre o viaduto do Baldo, na zona Leste de Natal, quando foi retirada através de uma ação da Secretaria de Obras Públicas de Natal (Semov).

A remoção foi necessária para o término dos trabalhos de reforma do equipamento viário, há quatro anos fechado para o tráfego de veículos. A previsão é de que as duas pistas sejam abertas em dezembro deste ano.

A moradora de rua acordou com o barulho das sirenes de carros da polícia e dos latidos dos cachorros que cria. Colocou alguns pertences pessoais em três bolsas e observava, com lágrima nos olhos, a desmontagem dos barracos. “Estão me tirando, mas depois eu volto. Eu não tenho outro lugar para ir. Aqui é a minha casa”, conta. A retirada contou também com a participação da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (Semtas), Guarda Civil e Polícia Militar. A remoção da população foi uma exigência da empresa responsável pela recuperação do equipamento viário, a BMB Construções, para realizar a fase final da obra e liberar as vias para o trânsito.

As moradias improvisadas eram desmontadas rapidamente. Os trabalhadores da Companhia de Limpeza Urbana (Urbana) foram chamados para recolher o entulho deixado sobre as vias. “Estão nos tirando como lixo. Eu só quero morar onde eu quiser. Se bobear, eu volto de novo”, reforça Maria das Graças. José Adriano dos Santos, 41, também teve de desmontar a moradia feira com pedaços de madeira, sacos plásticos e trapos. “Eu não sei para onde posso ir”, lamenta. Ao todo, foram retirados ontem 15 moradores de rua instalados sobre as pistas do viaduto.

A Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social cadastrou e conduziu os semteto para um centro de atendimento à população de rua. Eles iriam passar por exames clínicos para depois serem encaminhados ao Albergue Municipal. Para evitar novas ocupações, a Guarda Municipal e a Polícia Militar farão rondas diárias na região do viaduto.

“O trabalho será ostensivo para evitar novas ocupações irregulares. Uma equipe da Guarda Civil ou da Polícia Militar estará transitando pela região todos os dias”, explica Michel Dantas, comandante Guarda Civil de Natal.

**Texto 9**

Pessoas vivem nas ruas de Fortaleza, diz novo censo

03.12.2014

Diário do Nordeste

Foram cerca de sete anos sem que a cidade soubesse, ao certo, a quantidade de pessoas que fizeram de suas ruas moradia. O crescente número de pessoas em situação de rua em Fortaleza era testemunhado apenas com olhares rápidos a praças, calçadas, parques, terminais de ônibus. Agora, enfim, é possível conhecer quantos são os fortalezenses desprovidos de abrigo. De acordo com o censo atualizado da população em situação de rua, realizado pela Secretaria Municipal de Trabalho, Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Setra), 1.718 homens e mulheres vivem sem lar na Capital. Anunciado em maio deste ano, o levantamento da Prefeitura de Fortaleza é o primeiro desde 2007, quando o governo Federal promoveu pesquisas em 71 municípios brasileiros no intuito de determinar a dimensão e o perfil da população em situação de rua no País. A etapa inicial e quantitativa do diagnóstico local foi concluída neste semestre e revelada, ontem, pelo titular da Setra, Cláudio Ricardo, ao Diário do Nordeste. Segundo ele, além do total de pessoas desabrigadas, o censo já conseguiu indicar em quais regiões de Fortaleza os moradores de rua estão mais concentrados. Neste cenário, destaca-se o Centro da cidade, em especial a Praça do Ferreira, onde várias famílias estão completamente instaladas há anos. Dentre as outras áreas, a Regional II também se sobressai, aglomerando, nas imediações do principal ponto turístico da Capital, a Avenida Beira-Mar, protagonistas de uma realidade diferente da qual é transmitida aos visitantes. A fase qualitativa do estudo, afirma o secretário, está sendo concluída e deve ser divulgada na próxima semana. A partir dos dados, a Setra pretende traçar um perfil socioeconômico de toda a população em situação de rua, com informações sobre idade, gênero, etnia, vínculos familiares, escolaridade, atividade produtiva, tempo de permanência nas ruas e motivos que levaram ao desamparo. "Estamos nos preparando para divulgar um levantamento mais sistematizado ainda neste mês. O que já sabemos é que maioria são homens, em idades jovem, laboral", afirma Ricardo. Ações O censo atualizado, explica o secretário, norteará as ações de assistência social promovidas pela Secretaria nos próximos anos. Com base nas informações apuradas, a Setra já tem elaboradas algumas estratégias de ação. Uma delas é a inauguração de dois novos equipamentos de acolhimento para moradores de rua no Centro: o Centro de Convivência para Pessoas Adultas em Situação de Rua, e a chamada Pousada Social.

**Texto 10**

Olimpíada faz moradores de rua sentirem falta de quando eram "invisíveis"

12/12/2016 [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)

Felipe Pereira

Do UOL, no Rio de Janeiro

Beto conta que se vê como um rato. A sociedade finge que ele não existe. Torce para não encontrá-lo e, quando encontra, faz cara de nojo. Beto não se sente o último da fila. Morador de rua, ele nem sequer se enxerga na fila.

Tratado como praga urbana, Beto resignou-se em ser ignorado. O surreal é, hoje, ele pensar que era feliz e não sabia. A chegada do período de Olimpíada deu início à operação "Caça-Tralha" no Rio de Janeiro. Um caminhão de lixo acompanha funcionários da prefeitura, e os moradores de rua contam que são acordados com os cutucões do bico de uma bota. O pronome de tratamento para ocasião é "vagabundo".

A "Caça-Tralha" fez aqueles que dormem nas praças e calçadas da cidade sentirem saudade do tempo em que eram invisíveis. Agora são sumariamente enxotados se esticarem o papelão em bairros como Copacabana, Ipanema, Arpoador ou outros cartões postais da cidade olímpica. Por essa lógica, a de vender uma imagem, a zona de exclusão é imensa - o que não falta no Rio são lugares bonitos.

Os moradores de rua se consideram sujeira varrida para baixo do tapete. Em tempos olímpicos, o derradeiro lugar que eles consideram seguro para dormir no centro do Rio é sob a marquise do prédio da Defensoria Pública do Estado, único órgão que o grupo vê como comprometido em protegê-los de operações higienistas.

Toda noite são cerca de 40 pessoas que buscam refúgio no local. Como uma ironia divina, os chefes de Estado presentes na cerimônia de abertura do Rio-2016 foram recebidos como VIPs no Maracanã. Enquanto isso, debaixo da marquise, o grupo se enrolava em, digamos, cobertores.

“Olimpíada é só para eles. Não é para pobre. A gente é sarqueado (verificação de antecedentes criminais) todos os dias, humilhado e tratado como um rato”, resume Beto.

Descaso estatal

A coleção de humilhações cresce mensalmente. Juselia do Nascimento, 30, diz que é seguida por seguranças toda vez que entra num supermercado. Franklin Alves, 33, afirma ter visto um cadeirante com dificuldades de atravessar uma avenida recusar ajuda porque a oferta partiu de um morador de rua.

O poder público repete esse tratamento. O ação social que mais deu oportunidades a essas pessoas não é estatal, mas de uma ONG. O projeto Uma Só Voz montou um coral e permitiu aos moradores de rua cantarem em espaços nobres do Rio de Janeiro, como o Museu de Arte Moderna e o Museu do Amanhã.

Então a iniciativa privada se mobilizou pelo projeto? Não exatamente. Talvez o empresariado tenha até ajudado, mas com certeza não foi o brasileiro. A ideia e o financiamento vêm de fora.

A grana tem origem na Inglaterra. O Uma Só Voz é uma continuação do trabalho feito com os moradores de rua de Londres antes de a cidade receber a Olimpíada em 2012.

No poder público fluminense, só houve alguma ação no ano olímpico. As defensorias do Estado e da União fizeram uma audiência pública em 13 de maio. Para a maioria, tais ocasiões são uma formalidade inútil. Mas, para quem nunca havia sido ouvido, foi uma catarse. Finalmente alguém para escutar os nossos problemas, pensaram os moradores de rua do centro do Rio.

A segunda audiência pública ocorreu na última quarta-feira. O número de instituições que faltaram reflete o tratamento que os governos insistem em dar a essas pessoas. Na lista dos que não enviaram representantes, estão a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Ministério Público, prefeitura do Rio e governo do Estado do Rio.

Nem a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, pastas da área social, compareceram. O próprio envolvimento das defensorias públicas é recente. Começou neste ano, o ano da Olimpíada.

"Antes tarde do que nunca. Tomaram vergonha na cara e estão indo para rua, saindo ao ar-condicionado", afirma a moradora de rua Erica Augusto, 36.

Violações disparam

Ao ignorarem a audiência pública, os faltosos não viram sacos de lixo de 200 litros e mochilas ao lado das cadeiras dos presentes. Neles estão todos os pertences que um morador de rua tem na vida. Um pulo na lanchonete do prédio é reveladora. A atendente conta que não vendeu uma bala sequer aos moradores de rua – ninguém podia pagar.

No banheiro, os moradores de rua comemoravam ter água corrente e sabão para lavar o rosto e as mãos. Eles são expulsos dos postos de gasolina se forem flagrados junto a uma torneira. O ato final da audiência pública foi um banquete de cachorro quente com tubaína. O grupo comeu com pressa, quase com desespero. Reflexo de uma existência com fome.

Eles desceram o elevador cheios de alegria. Na última sexta-feira, noite da abertura da Olimpíada, estavam de volta ao local. Mas do lado de fora. Embaixo dos cobertores não havia mais felicidade. Essas pessoas dizem que a hora de dormir é a pior porque é quando os fantasmas aparecem. O mais aterrorizante deles é a solidão.

Cidinha é um exemplo. A mulher de 57 anos e cabelos brancos bem finos parece uma youtuber. Conta histórias interpretando trejeitos e tom de voz. Faz uma brincadeira atrás da outra. Quando o pedido de uma moeda é acompanhado de um 'não tenho', emenda que "nota de cem também serve" e dá risada. Pura carapaça.

Ela clama por atenção. Tem saudades das filhas, mas a vergonha é maior. O ímpeto com o qual vira a cachaça de outro morador de rua indica qual tem sido a principal companhia dela nos três anos que está longe de casa.

Trovão, 55, se nega a dizer o nome. Conta apenas que na rua tem muita gente com problemas mentais e/ou envolvidas com drogas. Mas pensa que isso não é motivo para serem esculachados. No alto de seus 68 anos, Gilberto Botti lamenta conviver com este ambiente. "Sempre pedi a Deus quando era mais novo que não chegasse ao ponto que tô. Um ponto caído", afirma.

Gilberto confessa que a bebida e a cocaína destruíram sua vida. Assume que é dependente químico. Viciado, como ele diz. Conta que sua aposentadoria escorre para mão de traficantes e donos de botecos sujos. Mas estar na rua desde os 16 anos não eliminou o senso de realidade. A autoimagem é desoladora.

“[A gente] Se sente desprezível e desprezado”, fala Gilberto.

Sentir-se um rato não é um sentimento exclusivo de Beto. Ignorados pela sociedade e pelo poder público, muitos moradores de rua pensam em adotar uma solução extrema, que significa terminar embaixo de um ônibus ou pulando de uma ponte. Beto explica de onde vem esta angústia.

“Tem hora que te dá tristeza. Sente falta da família, sente falta de trabalho. Tudo de ruim a gente sente. No nível que me encontro, vou pensar o que da vida? Tem hora que penso em me suicidar. Penso em fazer uma besteira”, confessa.

Beto completa dizendo que ninguém sentiria falta dele. A honestidade estarrecedora prova que, mesmo maltratado, ele não perdeu sua humanidade. O ideal olímpico não deixa legado às pessoas que vivem nas sarjetas do Rio de Janeiro.

Os faltosos

O UOL Esporte procurou todas as instituições que não compareceram à audiência pública. A assessoria de imprensa do governo do Estado informou que moradores de rua são responsabilidade da prefeitura. Ministério Público, OAB, e a prefeitura não se manifestaram.

## Textos da Região Norte

### Texto 1

Grupo de moradores de rua transformou espaço público em uma ‘casa a céu aberto’

07/09/2015

Acrítica

Em paralelo ao novo cartão postal da cidade - o Parque Rio Negro - separados apenas pela ponte Senador Fábio Lucena, que liga o bairro de São Raimundo ao bairro de Aparecida, um grupo de pelo menos 19 moradores de rua vive em um “acampamento coletivo” em uma área pública desde janeiro.

No local, denominado por eles de “A Praça é Nossa”, há cama, colchões, televisão, sofá, mesa, geladeira, uma espécie de fogão a lenha e até um banheiro improvisado, além de muito lixo espalhado pela margem do Igarapé.

O grupo, formado por homens e mulheres, passa os dias e as noites embaixo de uma grande mangueira e, quando chove, busca proteção debaixo da ponte. Eles alegam que não têm para onde ir. Afirmam também que “são trabalhadores e foram parar no local após a desapropriação dos moradores por conta do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim)”. Alguns são de Manaus, outros vieram do interior do Estado.

Geraldo da Silva Araújo, 44, um dos membros do grupo, disse que é morador de rua desde que se separou da ex-mulher. Mesmo dormindo na rua, ele conta que acorda 3h para trabalhar na feira da Panair. “Eu trabalho vendendo peixe. Ninguém aqui tem emprego com carteira assinada, mas todo mundo faz algum bico para conseguir seu dinheiro”.

Foto: Antônio Lima

Alguns têm casa, mas por conta de não se darem bem com familiares acabam morando nas ruas. É o caso de Charles Júnior, 61, mais conhecido como “Verdureiro”. Ele tem uma filha que mora no bairro Cidade de Deus, Zona Norte, mas prefere viver na praça, onde todos gostam dele. Para ganhar dinheiro, trabalha fazendo papagaio, os quais vende por R\$ 1,50, cada. “Meu sonho é juntar o dinheiro para comprar uma ‘rabetinha’ e trabalhar vendendo peixe no entorno da cidade”.

Valter de Souza Silva, 50, revela que mora na rua porque não tem para onde ir e nem dinheiro para pagar aluguel. No “A Praça é Nossa”, conta, ele encontrou uma sociedade de moradores de rua que ajudam uns aos outros. “Aqui não aceitamos vagabundos e nós não mexemos com ninguém. Graças a Deus comida não falta”, revelou.

Ele destaca que o grande problema é que não tem ninguém que os ajude a ter um lugar para morar. “Se tiver ajuda para sair daqui, ir para um canto melhor, nós aceitamos”, relatou. Enquanto isso não acontece, o grupo continua transformando a praça em uma “sociedade alternativa”.

A reportagem de A CRÍTICA entrou em contato com a Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (Semmasdh), e também com o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim), mas não obteve resposta.

**Texto 2**

Manaus tem mais de 1,2 mil moradores de rua, segundo dados da Semasdh

22/11/2015

Diário do Amazonas

Manaus - Este ano, mais 120 pessoas em situação de rua entraram para as estatísticas da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (Semasdh). Até a primeira quinzena de novembro, 1.289 já haviam sido cadastradas pelo órgão.

Conforme o Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro Pop), 95% das pessoas atendidas pelo órgão são homens e a maioria, de acordo com a gerente da entidade, Bárbara de Jesus, possui algum tipo de vício em drogas ou bebida.

Há 15 anos morando nas ruas, sem um rumo certo, Samuel Rocha, 48, disse que veio do Estado da Paraíba para Manaus à procura de trabalho, constituiu família, mas por causa das drogas encontrou na rua um refúgio das críticas familiares. Vivendo debaixo da ponte, no bairro Santa Luzia, zona sul, Samuel divide a vida com mais outros seis companheiros de rua e outros três cachorros.

“A rua é um lugar muito perigoso, mas foi aqui que encontrei uma família. Um fica cuidando do outro, o que a gente tem para comer a gente divide. Antes eu queria uma família agora não quero mais”, disse ele que não possui contato com nenhum dos seis filhos.

### Texto 3

Em Rio Branco, rotatória é usada por moradores de rua como 'casa'

14/06/2016

G1

Uma rotatória, localizada na Avenida Antônio da Rocha Viana, no cruzamento com a Estrada das Placas, Estrada de Porto Acre e Estrada Juarez Távora, em Rio Branco, está sendo usada por moradores de rua como moradia. Pessoas que residem e trabalham na localidade reclamam que o local está ficando perigoso e que os frequentadores fazem até sexo.

Um freteiro que trabalha nas proximidades da rotatória, que não quis se identificar, disse que há muita confusão no local, principalmente à noite. "Uma vez um dos moradores apareceu com uma faca e ficou ameaçando as pessoas das redondezas. Outro problema é a questão do sexo que todo mundo vê quando eles fazem", reclama.

Ao G1, a diretoria de Proteção Social Básica da Prefeitura de Rio Branco, Regiane Cristina, afirma que uma equipe da unidade já desempenha um trabalho com as pessoas que permanecem na rotatória. Segundo ela, muitos encontram "bicos" na região para descarregarem caminhões e por isso permanecem no local.

Um homem que faz trabalho voluntário e ajuda os moradores de rua, que também não quis se identificar, disse que costuma dar alimentos às pessoas que vivem no local. Segundo ele, já tentou entrar em contato com alguns familiares para tentar retirá-los da rotatória, mas não obteve sucesso.

"Às vezes dou conselhos, peço que eles parem de usar drogas, mas eles não param. A questão dos familiares não dá certo, pois eles já foram abandonados pelos parentes", diz.

'Aqui não tem confusão', diz morador de rua

Morando há seis dias no local, Gilson Robson Ribeiro Gomes, de 42 anos, diz que procurou a rotatória para se abrigar depois que o pai dele sumiu e que a família o abandonou.

"Por minha parte não teve nenhuma confusão. Sobre fazer sexo, posso dizer que não namoro aqui, mas tem uma câmera que pega esses detalhes todos (risos). Muitas pessoas já vieram reclamar disso. Se a prefeitura viesse aqui, dependendo do lugar para onde iriam me levar, eu ia com eles. Há três dias não como, então, fico só bebendo para matar a fome", conta.

João Paulo da Silva, de 29 anos, também diz não ter para onde ir e, por isso, mora na rotatória. "De vez em quando durmo aqui. É muito difícil ter confusão, todos são amigos. Vim para cá porque as pessoas são gente boa. Minha mãe faleceu e o meu irmão fica brigando comigo, por isso prefiro ficar aqui", conta.

O jovem diz que o local é organizado e que os moradores procuram deixar a rotatória limpa. "Tem uma lixeira para a gente que mora aqui juntar o lixo". Sobre as dificuldades, ele admite que passa fome. "Tem um restaurante que dá só a janta, às vezes ficamos com fome, mas já ajuda", finaliza. Assistência social acompanhar moradores de rotatória

A diretoria de Proteção Social Básica de Rio Branco destaca que está fazendo um levantamento para identificar a família dessas pessoas. Aqueles que estão em situação de rua após serem expulsos de casa podem ser encaminhados ao Centro de População de Rua, Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CRAS), além de um serviço de acolhimento.



“Nesses casos a maioria possui uma família para onde retornar. Os que de fato não possuem um lar serão identificados e vamos buscar a melhor maneira de resolver a situação”, explica.

Dependendo da situação em que se encontra o morador de rua, ele e toda a família podem receber atendimento de uma assistente social e acompanhamento psicológico.

“Antes de qualquer coisa a equipe busca reestabelecer os vínculos familiares. É preciso identificar o motivo de a pessoa estar na rua. Se for droga ou alcoolismo pode ser necessário uma desintoxicação. Às vezes é necessário atender toda a família e não apenas um indivíduo, pois pode haver desestruturação familiar e precisamos acompanhar”, destaca.

#### Texto 4

Estádio abandonado no Amapá vira abrigo para moradores de rua

27/01/2015

Globoesporte

O estádio Antonio Vilela, o Vilelão, nem de longe lembra o palco de algumas das mais importantes finais de campeonato da cidade de Santana (a 17 quilômetros de Macapá, no Amapá) e até de jogos profissionais do estadual. Abandonado, o local está ocupado por uma população de sem-teto que mora nas cabines de imprensa. A obra de reforma, parada há mais de cinco anos, não tem nem previsão para ser concluída.

- Tem um tempão (que ocupam o estádio) - diz um desses moradores, que se identifica como Izael Costa da Silva e também diz não ter para onde ir.

Inaugurado em 1992, o Vilelão, inicialmente com capacidade para quatro mil torcedores, está situado no centro da cidade e foi interditado para reforma em meados de 2009 - mas já estava sem receber jogos bem antes, há quase dez anos. Desde então, competições como Suburbano, Interbairros e torneios de categorias de base tiveram que ser transferidas para outros locais. Desportistas e membros da imprensa local relatam que se o espaço já estivesse concluído poderia receber partidas do Campeonato Amapaense.

O cronista esportivo Manoel Castelo considera a situação do estádio uma falta de respeito com o torcedor amapaense.

- Estamos vendo a situação como uma falta de respeito e nenhum compromisso do poder público, dado o tamanho descaso com aquela praça de esportes. Uma vez que se tira o espaço do desportista e o deixa sem condições para a prática das atividades, tira-se também a oportunidade do vendedor comercializar seus produtos, é uma cadeia. O futebol gera renda. É por isso que muitas vezes vemos jovens consumindo bebida alcoólica e utilizando drogas em vez de estarem em campo, praticando um esporte - argumenta Castelo.

O ex-jogador de futebol Sergio Guedes lamenta a atual situação do Vilelão. Para ele, os dois times profissionais do município (Independente e Santana) poderiam ter o mando de campo no local e fazer partidas em casa sem precisar ir à capital. Além disso, Sergio afirma que a localização privilegiada do local atrairia muito mais torcedores dos dois clubes.

- Acho que é mais falta de interesse do poder público em resolver a questão do Vilelão. Sabemos que ali faltam poucas coisas para serem concluídas e não vemos qualquer medida para resolver. É lamentável termos dois times profissionais e termos que ir para Macapá para assistirmos a jogos desses times. Sem dúvida, se o estádio tivesse pronto, o torcedor iria lotar as arquibancadas - destaca.

Atualmente, o estádio está tomado pelo mato, e os invasores dormem em espaço precário e fazem até alimentação sem qualquer higiene em meio à arquibancada. O estádio é responsabilidade da Prefeitura de Santana, segundo maior município do Amapá. De acordo com o secretário municipal de Infraestrutura, Alfredo Botelho, a obra terá que passar novamente por licitação. Ele informou que anteriormente o projeto estava orçado em R\$ 800 mil.

- Rescindimos o contrato com a empresa responsável pela obra, inaugurada apenas com a primeira etapa, que inclui uma praça e lanchonetes. A parte do estádio, incluindo alambrados, arquibancadas, iluminação, cabines de imprensa e gramado, terá que ser licitada novamente. Temos laudos que indicam que a parte das cabines de imprensa terá que ser demolida e refeita. Já há recurso disponível através de emenda de um senador na ordem de R\$ 500 mil, destinados para reiniciar a obra. Mas, quanto a uma previsão para ser entregue, não temos - informou o secretário.

Botelho ainda declarou que os invasores já foram retirados mais de uma vez pela Polícia Militar, mas acabaram voltando. Enquanto a reforma não sai, a Santana resta apenas o estádio Augusto Antunes, no afastado bairro Vila Daniel, que recebeu os jogos do estadual de 2014, mas funciona de forma precária, recebendo apenas treinos. E, para o Vilelão, restam apenas as lembranças das grandes partidas de outrora.

**Texto 5**

Mais de 500 pessoas moram nas ruas da grande Belém', diz UFPA - notícias em Pará

28/07/2015

G1

Dados de uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Pará (UFPA) apontam que existem mais de 500 moradores de rua na região metropolitana de Belém. A situação preocupa a população da capital paraense. "Nós estamos realmente em uma linha vermelha. Precisamos urgente de políticas públicas que possam resolver a situação dos moradores de rua", diz um homem que não quis se identificar. Segundo a prefeitura de Belém, o órgão tem equipes especializadas para realizar o trabalho de atendimento aos moradores de rua e, por meio de ações da Fundação Papa João XXIII (Funpapa), eles recebem atendimento social e educativo.

Em 2014, o levantamento da UFPA apontou que 583 pessoas moravam nas ruas de Belém e Ananindeua. A maior parte desta população tinha entre 18 e 29 anos e, mais de 80% das pessoas pesquisadas, queriam deixar as ruas.

Na praça da República, é comum encontrar pessoas dormindo em várias lugares. Já a praça Waldemar Henrique se transformou em um dormitório a céu aberto. "Não sabemos de onde eles vêm e como chegam aqui", diz a terapeuta ocupacional Estela Albuquerque.

Segundo o Ministério Público do Pará, o problema é acompanhado pelo órgão. "Muitos moradores de rua são oriundos de outros municípios. Então existe a necessidade da implantação da rede de atendimento nas cidades vizinhas de Belém. Vamos trabalhar a partir do segundo semestre para que o Ministério Público dos outros municípios também acompanhem e fiscalizem para que cada cidade preste este serviço", explica a promotora de justiça Maria da Penha de Mattos Buchacra.

A prefeitura informou ainda que os moradores de rua que aceitam assistência são encaminhados para unidades que oferecem tratamento específico.

Moradora de rua agredida

Na última quinta-feira (23), um cinegrafista amador registrou, pela câmera do celular, o momento em que três funcionários de uma loja de departamentos agrediram uma mulher seminua no centro de Belém.

A imagem mostra a vítima sendo empurrada pelos três funcionários. Ela se levanta e tenta entrar na loja, e é agredida novamente. Um senhor idoso que passa pela rua no momento da agressão chega a pedir que os homens não batam na mulher e chamem uma viatura da polícia que, segundo ele, estava estacionada próximo ao local.

**Texto 6**

Quase 600 pessoas moram nas ruas de Belém e Ananindeua - notícias em Pará

09/02/2017

G1

Quase 600 pessoas vivem nas ruas de Belém e Ananindeua, segundo uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano passado. Sem ter onde morar, muitas pessoas ocupam espaços públicos das cidades. É o caso de Satiro Vieira. Natural de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, ele transformou em lar uma parada de ônibus no centro da capital.

"Adoeci da vista, aí fui operado, voltei para lá, não me acostumei, voltei de novo", diz. No armário, apenas três peças de roupa. As atividades de higiene, como escovar os dentes, são feitas na rua mesmo. Ele chegou a ir a um espaço que acolhe moradores em situação de risco, mas não se sentiu seguro. "Eu não gostei, porque quando cheguei lá, a moça disse 'leve suas coisas lá para dentro senão vão sumir suas coisas', aí fiquei com medo e vim embora".

O levantamento da UFPA mostra que das 583 pessoas que moram nas ruas, jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos são a maioria, aqueles que já concluíram o ensino fundamental. Atualmente, existem quatro locais destinados a atender moradores de rua em Belém, com aproximadamente 200 vagas.

De acordo com o antropólogo Romero Ximenes, os números são muito pequenos e o atendimento especializado precisa ser reforçado. "É preciso que se ataque as causas. Cada morador de rua é um caso, e ele precisa ser tratado de acordo com a sua situação. Quem é doente psiquiátrico precisa de assistência médica, quem é pobre precisa de emprego para poder trabalhar e ganhar a vida".

O perfil das pessoas que vivem nas ruas da capital é variado. Existem dependentes químicos, portadores de algum tipo de deficiência mental e até aqueles que romperam com a família. Um morador de rua que preferiu manter a identidade preservada decidiu morar na avenida José Bonifácio após uma briga entre irmãos.

"O mais difícil é o jeito que as pessoas olham para a gente, pensam que todos os moradores de rua são ladrões e não é isso. Eu já botei no meu coração que eu vou sair mesmo, vou procurar centro de recuperação, pela minha família e ainda mais pelos meus filhos", afirmou.

Segundo a prefeitura de Belém, todo trabalho realizado com os moradores de rua têm o objetivo de fazer com que eles voltem ao convívio familiar, e também existem programas de inclusão em projetos sociais. Já a prefeitura de Ananindeua informou que possui um centro especializado para atender moradores de rua.

## Texto 7

Moradores de rua vivem em endereços privilegiados, mas em condições precárias

27/05/2015 acrílica

Morar embaixo de pontes, nas calçadas, praças, em casas ou prédios abandonados, para muitas pessoas, é uma escolha. Para outras, no entanto, reflexo da falta de oportunidades. Impulsionadas pelo vício das drogas ou do álcool, elas acabam “abrindo mão” da família pela “liberdade” da vida nas ruas, mesmo que sem proteção contra o calor escaldante de Manaus ou apenas com um pedaço de papelão e panos velhos para acalantar o frio nos dias de chuva.

Debaixo da ponte do Educandos, na Zona Sul, vivem dezenas de pessoas em situação de rua. No meio da tarde, enquanto a cidade “fervia” nos centros comerciais, três homens dormiam sobre colchões velhos e uma máquina de lavar velha aparava a água que caía da tubulação da ponte. Nesse mesmo espaço, um barraco improvisado com lençóis velhos e lonas serve de “dormitório privativo”. O varal com algumas poucas - e sujas - peças de roupas completa o cenário, que se repete em vários pontos da cidade.

Do outro lado da ponte, a rua abrigava outras quatro pessoas. De acordo com Calil Barroso de Lima, 43, o alcoolismo foi o culpado por levá-lo para as ruas. Há um ano e dois meses nessa condição, ele conta que prefere estar assim para ter a “liberdade”. O idoso Francisco Marques de Souza, 61, deixou a casa há mais de 15 anos, também por causa da bebida. Hoje, a família dele, segundo Francisco, é um casal de cachorros vira-latas batizados de “João Branco” e “Priscila”. “Sou feliz aqui porque não dependo de ninguém. Todas as noites os irmãos (pessoas das igrejas) passam por aqui e nos dão alimentos”.

### Compartilhada

A ponte Benjamim Constant, na avenida 7 de Setembro, no Centro, também serve de moradia para muitos homens e mulheres. Sem divisórias ou compartimentos, colchões ficam espalhados pelo chão, que em dias de chuva fica encharcado. As refeições são feitas por ali mesmo, sem qualquer higiene. A higiene pessoal, normalmente em segundo plano, quando acontece, é nos banheiros públicos do Largo Mestre Chico, quando não a céu aberto. “Moro aqui há 32 anos. Saí de casa porque meus pais morreram e eu não tinha com quem ficar. Tenho só uma irmã e às vezes vou visitá-la”, disse Ernandes Sá, 42.

O abandono da família e a falta de apoio são apontados por essas pessoas como os principais fatores que os levam às ruas. E foi só com a ajuda que encontrou em uma casa de acolhimento que Elson Albuquerque, 28, teve oportunidade de deixar as ruas, onde morava há anos, e onde o caminho dele cruzou com o do álcool e das drogas, levando-o a um diagnóstico positivo de HIV. Há dois meses ele decidiu aceitar ajuda para tentar reescrever a própria história. “Antes tarde do que nunca”.

Oportunidades para deixar as ruas

Para muitos moradores de rua, a oportunidade de deixar as ruas e reconstruir a própria vida surge por meio de gente que eles sequer conhecem, que estendem a eles uma “mão amiga”. São representantes de instituições, ONGs e órgãos públicos que trabalham na assistência dessa população.

“Nós fazemos um mapeamento diário e recebemos denúncias sobre onde essas pessoas estão. Geralmente, eles nos recebem muito arredios, mas depois da segunda ou terceira visita, nós criamos um vínculo e alguns aceitam o acolhimento”, disse a gerente de abordagem da secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (Semmasdh), Clícia Simone Lima.

Clícia Lima afirma que a maioria dos moradores em situação de rua são pessoas entre 20 a 40 anos e o principal motivo por abandonarem os seus lares é a não aceitação das famílias por causa do vício. “A maioria é usuária de drogas e deu muito trabalho às famílias. Como eles não são aceitos, acabam indo parar debaixo de pontes”, explicou.

De acordo com a gerente da Semmasdh, a prefeitura possui programas para ajudar os moradores de rua a deixarem essa condição, como uma casa de acolhimento, no Centro, e um Centro de Referência Especializado da Assistência Social para Moradores de Rua (Centro POP), mas eles não podem ser obrigados a permanecerem nesses espaços. “A gente faz o que pode, no entanto eles têm direito à escolha e ao livre arbítrio”, afirmou.

Vivendo de caridade e doações

Religiosos da Fraternita São Pio, no bairro São Jorge, há oito anos, também realizam ações sociais no intuito de ajudar moradores de rua. De acordo com o Frei Sudário do Amor Misericordioso, todas as quintas-feiras eles se reúnem para levar pão, café e uma mensagem do evangelho para mendigos que ficam embaixo da ponte do São Jorge, na Zona Oeste. O grupo também oferece acolhimento na casa da Fraternidade.

Outros locais, como a praça da Matriz e a praça dos Remédios, ambas no Centro, costumam ser visitadas pelos religiosos. “Ali tem muita prostituição, vícios, então fazemos uma oração para levar um pouco de paz a essas vidas”, destacou Frei Sudário. De acordo com ele, a cada visitação, eles chegam a atender de 60 a 80 pessoas.

Em números

Vinte e oito pessoas estão acolhidas atualmente no Serviço de Acolhimento Institucional Amine Daou Lindoso, da Prefeitura de Manaus. Outras oito pessoas vão à unidade apenas para pernoitar. A maioria dos moradores em situação de rua, em Manaus, têm entre 20 e 40 anos.

Frases

"O meu sonho é voltar a trabalhar, ter a minha oficina e reconstruir a minha vida. Futuramente também quero ajudar outras pessoas a saírem da rua"

Elson Albuquerque, 28, ex-morador de rua

“Infelizmente, essas pessoas não são mais aceitas por suas famílias porque elas acreditam que é mais fácil jogar na rua do que ajudar”

**Texto 8**

Projeto de vereador de porto velho quer acabar com mendigos na capital

09/02/2017

Tudorondonia

Porto Velho, RO - O vereador e professor universitário Junior Siqueira (PSDC) achou uma solução rápida de acabar com o número cada vez maior de moradores de rua da capital: um projeto que proíbe a mendicância (e conseqüentemente com os mendigos) que sobrevivem à custa da migalha alheia.

O projeto já deu entrada nas comissões temáticas da Câmara sob o número 3.305/2015 e tem até o slogan de uma campanha publicitária: “Não dê esmola, dê Cidadania!”, prevendo a obrigatoriedade da afixação de placas em estabelecimentos comerciais avisando sobre a Lei e prevendo multa para quem descumpri-la.

Em sua justificativa, o vereador acusa mendigos de utilizar crianças para pedir dinheiro em via pública e incitá-las à prática de pequenos delitos, incentivando-as a iniciar no mundo do crime. O projeto, porém, não mostra nenhuma alternativa de tirar esses mendigos da rua, tratando-os principalmente da dependência química através de internação.

O máximo que o vereador fala é na criação de um anteprojeto de combate à mendicância que ainda vai necessitar da boa vontade do prefeito para implantá-lo. Junior Siqueira esquece-se que apesar da legislação já prevê internações compulsórias desses moradores, o município ainda não possui de unidade de internação para abrigar esses mendigos.

Em maio desse ano, a própria Câmara realizou uma audiência pública para tratar da situação desses moradores de rua e mostrou que a situação é delicada: O município não investe no setor, não há leitos suficientes para atender tantos dependentes químicos e sem-tetos. A situação não é pior em decorrência do trabalho voluntário abnegado de entidades como a Apatox e Casa Família Rosetta.



**Texto 9**

Sem cuidado, peças históricas da EFMM viram abrigos de mendigos

09/02/2017

Acriticanews

Acontece que durante o período de cheia do rio Madeira, o material foi levado ao pátio do também histórico Prédio do Relógio, localizado no Centro da cidade. Foram inúmeras as irregularidades no transporte das peças realizado por servidores da prefeitura de Porto Velho.

De acordo com lei federal que rege o patrimônio histórico, as peças deveriam ser levadas e acomodadas em condição detalhadas de transporte, separadas, etiquetas e devidamente armazenadas, situação que não ocorreu.

Logo nos primeiros meses as peças ficaram ao relento, após muitas brigas com ativistas que trabalham pela preservação do patrimônio histórico de Porto Velho, dois containers foram alugados, mesmo assim as peças continuaram acomodadas de forma contrária ao que determinações legais estipulam.

Após mais de um ano, sem nenhum trabalho de revitalização ou proposta concreta que definisse o problema, a prefeitura de Porto Velho, através das Funcultural, foi notificada essa semana para retirar o material do pátio do prédio do relógio.

A notificação veio do governo do estado, proprietário do prédio, e que irá reformar a área do prédio histórico criando uma praça na área onde atualmente está o pátio.

Sem segurança, sem zelo e sem importância, algumas peças maiores acabaram se tornando abrigo de moradores de rua que perambulam pela região portuária da capital rondoniense. Na manhã desta quinta-feira (9) servidores da prefeitura se depararam com pelo menos cinco pessoas que afirmaram estarem morando em uma das peças alocadas no pátio.

Mais uma vez o que se viu foi um festival de denúncias afirmando os abusos contra as determinações federais de transporte de peças históricas. Ao que tudo indica os servidores não tiveram o menor interesse em aprender com os desvios de legalidade cometidos no primeiro transporte, demonstrando um total desinteresse e desrespeito com material integrante do acervo histórico rondoniense.

O material deverá retornar para o galpão que atualmente abriga o museu, ainda não se tem prazo, data, ou eficaz proposta que apresente o que será feito com esse material que vem sendo aniquilando ano após ano pelos gestores públicos de Porto Velho, responsáveis por gerir nosso acervo histórico.

## Texto 10

Comerciante perde dente ao ser agredido por mendigos em Araguaína

08/04/2014

G1

O comerciante Jairo Pinheiro perdeu um dente ao ser agredido por moradores de rua, em Araguaína, norte do Tocantins. Depois da agressão no último domingo (6), o que permaneceu, além da dor física, foi a insegurança. "Estou pensando sinseramente em mudar de ramo porque está sendo muito perigoso. Eu chego às 6h, muitas vezes quando eu abro, o mendigo está dentro do comércio". Segundo um levantamento dos próprios comerciantes, há 30 moradores de rua na região central de Araguaína. E Pinheiro não foi a única vítima.

A agressão aconteceu quando o comerciante foi tentar defender a irmã Bellita Pinheiro que também estava sendo agredida por dois moradores de rua, um homem e uma mulher. Bellita conta que estava limpando o estabelecimento quando foi surpreendida. Segundo a comerciante, a mulher agiu com mais agressividade. "Ela entrou aqui dentro, quebrou meu filtro, meu copo, e eu gritei 'socorro' para o meu irmão".

A funcionária de uma loja de aparelhos celulares, Rosana Luz, ainda se recupera do susto. Ela foi abordada pela mesma moradora de rua. "Estava direcionando a minha moto para sair para atender um cliente, quando ela me surpreendeu pelas costas e eu fui agredida. Ela me jogou no chão, me arrastou pelos cabelos e se não fossem os meus colegas de trabalho para me ajudar eu não sei o que teria acontecido".

Segundo os comerciantes, a mulher responsável pela agressão chegou a ser presa várias vezes, mas foi solta porque teria problemas mentais. Na praça São Luís Orione, os mendigos estão por toda a parte. E não são apenas os espaços públicos, muitos imóveis particulares estão sendo utilizados pelos moradores de rua. No lugar onde funcionava uma loja de motocicletas, a porta de vidro foi quebrada. No interior da sala comercial há sinais de que o local está sendo utilizado como moradia.

A sujeira em frente ao terminal rodoviário do município também impressiona. Roupas, colchões, garrafas de bebida alcoólica e restos de comida jogados pelo local. No ano passado, a prefeitura chegou a falar em um projeto para construção de um abrigo para mendigos, mas a ideia nunca saiu do papel.

As vítimas da agressão dizem que a situação piorou depois que a única clínica para pacientes com problemas mentais, fechou as portas. O local atendia de forma gratuita. O proprietário alegou falta de repasse da verba que ajudava na manutenção. O dinheiro era repassado pelo governo do estado.

A diretora de Proteção Especial da Secretaria de Trabalho e Ação Social, Nubia Marinho, argumentou que o município fez uma parceria com o Ministério de Desenvolvimento de Combate a Fome para implantar o centro POP juntamente com a Casa de Acolhimento. "Nós estamos em fase de implantação, já estamos procurando a casa para alugar. A intenção é que até junho nós estejamos com toda a estrutura para atender a demanda", disse a diretora.